

UM RICO PANO:
ANTOLOGIA DE VERSO, PROSA E IMAGEM DE LAMEGO
por **NUNO RESENDE**



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

DE CULTURA
DO NORTE



Museu
de Lamego

edição



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

CULTURA
NORTE



Museu
de Lamego

mecenas



Liga dos
Amigos do
Museu de Lamego

UM RICO PANO:
ANTOLOGIA DE VERSO, PROSA E IMAGEM DE LAMEGO
por **NUNO RESENDE**

TÍTULO

UM RICO PANO: ANTOLOGIA DE VERSO, PROSA E IMAGEM DE LAMEGO

AUTOR

Nuno Resende (org., introd. e notas)
[CITCEM / Faculdade de Letras - Universidade do Porto]

APRESENTAÇÃO

António Ponte [Direção Regional de Cultura do Norte]
Alexandra Falcão [Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte]

PREFÁCIO

José Pacheco Pereira

LEGENDA DA CAPA

O Julgamento do Paraíso [pormenor], inv. 1, Museu de Lamego. © Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF): José Pessoa, 1994.

DESIGN GRÁFICO

Paula Pinto [Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte]

COMUNICAÇÃO

Patrícia Brás [Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte]

EDIÇÃO

Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte

MECENAS

Caves da Raposeira
Liga dos Amigos do Museu de Lamego

IMPRESSÃO

Empresa do Diário do Minho, Lda.

DATA DE EDIÇÃO

setembro de 2018

ISBN

978-989-99516-8-6

DEPÓSITO LEGAL

446158/18

ÍNDICE

/04/ APRESENTAÇÃO

António Ponte [Direção Regional de Cultura do Norte]
Alexandra Falcão [Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte]

/08/ PREFÁCIO AS NOITES DO TEMPO EM LAMEGO José Pacheco Pereira

/12/ I PARTE - CONTEXTOS

Introdução | UM RICO PANO: antologia de verso, prosa e imagem de Lamego
Os autores, as obras e Lamego
Índice e referências dos excertos antológicos

/62/ II PARTE - ANTOLOGIA

[Tratado de um rico pano de verdura] - Rui Fernandes - 1532
Lamego - Juan Alvarez Colmenar - 1715
[Manuscrito do século XVII] - Anónimo - Circa 1733
Life and travels of Joseph Mathias - Joseph Mathias - 1833
Les arts en Portugal - Atanazy Raczyński - 1846
Portugal and Galicia - Henry John Herbert - 1848
Amor de Perdição - Camilo Castelo Branco - 1863
Noites de Lamego - Camilo Castelo Branco - 1863
O retrato de Ricardina - Camilo Castelo Branco - 1868
A secular do Convento de Barrô - Maria do Pilar Bandeira Monteiro Osório - 1882
Sorrisos e carinhos - Boaventura Gaspar da Silva Barbosa - 1894
Mocidade perdida - Fausto Guedes Teixeira - 1895
Festas dos Remédios - Joaquim Caetano Pinto - [1896]
Mulheres da Beira - Abel Botelho - 1898
A família Maldonado - Vieira da Costa - 1898
Sem remédio... - Abel Botelho - 1900
Sátiras e galhofas (1899); *Lágrimas: gemidos d'alma* (1899); *Piadas e picadas* (1900) - Joaquim Pinto de Sousa Macário - 1899 / 1900
As margens do Douro - Felisberto Teixeira Pinto - 1903
A Mulher em Portugal - José Agostinho - 1907
O homem em Portugal - José Agostinho - 1908
Senhora dos Remédios - Aquilino Ribeiro - 1908
Terras Malditas - Adelino Mendes - 1909
Canticos d'alma - Joaquim Pinto de Sousa Macário - 1912
A Beira num relâmpago - Teixeira de Pascoaes - 1916
Via sinuosa - Aquilino Ribeiro - 1922
Artistas de Lamego - Vergílio Correia - 1923
Males de amor - Emília de Sousa Costa - 1923
Lamego na arte nacional - Carlos de Passos - 1933
Viagens na minha terra - Afrânio Peixoto - 1938
Sem método - João de Araújo Correia - 1938
A criação do Mundo - Miguel Torga - 1937
Sangue plebeu - Pina de Moraes - 1942
Castelos de espuma - Jorge de Vil'alva (pseud.) - 1945
Arcas encoiradas - Aquilino Ribeiro - 1953
Novas farpas: 3 campanhas - Augusto Dias - 1953
Solo de clarineta - Erico Veríssimo - 1959
Poemas durienses - António Cabral - 1963
Alto Douro ignoto - Sant'Anna Dionísio - 1973
Viagem a Portugal - José Saramago - 1985
Vale Abraão - Agustina Bessa-Luís - 1991 [edição de 1993]
Gigantesco navio - Fernando Dacosta - 2003

/186/ III PARTE - ICONOTOPOGRAFIA DE LAMEGO

APRESENTAÇÃO

A Direção Regional de Cultura do Norte no âmbito das suas competências tem procurado contribuir para a valorização cultural e patrimonial da região Norte.

Cada vez mais o património é encarado de forma holística, analisado nas suas vertentes materiais e imateriais, tendo como carácter central da sua existência o HOMEM. Homem que cria o património num tempo e num espaço, Homem que vive e frui esse Património, Homem que o conserva e o procura restituir de forma sustentável às gerações futuras.

Assim, a publicação que o Museu de Lamego traz a público procura resgatar e partilhar memórias de Lamego, através de textos menos conhecidos de autores renomados, como sejam Camilo Castelo Branco, Erico Veríssimo e José Saramago, entre muito outros e, simultaneamente, do ressurgimento da obra de autores que haviam caído no esquecimento, mas que possuem uma forte ligação a Lamego.

Desta forma também se cumpre a missão de salvaguarda e valorização do património e cultura da nossa região e dos seus habitantes através da ligação sempre desejável entre a poesia e a literatura como fontes da história.

Ao autor e organizadores desta edição o agradecimento da DRCN - Direção Regional de Cultura do Norte.

António Ponte
Setembro, 2018

Um dos desafios mais estimulantes que se coloca a um conservador de museu é possibilidade de resgatar memórias que o tempo esboroou, pondo-as em relevo, a partir de renovadas leituras, perspetivas e sensibilidades.

Neste contexto, quando nos foi apresentado o texto da antologia organizada por Nuno Resende, *Um rico pano*, de imediato se configurou como uma obra essencial, a que tínhamos o dever de nos associar. Com efeito, não fazia qualquer sentido orgulhar-se Lamego de ter produzido, na primeira metade do século XVI, uma das mais precoces e minuciosas descrições da sua cidade e arredores, a que justamente o título da antologia alude, e não possuir ainda um trabalho antológico com a dimensão que lhe é agora conferida.

Congratula-se pois o Museu de Lamego, no âmbito das suas atribuições e na continuidade da linha editorial que tem vindo a ser desenvolvida nos últimos anos, pela publicação do livro *Um rico pano: antologia de verso, prosa e imagem de Lamego*, o que naturalmente não seria possível sem a colaboração de diversas entidades que nos cabe enumerar e apresentar a nossa imensa gratidão.

Desde logo ao autor da antologia, Nuno Resende e a José Pacheco Pereira que generosamente aceitou o convite de a prefaciar. Ao anterior diretor do Museu de Lamego, Luís Sebastian por, em primeira mão, nos ter apresentado o trabalho. Às Caves da Raposeira, na pessoa do seu administrador, Orlando Lourenço, pelo mecenato concedido, que se veio juntar à já habitual colaboração da Liga dos Amigos do Museu de Lamego. À Sociedade Portuguesa de Autores e aos autores e/ou seus representantes, que autorizaram a publicação dos textos.

À Manuela Matos Monteiro e à Marina Valle quem verdadeiramente deu o impulso necessário para a que esta publicação fosse uma realidade.

Alexandra Isabel Falcão

PREFÁCIO

AS NOITES DO TEMPO EM LAMEGO

Nunca imaginei voltar a Lamego pela leitura e pela escrita, pela leitura de *Um Rico Pano* de Nuno Resende e pela escrita deste prefácio. Na verdade, Lamego não é uma terra qualquer para mim. A minha família dos dois lados, o plebeu e o nobre, tinha raízes e ligações a Lamego, e a minha mais antiga memória é de umas férias numa velha casa de granito, de que me recordo de uns assentos, também em pedra junto da janela, coisa que nunca tinha visto em lado nenhum. Era tudo escuro, forte e duro, havia fumo na cozinha, e ainda não tinha idade para saber que se comia muito bem. Depois, tinha em Lamego e nos arredores aquela coisa sinistra que as famílias antigas tem, a que o meu pai chamava a “parentela”, que se devia cumprimentar quando se lá ia, mas não entreter com muita frequência. Por isso, escrever a pretexto deste livro, não me é inocente.

Camilo descreve as “noites de Lamego” como sendo “proverbiais em comprimento, profundidade e largura”, ou seja longas e escuras, como nós nas cidades já não sabemos como são. E quando nos seus livros e noutros textos aqui antologiadados se diz qualquer coisa como “chegou de noite” eu percebo bem como isso é algo que não sabemos o que é. O caminho é diferente, o tempo é diferente, a luz é diferente, e sair de uma carruagem “de noite” para entrar para uma casa ou numa estalagem é diferente. Há criados, saudações, perguntas, cheiros, sons, velas, já para não falar da meteorologia que faz também toda a diferença. É isso que encontramos neste livro, a diferença que faz o tempo e que faz do passado, como dizia Hartley, um “país estrangeiro”.

Nuno Resende, que se classifica a si próprio com modéstia de “antologista”, faz esse trabalho de recolha de imagens e palavras à volta de Lamego, e o resultado é isso mesmo: “um país estrangeiro”, a que chegamos pelo caminho das coisas e do nosso olhar sobre elas. Os homens deixam atrás de si um rastro de coisas, muitas vezes demasiado humano, mas que fazem a única memória possível, mortos os que foram testemunhos dos eventos de há cem anos para trás. E cem anos já é muito optimismo. Pouco a pouco muito daquilo que deu cor, som, luz, contentamento e tragédia, no passado, vai-se esmaecendo como as fotografias antigas ou mudando de cor como as pedras, o papel, a tinta, ou estalando, apodrecendo, transformado em pó, comido

pelos insectos e pelos ratos, enterrado, desaparecido para sempre.

Não estou a falar dos objectos que consideramos mais dignos e importantes da nossa história, que esses fazemos um esforço, nem sempre conseguido, para salvar. Estou a falar dos milhões de cartas, fotografias, publicidade, rótulos, ementas, listas, editais, manuscritos, recibos, bilhetes, artigos em obscuros jornais locais, circulares de um grupo associativo, instruções de um jogo ou de um medicamento, livros que já não são lidos há muito. Não é preciso ir mais longe - como os de Camilo. Seria um cemitério se não fosse o sempre vivo olhar do curioso. E esse olhar dá resultados como este livro.

Quando se tem um olhar retrospectivo sobre estes milhões de objectos menores, um olhar que transporta o tempo de forma diferente, um olhar activo, sem preguiça, vê-se sempre mais coisas, e mesmo os mais efémeros dos objectos transportam uma mensagem qualquer. Que interesse tem os recibos de uma empresa de transportes dos anos trinta a não ser perceber que está lá um triângulo maçónico numa gravura rudimentar de uma camionete? Ou numa pilha de cartas de amor quando aparece uma frase reveladora de como era ser soldado num quartel português em vésperas da República, e onde se passava fome? Ou num papel de uma cunha, onde se percebe como o sistema de patrocínio funcionava e era a regra? Ou uma fotografia num palácio real em que, no fundo, aparecem uns vasos e vê-se como a maioria não está cuidada e muitos estão partidos, e pode o Rei passar em frente, que os vasos dizem mais sobre a penúria que está por detrás da pompa, muitas vezes engalanada a papel num arco de triunfo, pobre, muito pobre?

Aquilino nas *Arcas Encoiradas*, diz isso mesmo, o nosso olhar é que cerca o tempo e vê o seu retrato fugaz, por exemplo, num cartão de visita dos “officiaes de infantaria n.º 9”, escrito numa língua antiga que era o português; ou a luta já esquecida nas cidades entre o poder da Igreja e a laicidade que vai inventar um “Lamego” guerreiro, como também há no Porto; ou em ruas em que há sempre muitos animais de grande porte, cavalos, burros, bois; ou que olha para o chão e vê, diante do monumental Paço do bispo, que há “um terreiro enlameado”, como aliás era o chão quase todo. A “iconotopografia de Lamego” e a antologia no capítulo seguinte revela isso mesmo, o tempo.

E o tempo é sempre estranheza. Como se vê por trás do *Rico Pano*.

I PARTE

CONTEXTOS

INTRODUÇÃO

UM RICO PANO: ANTOLOGIA DE VERSO, PROSA E IMAGEM DE LAMEGO

Comparada com outras localidades portuguesas a cidade de Lamego é pobre em imagens. Não aludimos às imagens fotográficas, em que o tempo de hoje é pródigo em produzir e disseminar pelas redes sociais, mas em imagens culturais ou mentais, produzidas a partir da observação directa, em descrições e relatos, escritos ou orais, e (ou) representações visuais.

Vistas de Lamego, para já conhecidas, só as dos bilhetes-postais ilustrados, quando o século XIX ia tarde e memórias escritas, cronísticas ou epistolográficas, «(poucas)»^{1/} e curtas.

Não se pense, contudo, que esta «pobreza visual» tenha prejudicado ou reduzido o imaginário criado sobre a cidade. O nome Lamego invoca uma memória acumulada por gerações de lamecenses e de visitantes, estes acorrendo às suas feiras, em súplica à Senhora dos Remédios, ou em trânsito por ser a cidade ao mesmo tempo lugar de poder e passagem no itinerário entre o litoral e o interior ibéricos.

Essa memória, embora anónima, criou uma certa ideia de cidade sintetizada nos seus lugares mais proeminentes: o santuário da Senhora dos Remédios, o castelo, a sé, algum casario mais vaidoso, etc. Infelizmente dos ecos de alguma desta memória só os podemos pressentir no cancionero do mundo popular, como no-lo apresenta Aquilino Ribeiro, por exemplo. Mas evoca-se a força telúrica do topónimo quando na obra de Camilo Castelo Branco, *O Retrato de Ricardina*, a D. Clementina pergunta ao abade de Espinho sobre o destino da sua filha:

«- Ela vai para Lamego?»

Na pergunta materializa-se toda uma ideia da cidade, a que a narrativa confere um sentido particular de opressão.

Da mesma forma, em Vale Abraão, a questão:

«-Lembras-te, em Lamego?»

E a mentira de Ema evoca todo o significado e memória de um lugar ao mesmo tempo individual e coletivo, íntimo e partilhado, que a imagem correspondente no filme de Manoel de Oliveira (1993) traduz em imagens e sons^{2/}.

Infelizmente o devir histórico cumpriu o medo do cronista Rui Fernandes que no século XVI já antevia um reino que se despovoava para Lisboa o qual, nesse vórtice, esvaziava os lugares outrora de poder, como fora Lamego na Idade Média. Ainda que os bispos se esforçassem por fazer valer a sua cátedra, a cidade foi tornando-se

pretexto distante, longe dos percursos litorais do reino, primeiro e, depois, dos da República - ambos os regimes voltados para o seu umbigo. Fardo pesado o desta corcunda que curvou o país sobre o Atlântico e trágico destino resumido, aliás, por Carlos de Passos, numa primeira e quase única obra ensaística sobre o lugar de *Lamego na Arte Nacional* (1933)^{3/}.

Lamego é, pois, um nome e uma pergunta, que obriga a uma resposta pensada - às vezes tardia, porque longínqua, entre serras, além Douro; outras vezes não respondida, porque incógnita. Monólogos e silêncios que nenhuma antologia resolverá.

Houve um tempo em que, porém, não se pensou em Lamego na distância ou na incerteza - tempo de Restauração que obrigou o país a refugiar-se na mitologia nacional ali gizada para salvação do futuro. Com a invenção e discussão sobre as Cortes de Lamego, de que é primeiro arguente frei António Brandão (1632) e complacente narrador persuadido António Feliciano de Castilho (1800-1875)^{4/}, levantou-se de novo o esplendor da discreta cidade. E daí em diante, como objecto decorativo da História, Lamego permaneceu no tempo e no discurso dos eruditos, lugar pitoresco para turistas, e centro do mundo para os da terra.

Estas observações são naturalmente nossas. Tal como a escolha dos textos seguintes.

Uma antologia, como o dicionário esclarece, é uma «coleção escolhida de trechos em prosa ou verso». A escolha é sempre do antologista ou organizador. Porém, avisou-nos o bom senso que evitássemos cair no ofício laudatício a que se têm dedicado os «estoradores» da terra. Nesta antologia o pretexto não é enaltecer a cidade e os seus - encarregaram-se disso alguns dos autores selecionados. Aqui propõe-se a leitura despreziosa de textos elementares sobre a «biografia» da Cidade. É história naturalmente sentimental, nuns casos, paisagística noutros, social ou artística nos restantes, mas sempre forma individual de reconhecer em Lamego valor ou juízo, ainda que em alguns a valoração seja superficial, desinteressada ou até depreciativa.

O recorte é, em primeiro lugar, representativo de uma narrativa diacrónica, em segundo registo documental expressivo da relação dos autores com a terra e, em terceiro, elemento capaz de reconstituir uma ideia de cidade. Repare-se que não dizemos «reconstituir a cidade». Para isso temos documentos e os seus leitores (os historiadores). Reconstituir a ideia de um lugar é procurar interpretar o que homens e mulheres que a Lamego vieram ou em Lamego viveram e «questionar» as suas memórias, observações e impressões, algumas realistas e fotográficas, outras psicológicas ou diáfanas como as que entrevemos nas palavras de Fausto Guedes Teixeira ou no singelo poema do Visconde de São Boaventura. As questões e respectivas interpretações fá-las-á o leitor, de acordo com a nossa escolha que tentou ser o mais completa e abrangente possível.

Salientemos a diversidade tipológica dos 41 textos escolhidos. Entre eles encontram-se vários géneros literários e historiográficos: prosa, poesia, ensaística, epistolografia. Ficaram de fora o teatro, a oratória e as obras propedêuticas que certamente existem e que podem aludir a Lamego mas cujo teor não permite uma reconstituição imagética (ou imaginária) do lugar. Excluiu-se também a parenética e as obras (catequéticas, teológicas, espirituais, etc.) de tantos eclesiásticos que em Lamego ou à sombra da sua cátedra fizeram carreira intelectual^{1/5/} – e muitos deles, os próprios bispos, com obra vasta e nome firmado na História, como D. Miguel de Portugal, ou o religioso frei António Taveira, peregrino à Terra Santa^{1/6/}.

Posto isto e não obstante o recorte em grande parte ficcional dos excertos, cremos que ficará provado que Lamego e algum do seu termo constituem, nos textos, realidades geográficas com personagens literárias onde por vezes os limites da ficção se mesclam com os da realidade, como o Belau de Pina de Morais, o Bispo de Camilo, em «O Retrato de Ricardina», ou Bispo de Abel Botelho, personagem de «Sem remedio» ou, ainda, a Ema de «Vale Abraão». Neste último exemplo interessa-nos mais a figura de Ema do que aquele lugar do termo de Samodães que o turismo tratou de apropriar-se, substituindo a realidade pela ficção. De resto o cinema, pela mão de Manoel de Oliveira, ligou permanentemente Ema a Lamego num momento crucial para o desenrolar de toda a película.

A ficção confirma enfim uma realidade geográfica, como a da cidade binuclear (apontada por historiadores e geógrafos) do Castelo e do Couto, mas também a cidade social – espaço urbano descrito como urbe de zelosos homens da igreja e fidalgos sobranceiros^{1/7/}.

Dos primeiros chegam-nos, por exemplo, registos nas biografias de Aquilino e Torga, cada um deles resgatado à sua terra e aos seus e entregue às figuras sécias e secas dos eclesiásticos do seminário ou do colégio do padre Roseira.

Os segundos anotados pelos viajantes estrangeiros que, como Lord Carnarvon registou no seu diário as atitudes servis dos locais à passagem do senhor das Broilhas, casa icónica da cidade a que Torga também dedica especial nota...^{1/8/}

Certamente que Lamego não foi para todos a intratável ou sonolenta terra, como lhe chamaram Camilo e Abel Botelho, cada um com as suas razões secretas, mas cuja explicação pode adivinhar-se no mundo das relações sociais e sentimentais. Camilo nem sequer inventou as noites de Lamego ou, antes, a ideia das longas noites de Lamego, cuja fama Alberto Pimentel também refere como assunto popular^{1/9/}. E Abel Botelho, militar e republicano, talvez visse no proselitismo religioso urbano das igrejas e dos seus homens, outrossim no tradicionalismo de Infância 9, lastros que atrasavam o progresso da cidade. Mas é certo que Lamego marcou qualquer um dos autores aqui citados e marcou-os de tal forma que precisaram de o deixar dito por escrito – isso constitui, por si só, uma declaração de interesse – amor ou ódio, para o caso não

importa.

E portanto, ainda que todos tenham algo de novo a dizer sobre Lamego, algumas ideias velhas repetem-se, circulam e definem para sempre as linhas fisionómicas da cidade: a Sé, o seu bispo e os eclesiásticos em volta da catedral, o recorte amuralhado do Castelo, a fachada das Brolhas, Almacave e as Cortes, o Terreiro das Freiras (depois Passeio Público) e os soldados ou os «reclutas» que constituíam o Regimento de Infantaria n.º 9 - de que é herdeiro o actual CTOE - Centro de Tropas de Operações Especiais - especialmente bem descritos por Abel Botelho^[10].

E quando se fala em Lamego quase sempre vem à baila o Montemuro, a grande serra oposta ao Marão. Fá-lo Rui Fernandes logo no século XVI, para quem a montanha úbere é o seio da terra, fá-lo Pina de Morais, na sua obra a *Paixão do Maestro*^[11], a propósito do Belau, personagem que reaparece em *Sangue Plebeu*; fá-lo o brasileiro Erico Veríssimo que, na saída de Lamego para sul, a atravessou ao som de um concerto de Vivaldi e fazem-no quase todos os viajantes que chegam ou partem à e da cidade. Em 1909, Adelino Mendes chega a registar o testemunho, colhido entre os habitantes da cidade, de que esta morrera porque a gente da serra que ali acorria aos domingos, já não vinha. Morria, também ela à fome, pelas aldeias das encostas.

Lamego nunca foi, portanto, cidade do Douro – pois se dela nem se vislumbra o rio! Lamego foi sempre cidade da serra, cidade de serra e cidade para a serra, essa majestosa serra de Montemuro que Amorim Girão^[12] taxou de desconhecida, mas que era em 1940, e ainda é hoje, um dos lugares mais notáveis da orografia do país – o primeiro, aliás, a ensaiar a implantação de torres aerogeradoras nos cumes do braço rochoso das Meadas (outra característica da *skyline* de Lamego) e hoje anarquicamente espalhadas pelo seu dorso.

Depois o tópico do comboio que se transformou em graça e insulto: «onde pára o chefe da estação de Lamego?» Coisa única em Portugal, mas não raro o caso nos desígnios nacionais; obra planeada e quase acabada; traçado delineado, leito rasgado, pontes edificadas, carris na estação da Régua mas comboio... nem vê-lo! A obra, ansiada já em 1909 quando Adelino Mendes antecipou o projecto de travessia férrea da Beira entre Régua e Vila Franca das Naves, ainda é referida com azedume por Augusto Dias (em 1953 sobre 1927) e com benevolência por Sant'Ana Dionísio, no seu *Alto Douro Ignoto* (1973), mas ficará sempre adiada como testemunho daquela indolência de quem pouco se importava com o meio de transporte que os levava ou trazia da Régua, do Porto, do mundo...

Ocultos entre estes tópicos ou clichés, ficam outras imagens por aclarar: a da Minerva da Loja Vermelha, por exemplo, famosa tipografia/editora de Lamego onde se imprimiram alguns dos bilhetes-postais da cidade, obras várias e jornais; ou, já que falamos em periódicos, os números do «Boletim da Casa Regional da Beira-Douro» - órgão de «resistência» regionalista em cujas páginas se publicaram abundantes

registos da vida e história da cidade e da região. O que nos diriam as vinhetas, os cabeçalhos, a publicidade, as manchas gráficas e de texto – quanto contribuiriam para a ideia da Cidade? Muito, certamente^{/13/}.

E já que falámos em loja, o que restará da Loja Maçónica de Lamego e onde se iniciaram alguns nomes da política nacional - que contributo terão dado os seus membros mações para a ideia de Lamego^{/14/}?

Bom, nesta antologia não há lugar para «tudo», caso contrário não seria uma antologia, seria um dicionário ou enciclopédia. Não há lugar para certas teorias, como as que identificam Lamego na Oliveira d'A *Ilustre Casa de Ramires*, cidade próxima à velha torre de Santa Ireneia e à força encaixada na geografia verosímil do romance^{/15/}. Se Eça quisesse que Oliveira fosse Lamego, tê-la-ia chamado Lamego. Para bom entendedor, meia palavra basta...

Não há lugar para outros tantos textos que certamente ajudariam a definir a ideia de Lamego, como os editoriais da grande obra do Padre Manuel da Costa, sobre a cidade e o bispado^{/16/} (autênticos documentos sobre o seu declínio cultural e a necessidade de o travar), ou os trabalhos do publicista Cordeiro Laranjo que cristalizaram a História da cidade em quadros turísticos e episódios pitorescos^{/17/}, como já o havia feito João Amaral, primeiro director do Museu de Lamego e cultor desta «historiografia» anedótica^{/18/}. E não há, talvez infelizmente, lugar para a ideia metaliterária de Lamego nas obras de autores que aqui nasceram, viveram ou se formaram e que, tanto quanto saibamos, não deixaram registos directos sobre a cidade, como Camilo Pessanha (1867-1926), que morou na rua da Corredoura; Tomás Ribeiro (1831-1901); o republicano Felizardo Lima (1839-1905) director do jornal *A Luz*; ou ainda os vários professores do *Lyceu Nacional de Lamego* e os alunos mais ilustres dos seminários^{/19/} e do Colégio beneditino, instituição a que um deles aqui citado, Aquilino, imputou a responsabilidade de ter contribuído para Lamego tornar-se «centro de irradiação cultural»^{/20/}. Até que ponto a obra deles, diversa e dispersa, evocará a lembrança da cidade?

Não há, com pena nossa, tempo para pensar o uso do apelido Lamego, por aquela famosa viúva, dona da oficina e loja de azulejaria de Lisboa ou pelo topónimo associado ao espumante de que a cidade se ufana ainda hoje de exportar e obrigar o país a consumir, sobretudo em épocas festivas^{/21/}. Cada um contribuiu para acrescentar a Lamego um pixel histórico na imagem em rede da cidade que hoje é.

Haverá, contudo, múltiplas objecções a esta obra: irão dizer que está incompleta, que é tendenciosa, que é extensa, que não foi feita por um lamecense. Têm todos razão.

Incompleta estará sempre, porquanto esperamos que se continue a escrever e a publicar sobre Lamego.

Tendenciosa certamente, pois parte de uma escolha a qual, ainda que justificada, peca

pelo recorte apresentado.

Extensa, porque a transcrição é, nuns casos, pequena mas, noutros, espraia-se além do que é admissível para uma antologia que deveria requerer uma leitura saborosa de pequenos textos.

O não ter sido feita por um lamecense, não exige justificação nem desculpa.

De resto houve já em tempo próximo, em Lamego, ensaio para a realização de antologias a que a cidade e o território se prestam, não só pela riqueza da memória visual que se adivinha, mas pela existência de muitos e bons cultores da arte de escrever, filhos da terra. Em 2003 e 2004 a Câmara Municipal de Lamego editou duas antologias de textos durienses onde tivemos a honra e o gosto de participar e onde se publicara alguns textos de autores que poderiam estar aqui representados mas que têm já o seu lugar de honra na memória futura da região^[22].

Finalmente pede o autor perdão por ter exagerado no título, pois procurou gizar também uma antologia de imagens. Pensando que seria fácil reconstituir um percurso visual da ideia de cidade, o antologista deparou-se com dificuldades várias: a ausência de representações disponíveis e a concentração destas em cronologias confinadas ao tempo da fotografia, que considerou pouco representativas do longo período aqui proposto.

Nesse sentido, a imagem surge a título ilustrativo e a sua escolha é ainda mais pessoal que a escolha dos textos – ditada pelas contingências da história e das biografias dos seus autores. Merece, por isso, especial texto justificativo, que segue em *apêndice iconotopográfico*. Espera-se, contudo, que outras edições desta obra, a serem feitas, possam ser acompanhadas por um caderno de imagens históricas de Lamego, porquanto existem, na literatura, nas coleções museológicas, nos arquivos, na fotografia e no cinema, registos suficientes para a sua elaboração^[23]. O tempo disponível para a publicação da presente antologia não o permitiu.

Começamos por falar numa «pobreza visual» de que a cidade padeceria em relação a outras terras e regiões do País. Como concluímos, e concluirá o leitor connosco depois de passar os olhos pelos textos seguintes, tal não é verdade. Justifica-se assim evocar esse trabalho primeiro e pioneiro, que é o do cronista Rui Fernandes, para explicar o título desta antologia: de um rico pano, não de só de fina verdura, mas de ideias e imagens se compõe, afinal, a cidade de Lamego.

Lembra o antologista por fim que uma certa de imagem de Lamego é hoje uma das mais olhadas de Portugal: a procissão da Senhora dos Remédios reproduzida em azulejo, pela mão de Jorge Colaço, na estação de caminhos-de-ferro de São Bento do Porto, onde acorrem diariamente milhares de viajantes e turistas. Muitos ali conhecem e visitam Lamego, sem alguma vez lá porem os pés...

Uma última nota: na transcrição dos textos e excertos manteve-se a escrita da época da sua publicação. Para uma grande parte deles o leitor encontrará edições recentes querendo acomodar-se à nova grafia, tão despojada de consoantes como do estilo e interesse com que os novos escritores a veneram. Para nós a escrita vive do seu tempo, enriquece ou empobrece continuamente sem que seja necessário normalizá-la ou legislar sobre ela.

Valha-nos que, com acento ou sem acento, Lamego sempre foi Lamego.

OS AUTORES, AS OBRAS E LAMEGO

Apresentam-se, nesta parte, pequenas biografias dos autores escolhidos para a antologia, tendo sempre presente a relação do mesmo com Lamego. No campo «Bibliografia Activa», apresenta-se a obra ou obras publicadas ou cujo excerto é republicado neste trabalho. Em «Bibliografia Passiva» sempre que possível tentamos apresentar uma referência sobre aspectos biográficos ou autorais onde o leitor possa buscar mais dados sobre o antologado.

Notarão, com certeza, a extensão de alguns verbetes em detrimento de outros. Há uma razão para tal: valorizámos informação inédita sobre autores locais ou regionais, pouco conhecidos ou sobre quem nada ou quase nada foi escrito.

Este trabalho serve, apenas, como elemento de contextualização das obras na presente antologia, não pretendendo substituir-se a outros trabalhos de cariz biográfico ou de estudo académico sobre a qualidade literárias dos autores aqui representados, nem pretende constituir síntese bibliográfica sobre os mesmos.

AUTORES E DATAS BIOGRÁFICAS

ABEL BOTELHO (1854-1917)

ADELINO MENDES (1878-1963)

AFRÂNIO PEIXOTO (1876-1947)

AGUSTINA BESSA-LUÍS (1922-)

ALFREDO PIMENTA (1914-1986)

ANTÓNIO CABRAL (1931-2007)

AQUILINO RIBEIRO (1885-1963)

ATANAZY RACZYNSKI (1788-1874)
BOAVENTURA GASPAR DA SILVA COSTA BARBOSA (1855?-1910)
CAMILO CASTELO BRANCO (1825-1890)
CARLOS DE PASSOS (1890-1958)
EMÍLIA SOUSA COSTA (1877-1859)
ÉRICO VERÍSSIMO (1905-1975)
FAUSTO GUEDES TEIXEIRA (1871-1940)
FELISBERTO TEIXEIRA PINTO (1848-?)
FERNANDO DACOSTA (1940-)
HENRY JONH GEORGE HERBERT (1800-1849)
JOÃO DE ARAÚJO CORREIA (1899-1985)
JOÃO PINA DE MORAIS (1889-1953)
JOAQUIM CAETANO PINTO (1891-1985)
JOAQUIM PEREIRA TEIXEIRA DE VASCONCELOS (TEIXEIRA DE PASCOAES)
JOAQUIM PINTO DE SOUSA MACÁRIO (1832-1923?)
JOSÉ AGOSTINHO DE OLIVEIRA (1863-1938)
JOSÉ AUGUSTO DE SANT'ANNA DIONÍSIO (1902-1991)
JOSÉ AUGUSTO VIEIRA DA COSTA (1863-1935)
JOSÉ SARAMAGO (1922-2010)
JOSEPH MATHIAS (1758-1851)
JUAN ALVAREZ DE COLMENAR (SÉCULO XVIII)
LUÍS AUGUSTO PEREIRA DIAS (1915-1977)
MARIA DO PILAR BANDEIRA MONTEIRO OSÓRIO (1813-1887)
MIGUEL TORGA (1907-1995)
RUI FERNANDES (SÉCULOS XV-XVI)
VERGÍLIO CORREIA (1888-1944)

ABEL BOTELHO (1854-1917)

Militar, escritor e, depois da implantação da República que apoiou, diplomata na Argentina (onde veio a falecer), a ligação de Abel Acácio de Almeida Botelho a Lamego não é meramente documental ou literária.

Ponto de passagem nos caminhos biográficos do autor, primeiro por ser natural da terra próxima de Tabuaço, depois como militar em serviço pela Beira e, finalmente, enquanto enamorado e esposo de Virgínia de Alcântara Pinto Guedes, uma lamecense da casa do Espírito Santo, Abel Botelho conhecia bem a cidade e a região^[24]. Assim o confirma em duas das mais vívidas descrições que lográmos identificar de Lamego em fim de século, uma que relata a visita dos Reis D. Luís I e D. Maria Pia em 1889 e outra que se reporta a exercícios do regimento de Infantaria 9.

Em ambos os exemplos, o primeiro publicado em «Mulheres da Beira» (1898) e o segundo em «Sem remedio» (1900) abundam os registos críticos contra as instituições, amiúde postos na boca popular. Mas afora esta inverosimilhança, comum em autores comprometidos com os tempos do republicanismo, como Aquilino ou Vieira da Costa, o estilo naturalista puxa a retratos documentaristas do tempo que reproduzem panoramas e práticas sociais do território no tempo do escritor.

Essa é, para nós, a importância maior dos seus relatos com grande vantagem para Lamego cuja cidade ficou, embora já em tempo de fotografia, documentada pela escrita.

Bibliografia activa:

Botelho, Abel - *Mulheres da Beira (contos)*. Lisboa: Libanio & Cunha editores, 1898.

Botelho, Abel - *Sem remedio... ethologia d'um fraco*. Porto: Livraria Chardron, 1900.

Bibliografia passiva:

Silva, António Manuel P. - «Abel Botelho e a “Frecha da Mizarela”: - imagens de Arouca na literatura oitocentista». *Rurália*, n.º 1 (1994), 135-155.

ADELINO MENDES (1878-1963)

Adelino Lopes da Cunha Mendes foi jornalista e escritor, redactor do Jornal «o Século», do «Diário das Sessões do Senado do Congresso da República» e ainda arquivista judicial do tribunal da Boa Hora. Publicou várias obras, de teor diverso, entre as quais se destaca «Terras Malditas», conjunto de crónicas de teor sociológico sobre o Douro colhidas em 1908, das quais registámos e transcrevemos as notas

referentes à cidade de Lamego e o que o autor entendia serem documento da sua agonia nos primeiros anos do século XX - agonia a que Pina de Moraes também alude em «O Sangue Plebeu».

Ainda que orientado para ver um Douro específico, de pobreza e declínio, o registo ao modo de canhenho de Adelino Mendes, não deixa de ser um importante testemunho de observação directa do território duriense e, em particular de Lamego, nas vésperas da República.

Bibliografia activa:

Mendes, Adelino - *Terras malditas (Campanha d'um reporter)*. Porto: [Magalhães & Moniz, C.ª], 1909.

Bibliografia passiva:

Costa, António Luís Pinto da - *Alto Douro, terra de vinho e de gente: a vida quotidiana alto-duriense no primeiro terço do século XX*. Lisboa: Edições Cosmos, 1997. ISBN: 972-762-059-0.

ADOLFO CORREIA ROCHA – ver MIGUEL TORGA

AFRÂNIO PEIXOTO (1876-1947)

Júlio Afrânio Peixoto foi um médico, escritor, jornalista, publicista e pedagogo brasileiro. Das suas viagens a, e por Portugal, resultou o livro «Viagens na minha terra», assinalando o reforço dos laços ideológicos nacionalistas entre os Estados Novos das repúblicas de Portugal e do Brasil.

Escrito em modo ensaístico e de crónica, Afrânio Peixoto dedica breves textos a localidades e monumentos portugueses, intercalados por belas reproduções fotográficas em tom sépia e desenhos do aguarelista Alberto de Sousa. Longe do tom crítico e diarístico do seu conterrâneo Erico Veríssimo, os textos de Afrânio são profundamente exaltantes do misticismo popular e do nacionalismo cultural.

O verbete relativo a Lamego, publicado entre as páginas 143 e 146 apresenta um desenho reconstitutivo do lugar original da janela exibida no pátio do Museu e fotografias da fachada e claustros da sé e da pintura de São Pedro, em São João de Tarouca.

Na esfera da geografia da cidade há, na mesma obra dois textos relevantes, um sobre São Domingos da Queimada (p. 133-135) e outro sobre São Pedro de Balsemão (p. 137-142).

Bibliografia activa:

Peixoto, Afrânio; Sousa, Alberto de, des. - *Viagens na Minha Terra*. Porto: Livraria Lello, 1938.

Bibliografia passiva:

[S.a.] - «AFRÂNIO Peixoto». In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. [Em-linha]. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21573/afranio-peixoto>. Consultado em: 29-05-2018. ISBN: 978-85-7979-060-7

AGUSTINA BESSA-LUÍS (1922-)

Agustina Bessa-Luís, nome literário de Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa romancista, novelista e cronista portuguesa, nascida em Vila Meã (Amarante) no ano de 1922. A sua origem fá-la herdeira de sensibilidades partilhadas por Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Eça de Queirós, António Nobre, o Visconde Vila Moura e outros, que a diversidade de estilos e de escolas se dissolve numa gramática de tipos sociais, paisagens e reflexões comuns sobre a condição humana.

Em Vale Abraão Agustina desenha o perfil de Ema, arquétipo da feminilidade, cuja substância é indissociável dos contornos fisionómicos durienses. Vale Abraão é Ema e Ema é Vale Abraão. E como poucos dos seus romances adaptados por Manoel de Oliveira, o filme «Vale Abraão», de 1993, dá expressão a esta volúpia geográfica, onde Lamego aparece entre dois apontamentos, um festivo e um gastronómico, como lugar de paixão.

Bibliografia activa:

Bessa-Luís, Agustina - *Vale Abraão: romance*. 2.^a edição. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. ISBN: 972-665-369-X

Bibliografia passiva:

[S.a.] - «Agustina Bessa-Luís» in *Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 20-05-2018]. Disponível em-linha: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$agustina-bessa-luis](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$agustina-bessa-luis)

Machado, Álvaro Manuel - *Agustina Bessa Luís: a vida e a obra*. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

ALFREDO PIMENTA (1914-1985)

Nascido a 26 de Agosto de 1914, no lugar de Vila Viçosa, freguesia e município de Cinfães, Alfredo António Ferreira Pimenta, filho de um amanuense da câmara e de uma proprietária daquele lugar, enveredou pela carreira eclesiástica que abraçou, em Lamego, a 18 de Julho de 1937.

Paroquiou as freguesias de Souselo, Ovadas e Tarouquela, lugar onde permaneceu até ao fim da sua vida, cultivando a actividade literária como cronista e historiador, ofícios que desenvolveu em jornais locais e regionais, inclusive no «Sinos d'Aldeia», boletim inter-paroquial que fundou e dirigiu^[25].

Com o seu nome de baptismo conhecem-se vários trabalhos, publicados ou policopiados, que reflectem o seu interesse pelos estudos históricos locais, desenvolvidos a partir da sua terra, Cinfães e, sobretudo, no contexto das «Comemorações Centenárias da Diocese», realizadas em 1976 e para as quais contribuiu com um livro sobre heráldica e genealogia^[26]. Foi também colaborador do historiador lamecense padre M. Gonçalves da Costa com informações de cariz histórico sobre a região de Cinfães que o mesmo amiúde aproveitou na sua «História da Cidade e Bispado de Lamego» e em outras obras.

Atribuem-se-lhe, sob o pseudónimo Jorge de Vil'Alva ou Jorge de Vilalva, pelo menos 5 trabalhos literários, 4 de cariz teológico^[27] e político e 1 romance social intitulado «Castelos de Espuma», publicado pelas «Edições Crisos», de Lamego, em 1945.

O romance, embora discreto na apresentação da sua geografia, deixa entrever o cenário no círculo próximo às suas origens, desenrolando-se numa aldeia do Douro e à vista de Montemuro, segundo escassas informações do autor ao longo do enredo.

No entanto, um dos capítulos, o sexto, que republicamos nesta antologia desenvolve como nenhum outro autor o faz, a relação dos militares de Infantaria 9 com a cidade e os habitantes juntamente com os serranos que ela acorriam (ver testemunho de Adelino Mendes, em 1909) na despedida para a Guerra. Trata-se de uma imaginária partida do Corpo Expedicionário Português destinado à chacina nos campos da Europa, em 1918, história que transposta para 1945 adquire especial significado...

A densidade psicológica da cena, moldada pela afluência de personagens diversas, de diversas origens e estatutos e dos respetivos comentários, entrecruzados com os desabafos dos militares (identificados por números), torna este excerto particularmente rico no contexto dos excertos antológicos que, ou à cidade ou às suas gentes (ou em especial ao batalhão de Infantaria 9) outros se referem. Por isso, muito embora o romance seja, no seu argumento, relativamente pobre e limitado quanto ao alcance visual e estético, na forma e estilo, o capítulo VI é nele o mais representativo da utilização de um rico registo vocabular com influência em escritores regionalistas, como Aquilino ou Torga.

Alfredo Pimenta não foi o único sacerdote da diocese lamecense que deixou obra literária de cariz profano. Antes dele, por exemplo, Francisco de Moura Seco fora condenado pela Congregação do Index, a 13 de Março de 1865, pelo seu romance «Angelo» que focava questões relacionadas com o noviciado feminino e o celibato sacerdotal^[28]. O caso mais conhecido, pela sua abundante produção é, contudo, o do padre Joaquim Rodrigues da Cunha, autor de, entre outros romances, «A Fidalga de Balsemão», com algumas descrições (interessantes mas pouco «antologizáveis») sobre Lamego^[29].

É, pois, natural que o padre Alfredo Pimenta usasse o pseudónimo Jorge de Vilalva, talvez alusiva à qualidade paisagística da sua terra natal, o que não obstou contudo a certos dissabores causados pelo realismo de algumas personagens, lugares e eventos.

Bibliografia activa:

Vila'Alva, Jorge de - *Castelos de Espuma*. Lamego: Edições Crisos, 1945.

Bibliografia passiva:

Resende, Nuno - «Brasões de Cinfães (por Alfredo A. Pimenta)». *Terras de Serpa Pinto*. n.º 9 (1999). p. 73-93.

ANTÓNIO CABRAL (1931-2007)

Natural de Castelo, freguesia do concelho de Alijó, António Cabral partilhou da mesma mundividência que Miguel Torga e João Araújo Correia, cuja obra foi escrita com urze, vinho e pedra.

Pedagogo, escritor e, neste âmbito, sobretudo poeta, António Cabral soube interpretar o Douro de forma tão sensível como humanista, equilíbrio que alcançou na intersecção das suas origens telúricas com a sua formação como teólogo e filósofo.

Em «Poemas Durienses», obra nuclear publicada em 1963, apresenta-nos a Senhora dos Remédios como evocação da sua infância e da sua mãe, a quem roga permissão para ver Lamego, a grande cidade, da grande festa. Olhos de criança, deslumbrados, como os de Joaquim Caetano Pinto que em final do século XIX (também com certeza pela mão dos seus pais) deslumbrou-se com o espectáculo das festas.

Não podemos deixar de radicar estas poesias nas cantigas de romarias que se ouviam na ida e na volta das mesmas, não menos excepcional percurso do que a festa, que Aquilino magistralmente descreveu em 1908.

Bibliografia activa:

Cabral, António - *Poemas Durienses*. Vila Real: [Edição do autor], [1963].

Bibliografia passiva:

[S.A.] - ANTÓNIO CABRAL [1931-2007]. [Em-linha]. [S.e.]: Vila Real, 2008
[Consultado em 26-05-2018].Disponível em:
<https://www.antoniocabral.com.pt/>

AQUILINO RIBEIRO (1885-1963)

Aquilino Gomes Ribeiro dispensa apresentações no panorama cultural, literário e até político da primeira metade do século XX português. O seu perfil republicano e contestatário, de romancista e ensaísta pode dizer-se foi forjado, pelo menos em parte, em Lamego, onde se formou nas primeiras letras.

Filho espúrio do padre Joaquim Francisco Ribeiro foi cedo entregue ao cuidado da Igreja de Lamego (ainda no final do século XIX poderosa instituição regional e nacional) e terá sido este destino que contribuiu para criar no jovem Aquilino a reação ateia que manifesta na sua obra, catalisadora de uma espiritualidade mais telúrica e menos teológica que quase sempre insufla nas suas personagens beirãs.

O seu primeiro romance autobiográfico, *Via Sinuosa* (1.ª ed., 1918), dedicado ao seu pai, narra, como mais tarde o fará Miguel Torga, o caminho para Lamego e a permanência nesta cidade nos primeiros anos conscientes da sua vida, assunto que retomará mais tarde em «Arcas encoiradas» (1.ª ed., 1953).

Contudo, sejam embora os romances que mais contribuem para a definição de uma certa ideia aquiliniana de Lamego, como os já citados «Via Sinuosa» e «Arcas Encoiradas» (este obra mais ensaística) publicamos na presente antologia um texto «inédito», publicado precocemente à sua actividade romancista na revista «Serões», em 1908. Trata-se de um conto ao modo documentário, que já adivinha o estilo cultivado até ao fim da sua vida como escritor.

Acompanhando um grupo de romeiros, liderados pelo seu abade e composto, entre anónimos, por um brasileiro, por Rosa e o seu pai Cancela, e ainda por Zé, um militar da Infantaria 9, Aquilino descreve o avanço da trupe, e todos estímulos que recebem e comentam à medida que se aproximam de Lamego e, em concreto, do Santuário da Senhora dos Remédios. A descrição é entrecortada por diálogos que ajudam a legitimar o ambiente social vivido nas romarias, marcadas pela abundância de vinho, arrimos de sedução e jogos entre ricos e pobres, Igreja e os fiéis^{30/}.

Não deixando de ser um retrato das sociabilidades, o tom paternalista com que o autor trata as suas personagens serranas pondo nelas ideias, percepções e juízos por vezes inverosímeis, traduz já uma certa ideia de ruralismo que, quer o autor, quer a República cultivaram como ideal de português ao longo de toda a primeira metade do século XX.

Bibliografia activa:

Ribeiro, Aquilino - «Santuário dos Remédios (Lamego)». *Serões*. n.º 31 (1908). p. 17-23.

Ribeiro, Aquilino - *A via sinuosa*. Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1922.

Ribeiro, Aquilino - *Arcas encoiradas*. Amadora: Livraria Bertrand, 1974.

Bibliografia passiva:

Costa, M. Gonçalves da - *Seminário e seminaristas de Lamego: monografia histórica*. Lamego: [Diocese de Lamego], 1990.

ATANAZY RACZYNSKI (1788-1874)

Diplomata russo que foi ministro em Lisboa, onde esteve entre 1842 e 1846. Entusiasta da arte portuguesa, que estudou aturadamente, percorreu o país entre 1843 e 1846, compilando as suas observações e descobertas (algumas delas notáveis para a época, como as que levantou sobre Grão Vasco) num conjunto de cartas a que intitulou «Les Arts en Portugal».

Esteve em Lamego em 1844, tendo registado as anotações que ora republicamos.

Bibliografia activa:

Raczynski, Atanazy, conde - *Les arts en Portugal : lettres adressées a la société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents*. Paris: Jules Renouard, 1846.

Bibliografia passiva:

Resende, Nuno - «Lamego e os viajantes estrangeiros (séculos XVIII e XIX)». *Beira Alta*. Vol. LXXVI. (2016). p. 99-128.

[S.a.], «Raczynski, Atanazy», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXIV, p. 206.

AUGUSTO DIAS – ver LUÍS AUGUSTO PEREIRA DIAS

BOAVENTURA GASPAR DA SILVA COSTA BARBOSA (1855?-1910)

Jornalista, escritor e activista – perdoe-se o anacronismo – do tempo de um Brasil em afirmação, Boaventura da Costa Barbosa nasceu em Lamego em 1855 mas cedo rumou ao outro lado do Atlântico, propugnando ali, entre outros assuntos, sobre as

boas relações entre os dois países.

Quanto ao seu perfil e recorte biográfico pronunciou-se Abel Botelho, num antelóquio ao livro «A pasta d'um jornalista»^{31/} mostrando que, mais do que a política, unia-os provavelmente a mesma geografia lamecense e relações de amizade.

Embora se aponte a Boaventura Gaspar uma derivação pelos ideais republicanos (talvez confundidos com o desejo pela justiça que manifestou pela abolição da escravatura no Brasil), os seus últimos escritos, datados de 1910, condenam o regicídio e depõem a sua confiança no novo rei D. Manuel II. De facto havia sido agraciado pelo rei assassinado com o título de Visconde de São Boaventura, concedido a 23-3-1893.

Dele temos, pois, a parca notícia que nos dá Abel Botelho, posteriormente aproveitada pelos autores de «Nobreza Portuguesa de Portugal e do Brasil», que salienta o seu papel como escritor e outras actividades e cargos que exerceu, como os de secretário do Conservatório de Lisboa e fundador e proprietário de jornais como o «Diário Mercantil» e «Correio da Manhã». Acompanhou D. Carlos I na visita que este monarca realizou aos Açores em 1891 e apesar de vasta produção e direcção jornalística, são escassos os trabalhos biográficos de fundo sobre esta destacada figura de oitocentos.

Entre as várias obras de teor cronístico ou jornalístico que publicou, como o já referido «A pasta d'um jornalista», onde traça perfis de indivíduos célebres e lugares por onde passou, Boaventura Gaspar fez publicar em 1894 uma obra de poesia a que intitulou «O Livro de Luiza» e onde dedica um poema a sua mãe, assinado de Lamego um ano antes, a 15 de Novembro de 1893.

Bibliografia activa:

São Boaventura, Visconde de [Barbosa, Boaventura Gaspar da Silva Costa]
- *O livro de Luiza (trovas)*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional editora, 1894.

Bibliografia passiva:

[S.a.], «Barbosa, Boaventura Gaspar da Silva Costa», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. IV, p. 789.

São Boaventura, Visconde de [Barbosa, Boaventura Gaspar da Silva Costa];
Botelho, Abel, pref. - *A Pasta d'um Jornalista (escriptos politicos, litterarios e biographicos)*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.

[S.a] «SÃO BOAVENTURA (Visconde de)». In Zoquete, Afonso Eduardo
Martins, coord., comp., *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Edições
Zairol, Lda., [s.d.], vol. II, p. 315.

Silva, Domingos de Carvalho da - «Gaspar da Silva: agitador das letras no
Brasil». *Colóquio: Letras*. n.º 6 (1988). p. 29-38.

CAMILO CASTELO BRANCO (1825-1890)

Um dos mais fecundos escritores portugueses, nascido em Lisboa e falecido em São Miguel de Seide (Vila Nova de Famalicão) refere por vezes Lamego na sua geografia novelística, ainda que de forma meramente indicativa.

O Alto Douro e Trás-os-Montes foi, por razões familiares e de amor, o cenário para vários dos seus romances, mas Lamego serviu em poucas ocasiões como geografia para os desenlaces românticos das suas personagens. De Lamego serviu-se uma vez para a justificação do título de um livro de contos e, noutra ocasião, como lugar de passagem ou para breves incursões em «Amor de Perdição» e «O Retrato de Ricardina».

Em «Amor de Perdição» alude ao antepassado Domingos Botelho nomeado Provedor de Lamego, «intratável terra» como se lhe se refere uma das personagens e em cuja narrativa também se alude a certo episódio de pancadaria, ocorrido numa festa da Senhora dos Remédios. «Quem não se sente não é filho de boa gente» e, talvez por isso, Camilo, pela ofensa ou desinteresse que a «fidalguia de Lamego» dirigiu ao seu avoengo, quase tenha obliterado Lamego das suas obras.

Não obstante, em «O Retrato de Ricardina», para além de se referir ao importante Convento das Chagas - repositório maior das nobres donzelas do Douro - inventa um diálogo entre o Abade de Espinho e o Bispo de Lamego, que não obstante o ser ficcional, contribui para conferir dimensão histórica a dois dos seus maiores símbolos: o prelado e o seu paço.

E, ao contrário de grande parte da sua novelística, gizada em geografias a norte do Douro, toda a acção de «O Retrato de Ricardina» desenrola-se ao longo de uma das principais estradas da Beira, que ligava Lamego a Viseu através de Castro Daire, um dos palcos do romance.

Bibliografia activa:

Castelo Branco, Camilo - *Amor de Perdição (Memórias d'uma Família)*. Porto: Livraria Moré, 1876.

Bibliografia passiva:

Cabral, Alexandre - *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. ISBN: 972-21-0403-9.

CARLOS DE PASSOS (1890-1958)

Carlos Fernandes de Passos, nascido e falecido no Porto – cidade à qual dedicou grande parte da sua vida como investigador – foi um dos mais fecundos publicistas e

historiadores portugueses, redigindo abundantemente sobre vários temas, desde a Arte à História Local. Publicou em inúmeros jornais e revistas da primeira metade do século XX e foi autor e coautor de várias obras fundamentais para o conhecimento histórico e artístico, nomeadamente a colecção «Monumentos de Portugal», da Associação dos Archeologos Portuguezes (de que era membro), tendo do volume correspondente aos monumentos da cidade do Porto (em 1929).

A Carlos de Passos se deve uma obra particularmente importante no contexto de investigação local num tempo em que escasseavam as obras-sínteses. «Lamego na Arte Nacional», trabalho publicado em 1933, resulta de uma comunicação apresentada pelo autor a 13 de Dezembro de 1932 no «Club Lamecense», onde evoca a sua relação de infância com a cidade. No excerto que republicamos, Carlos de Passos identifica os tempos de apogeu e crise à semelhança do seu antecessor Rui Fernandes, apontando autores e fontes que, supostamente o comprovam. Neste método Carlos de Passos é, para a época, como já referimos, particularmente arguto, referenciando as obras de Rackzinsky, Virgílio Correia, Albano Sardoeira, Joaquim de Vasconcelos, Alfredo Guimarães e João Amaral, mostrando um vasto conhecimento sobre a produção bibliográfica sobre temas de Lamego editadas até ao seu tempo.

Publicado em opúsculo nas Artes Gráficas da Rua da Carcereira do Porto, em 1933, a comunicação foi acompanhada com reproduções de uma casula e de uma capa de asperges do Hospital Novo, da fachada da sé com o seu adro ainda gradeado, dos seus portais «botaréus, pináculos e grilandas», de uma reprodução da frontaria da catedral segundo o Panorama de 1837 (acompanhada de uma interessante e pioneira reflexão sobre as mudanças que o edifício sofreu no século XVII) e de uma fotografia do claustro – cabendo a autoria das fotografias à casa Foto-Beleza, do Porto. Deste estudo houve uma edição traduzida para castelhano.

Bibliografia activa:

Passos, Carlos de - *Lamego na Arte Nacional*. Porto: Artes Gráficas, 1933.

EMÍLIA SOUSA COSTA (1877-1859)

Emília da Piedade Teixeira Lopes, depois Sousa Costa pelo casamento com o escritor Alberto de Sousa Costa, nasceu em Lamego a 15-12-1877 e faleceu no Porto em 1959. Conhecedora da geografia duriense, em que viveu e que percorreu, conta-se entre a sua vasta obra novelística e propedêutica, o livro «Males de Amor» colectânea de contos sentimentais.

O conto que abre e dá título à obra narra uma história de amor entre o seminarista Manuel António e Maria Leonor, descrita como «os mais formosos dezoito anos, que por esses tempos, resplandeceram na velha cidade de Lamego», dando assim expressão

pela verosimilhança das personagens e do cenário por onde se movem a uma realidade latente, que podemos imaginar ter decorrido na sociedade lamecense.

Bibliografia ativa:

Costa, Emília de Sousa - *Males de Amor*. Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora, [1923].

Bibliografia passiva:

Nogueira, Carlos - «A obra literária de Emília Sousa Costa». *Tellus*. n.º 60 (2014). p. 5-39. ISSN: 0872 – 4830.

ÉRICO VERÍSSIMO (1905-1975)

Érico Lopes Veríssimo foi um escritor modernista brasileiro que esteve em Portugal entre 20 de Fevereiro e 10 de Março de 1959 e cuja visita registou no segundo volume das suas memórias intituladas «Solo de Clarineta», publicadas em 1973.

Dessa viagem, acompanhado de outros escritores e várias personalidades, deixou ficar o registo de um país pitoresco e paradoxal, em que camponeses viviam nas piores condições higiénicas lado a lado com monumentos históricos e «vivendas senhoriais».

O seu olhar crítico não contemplou Lamego impossibilitado, talvez, pela celeridade com que atravessou a cidade a caminho de Viseu. Depois de parar na Régua, onde conheceu João de Araújo Correia o fugaz trânsito por Lamego, a cuja localidade chegou pela hora de almoço, fê-lo registar a «desbotada impressão» do santuário, que comparou ao de Congonhas, com as esculturas do Aleijadinho – impressão similar à que descreveu José Saramago quase meio século depois na sua «Viagem a Portugal»...

Com tempo talvez tivesse notado nas condições dos homens e mulheres do bairro da Ponte, à entrada da cidade, como notou e registou Aquilino Ribeiro quando para ela se mudou em criança.

Bibliografia activa:

Veríssimo, Erico - *Solo de Clarineta*. Lisboa: Livros do Brasil, [1973].

Bibliografia passiva:

Santos, Gilda - «Erico Veríssimo descobre Portugal: amenidades e turbulências». *Navegações*. Vol. 1. n.º 1 (2008). p. 35-40.

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA (1871-1940)

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Fausto Guedes Teixeira foi precocemente um escritor que marcou o final da geração romântica em Portugal. O seu livro «Mocidade Perdida» e, em particular o poema com o mesmo título que ora republicamos, traduzem os anseios, medos e esperanças dos daquela geração, mas evocam também uma saudosa geografia da infância, passada à sombra das ruínas e vistas de Lamego.

Embora não se refira directamente à cidade que o viu nascer, Fausto Guedes Teixeira traz à colação imagens e memórias de uma identidade de Lamego, como as da catedral, cujo edifício, tópico do vocabulário romântico, serve de mote a outra das suas poesias da «Mocidade Perdida».

Bibliografia activa:

Teixeira, Fausto Guedes - *Mocidade Perdida*. Coimbra: [Manuel d'Almeida Cabral, Editor], 1895.

Bibliografia passiva:

Quintela, Fernando Lemos - *Fausto Guedes Teixeira*. [Viseu]: Câmara Municipal de Lamego, 1990

[S.a.], «Teixeira, Fausto Guedes», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, GEPB, vol. XII, p. 852

FELISBERTO TEIXEIRA PINTO (1848-?)

Nascido em 1848 no lugar de Nogueira da freguesia de São Cipriano, concelho de Resende^[32] tornou-se aos 12 anos oficial de latoaria, singrando numa crescente carreira até industrial do Porto, cidade de onde assina dois trabalhos literários de poesia: «Horas d'ócio» e «As Margens do Douro». As suas notas biográficas extraímos da segunda edição de «Horas d'Ócio», de 1903, onde narra o seu percurso geográfico de Resende ao Porto e o social, de latoeiro a industrial, constituindo um interessante documento sobre a formação e o estatuto na sociedade oitocentista do Porto.

Em «As Margens do Douro» publicou dois poemas sobre Lamego, um de carácter histórico e nacionalista, exaltando a cidade das Cortes e outro descrevendo a romaria da Senhora dos Remédios, descrição de criança seduzida pela festa, semelhante à do seu conterrâneo Joaquim Caetano Pinto, que aqui reproduzimos.

Bibliografia activa:

Pinto, Felisberto Teixeira - *As Margens do Douro*. [Porto]: Editor João dos

Santos Ferreira, 1903.

Bibliografia passiva:

Pinto, Felisberto Teixeira - *Horas d'Ocio: poesias soltas, moraes e historicas*. 2.^a edição. Porto: Editora João dos Santos Ferreira, 1903.

FERNANDO DACOSTA (1940-)

Nascido em Angola (Luanda), Fernando Dacosta veio com a família para a Metrópole, primeiro para Segões, em Moimenta da Beira e depois para o Douro, em Folgosa, onde passou a infância, tendo estudado no Liceu Nacional de Latino Coelho, de Lamego.

Licenciou-se em Filologia Românica e vive em Lisboa.

É escritor praticante de vários géneros e categorias literárias, entre o ensaio, romance, crónica e o jornalismo-literário.

Bibliografia activa:

Dacosta, Fernando - «Gigantesco navio»- In [AA.VV.] - *Vozes do Douro: antologia de textos durienses*. [Maia]: Câmara Municipal de Lamego, 2003. ISBN: 972-99089-0-7, p. 85-87.

Bibliografia passiva:

Dacosta, Fernando - *Nascido no estado novo: narrativa*. Lisboa: Notícias Editorial, 2001.

HENRY JONH GEORGE HERBERT (1800-1849)

O autor do verbete da GEPB aporuguesa-lhe o nome e chama-o Henrique João Jorge Herberto, 3.^o conde e lord de Carnarvon. Escritor britânico e viajante que no seu *Grand Tour* pelo sul da Europa esteve em Portugal em 1827.

No verão desse ano passou em Lamego, tendo colhido importantes e extensas notas sobre a cidade, a partir da casa das Brolhas onde pernoitou entre 28 e 29 de Agosto daquele ano. No conjunto dos viajantes que passaram pela cidade no século XIX, Lord Carnarvon é talvez o que nos legou o conjunto de observações mais argutas, quer sobre o património da cidade, quer sobre algumas características dos locais, nomeadamente as dos seus anfitriões.

Formulou, aliás, interessante questão sobre a exiguidade da igreja de Almacave para a realização de tão importantes cortes...

Bibliografia activa:

Herbert, Henry John, Earl of Carnarvon - *Portugal and Galicia: with a review of the social and political state of the Basque Provinces*. 2.ª edição. Londres: John Murray, 1848.

Bibliografia passiva:

Resende, Nuno - «Lamego e os viajantes estrangeiros (séculos XVIII e XIX)». *Beira Alta*. Vol. LXXVI. (2016), p. 99-128.

[S.a.], «Herberto, Henrique João Jorge», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* [GEPB], vol. V, p. 960.

JOÃO DE ARAÚJO CORREIA (1899-1985)

Escritor regionalista de carácter nacional apresenta na sua prosa, essencialmente contística, a gramática, o vocabulário, as impressões e o sabor a terra de Camilo, Júlio Dinis, Aquilino, Torga e outros que nos séculos XIX e XX, entre o romantismo e o neorealismo – estilos literários avidamente dedicados no Douro – construíram um tempo de ouro para a literatura portuguesa.

Nascido e criado na Régua, epicentro da sua visão duriense, João de Araújo Correia dirige um dos mais interessantes olhares sobre Lamego, a que chama «cidade verde». No seu livro de contos-ensaios intitulado «Sem Método», traça um fino recorte da cidade, proverbial inimiga (diz a tradição que a sensibilidade do autor não confirma) da sua Régua.

Ainda que o não nomeie na sua obra «Solo de Clarineta», entendemos que foi João de Araújo Correia quem recebeu, na sua editora Imprensa do Douro, o escritor brasileiro Erico Veríssimo, na viagem que este empreendeu através de Portugal tendo passado pela Régua e Lamego em 1959.

Também o seu filho, Camilo de Araújo Correia (1925-2008), seguiu as carreiras da medicina e das letras e também, como o pai, registou alguns aspectos de Lamego na sua obra «Livro de Andanças» (1991)^{33/}.

Bibliografia activa:

Correia, João de Araújo - *Sem método*. 2.ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

Bibliografia passiva:

Malpique, Manuel da Cruz - *Perfil literário de João de Araújo Correia: ensaio*. Régua: Imprensa do Douro Editora, 1964.

JOÃO PINA DE MORAIS (1889-1953)

Nascido na freguesia de Valdigem, em 1889, João Pina de Moraes evidencia um percurso extravagante, porque tardio e contido, mas rico, no mundo literário português.

Frequentou o Colégio de Lamego e a Academia Politécnica do Porto, tendo ingressado numa carreira militar e política que lhe trouxe, tantos dissabores como memórias e o levou ao exílio, depois de 1927.

A sua presença no tempo do Porto de Leonardo Coimbra, como ele aluno da Academia Politécnica e, como ele, também, filiado no Partido Republicano Português, fê-lo optar por uma carreira académica no estudo das letras – difícil percurso percorrido entre a I Grande Guerra, na qual participou como membro do CEP, e a instabilidade do regime republicano, pelo qual lutava no seu lado mais radical.

Preso à geografia duriense, como aos valores estético-geográficos da mesma, partilhava com outros conterrâneos uma visão humanista do vale, ainda que deles se distanciasse ideologicamente.

Em «Sangue Plebeu», exalta os valores populares dos oprimidos na questão duriense que se seguiu à contestação do Tratado de comércio luso-britânico de 1914 e que originou o motim de Lamego, ocorridos a 20 de Julho de 1915.

É a descrição desta cadeia de acontecimentos e o seu desenlace que integram, na forma romaneada por Pina de Moraes, esta antologia.

Bibliografia activa:

Moraes, Pina de - *Sangue Plebeu*. Porto: Edições Marânus, 1942.

Bibliografia passiva:

Rodrigues, João Luís Sequeira - *João Pina de Moraes: vida, pensamento e obra*. Porto: Caixotim, 2008.

JOAQUIM CAETANO PINTO (1891-1985)

Natural de Resende, professor e publicista, escreveu e publicou um vasto conjunto de obras que se dividem entre a literatura, a propedêutica e o monografismo local, de que se destacam os trabalhos sobre a sua terra natal^{134/}.

Na obra «Resende e as Letras», uma das melhores antologias regionais que conhecemos publicadas, deixou como representativa da sua obra literária um poema sobre a Senhora dos Remédios que incluímos nesta antologia. Embora não datada, seguimos a indicação do autor que na segunda estrofe do poema indica ter cinco anos

quando se lembra ter ido pela primeira vez à festa dos Remédios.

Trata-se, portanto, da impressão de uma criança ante a grande festa dos Remédios, impressão que associamos às de Aquilino Ribeiro (1908) e à de António Cabral (1963).

Bibliografia activa:

Pinto, Joaquim Caetano - *Resende nas Letras*. Braga: [edição do autor], 1985.

Bibliografia passiva:

Pinto, Joaquim Caetano - *Resende nas Letras*. Braga: [edição do autor], 1985.

JOAQUIM PEREIRA TEIXEIRA DE VASCONCELOS (TEIXEIRA DE PASCOAES)

A geografia da obra de Teixeira de Pascoaes, nome literário de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, está ligada ao Marão e ao seu carácter telúrico, inexpugnável e inescrutável. É por isso interessante a incursão ou o «relâmpago» - como o autor lhe chama - pela outra margem do Douro, por Lamego e através do Montemuro, de carro, como a fez na mesma forma célere e intensa, Erico Veríssimo, anos mais tarde.

O relato desta excursão foi publicado pela primeira vez na revista *A Águia*, em 1917, e depois em colectânea editada pela Aillaud & Bertrand, e descreve uma cidade silenciosa e, segundo o autor «morta e embrandecida num sonho de claridades irreais» - impressão semelhante à de Aquilino e à de Adelino Mendes, todas no limiar nascente do século XX.

Bibliografia activa:

Pascoaes, Teixeira de - «A Beira num relâmpago». *A Águia*. Vol. 9. (1916). p. 47-57.

Bibliografia passiva:

Teixeira, Dulcinea - *Teixeira de Pascoaes* [em-linha]. [Lisboa]: Instituto Camões. Disponível em-linha: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/1910a.html> [consultado em 29-5-2018]

JOAQUIM PINTO DE SOUSA MACÁRIO (1832-1923?)

Joaquim Pinto de Sousa Macário é um dos mais fecundos escritores lamecenses e sobre o qual pouco se sabe. Na obra *Ilustres de Lamego*, os seus autores apodam-no de poeta e enchem de encómios a sua escrita, mas sem indicar dados biográficos, como as

datas de falecimento e morte, ascendentes e descendentes, cargos ou posições ocupadas^{/35/}.

Nasceu a 29 de Agosto de 1832, em Cepões, filho de Macário Pinto de Sousa e Rita Carolina^{/36/}.

No prefácio à obra «Satyras e galhofas», assinado por J. Agostinho d'Oliveira (director do bissemanário lamecense *Folha do Norte*), a quem o poeta dedica um poema desta antologia, refere-se a sua ascendência ligada às casas do Coito, de Medelo e à de Almedina, ambas na freguesia de Almacave:

«Joaquim Pinto de Sousa Macario nasceu n'esta pittoresca cidade de Lamego, tão fértil em engenhos illustres, de paes de boa linhagem pois que descendiam das famílias dos Pintos de Sousa, casa de Almedina, e dos Queiroz, da casa do Coito, de Medello. Mas d'esta nobreza nunca o poeta fez aquelle gosto que assalta os mais democratras, porque com o que se orgulha deveras é com o saber-se que os seus progenitores foram vivos e raros modelos das velhas virtudes portuguezas.»

Pelo mesmo autor ficamos a saber que ficou órfão de pai aos 11 anos, que foi aluno do latinista João Teixeira de Mesquita, e que assentou praça (aos 17 anos) em Infantaria 9, tendo depois seguido para Caçadores 11. Agostinho de Oliveira insinua que até aos 21 anos não lera poesia (e talvez a não escrevera), pelo que nos parece tardia a incursão de Joaquim Macário pelo mundo das letras.

Poderá ser tardia, mas fecunda, porquanto os cadastros da Biblioteca Nacional registam 14 títulos publicados em seu nome, entre 1867 e 1922. Os lugares de impressão/edição das obras parecem cartografar o seu percurso biográfico e talvez profissional por Coimbra (1866, 1867, 1868), Porto (1874, 1875, 1877, 1901), Penafiel (1894) e Lamego (1899, 1912, 1922) onde levou ao prelo da famosa Loja Minerva Vermelha duas das suas obras de poesia^{/37/}.

Efectivamente é à cosmogonia de Lamego, às suas gentes e lugares que o autor dirige parte da sua atenção, importante e sensível testemunho biográfico e histórico traduzido em poemas, dedicatórias e remissões a personagens conterrâneas e do seu tempo^{/38/}. Pelas várias obras que lográmos consultar identificámos, aliás, vários dados sobre a sua vida, nomeadamente o nome da sua mulher, a quem dedica o livro «Lagrimas», D. Maria José Pinto da Cruz Sousa e a morte de 5 filhos que o mesmo documenta através de pungentes dedicatórias na mesma edição: Joaquim Pinto de Sousa Júnior falecido no Porto a 28-8-1871, Adélia Arminda da Cruz Sousa, fal. a 11-8-1886^{/39/}; Artur Arménio Pinto da Cruz Sousa, falecido a 3-10-1886^{/40/}; Alberto Augusto da Cruz Sousa e Carolina Elvira, falecida a 11-9-1897.

Estes dados permitiram-nos construir uma imagem mais fidedigna da sua vida e obra. Oficial do exército, como regista, apenas, Brito Aranha no seu suplemento ao

«Diccionario Bibliographico Portuguez»^{41/}, foi em 1872 professor no Colégio de Nossa Senhora dos Remédios e nele colega de A. F. Marques a quem dedicou o livro «Elvira d'Armenio»; e, entre 1876 e 1877 (pelo menos), professor de dança, exercícios ginásticos e esgrima no Colégio de Nossa Senhora da Boavista, do Porto^{42/}.

Uma crítica na revista «O Novo Mundo», de 23-2-1874, fala de Joaquim Pinto de Sousa Macário, como «auctor ainda pouco conhecido [que] publicou ultimamente dois livros que teem merecido elogios da imprensa portuenses; intitula-se um *O destino*, romance original – e o outro *Harpa Eolia, versos*»^{43/} - confirmando assim a tardia incursão nas letras.

Publicou abundantemente até 1922, ano em que se documenta o seu último livro «Distrações d'um velho», impresso na Loja da Minerva Vermelha de Lamego^{44/}. Depois desta data não lográmos recolher mais dados, supondo que tenha falecido em data próxima à da última edição.

Bibliografia activa:

Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Rumores da tarde*. Porto: [Imprensa Litterario-Commercial], 1877.

Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Lgrimas: gemidos d'alma*. Lamego: Imprensa Moderna, 1899.

Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Satyras e galhofas: Livro de versos alegres*. Lamego: [Minerva da Loja Vermelha], 1899.

Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Piadas e picadas*. Lamego: Imprensa Moderna, 1900.

Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Canticos d'Alma*. Lamego: Minerva da Loja Vermelha, 1912.

Bibliografia passiva:

Rica, Armando; Cabral, Fernando; Santos António Francisco dos, pref. - *Ilustres de Lamego*. Lamego: Câmara Municipal, 2006.

JORGE DE VILALVA - ver ALFREDO PIMENTA

JOSÉ AGOSTINHO DE OLIVEIRA (1863-1938)

José Agostinho de Oliveira, que usou o nome literário de José Agostinho, nasceu em Lamego, na rua do Bom Despacho, a 13 de Março de 1863, filho de um ourives de Almacave, chamado Agostinho Augusto de Oliveira e de Maria de Jesus, natural de

Tabuado^{/45/}.

Em Lamego terá feito os seus primeiros estudos e incursões literárias, nomeadamente em jornais locais, como «O Comércio» e o «Correio de Lamego»^{/46/}, vindo a tornar-se um dos mais fecundos escritores portugueses com extensíssima obra publicada entre finais do século XIX e os primeiros decénios do século XX. A Biblioteca Nacional indica 164 obras com o seu nome, nome literário e com os pseudónimos Victor de Moigénie e Daniel Burst Ross^{/47/}.

Sob o pseudónimo Victor de Moigénie escreveu duas obras de recorte epistolográfico, uma intitulada «A Mulher em Portugal»^{/48/}, editada em 1907, e «O Homem em Portugal»^{/49/}, editada em 1908, em ambas criando itinerários fictícios para epistolografia onde desenvolve questões várias, da política às artes, pensadas para cada um dos sexos, consoante os locais por onde Victor vai jornadeando.

Em cada uma das obras José Agostinho escolhe Lamego como cenário onde, através das suas personagens, tece considerações sobre a vida da cidade. N'«A Mulher em Portugal» Victor escreve a Mariette; em «O Homem em Portugal», a Gustavo. Na primeira entra na cidade provindo de Viseu, na segunda pela estrada da Régua que percorre numa diligência, como a que a equipa de fotógrafos de Emílio Biel registou para a obra «Arte e Natureza»^{/50/}.

Se a linguagem é diversa para os dois destinatários - sucinta e algo paternalista quando dirigida a Mariette; desenvolvida e rica para Gustavo -, as referências à cidade são, em todas as cartas, particularmente críticas.

A Mariette escreve de Lamego a 25 de Outubro de 1906 e para Gustavo remete da mesma cidade duas cartas, uma datada de 30 de Setembro, outra de a 3 de Outubro de 1907 - embora uma terceira epístola, já redigida de Viseu a 6 de Outubro, prolongue o relato ou descrição dos dois dias que naquela cidade passou. São, naturalmente, datas e cartas fictícias, mas que traduzem considerações pessoais do autor sobre a sua terra.

Embora se dedique a descrever com minúcia outras localidades, em Lamego José Agostinho demora-se pela mão de Victor de Moigénie em considerações sobre as características dos homens, ilustres e anónimos, a quem aponta qualidades e defeitos, fazendo sobressair estes últimos em tons admoestador e moralizador.

Podemos pensar, talvez, que o tom crítico das suas palavras expresse rancor ante a cidade ou alguns dos seus habitantes, mas muito embora admitamos críticas dirigidas, como a que faz ao poeta Macário ou alusões à inveja e a certos detractores (os que por exemplo obstaram o trabalho autárcico do Visconde de Guedes Teixeira, com quem é particularmente encomiástico) a decadência que assinala ter-se apoderado da cidade, - «segundo dizem, ha pouco mais de dez anos» -, coincide com o registo que pela mesma época colheu Adelino Mendes^{/51/}.

As apreciações que constrói da cidade, esquadrinhada em deambulações por artérias velhas e novas, lugares modernos e rústicos, juntamente com uma geografia que ultrapassa os próprios limites da mesma, como as alusões a Ortigosa, Penude^{/52/} ou o Bairro da Ponte, não são observações gerais de um estranho à terra, mas documentaristas de um olhar conhecedor da geografia e suas idiossincrasias. Semelhantes observações críticas põe José Agostinho na boca do velho Álvaro, que em passagem por Lamego com o seu neto, embora ache pitoresca a cidade, não deixa de apontar-lhe os sinais de declínio^{/53/} - cena reproduzida noutra jornada ficcional.

Jornalista, publicista, romancista e praticante de uma escrita muito diversa em temas, José Agostinho faleceu na freguesia de Arróios, em Lisboa, a 13 de Janeiro de 1938^{/54/}.

Bibliografia activa:

Moigénie, Victor de, (pseud. de José Agostinho) - *A mulher em Portugal: cartas dum estrangeiro*. 3.ª edição. Porto: Livraria Educação Nacional, 193-.

Moigénie, Victor de, (pseud. de José Agostinho) - *O homem em Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas - editora, 1908.

JOSÉ AUGUSTO DE SANT'ANNA DIONÍSIO (1902-1991)

Professor e pedagogo, filósofo e publicista, Sant'Anna Dionísio dedicou a sua vida ao ensino e à promoção do conhecimento, ligado aos movimentos da *Renascença Portuguesa* e da *Seara Nova*.

A ele se lhe deve a prossecução de uma das maiores obras de memorialística, propaganda, estudo e inventário da História e do Património locais, iniciada por Raul Proença enquanto director da Biblioteca Nacional durante a I República e continuada pela Fundação Calouste Gulbenkian ao longo do século XX. Trata-se do «Guia de Portugal», obra em 6 volumes que, pela primeira vez, pensou o país como elemento de conhecimento e reconhecimento e enquanto produto de promoção cultural.

Foi já da sua organização a direcção do 5.º volume, dedicado a «Trás-os-Montes e Alto-Douro II», em cujo trabalho se incluiu Lamego. A introdução ao volume, intitulada «Impressão breve», é da autoria de Pina de Moraes, o texto de história sobre a cidade, partilhado por Almeida Fernandes e Carlos de Passos e o dos monumentos por Vergílio Correia e A. Nogueira Gonçalves (sé). A Sant'Anna Dionísio coube a apresentação do museu, com algumas notas do então director Abel Montenegro Flórido e do urbanismo de Lamego («O castelo, a cidade, o bairro de Almacave»)^{/55/}.

Na sua obra «Alto Douro Ignoto» embora não escreva sobre a cidade, percorre os seus arredores em interessantes crónicas que extravasam a ideia do roteiro turístico. Numa

delas, que aqui republicamos, trata o curso final do Varosa, destacando aspectos paisagísticos e geomorfológicos que nos recordam a primitiva fotografia em Portugal, executada pela mão de Emílio Biel, pioneiro da fotografia que dedicou ao Varosa especial interesse.

Território de experiências, como lugar para uma das primeiras centrais hidroelétricas do país e de desistências, como o do projectado ramal da Régua a Lamego, o Varosa é, ainda que a montante, hoje (2018) um dos mais notáveis exemplos de promoção cultural e turística pelo património, projecto justamente associado ao Museu de Lamego.

Assim, embora fugindo à filosofia inicial de antologia urbana com que gizamos esta obra, justifica-se estendê-la ao vale do Varosa, prolongamento natural do termo de Lamego (ainda que seja o Balsemão o rio da cidade) a inclusão dos olhares de fora que, como Sant'Anna Dionísio que compreendia não só o lugar, mas o seu entorno.

Bibliografia activa:

Dionísio, José Augusto Sant'Anna - *Alto Douro Ignoto*. 2.ª edição. Porto: Lello & Irmãos - Editores, 1977.

Bibliografia passiva:

[S.a.] - «Docentes e Estudantes da Primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto: José Augusto de Sant'Anna Dionísio» [Em-linha]. [Porto] Universidade Digital / Gestão de Informação, 2008. Disponível em Linha: <https://sigarra.up.pt/up/pt/> [consultado em 29-5-2018]

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA DA COSTA (1863-1935)

Nascido no lugar do Salgueiral, na vizinha Régua, Vieira da Cruz desenvolveu trabalho literário de várias espécies, nomeadamente romance - género onde exercita a sua posição de observador e crítico social.

Na obra «A Família Maldonado», o autor esquadrinha o percurso de uma família chegada a Lamego em finais do século XIX, procurando salientar através dela as patologias de uma sociedade marcada pelos estatutos e pelas diferenças sociais, ao modo de Abel Botelho que na sua série de romances sobre pederastia, adultério, marialvismo, etc, publicados na viragem do século, também os designa, como o subtítulo da obra de Vieira da Costa, «patologias sociais»^{156/}.

Bibliografia activa:

Costa, José Augusto Vieira da - *A Família Maldonado (pathologia social)*. Lisboa: Livraria Central de Gomes Carvalho, editor, 1908.

Bibliografia passiva:

Barroso da Fonte, coord. - *Dicionário dos mais ilustres Trasmontanos e Alto Durienses*. Guimarães. Editora Cidade Berço, 1998.

Correia, João de Araújo - *Sem método*. 2.ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

JOSÉ SARAMAGO (1922-2010)

Prémio nobel da literatura em 1998, um dos principais escritores contemporâneos portugueses, deixou uma marca inigualável na produção romancista nacional e internacional, conjugando a criteriosa observação crítica da humanidade, com a fantasia e o onirismo filosófico.

Num interessante projecto de viagem por Portugal, em que se vê e descreve como um alter-ego viajante, passou por Lamego em busca de conhecimento e encontrou, afinal, uma discussão quási teológica que se revela de uma fina ironia numa cidade de recorte marcadamente religioso.

Bibliografia activa:

Saramago, J., texto and M. d. Abreu, fot. (1996). *Viagem a Portugal*, Editorial Caminho.

Bibliografia passiva:

[S.a.] - «José Saramago». In *Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 20-05-2018]. Disponível em-linha: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$jose-saramago](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$jose-saramago)

JOSEPH MATHIAS (1758-1851)

A autobiografia de Joseph Mathias, publicada em Londres em 1833 é um relato extraordinário sobre o percurso de um homem numa Europa em convulsão durante o avanço do imperialismo napoleónico.

Nascido em Ade, localidade próxima a Castelo Melhor, José Matias perambulou pela Península Ibérica como miliciano contra os franceses, tendo depois passado a Inglaterra onde se fez cirurgião.

O seu regresso a Portugal, em 1830, revisitando os lugares da infância e os seus familiares, levou-o a Lamego, onde chegou na manhã do dia 31 de Julho daquele ano. A sua descrição remete-nos para a cidade binuclear de ruas íngremes e sujas. É, porém, dentre os visitantes do século XIX, um dos poucos que «repara» no santuário de

Nossa Senhora dos Remédios que descreve com particular notícia.

Sobre os habitantes de Lamego, di-los ricos agricultores muito acossados pelos franceses durante as invasões.

Bibliografia activa:

Matias, Joseph - *Life and Travels of Joseph Mathias [...]*. [Londres]: [J. Paterson], 1833.

Bibliografia passiva:

Resende, Nuno - «Lamego e os viajantes estrangeiros (séculos XVIII e XIX)». *Beira Alta*. Vol. LXXVI. (2016), p. 99-128.

JUAN ALVAREZ DE COLMENAR (SÉCULO XVIII)

Juan Alvarez de Colmenar é o pseudónimo de um autor francês (alguns dizem-no espanhol) que escreveu e publicou entre 1707 e 1715 «*Les délices de L'Espagne et du Portugal*», obra enciclopédica e memorialística de teor corográfico que resume a história e a geografia daqueles dois países.

O verbete sobre Lamego contém as ideias principais de uma cidade conhecida pela Europa depois da Restauração, ligada à fundação e reafirmação da nacionalidade portuguesa.

Bibliografia activa:

Alvarez de Colmenar, Juan - *Les Delices de L'Espagne & du Portugal [...]*. Leiden: [Chez Pierre Vander], 1715.

Bibliografia passiva:

Resende, Nuno - «Lamego e os viajantes estrangeiros (séculos XVIII e XIX)». *Beira Alta*. Vol. LXXVI. (2016). p. 99-128.

[S.a.], «Alvarez de Colmenar, Juan», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. II, p. 209.

LUÍS AUGUSTO PEREIRA DIAS (1915-1977)

Augusto Dias, nascido Luís Augusto Pereira Dias, em São Romão de Aregos (Resende), foi professor de Latim e Filosofia, panfletista e colaborador da imprensa local e regional. Cultor do género da polémica publicou abundantemente sobre questões religiosas, sociais, políticas e históricas.

A sua obra, extensíssima para o tempo da sua vida foi, como refere o seu conterrâneo e biógrafo, Joaquim Caetano Pinto, toda publicada «por sua conta». Frequentou os seminários de Lamego, tendo concluído os estudos teológicos em 1936, mas sem seguir o sacerdócio. Dedicou-se ao ensino e à escrita cujo teor, essencialmente crítico, lhe causou vários dissabores durante o regime do Estado Novo, embora posicionado a favor do mesmo. Polemizou com e sobre Antero de Figueiredo, Miguel Torga, entre outros - perfil que, segundo o já citado biógrafo, o definia como «impulsivo e conflituoso». Opositor da nova Igreja saída do Concílio de Vaticano II (1962-1965), mostra em vários dos seus trabalhos o desprezo pelo que considerava ser a influência do marxismo na definição dos novos eclesiásticos e da sua visão para aquela instituição.

Embora o seu contributo para a historiografia de Lamego tenha sido a publicação de duas importantes fontes primárias até então praticamente ignoradas, o Tratado de Rui Fernandes^{/57/}, de 1532 e o manuscrito memorialístico setecentista, de cujas obras republicamos excertos nesta antologia^{/58/}, é entre os textos de teor crítico que abundam mais referências à sua geografia, repartida entre Lamego, Resende, o Porto e a Póvoa - estas duas últimas cidades onde viveu.

Num dos textos, que ora reproduzimos em parte, refere-se ao ambiente político da cidade depois da revolução de 1927, que constitui um dos poucos documentos sobre um período pouco conhecido de Lamego durante os primeiros anos da República. Recordemos que as tropas aquarteladas na cidade ficaram do lado da revolta monárquica de 1919 e sofreram por isso represálias extensivas à cidade^{/59/}.

Embora publicado tardiamente (em 1953) o testemunho de Augusto Dias sobre o ambiente social e político que se vivia em Lamego na viragem da I República para o Estado Novo, tempos historiograficamente nublados, constitui importante documento.

Bibliografia activa:

Dias, Augusto - *Novas Farpas: 3 campanhas*. [Vila Nova de Famalicão]: Edições «Beira e Douro», 1953.

Bibliografia passiva:

Pinto, Joaquim Caetano - *Resende nas Letras*. Braga: [edição do autor], 1985.

Dias, Augusto - *Lamego do século XVI*. Porto: Edições Beira Douro, 1947.

Dias, Augusto - *Lamego do século XVIII*. [s.l.]: Beira Douro, 1950.

MARIA DO PILAR BANDEIRA MONTEIRO OSÓRIO (1813-1887)

Nascida e criada na região do Douro, entre Cinfães, Resende e Lamego - terras dos

seus pais e onde a sua família possuía solares e haveres, D. Maria do Pilar apresenta-se como uma das mais destacadas escritoras portuguesas do século XIX - não obstante um quase desconhecimento sobre a sua vida e obra. Talvez porque distanciada da corte e dos principais meios urbanos, de que é testemunho a sua obra de recorte marcadamente regionalista, esta escritora tenha ficado no esquecimento das antologias e dos estudos biográficos portugueses.

Casou às portas de Lamego, em Britiande, com Manuel Maria Ferreira Sarmiento Osório e a partir daí traçou roteiros de uma geografia e de paisagem românticas, onde lugares e edifícios (como o mosteiro de São João de Tarouca) são os principais palcos para arrebatadas história de amor e tragédia.

Por serem raras e pouco acessíveis as suas obras, nomeadamente «A secular do Convento de Barrô», publicada em 1882 e que ora transcrevemos, fazemo-lo num recorte um pouco maior do que o excerto antológico de outros autores.

O conjunto de textos-capítulos que intercalam o romance e que discursam abundantemente sobre a cidade de Lamego e o seu santuário da Senhora dos Remédios, é representativo de uma qualidade particular da escrita de D. Maria do Pilar, preocupada com o registo de uma paisagem e de um património que não são meros cenários para o desenrolar da acção, mas que a explicam e explicam a génese das personagens que neles se movem e agem.

Bibliografia ativa:

Osório, Maria do Pilar Monteiro - *A secular do convento de Barrô*. [Typographia Occidental], 1882.

Bibliografia passiva:

Resende, Nuno - «O Romantismo literário e os mosteiros cistercienses do Douro: uma voz feminina entre ruínas». In Resende, Nuno; Sebastián, Luís, eds., *Cister no Douro*. [s.l.]: DCRN/Museu de Lamego/Vale do Varosa, 2015.

MIGUEL TORGA (1907-1995)

Pseudónimo literário do médico Adolfo Correia da Rocha, Miguel Torga criou uma ligação a Lamego muito semelhante à de Aquilino Ribeiro, 22 anos mais velho do que ele mas ambos entregues aos cuidados da clerezia da cidade para educação entre a meninice e a adolescência. Embora os dois escritores retratem, com pinceladas suaves, os perfis dos seus perceptores e descrevam o ambiente do seminário como rico e salutar, os anos passados na cidade deixaram marcas profundas na forma de ser e sentir, enquanto escritores, cidadãos e até ideólogos, ambos questionando a ordem e a religião.

Cultor da prosa diarística e biográfica, Miguel Torga refere-se a Lamego em várias passagens da sua obra maior, o Diário. Nos 16 volumes diarísticos, redigidos entre 1941 e 1993, Torga alude a Lamego a 11-8-1938, a 12-3-1940, a 5-8-1947, a 1-4-1948 (Arneirós), a 4-1-1949, a 5-1-1949, a 16-4-1949, a 9-10-1949, a 26-9-1954, a 28-2-1960, a 2-3-1960, a 21-9-1962 (Diário IX) e a 6-5-1970 (Diário XIII). São, porém, referências menores, esparsas e fugazes, comparadas com a descrição que faz na sua autobiografia «Criação do Mundo».

No primeiro volume, publicado em 1938, descreve a ida para Lamego, a sua permanência e o ambiente do seminário que, como ele refere, foram fulcrais para orientar a sua vida enquanto homem e escritor.

Bibliografia activa:

Torga, Miguel - *A Criação do Mundo* [volume I]. 6.ª ed. Lisboa: Pub. D. Quixote, 2018 (1.ª edição de 1938).

Bibliografia passiva:

Costa, M. Gonçalves da - *Seminário e seminaristas de Lamego: monografia histórica*. Lamego: [Diocese de Lamego], 1990.

RUI FERNANDES (SÉCULOS XV-XVI)

Tratador de lonas e bordates d'El Rei, como o próprio se intitula no tratado que assina, Rui Fernandes, negociante e letrado, devia estar ligado às elites urbanas de Lamego e Porto como recentemente concluiu o historiador Amândio Barros¹⁶⁰.

Autor de um raro tipo de literatura encomiástica sobre o território e as potencialidades, Rui Fernandes possibilitou, através da sua obra, que Lamego se tornasse uma das primeiras cidades a ser documentada no início da época moderna em Portugal e na Europa. Embora o seu discurso siga um modelo de descrição memorialística e corográfica que prosseguirá nos séculos seguintes em literaturas várias, as suas indicações sobre economia e sociedade constituem um exemplo particular de consciência do tempo e lugar em relação ao devir histórico que se impunha então: uma cidade e dois territórios (a montanha e o rio, Montemuro e Douro), todos ameaçados pela Expansão que, como escreve Sá de Miranda na mesma altura, «o reino nos despovoa».

A abertura do tratado, cujo manuscrito original se perdeu e se conservam apenas transcrições (uma delas de Augusto Dias, que republicamos), é pois reveladora da vontade do autor em fazer ouvir aos grandes de então, a voz de muitos, conduzidos por ele Rui Fernandes, que começa por apresentar este «rico pano de verdura...» que era Lamego e o seu compasso.

Bibliografia activa:

[Fernandes, Rui] - «Descrição do terreno em roda da cidade de Lamego». In *Collecção de livros ineditos de historia portugueza*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1824

Fernandes, Rui; Dias, Augusto - *Lamego do século XVI*. Porto: Edições Beira Douro, 1947.

Fernandes, Rui; Barros, Amândio Jorge Morais - *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas [1531-1532]*. 2.ª edição. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012. ISBN: 978-989-658-188-6

Bibliografia passiva:

Fernandes, Rui; Barros, Amândio Jorge Morais - *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas [1531-1532]*. 2.ª edição. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012. ISBN: 978-989-658-188-6

SANT'ANNA DIONÍSIO – ver JOSÉ AUGUSTO SANT'ANNA DIONÍSIO

TEIXEIRA DE PASCOAES – ver JOAQUIM PEREIRA TEIXEIRA DE VASCONCELOS

VERGÍLIO CORREIA (1888-1944)

Vergílio Correia Pinto da Fonseca, nascido no Peso da Régua em 1888, licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra mas foi na Arqueologia, na História e na História da Arte que impôs o seu nome. Integrou uma geração de historiadores, com Carlos de Passos e outros, que discutiu abundantemente em polémicas e produziu importante literatura sobre temas até então ignorados. Foi conservador do Museu Etnológico Português e do Museu Nacional de Arte Antiga, director do Museu Nacional Machado de Castro e impulsor de várias campanhas de escavação em Conímbriga.

Cultor do documento e do seu valor para o estudo da arte em Portugal, publicou vários trabalhos onde transcreve e comenta fontes primárias – trabalhos que se tornaram essenciais para a compreensão da obra artística, dos indivíduos associados e do seu tempo, como o de «Artistas de Lamego» em que lançou luz sobre a actividade oficial na cidade, publicado em 1923. Foi este o mote para trabalhos que se seguiram, centrados na história artística da cidade.

Em 1924, publicou «Monumentos e esculturas», obra em que reuniu artigos/capítulos

sobre assuntos de Lamego e arredores e, no mesmo ano, «Vasco Fernandes – Mestre do retábulo da Sé de Lamego» – grande recolha documental e comentário crítico da historiografia da arte em Portugal, tratada até aí por estrangeiros, como o próprio autor refere^{/61/}.

Parece dever-se-lhe a salvação da janela ameaçada de desaparecimento ao cimo na Rua Nova que Vergílio Correia sugere merecer «um gesto generoso que a restituísse à cidade, que assim a poderia continuar a admirar, por exemplo armada no pátio interior do seu Museu»^{/62/}. É também de Vergílio Correia a proposta para identificar o bispo D. João Camelo Madureira no painel da Circuncisão de Vasco Fernandes no políptico da sé, hoje no Museu^{/63/}.

Faleceu em Coimbra, em 1944, cidade à qual esteve sempre ligado académica e profissionalmente.

Bibliografia activa:

Correia, Vergílio - *Artistas de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923.

Bibliografia passiva:

Carvalho, Joaquim de – *Vergílio Correia*. Coimbra: Coimbra Editora, 1945

[S.a.] - *Bibliografia de Vergílio Correia: 1909-1944* / Congresso Nacional de Arqueologia. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1970.

Pessoa, Miguel; Lino, Rodrigo - *Itinerário de Vergílio Correia (1888-1944), expresso no seu arquivo de fotografias em chapa de vidro: catálogo*. Condeixa-a-Nova: Centro de Estudos Vergílio Correia, 2016. ISBN 978-989-20-6612-7.

/1/ O leitor fará o favor de avaliar, como nós o fizemos, tendo em consideração outras antologias publicadas para outras cidades e para outras regiões do país. Duas delas, aqui indicamos apenas como exemplos (e referente a antologias de autores e não de lugares), por consideramo-las modelos de boas práticas para a sua execução: Pinto, Joaquim Caetano - *Resende nas Letras*. Braga: [edição do autor], 1985 e Fernandes, Agostinho, [coord.] - *Antologia de autores famalicenses*. [Braga]: Câmara Municipal de V.N. de Famalicão, 1998. ISBN: 972-9152-48-9

/2/ *Vale Abraão*. [registo digital]. Realização de Manoel de Oliveira. Portugal: 1993. 1 DVD (187 min.): cor, som.

/3/ Também Pinho Leal nota e reflecte sobre este «destino», cf. Pinho Leal, Augusto Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa: Livraria Editora de Matos, Moreira & Companhia, 1874, vol. 4, p. 35. E ainda que ficcional, interessa resgatar a explicação de Agustina Bessa-Lúis para um certo declínio liberal: «Lamego não cessou a sua inclinação absolutista, até que o movimento Setembrista acabou com as pretensões no domínio político e eclesiástico; ficou reduzida a uma cidade estagnada, onde os parques e os monumentos condescendem em recordar o passado, alegre e próspero», cf. Bessa-Lúis, Agustina - *Vale Abraão: romance*. 2.ª edição. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. ISBN: 972-665-369-X, p. 8.

/4/ Brandão, António, frei - *Terceira parte da monarchia lusitana: que contem a Historia de Portugal*. Lisboa [Pedro Craesbeck], 1632, p. 143-145 onde se reproduzem as «Actas das Cortes» e Castilho, António Feliciano de - *Quadros Históricos de Portugal*. Porto: Lello & Irmão - editores, 1989, quando a narrativa tem já força e forma de verdade nacional.

/5/ Entre os párocos escritores e historiadores dos séculos XIX e XX - perfil que está por estudar – e em que a diocese foi particularmente fecunda apenas citando os nomes aleatórios do abade Vasco Moreira, C. Manuel Fonseca da Gama, Alfredo Pimenta, etc. importa recordar o de Joaquim Rodrigues da Cunha, pároco de Lazarim e Fráguas, autor de várias obras novelísticas de recorte regional. Em a «Fidalga de Balsemão» fornece-nos alguns vislumbres da cidade, embora a sua escrita seja eminentemente dramaturgica, impondo-se o diálogo em favor do cenário, cf. Cunha, Joaquim Rodrigues da - *A Fidalga do Balsemão* (romance). Lisboa: [edição do autor], 1966.

/6/ Frei António Taveira Pimentel de Carvalho, natural de Lamego onde terá nascido em 1790, cf. Carvalho, António Taveira Pimentel de, frei; Guerra, Luiz de Figueiredo, rev., anot., - *Diario da Viagem á Terra Sancta em 1857*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1877.

/7/ Adelino Mendes estabelece, no início do século XX, uma distinção entre a cidade alta, dos comerciantes e a baixa, residência de burocratas e de militares, cf. Mendes, A. – *Terras malditas*.

/8/ Veja-se a nota de Pinho Leal: «As casas d'esta cidade são em geral boas, distinguindo-se as dos srs. Osorios, e as dos herdeiros do sr. Macario de Castro [Brolhas]; e ainda existem alguns edificios do principio da monarchia», cf. Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 4, p. 36.

/9/ Na sua obra *Vida de Lisboa*, descreve a origem da locução que terá inspirado Camilo: cf. Pimentel, Alberto - *Vida de Lisboa*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira - Livraria Editora, 1900, p. 48.

/10/ Em 1930, na Loja da Minerva imprimiu-se uma obra que resume a história do Regimento, cf. [Amaro, Manuel Telles, comandante coronel, pub.] - *Resumo histórico do Regimento de Infantaria n.º 9*. Lamego: [Minerva da Loja Vermelha], 1930. Disponível em WWW: <<http://purl.pt/26965/3/>>.

/11/ Pina de Morais, João - *A Paixão do Maestro*. Porto: Renascença Portuguesa, 1922.

/12/ Girão, Aristides de Amorim - *Montemuro: a mais desconhecida serra de Portugal*. Coimbra: Coimbra editora, 1940.

/13/ Bernardino Zagalo, director do jornal «Beira e Douro» foi autor de uma obra monográfica sobre Lamego cujo interesse documental é essencialmente fotográfico (como de resto o jornal que dirigiu): Zagalo, Bernardino – *Tempos áureos – historias e lendas*. Porto: Typographia Santos, 1914.

/14/ A Loja «Luz da Beira», cf. Marques, A. H. de Oliveira - *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*. Lisboa: Editorial Delta, 1986, p. 830.

/15/ Entre tantas outras edições, referenciamos a nossa: Eça de Queiroz, J. M. d'. - *A Ilustre Casa de Ramires*. 5.ª edição. Porto: Livraria Chardon de Léo & Irmão, 1920.

/16/ Costa, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego: [Diocese de Lamego], 1977-1992, 6 vols.

/17/ Laranjo, F. J. Cordeiro - *Igreja de Santa Maria de Almacave*. [Viseu]: [edição de autor], 1980; *idem - Cidade de Lamego: Capela de N.º S.º da Esperança*. [Viseu]: Câmara Municipal de Lamego, 1987; *idem - Cidade de Lamego: Igreja do Mosteiro das Chagas*. [Viseu]: Santa Casa da Misericórdia de Lamego, 1988; *idem - Lamego antiga*. [Viseu]: Câmara Municipal de Lamego, 1989; *idem - Cidade de Lamego: Igreja catedral*. [Viseu]: Câmara Municipal de Lamego, 1990. *idem - Cidade de Lamego: Santuário dos Remédios*. [Viseu]: Câmara Municipal de Lamego, 1993; *idem - Vultos e ruas de Lamego*. Viseu: Câmara Municipal de Lamego, 1993; *idem - No compasso do concelho de Lamego*. Viseu: Câmara Municipal de Lamego, 1995 e *idem - Cidade de Lamego*. [Viseu]: Câmara Municipal de Lamego, 1996.

/18/ A obra de João Amaral, a que Aquilino se refere em *Via Sinuosa*, encontra-se dispersa por jornais e revista do seu tempo. Foi o autor de um roteiro turístico da cidade editado postumamente, cuja capa publicamos no anexo *iconotopográfico* da cidade, cf. Amaral, João - *Roteiro ilustrado da cidade de Lamego*. Lamego: [s.e.], 1961. Foi recentemente alvo de uma exposição retrospectiva no «(seu) museu, cf. Falcão, Alexandra, comis. cient. – *O gentilíssimo João Amaral (1874-1855)*. Museu de Lamego: Lamego, 2017, ISBN: 978-989-99516-3-1. Disponível em-linha.

/19/ A este respeito consulte-se Costa, M. Gonçalves da - *Seminário e seminaristas de Lamego: monografia histórica*. Lamego: [Diocese de Lamego], 1990.

/20/ «Tenho dado conta que a casa de educação da cidade afonsina exerceu uma acção acentuadamente proficua na vida nacional. Nas artes e na ciência, na política e na carreira militar, no

comércio e na indústria se assinalaram os seus alunos. De modo geral, Beira e Trás-os-Montes foram revolvidos pela charrua didáctica temperada ali. A velha cidade tornou-se por isso mesmo centro de irradiação cultural», Cf. Ribeiro, Aquilino - *Arcas encoiradas*. Amadora: Livraria Bertrand, 1974. Entre muitos alunos, destacámos Gentil Guedes Gomes, autor de algumas publicações e artigos sobre Lamego, nomeadamente «Eu e o colégio de Lamego», Coimbra: [edição do autor], 1943.

/21/ O padre Rodrigues da Cunha anota, numa das suas abundantes referências históricas no romance «A fidalga do Balsemão», que o «champanhe da Raposeira» apareceu em 1898, Cunha, Joaquim Rodrigues da – *A Fidalga do Balsemão*, p. 178.

/22/ [AA.VV.] - *Vozes do Douro: antologia de textos durienses*. [Maia]: Câmara Municipal de Lamego, 2003. ISBN: 972-99089-0-7; [AA.VV.] - *Vozes do Douro: Antologia de textos durienses*. Tomo II. [Maia]: Câmara Municipal de Lamego, 2004. ISBN: 972-99089-7-4. Do primeiro volume desta antologia (de 2003) há um texto autobiográfico do escritor Fernando Dacosta que nos obsequiou com autorização para inclusão nesta antologia.

/23/ Os pioneiros da fotografia em Portugal, como William Frederick Flower e Emílio Biel e depois Domingos Alvão, os fotógrafos da Foto Beleza do Porto, os bilhetes-postais ilustrados profusamente editados e circulados com vistas de Lamego; e até Cartier Bresson passou por Lamego – não faltam grandes imagens da cidade. De resto reconheceu António Sena, o grande historiador da fotografia em Portugal, que em Lamego laborou o grande fotógrafo Correia de Noronha, um dos poucos fotógrafos humanistas de um país periférico e em ditadura. Contentemo-nos, para já, porém, com pequenos e anónimos apontamentos.

/24/ A sua obra «Mulheres da Beira», publicado em 1898, livro de contos onde publica «A Fritada» de cuja narrativa retiramos o excerto antológico, é representativa das suas jornadas pela Beira – cada conto corresponde a localidade dessa região: Arouca, 1885 («A frecha da Mizarela»); Sabugal, 1886 («Uma corrida de toiros no sabugal»), Oliveira de Frades, 1888 («A ponte do Cunhedo»), Aveloso, Tendais, 1888 («A Fritada»); Pinhel, 1891 («A consoada»), Longroiva, 1895 («O solar de Longroiva»), Tabuça, 1896 («O Sêro»).

/25/ *Sinos d'Aldeia. Boletim inter-paroquial de Espadanedo, Moimenta e Tarouquela*, Impresso na Gráfica de Lamego, tendo o primeiro número saído em Setembro de 1965 e o último em 1973.

/26/ Cf. Pimenta, Alfredo A. - *Brasões de Cinfães*. [s.l.]: edição do autor, 1976. As Comemorações, dirigidas pelo bispo de então, um intelectual, D. António Xavier de Castro Monteiro, destinavam-se a evocar o tríplice acontecimento: 572, Sagração da Sé, 1176, Falecimento de D. Mendo, bispo da Restauração da catedral e 1776, dedicação da nova Sé.

/27/ Cf. Vilava, Jorge de - *Mosaico*. Porto: Liv. Aviz, 1965; Idem - *Parábolas de Jesus em Vieira*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1966; Idem - *O filho do colono: de pródigo a jesuíta*. [S.l. : s.n.]. 1966; Idem - *Espírito e vida*. Braga: A. O., 1973.

/28/ O autor era de Lamego e fora pároco colado da freguesia de Rua, em Moimenta da Beira, cf. Pimenta. Alfredo - *Estudos filosóficos e críticos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930. Este Alfredo Pimenta é o famoso historiador português e não o seu homónimo, nosso biografado.

/29/ Cunha, Joaquim Rodrigues da - *A Fidalga do Balsemão (romance)*. Lisboa: [edição do autor], 1966.

/30/ Nem sempre a bonomia imperava entre os romeiros, como se pode inferir pela história narrada por Adolfo Loureiro sobre escaramuças entre um militar da 9 e alguns locais, numa romaria dos arredores de Lamego em 1852, cf. Loureiro, Adolfo - *Recordações da mocidade*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1911, p. 248 ss.

/31/ Nenhum dos seus biógrafos logrou identificar o dia e o mês, nem sequer a filiação, dados que aqui deixámos registados. Boaventura nasceu na rua do Castelinho, freguesia de Almacave, a 4-1-1855, filho do Doutor Boaventura Teixeira Barbosa, da mesma freguesia e de D. Maria Luísa Costa, de Cambres. Era neto paterno de João Teixeira Barbosa, Cavaleiro da Ordem de Cristo e de sua mulher D. Joana Margarida, ambos de Almacave e neto materno do Conselheiro António José da Costa e de sua mulher D. Bárbara Henriqueta de Gouveia, ambos de Cambres. Foi baptizado na igreja de Almacave a 19 de Fevereiro daquele ano, tendo como padrinho o avô paterno e madrinha a avó materna, por procuração da sua filha D. Maria da Conceição, cf. ADV, Paroquiais, Almacave, baptismos, 1850-1858, fl. 113 v. A ascendência, que o reitor de Almacave, Bonifácio Monteiro, enfatiza através dos excelentíssimos e donas que atribui aos pais e avós do baptizante, contrasta com a afirmação de Domingos de Carvalho da Silva (ver bibliografia passiva) que traça o perfil de um agitador republicano depois convertido à monarquia pela titulação concedida por D. Carlos. Efectivamente o escritor e jornalista já havia tido origem entre a nobreza (ainda que pequena nobreza ou nobreza de toga) de Lamego.

/32/ Nasceu a 13 de Maio de 1848, cf. Arquivo Distrital de Viseu [ADV], Paroquiais, São Cipriano, Baptismos (1822-1859), fl. 165 v.

/33/ Correia, Camilo de Araújo – *Livro de andanças*. Porto: Brasília Editora, 1991.

/34/ Pinto, Joaquim Caetano - *Resende*. Braga: [edição de autor], 1982.

/35/ Cf. Rica, Armando; Cabral, Fernando; Santos António Francisco dos, pref. - *Ilustres de Lamego*. Lamego: Câmara Municipal, 2006.

/36/ Foi baptizado a 16 de Setembro daquele ano. Era neto paterno de José Pinto de Carvalho e de D. Antónia Benedita Zagalo Osório, da Rua de Almedina e neto materno de João Baptista de Sousa Coutinho de Queirós e de D. Teresa de Queirós Leitão, da vila de Medelo. Foram padrinhos o Doutor Joaquim Rito de Carvalho e D. Emília Henriqueta da Mota Pinto de Carvalho, da rua da Corredoura, de Lamego, AMDL, Paroquiais, Cepões, Baptismos, 1818-1848, fl. 80v-81.

/37/ Este percurso parece ser confirmado pelas estrofes do poema que dedica a J. Agostinho d'Oliveira, intitulado «Saudades»: «Trinta annos vivi distante / Do teu sólo, do teu céo; [...]», cf. Macário, *Lagrimas*, p. 26.

/38/ Por este facto foi difícil a escolha de um texto representativo da sua ideia de Lamego pois que para Joaquim Macário a evocação da cidade está intimamente ligada à sua infância e atribulada vida como pai que ali viu 4 dos seus filhos morrerem. Para além do poema «No regresso à minha terra natal: Lamego», que republicamos, encontra-se outro na mesma obra «Lagrimas» que é documentativo do seu amor pátrio, e que nos referimos na nota anterior. Também em «Satyras», escreve amiúde sobre a terra natal, nomeadamente para assinalar o dia do seu aniversário, 28 de Agosto, «(gabando-se) ser dia de festa na cidade, cf. Macário, *Satyras*, p. 66. Curiosamente pelo assento de baptismo que transcrevemos atrás, Joaquim nasceu no dia 29 daquele mês.

/39/ O seu óbito ocorreu às 7h da tarde, na Rua de Fafel, onde morava. Faleceu solteira e sem testamento, com 27 anos. O assento refere que o seu pai, Joaquim Pinto de Sousa, era capitão, natural de Almacave e a mãe natural de Cepões. Cf. AMDL, Paroquiais, Almacave, livro de óbitos, 1887, fl. 17, as.º 65.

/40/ Faleceu às 2h da manhã do referido dia, solteiro, como tenente de infantaria 9, AMDL, Paroquiais, Almacave, livro de óbitos, 1887, fl. 26, as.º 102. Neste assento diz-se que a sua mãe era natural da freguesia de São José, de Lisboa.

/41/ Silva, Inocência, Aranha, Pedro Venceslau de Brito, - *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1884, tomo 12, 5.º do suplemento, p. 135.

/42/ Anúncios publicados n' *O Jornal do Porto* e n' *O Commercio do Porto* de, respectivamente, 24-9-1876 e 2-10-1877 (n.ºs 218 e 284).

/43/ [S.a.] - «Revista Bibliographica de de Portugal». 1874 (Fevereiro, 23), Volume 4, p. 83

/44/ Macário, Joaquim Pinto de Sousa – *Distracções d'um velho*. Lamego: Minerva da Loja Vermelha, 1922.

/45/ Cf. AMDL, Paroquiais, Almacave, Baptismos (1858-1974), fl. 31v-32. Pelo lado paterno era neto de avós incógnitos, pelo lado materno neto de Manuel dos Santo e Maria Sanhuda, ele natural da Guarda e esta de Tabuado, arcebispado de Braga. Foi seu padrinho o tio-avô materno, José António Sanhudo e madrinha, Santa Maria Maior, «(por cuja invocação tocou o R.v.o Eduardo Rebello de Carvalho, Sachristão da Igreja)», fl. 32.

/46/ Referências em Rica, Armando; Cabral, Fernando; Santos António Francisco dos, pref. - *Ilustres de Lamego*. Lamego: Câmara Municipal, 2006, p. 101.

/47/ Cf. Andrade, Adriano da Guerra - *Diccionario de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. Biblioteca Nacional 1999. ISBN: 9789725652626

/48/ Utilizamos a 3.ª edição, cf. Moigénie, Victor de, pseud. - *A mulher em Portugal: cartas dum estrangeiro*. 3.ª edição. Porto: Livraria Educação Nacional, 193-.

/49/ Moigénie, Victor de, pseud. - *O Homem em Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas - editora, 1908.

/50/ Ver imagem V, da iconotopografia.

/51/ Mendes, Adelino - *Terras malditas (Campanha d'um reporter)*. Porto: [Magalhães & Moniz, C.º], 1909.

/52/ O olhar pessoal com que refere Penude, a sua igreja e o seu abade, Macário Coutinho, podem ser reflexo da sua proximidade àquela paróquia, pois ali casou, a 16 de Março de 1892 com Olinda do Carmo Guedes, de 22 anos, natural da Sé, filha de António Guedes Pinto e de Rosa do Carmo Guedes, cf.

averbamento à margem do assento de baptismo supracitado.

/53/ Agostinho, José - *À roda de Portugal*. Porto: Editora Educação Nacional, [1938]. Cf. imagem XVII na «Iconotopografia de Lamego».

/54/ Cf. averbamento à margem do assento de baptismo supracitado.

/55/ [Sant'Anna Dionísio, J. Augusto, org.] - *Guia de Portugal - Vol. V, tomo II: Trás-os-Montes e Alto-Douro. II. Lamego, Bragança e Miranda*. 2.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, 635 ss. Coube a Lambert da Silva redigir a entrada sobre a Casa das Brolhas (cuja fachada fotografou e fez publicar no volume). As outras fotografias são da *Direcção Geral dos Monumentos Nacionais*, do próprio Sant'Anna Dionísio (foto do Castelo, p. 683) e de Daniel Constant.

/56/ Os romances de Abel Botelho assim subtitulados são: o «Barão de Lavos», editado em 1891; «O Livro de Alda», em 1898, «Amanhã», em 1901; «Fatal Dilema», em 1907 e «Próspero Fortuna», em 1910. Todos tratam tipos sociais que Abel Botelho considerava figuras-chave representativas do tempo de decadência conotado com o regime monárquico.

/57/ Fernandes, Rui; Dias, Augusto, transc. e notas - *Lamego do século XVI*. Porto: Edições Beira Douro, 1947.

/58/ Dias, Augusto, transc. e notas - *Lamego do século XVIII*. [s.l.]: Beira Douro, 1950. ISBN:

/59/ Leia-se o que a propósito escreve o republicano Sant'Anna Dionísio escreve em «Alto Douro Ignoto», p. 135-136.

/60/ Fernandes, Rui; Barros, Amândio Jorge Morais - *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas [1531-1532]*. 2.ª edição. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012. ISBN: 978-989-658-188-6

/61/ Correia, Vergílio - *Monumentos e esculturas (seculos III-XVI)*. Lisboa: Livraria Ferin, 1924. Escreve sobre os Monumentos medievais de Lamego, as «esculturas arcaicas do Museu de Lamego» e Cárquere, São Martinho de Mouros, Barrô, Barcos, Sabroso, apenas para referenciar os estudos na esfera da geografia regional lamecense. Acompanham os artigos reproduções fotográficas da sua autoria, de um fotógrafo Mourão e alguns desenhos de João Amaral, director do Museu de Lamego, que o deverá ter acompanhado em excursões «arqueológicas» pela região.

/62/ Correia, Vergílio - *Artistas de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923, p. XIV.

/63/ Correia, Vergílio - *Vasco Fernandes: mestre do retábulo da sé de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924, p. 34-35.

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO (2018)

A presente edição desta antologia (2018) rege-se pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (CDADC), publicado pelo Decreto-Lei n.º 63/85, de 14 de Março, com as alterações introduzidas pelas Leis n.ºs 45/85, de 17 de Setembro, 114/91 de 3 de Setembro, pelos Decretos-Leis n.ºs. 332/97 e 334/97, ambos de 27 de Novembro, e pelas Leis n.ºs 50/2004, de 24 de Agosto, 24/2006, de 30 de Junho e 16/2008, de 1 de Abril, salvaguardando os direitos dos autores aqui representados ou os dos seus sucessores, chamados a autorizar a publicações dos excertos das mesmas. Contudo, para algumas obras não foi possível localizar os ditos sucessores ou herdeiros dos direitos autorais, pelo que se roga o favor de, se em algum caso o leitor considerar que algum texto ou excerto transgrida ou viole a integridade e o direito à obra literária e intelectual, nos queira dirigir o pedido para a devida correcção.

O organizador desta obra deseja agradecer a todos os que permitiram esta publicação, nomeadamente a SPA – Sociedade Portuguesa de Autores que mediu os pedidos de autorização de publicação com os autores e (ou) herdeiros de Agustina Bessa-Luís, António Cabral (na pessoa da sr. Zita Cabral), Aquilino Ribeiro e Miguel Torga; à Porto Editora, pelo contacto efectuado junto da Fundação Saramago e a esta instituição pela autorização gratuita de excertos do texto «Viagem a Portugal». Agradecemos, ainda, à Livraria Lello (à D. Amélia Martinho), aos herdeiros de João Araújo Correia, de João Pina de Moraes, nas pessoas de seu irmão e filho; à Câmara Municipal de Resende e, em particular, às dr.as Ana Maria Pinto e Carla Vicente; à prof.ª Ana Magalhães, como representante da obra de Augusto Dias e a Fernando Dacosta que amavelmente nos permitiu a publicação do seu texto autobiográfico.

À Dr.ª Alexandra Braga Falcão, actual directora do Museu de Lamego e ao Dr. Luís Sebastian, anterior director, um agradecimento particular. A ambos se deve primeiro o acolhimento e depois o total empenho na realização desta obra.

ÍNDICE E REFERÊNCIAS DOS EXCERTOS ANTOLÓGICOS

I

[TRATADO DE UM RICO PANO DE VERDURA] - Rui Fernandes - 1532 [publicado em 1946]

Fernandes, Rui; Dias, Augusto, transcrição e notas - *Lamego do século XVI*. Porto: Edições Beira Douro, 1947, p. 10-11.

II

LAMEGO - Juan Alvarez Colmenar - 1715

Alvarez de Colmenar, Juan - *Les Delices de L'Espagne & du Portugal [...]*. Leiden: [Chez Pierre Vander], tomo V, 1715, p. 715.

III

[MANUSCRITO DO SÉCULO XVIII] – Anónimo - Circa 1733 [publicado em 1950]

Publicado em: Dias, Augusto - *Lamego do século XVIII*. [s.l.]: Beira Douro, 1950, p. 49

IV

LIFE AND TRAVELS OF JOSEPH MATHIAS- Joseph Mathias - 1833

Matias, Joseph - *Life and Travels of Joseph Mathias [...]*. [Londres]: [J. Paterson], 1833, p. 296-297.

V

LES ARTS EN PORTUGAL - Atanazy Raczyński – 1846 [18ª CARTA - 9-8-1844]

Raczyński, Atanazy, conde - *Les arts en Portugal : lettres adressées a la société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents*. Paris: Jules Renouard, 1846, p. 377-378.

VI

PORTUGAL AND GALICIA - Henry John Herbert – 1848

Herbert, Henry John, Earl of Carnarvon - *Portugal and Galicia : with a review of the social and political state of the Basque Provinces* 2.ª edição. Londres: John Murray, 1848, p. 58-61.

VII

AMOR DE PERDIÇÃO - Camilo Castelo Branco - 1863 [edição de 1876]

Castelo Branco, Camilo - *Amor de Perdição (Memórias d'uma Família)*. Porto: Livraria Moré, 1876, p. 29.

VIII

NOITES DE LAMEGO - Camilo Castelo Branco – 1863

Castelo Branco, Camilo – *Noites de Lamego*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1863.

IX

O RETRATO DE RICARDINA - Camilo Castelo Branco - 1868, 1.ª ed. [edição de 1907]

Castelo Branco – *O retrato de Ricardina*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1907, 4.ª edição, p. 61-62.

X

A SECULAR DO CONVENTO DE BARRÔ - Maria do Pilar Bandeira Monteiro Osório – 1882 [capítulos 37 a 39]

Osório, Maria do Pilar Monteiro - *A secular do convento de Barrô*. [Typographia Occidental], 1882, p. 195-210.

XI

SORRISOS E CARINHOS - Boaventura Gaspar da Silva Barbosa - 1894

São Boaventura, Visconde de [Barbosa, Boaventura Gaspar da Silva Costa] - *O livro de Luiza (trovas)*. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional editora, 1894, p. 43-44.

XII

MOCIDADE PERDIDA - Fausto Guedes Teixeira – 1895

Teixeira, Fausto Guedes - *Mocidade Perdida*. Coimbra: [Manuel d'Almeida Cabral, Editor], 1895, p. 13-19.

XIII

FESTAS DOS REMÉDIOS - Joaquim Caetano Pinto - [1896]

Pinto, Joaquim Caetano - *Resende nas Letras*. Braga: [edição do autor], 1985, p. 151.

XIV

MULHERES DA BEIRA - «A Fritada» - Abel Botelho – 1898

Botelho, Abel - *Mulheres da Beira (contos)*. Lisboa: Libanio & Cunha editores, 1898, p. 133-139.

XV

A FAMÍLIA MALDONADO - Vieira da Costa – 1898

Costa, José Augusto Vieira da - *A Família Maldonado (pathologia social)*. Lisboa: Livraria Central de Gomes Carvalho, editor, 1908, p. 7-8.

XVI

SEM REMÉDIO... - Abel Botelho - 1900

Botelho, Abel - *Sem remedio... ethologia d'um fraco*. Porto: Livraria Chardron, 1900, p. 7-17.

XVII

SÁTIRAS E GALHOFAS (1899)

LÁGRIMAS: GEMIDOS D'ALMA (1899)

PIADAS E PICADAS (1900) - Joaquim Pinto de Sousa Macário - 1899 / 1900

Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Satyras e galhofas: Livro de versos alegres*. Lamego:

[Minerva da Loja Vermelha], 1899, p.

Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Lgrimas: gemidos d'alma*. Lamego: Imprensa Moderna, 1899, p. 23, 35.

Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Piadas e picadas*. Lamego: Imprensa Moderna, 1900, p. 63, 162.

XVIII

AS MARGENS DO DOURO - Felisberto Teixeira Pinto – 1903

Pinto, Felisberto Teixeira - *As Margens do Douro*. [Porto]: Editor João dos Santos Ferreira, 1903, p. 50.

XIX

A MULHER EM PORTUGAL – José Agostinho – 1907

Moigénie, Victor de (pseud de José Agostinho de Oliveira) - *A mulher em Portugal: cartas dum estrangeiro*. 3.ª edição. Porto: Livraria Educação Nacional, 193-.

XX

O HOMEM EM PORTUGAL – José Agostinho – 1908

Moigénie, Victor de (pseud de José Agostinho de Oliveira) - *O homem em Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas - editora, 1908.

XXI

SENHORA DOS REMEDIOS - Aquilino Ribeiro – 1908

Ribeiro, Aquilino - «Santuário dos Remédios (Lamego)». *Serões*. n.º 31 (1908). p. 17-23

XXII

TERRAS MALDITAS - Adelino Mendes – 1909 [capítulo XXII]

Mendes, Adelino - *Terras malditas (Campanha d'um reporter)*. Porto: [Magalhães & Moniz, C.ª], 1909, p. 165-171.

XXIII

CANTICOS D'ALMA - Joaquim Pinto de Sousa Macário – 1912

Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Canticos d'Alma*. Lamego: Minerva da Loja Vermelha, 1912, p. 151-160

XXIV

A BEIRA NUM RELÂMPAGO - Teixeira de Pascoaes – 1916

Teixeira de Pascoaes, pseud. - *Verbo escuro. A Beira (num relâmpago)*. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, [s.d.].

XXV

VIA SINUOSA - Aquilino Ribeiro – 1922

Ribeiro, Aquilino - *A via sinuosa*. Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1922, p. 168-170.

XXVI

ARTISTAS DE LAMEGO - Vergílio Correia – 1923

Correia, Vergílio - *Artistas de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923, p. VII-XI.

XXVII

MALES DE AMOR - Emília de Sousa Costa – 1923

Costa, Emília de Sousa - *Males de Amor*. Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora, [1923], p. 10-11.

XXVIII

LAMEGO NA ARTE NACIONAL - Carlos de Passos – 1933

Passos, Carlos de - *Lamego na Arte Nacional*. Porto: Artes Gráficas, 1933, p. 18-23.

XXIX

VIAGENS NA MINHA TERRA - Afrânio Peixoto – 1938

Peixoto, Afrânio; Sousa, Alberto de, des. - *Viagens na Minha Terra*. Porto: Livraria Lello, 1938, p. 143-146.

XXX

SEM MÉTODO - João de Araújo Correia – 1938 [edição de 1983]

Correia, João de Araújo - *Sem método*. 2.ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, 195-196.

XXXI

A CRIAÇÃO DO MUNDO - Miguel Torga - 1937 (edição de 1970)

Torga, Miguel - *A Criação do Mundo* [volume I]. 4.ª ed. Coimbra: Edição do autor, 1970, p. 74-80.

XXXII

SANGUE PLEBEU - Pina de Moraes – 1942

Morais, Pina de - *Sangue Plebeu*. Porto: Edições Marânus, 1942, p. 39-45.

XXXIII

CASTELOS DE ESPUMA – Jorge de Vil'alva (pseud.) 1945

Vila'Alva, Jorge de - *Castelos de Espuma*. Lamego: Edições Crisos, 1945.

XXXIV

ARCAS ENCOIRADAS - Aquilino Ribeiro - 1953 (edição de 1974)

Ribeiro, Aquilino - *Arcas encoiradas*. Amadora: Livraria Bertrand, 1974, p. 227-228.

XXXV

NOVAS FARPAS: 3 CAMPANHAS - Augusto Dias – 1953

Dias, Augusto - *Novas Farpas: 3 campanhas*. [Vila Nova de Famalicão]: Edições «Beira e Douro», 1953, p. 13-19.

XXXVI

SOLO DE CLARINETA - Erico Veríssimo - 1959 [editado em 1973]

Veríssimo, Erico - *Solo de Clarineta*. Lisboa: Livros do Brasil, [1973], p. 188-189.

XXXVII

POEMAS DURIENSES - António Cabral – 1963

Cabral, António - *Poemas Durienses*. Vila real: [Edição do autor], [1963],

XXXVIII

ALTO DOURO IGNOTO - Sant'Anna Dionísio – 1973 [edição de 1977]

Dionísio, José Augusto Sant'Anna - *Alto Douro Ignoto*. 2.ª edição. Porto: Lello & Irmãos - Editores, 1977, p. 103-110.

XXXIX

VIAGEM A PORTUGAL - José Saramago – 1985 [edição de 1996]

Saramago, José, texto; Abreu, Maurício de, fot. - *Viagem a Portugal*. 12.ª edição. Editorial Caminho, 1996. ISBN: 972-21-0047-5, p. 126-129

XXXX

VALE ABRAÃO - Agustina Bessa-Luís – 1991 [edição de 1993]

Bessa-Luís, Agustina - *Vale Abraão: romance*. 2.ª edição. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. ISBN: 972-665-369-X, p. 8-11.

XXXXI

VOZES DO DOURO: ANTOLOGIA DE TEXTOS DURIENSES - GIGANTESCO NAVIO - Fernando Dacosta – 2003

Dacosta, Fernando - «Gigantesco navio»- In [AA.VV.] - *Vozes do Douro: antologia de textos durienses*. [Maia]: Câmara Municipal de Lamego, 2003. ISBN: 972-99089-0-7, p. 85-87.

II PARTE

ANTOLOGIA

[TRATADO DE UM RICO PANO DE VERDURA]

Rui Fernandes

1532

[publicado em 1946]

[...]

Ao redor desta cidade de Lamego deitando um compasso da Cruz e Miradouro que Vossa Senhoria mandou fazer na Franzia duas léguas em redor as quais se todas podem ver do dito miradouro para uma parte e outra em torno do dito compasso, ainda que a terra é montuosa se vê o dito circuito; a qual terra é mui viçosa e perfeita de todos os renovos do dito compasso de duas léguas, porque parece no Verão um mui formoso parque ou excelente pano de fina verdura. E porque Mestre António de Guimarães fez um tratado das coisas de Entre Douro e Minho que assaz é bom e tido em muito, quanto mais é de ter tão pequeno circuito e tão viçoso e abastado, porque ousarei dizer que em Espanha se não mostrará tal compasso de duas léguas; nem as Arribas de Alenquer muito gabadas, nem as catorze léguas de Santarém a Lisboa porque ainda que se façam muito viçosas e o porto de mar as favoreça, não são tão perfeitas em todas as coisas como estas, que dezasseis léguas estão metidas no sertão e as outras terão outras coisas muito mais em abundança, mas não que tenham tudo como estas como Vossa Senhoria verá pelos capítulos deste tratado, de muitos renovos em grande abundança para o compasso da terra; e ousarei dizer que sendo ilha nunca se tomará por cerco.

[...]

LAMEGO

Juan Alvarez Colmenar

1715

[...]

LAMEGO est une ville ancienne & Episcopale, apèlée autrefois Lama, située près du Douere, Capitale d'une Comarca. L'Evêque de Lamego est suffragant de Braga, & a dix-huit mille ducats de revenu. Cette ville est célèbre dans l'Histoire de Portugal, par l'affemblée des Etâts, qui s'y tint l'An 1143. Sous Alfonse premier Roi de Portugal, pour dresser les Loix fondamentales du Royaume. Le terroir de Lamego est fertile en excellent vin, & l'on y en recueille une si grande quantité, qu'il y en a dequoi fournir plusieurs Provinces.

[...]

[MANUSCRITO DO SÉCULO XVIII]

Autor anónimo

Circa 1733 [publicado em 1950]

Assento da Cidade

É esta Cidade situada a forma de uma lua crescente, da qual faz a ponta boreal a rua da Seara, e a ponta austral a rua de Além da Ponte de Balsemão; o meio corpo faz o bairro, em que está situada a Sé, e o Palácio Episcopal, junto dos quais a atravessa o rio Coura, que nascendo meia légua de distância na serra de Penude, e frutificando os campos que dele tomam o nome, depois de vir por baixo de três pontes de pau antes de entrar na Cidade, passa no limite desta por baixo de quatro de cantaria, e no arrabalde das Lágeas por outra igual.

O terreno da Cidade é desigual porque o alto dela, para a parte do norte é plano, que chamam o bairro da Praça de Cima fora do Castelo, e logo este, e a rua que pela parte de fora do muro o acompanha, vai descendo pouco a pouco até o bairro da Sé onde torna a descer até a ponte de Balsemão, suposto, que na última ponte austral torna a subir pouco espaço. De sorte que desde a primeira ponte até à última pode fazer uma milha nossa ou um quarto de légua. Da parte de noroeste e oeste a assombra a serra de Penude, que lhe fica eminente a tiro de peça, e da parte de leste lhe fica em distância de uma légua a serra de S. Domingos de Queimada, e do sul o Monte da Tamboreira, que está sobranceiro e pendente sobre o bairro de Além da Ponte em que termina a Cidade.

[...]

LIFE AND TRAVELS OF JOSEPH MATHIAS

Joseph Mathias

1833

[...]

On the following day we proceeded towards Lamego, and arrived there about seven o'clock in the morning. We got a refreshment, and during the time that our mules were feeding I took a walk through the place. This ancient and populous city is situated partly on the north side of a hill, and partly on a plain on the bank of the river Balsamo, which empties itself into the Douro. Henry, father to the first king of Portugal, recovered this city from the Moors, and erected it into a bishoprick worth £2000 per annum. The Cortes were first summoned to this place by King Alphonso, who was the first that enacted laws for the kingdom of Portugal. The streets, which lie on the face of a hill, are

narrow and crooked, but are causewayed and very clean, on account of the rains carrying all the filth down to the river, as formerly mentioned; those on the plain are broader, laid out on a more regular plan, but in general not so clean. On the west side of the town, on the top of a beautiful summit, stands a church called Nosa Senbadra [sic] Dosremados, the walls of which are adorned with crosses of exquisite workmanship, cut on stone, and ornamented internally with altars and paintings of various kinds; the roads to it are by steps on the right and left, adorned by crosses and pillars of fine marble, and at a distance had such a beautiful appearance that it surpassed any thing which I had ever witnessed. In this town is a house of relief, with an hospital and a strong jail, which at this time contained no less than 2000 prisoners. There are also two convents, but the priesthood are not so numerous here as in Oporto or Lisbon. The houses are in general two stories high, and although old, they still have a very fine appearance; the inhabitants amount to between thirty and forty thousand, all agriculturists, having a very good opportunity of conducting their business down the river Douro, and thence to Oporto. They are in general very rich, though they were much harassed by the French during the late war.

[...]

LES ARTS EN PORTUGAL

Atanazy Raczynski

1846

[18^e CARTA - 9-8-1844]

[...]

A Tarouca nous avons pris un peu de repos dans la maison d'une dame, et nous sommes arrivés à Lamego (une lieue et demie) un peu avant le coucher du soleil. L'aubergiste, M. Veturino et sa fille sont les meilleurs gens du monde, et on est très bien chez eux. Mes compagnons de voyage sont restés dans cette maison, et moi j'ai profité de l'hospitalité qui m'a été offerte à Porto par M. Taveira. J'ai passé la nuit dans sa maison, ou, en l'absence du maître, j'ai été reçu et traité de la manière la plus aimable par M. Teixeira. J'avais besoin de repos et j'ai été servi à souhait, car la maison de M. Taveira est un modèle d'ordre, de confort et de propreté. M. Taveira a été sénateur et avec le retour de la charte il s'est éloigné de la vie publique. Les maisons des Brolhas, Poço, Balsamão, Pinheiro et Mores, sont avec celle de Taveira, les plus anciennes de cette ville et des environs.

Le portail de la cathédrale de Lamego est, dit-on, l'oeuvre d'Alfonso Henriquez. Je l'aurais cru de l'époque de Jean Ier ou très peu antérieure. L'intérieur est moderne et n'offre nul intérêt.

L'histoire fait remonter l'existence de Lamego au temps des Romains et des Goths. La petite église de Santa Maria d'Almacave où, suivant la tradition, se tenaient les premières cortès, est une intéressante vieillie; elle présenterait encore plus d'intérêt si tout ce qui s'est dit pendant plus de deux siècles au sujet de ces cortès, n'avait pas été dernièrement réfuté d'une manière qui laisse à ces cortès peu de chances de passer dorénavant pour une vérité. Le château en ruine, dont l'existence date des Maures, présente le panorama le plus riche et plus vaste. Dans la ville, plusieurs maisons ont conservé des ornemens architectoniques de la plus grande antiquité et d'un travail curieux. Je n'ai pas emporté de Lamego une seule impression qui ne fût agréable; et je compte dans ce nombre le plaisir de m'être séparé de ma litière, de mes mules et de Bernardo, le litereiro, qui pourra dorénavant vexer qui bon lui semblera, mais qui peut être bien sûr que je ne lui tomberai plus sous la main, si je puis l'éviter.

Je suis parti de Lamego, le 1^{er} août, à 1 heure du matin, pour A Regoa qui en est éloigné d'une lieue et demie.

[...]

PORTUGAL AND GALICIA

Henry John Herbert

1848

[...]

In the evening I adjourned to the house of Senhor Ferreira, a gentleman of large fortune, who received me with the utmost hospitality. He had, in many respects, adopted English customs; much of his furniture was English, and the china in his house was of British manufacture, and most costly. I slept there, and on the following day rode to Lamego, accompanied by Senhor Antonino, his son, a quick and lively boy, and Mr. Carey, his tutor, a gentleman of the Catholic persuasion. We crossed the Douro, and, leaving the Traz os Montes, entered Beira, where we found the road good but hilly, and the mountains on each side covered with vines in the highest state of cultivation. We stopped at the house of a young noble, who informed us of King Ferdinand's departure for Catalonia. He had a clever, and the world said a pretty sister, but, as she would not indulge my curiosity by appearing, we rode on with little delay through a heavy shower to Lamego, and alighted at the house of Senhor Joaquim de Castro da Fonseca e Sousa, a noble of ancient family, and father of Senhor Macarao, the young man whom I dined with on the preceding day.

We were shown into a well-furnished apartment, where I found, with equal joy and surprise, a comfortable fireplace, and that greatest of earthly blessings in a tireless land, a fire. From an open window I looked out upon a little garden, divided into

numberless parterres and gaily decorated with flowers. I saw a fine mimosa growing in the open air, some specimens of the large-leaved catalpa, and of the dark-coloured medronheiro, from the fruit of which a weak kind of brandy is extracted.

Senhor Joaquim was absent when we first arrived, but soon afterwards appeared. He had passed the meridian of life, but evident traces of manly beauty were still discernible. He was a man who at once enlisted every prepossession in his favour, and whose countenance might be considered an index to his character, for it was impossible to observe the expression of his mild inteligente eye without being convinced that it could only emanate from a candid and honourable mind; nor could I hear him speak without feeling at once that he had lived in the best society.

We were joined by the family priest at dinner, about four o'clock, for, in consequence of the connexion which has so long existed between the British and the Portuguese inhabitants of the wine-district, the dinner is often here served up at a later hour than in other parts of the kingdom. On re-entering the drawing-room I saw a blazing fire, a handsome Newfoundland dog, and a pug, somnolent upon the hearth. This complication of delights transported me to England, and I would hardly have exchanged pug, fire, and my arm-chair for the ruins of Palmyra.

We retired early to rest. My room was spacious, and had a fireplace, which, generally speaking, is in Portugal a proof of great antiquity, as fireplaces, since disused, were common among the Portuguese in the early days of the monarchy. I did not sleep immediately, but lay for a long time surveying my apartment by the light of the lamp. Every object spoke of ancient descent, and revived that train of association so dear to an Englishman, and so early impressed on his mind. The walls were hung round with portraits of the old chiefs of the house: the bed, formerly reserved for state occasions, was lofty, hung with crimson silk, and constructed after the solid fashion of other times; even the fireplace bore the impress of a convivial age, and might have accommodated a large circle around its ample hearth.

After breakfast on the following day we walked round Senhor Joaquim's grounds, and then explored the town of Lamego, which is very ancient, full of picturesque beauties and old remains of art. Fragments of capitals are half buried in walls comparatively modern; and arches now lead into the dwellings of the poor, which once formed a noble entrance to houses belonging to Christians or Moors of distinction; for the Christians at one period imitated the Oriental architecture so closely, that it is often difficult to discriminate between their respective buildings. The balconies and wooden frame-work around the windows are beautifully carved in Moorish taste, the balustrades twisted, and the lattices richly ornamented. The houses are high and overhanging, and the streets narrow; but this very want of breadth heightens the picturesque effect.

His Excellency led me to an ancient church, where the Portuguese Estates, the

memorable Cortes of Lamego, are said to have met for the first time. Near the door is an iron cross, cut in the form generally used by the Templars, and this has induced a belief that the building was once attached to that order. The exterior has been whitewashed, and the effect in consequence greatly injured. The interior derives interest solely from its antiquity and its great historical recollections; it is so confined that the number of persons assembled in Cortes must have been extremely limited.

Senhor Joaquim then led us to the site of an old church, under the belief that it still existed; but the proprietor, to his eternal disgrace be it said, had recently erased every vestige of the old fabric: it was, however, grateful to see the patriotic sorrow which this venerable noble displayed when he discovered that one of the most curious and most ancient monuments of the kingdom had been destroyed.

The old walls of the town are partially preserved: there is a fine Saracenic tower, and a magnificent reservoir of water.

Senhor Antonino and Mr. Carey were becoming anxious to return to Regoa, as we were engaged to dine with Senhor Ferreira; and Senhor Joaquim offering to accompany us, we now retraced our steps. As we passed through the town I was much impressed by the respect and affection with which all classes seemed to regard this popular noble, for he was greeted universally, and individuals seemed gratified whenever he addressed them; and this was evidently not that homage which the "poor heart would fain deny but dare not," but the genuine expression of sincere attachment. The people are often fond of their resident Fidalgos, and especially of those whose names have been handed down from father to son for many generations. The jealousy with which they are sometimes viewed prevails chiefly among the middling classes.

Senhor Joaquim took leave of us at Regoa, and we repaired to the house of Senhor Ferreira, where we dined.

[...]

AMOR DE PERDIÇÃO

Camilo Castelo Branco

1863, 1.^a ed. [edição de 1876]

[...]

Não tenho assumpto de tradição com que possa deter-me em miudezas da vida do provedor em Lamego. Escassamente sei que D. Rita aborrecia a comarca, e ameaçava o marido de ir com os seus cinco filhos para Lisboa, se elle não sahisse d'aquella intractavel terra. Parece que a fidalguia de Lamego, em todo o tempo orgulhosa d'uma antiguidade, que principia na aclamação de Almacave, desdenhou a philaucia

da dama do paço, e esmerilhou certas vergonteadas podres do tronco dos Botelhos Corrêas de Mesquita, desprimorando-lhe as cans com o facto de elle ter vivido dois annos em Coimbra tocando flauta.

[...]

NOITES DE LAMEGO

Camilo Castelo Branco

1863

Chama-se este livro Noites de Lamego, em razão de serem proverbias em comprimento, profundidade, e largura as noites d'aquella terra, a tantos respeitos interessante, e, sobre todos os respeitos, interessante pelos excellentes presuntos que a caracterizam na historia da civilisação culinária a mais prestadia de quantas ha. Para uma d'aquellas noites infinitas, cuida o author - pedindo vénia da immodestia - que este seu livro deve de ser, n'umas compleições, leitura de engalhar o somno rebelde; n'outras, distractivo expediente para aligeirar as horas. Está dada a razão do abstruso titulo.

O RETRATO DE RICARDINA

Camilo Castelo Branco

1868, 1.ª ed. [edição de 1907]

[...]

Descavalgou no pateo da residência episcopal. Era noite. Enviou o seu nome. O bispo, receoso do hospede, acercou-se de fâmulos, e mandou entrar á sua presença o abbade de Espinho. Apenas se defrontaram, os olhos de padre Leonardo menos escarlates que as incendidas belfas afusilavam faúlhas.

Latejavam-lhe as cordoveias do pescoço esticadas pela tumidez dos gorgomilos, onde as vozes se represavam abafadas pelo rancor.

O prelado esperava, não sem assombro, o estalar d'aquella borrasca.

Estourou emfim, perguntando com que direito lhe era roubada a mãe de suas filhas?

A inépcia da pergunta fez sorrir o bispo:

— Quem roubou a mãe de suas filhas? A mãe de suas filhas é uma peccadora,

manceba de um padre, e padre pastor de almas?

— E! - bradou o abbade.

— Pois se é, incline-se diante de Deus, como ella.

— Quem é Deus? é vossa excellencia? - tornou o clérigo.

— Deus é Aquelle! - e apontou para um retábulo em que se figurava o lance do horto de Gethsemani.

Padre Leonardo não seguiu de olhos o dedo indicador do venerando prelado. Deu dois passos trémulos, apertou entre as mãos convulsas o chapéo de seda, e rouquejou:

— Sabe quem sou eu?

— Já recebi a noticia de seu nome, senhor abbade de Espinho.

— Não sou abbade de Espinho: sou homem; e, como homem, o meu nome é Leonardo Botelho de Queiroz.

Guarda bem de memoria este nome, senhor bispo.

— O seu nome não me pertence. Respeite a jurisdicção do seu prelado, senhor abbade. Queira recommendar-se ao senhor bispo de Vizeu, que me dizem ser bom theologo e exemplar príncipe da egreja. No entanto, direi ao senhor Leonardo Botelho de Queiroz o que se diz a todo homem vicioso e corrompido: *Nisi poenitentiam habueritis omnes similiter peribitis*. Palavras de S. Lucas, senhor abbade... *Et... annunciam ui pcsnoentiam agerent et converterentur ad Deum, digna poenitentiae opera facientes*. Palavras dos «Actos dos Apóstolos» senhor abbade.

O padre Leonardo não sabia bastante latim: sem embargo, percebeu que o bispo lhe aconselhava penitencia; com o quê, espirrou uma guinada de riso cynico, e voltou as costas ao respeitável admoestador, dizendo:

— Nós conversaremos em idioma portuguez, senhor bispo.

— Necessário lhe será, senhor abbade de Espinho - replicou suave e risonho o prelado.

Já se tinha divulgado em Lamego a chegada do tonsurado valentão, que por ali, na mocidade, afamára o nome com façanhas condignas de outras da começada velhice. Os parentes esperavam-no atemorizados defronte do paço, e lastimavam a posição perigosa do bispo. Sairam-lhe ao encontro, quebrando-lhe os assomos com judiciosas reflexões, tendentes a convencerem-n'o da desairosa saída que elle ia dando em conjuncção de tamanho melindre para si e mais ainda para D. Clementina Pimentel, illustremente aparentada n'aquella terra.

Reduziu-se algum tanto o abbade, assediado de cavalheiros e senhoras, suas

primas, ás quaes prometteu portar-se de modo adequado ao seu nascimento e estado. Levaram-no pelos brios jerarchicos.

A noite desvelou-a, cañado de espirito e macerado de corpo, resultas do muito que chotára no macho por aquellas penhascosas nove léguas de sua casa a Lamego.

Sol nado, saiu do quarto furtivamente e encaminhou-se ao convento das Chagas. Esperou que se abrissem as portas, e annunciou-se a sua filha. Conduziram-no ao locutório, onde já o esperava Ricardina.

Algumas memorias resam que o padre Botelho de Queiroz chorára, quando viu a filha. Duvida a minha sciencia experimental do coração humano. Dê-se, porém, de barato que chorasse. O que pertence aos factos averiguados d'esta historia é que o abbade perguntou á filha:

— Tua mãe?

— Está doente.

— Quero vé-la.

— Está de cama com febre desde que entrou; mas, se o pae quer, digo-lhe que...

— Preciso fallar-lhe - concluiu o pae.

Saiu a noviça e voltou com a resposta:

— A mãe não póde erguer-se; e pede ao pae que a não procure mais.

[...]

A SECULAR DO CONVENTO DE BARRÔ

Maria do Pilar Bandeira Monteiro Osório

1882

[capítulos 37 a 39]

XXXVII

Lamego

Na provincia da Beira-Alta, a 12 kilometros da ponte que atravessa o Douro e liga as duas provincias, entre alcantiladas e agrestes serras, recosta-se a antiga cidade de Lamego. Banha-a pelo norte o rio Balsemão, conhecido outr'ora pelo nome de Unguio, o qual tem suas fontes na serra de Penude, a duas legoas d'aquella cidade.

Corre este rio profundamente, despenha-se em catadupas, affunda-se em poços

profundissimos, e depois de atravessado por tres pontes, e de receber as aguas do Cavallar, que se reúnem na extremidade da cidade, lança-se no Varosa, e ambos dão entrada no Douro junto da formosa e soberba ponte da Regoa.

Remonta a tão antigas eras a origem da cidade de Lamego, que se lhe não póde assignar data, nem tão pouco designar ao certo quem foram os seus fundadores. Dizem alguns antiquarios, entre elles o padre Carvalho, que Strabão na sua geographia diz que, entrando pela Celtiberia uns povos gregos, chamados Lacones e passando a Lusitania, ahí fundaram algumas terras entre outras a celebre Lacunimburgo, a qual mais tarde se chamou Lameca e ainda mais tarde Lamego. Dizem outros que os celtas a fundaram 360 annos antes da era christã, e tivera por nome Lando ou Lacomargo. Dizem-nos tambem velhas tradições, que a cidade de Lamego não tivera principio no local aonde agora a vemos; que o seu primeiro assento fôra nos campos de Nossarons, mas que revoltando-se contra os romanos no tempo de Trajano, fôra por elles incendiada, e os seus habitantes exterminados, e que as reliquias d'estes fugindo d'aquelles sitios, vieram fundar a nova Lamego aonde agora existe. Diz ainda a tradição, que em parte do terreno incendiado da cidade fôra edificada a povoação de Queimada, cujo nome dá testemunho d'aquella catastrophe. Seja como fôr, é certo que a cidade de Lamego conta muitos seculos d'existencia e que em remotas eras foi terra muito importante.

Além do domínio dos romanos, que alli fizeram larga residencia, soffreu Lamego o dos arabes e d'estes foi côrte de reis. Entre estes são conhecidos Zabadan Abem Huin, que fundou Mondim, Lalim, Lasarim e Varzea de Abruhaes, e Eicha Martins, que, sendo vencido por D. Henrique, se converteu ao catholicismo, concedendo-lhe o vencedor o goso das prerogativas em que estava, mediante tributo e vassallagem.

Em 1057 foi a cidade de Lamego conquistada por Fernando I, rei de Castella, cognominado o magno, em cuja pugna se achou o celebre Ruy Dias, conhecido na historia pelo leal campeador.

Possue Lamego monumentos muito antigos. Taes são: o Castello com as suas cisternas, a sua torre de menagem e a celebre janella mandada abrir pelo marquez de Marialva, que provocou a celebre resposta de D. João II, que mais valia quem a abria, que quem a mandou abrir; dito que mostra a parcialidade d'aquelle rei pelo povo, ou a emulação que lhe causavam os poderosos senhores de seu tempo.

A igreja de Santa Maria d'Almacave, que, segundo as tradições e historiadores antigos foi mesquita de moiros e depois cathedral, e aonde se celebraram as primeiras côrtes que houve em Portugal, nas quaes se consignou a independencia d'este reino e proclamou rei D. Affonso Henriques. Alguns historiadores modernos negam a existencia d'estas côrtes, fundando-se na falta de documentos e no silencio das chronicas antigas a tal respeito.

Nada posso adduzir em favor de taes opiniões, ou contra ellas, só direi ter ouvido que proximo d'aquella egreja ha uma casa com apparencia de muita antiguidade, que tem o nome de casa das côrtes de Lamego.

Talvez que na opinião dos modernos historiadores actuasse um pouco o espírito de partido, por haver um, que firmou n'essas côrtes a legitimidade de uma dynastia.

E' tambem formoso monumento d'essas eras a Sé actual, a qual foi mandada edificar pelo conde D. Henrique, e foi sagrada por D. Bernardo, arcebispo de Tolledo.

Tem esta cathedral entre outras cousas notaveis um altar privilegiado, dedicado à Senhora do Rosario. No claustro, duas capellas, uma dedicada a Santo Antonio e outra a S. João Baptista, sendo esta, cabeça da parochia, a qual tem um cura apresentado pelo bispo.

Na capella do Santíssimo, que é da parte da epístola, está embutida na parede a sepultura de D. Guiomar de Berredo, neta de D. Affonso III. Esta senhora teve o titulo de rica dona. Possuiu muitas terras nos suburbios de Lamego, e d'ellas fez doação ao cabido da Sé da mesma cidade.

Sobre a sepultura de D. Guiomar estão gravadas as armas reaes com a cruz dos Pereiras.

Junto d'esta capella está outra que é cabeça do morgado de Balsemão, o qual foi instituido por um bispo do Porto, cuja sepultura está na capella, que esta familia possui junto do rio Balsemão, proximo da ponte de Recião.

Na capella de que acima fallei, e que é abobadada, vê-se uma formosa sepultura com este epitaphio: - Aqui jaz Alvaro Pinto da Fonseca, fidalgo da casa d'El-rei nosso senhor e morgado de Balsemão e sua mulher Violante Borges de Tavora e seus paes e avós, o qual fez esta capella e a dotou com missa quotidiana. Anno de 1562.

Na mesma capella se acham as armas dos Pintos e FONSECAS.

XXXVIII

Ainda a cidade de Lamego

E' muito extenso o catalogo dos bispos de Lamego. Segundo o padre Carvalho, o primeiro que gosou esta dignidade, tinha por nome Severo, o que teve logar pelo anno 203. Diz tambem o mesmo, que Idacio, insigne escriptor natural da mesma cidade, se convertera ao catholicismo e fôra igualmente bispo de Lamego. Depois houve, entre outros, os seguintes:

D. Mendo que foi monge de S. Bernardo e abbade do convento de S. Pedro das Aguias e se achou na sagração da egreja de S. João de Tarouça, anno de 1169. D.

João de Madureira da Silva, o qual vivendo vida desregrada, a reformara a rogos de D. João II. Este bispo fez muitas obras na Sé. D. Fernando de Menezes, parente da casa real, capellão mór d'el-rei D. João III e depois arcebispo de Lisboa. Este bispo entre outras obras mandou fazer o terreiro dos paços dos bispos e mandou-lhes murar a cerca. D. Manoel de Nononha que fez muitas obras na Sé, fundou o collegio de S. Nicolau e o dotou de rendas para oito capellães e mandou edificar uma capella na Sé e n'ella jaz sepultado. Este prelado mandou edificar tambem as ermidas do Espírito Santo, da Senhora dos Meninos e da Senhora dos Remedios, isto é, a capella antiga, porque a que agora se venera no viso da colina foi mandada edificar pelo conego da Sé de Lamego o benemérito José Pinto Teixeira no anno de 1750; o bispo D. Manoel de Noronha faleceu no anno de 1568. D. Antonio Telles de Menezes que fundou o convento das Chagas e o dotou. Está sepultado na capella mór do mesmo convento e sobre a sua sepultura lê-se o seguinte epitaphio: Sepultura de D. Antonio Telles de Meneses, bispo que foi de Lamego, o qual o fundou e dotou. Anno de 1598.

Na mesma capella está mettida na parede da porta do evangelho uma pedra com este letreiro: D. António Telles de Menezes filho de Braz Telles de Meneses camareiro mór, guarda mór e capitão mór dos ginetes do infante D. Luiz e de D. Catharina de Brito sua mulher, fundou e dotou este mosteiro das Chagas, aos vinte e cinco dias do mez novembro de 1588.

O bispo fundador, entre outras obrigações, deixou a de se celebrarem duas missas quotidianas por sua alma, sendo uma d'estas cantada e resar tambem quotidianamente um responso sobre a sua sepultura.

O convento das Chagas tem seu assento ao norte da cidade na sua extremidade e na raiz da montanha. E' uma boa casa com templo correspondente, espaçosa e productiva, cerca e formoso largo na frente ao qual dão o nome de Campo das freiras, sendo este largo o melhor da cidade. Está actualmente reduzido a jardim publico.

Gozava este convento de avultadas rendas e numerosa commuidade e gozava tambem de bons creditos e boa disciplina. Depois das reformas de 1832 decaiu e hoje apenas tem duas freiras.

A cidade de Lamego, alem d'este convento, possui um recolhimento que tem a invocação de Santa Thereza; possuiu até 1832 tres conventos de homens dos quaes o mais antigo é o de S. Francisco que pertenceu aos templarios. A igreja foi mandada edificar por Joanne Annes, abbade de S. Pedro das Aguias. Hoje serve esta casa de hospital militar.

O segundo de conegos de S. João Evangelista foi fundado pelo doutor Lourenço Mourão Homem arceidiago da Sé de Lisboa e desembargador do Paço e por elle foi dotado com a quinta de Santa Cruz. E' hoje quartel militar do regimento d'infanteria n.º 9.

O terceiro de eremitas de S. Agostinho fundado pelo doutor Francisco d'Almeida Cabral, desembargador do Paço, é hoje casa do tribunal judicial e de quasi todas as repartições publicas. Seria para desejar que alli estivesse também a recebedoria pelas relações que tem com a repartição da fazenda.

Entre os edificios publicos avulta o paço dos bispos, casa magnifica, com bom atrio e boa cerca. O hospital e Seminario que lhe ficam proximos tambem são boas casas, mas tem poucas condições de salubridade. Poucos mais edificios publicos possui Lamego e os melhores d'esses eram casas religiosas, que depois da transformação politica de 1834 tiveram esse destino.

Em casas particulares prima a velha cidade como poucas de província, pois são muitas as que possui e todas grandiosas e magnificas. Das famílias illustres a quem pertencem algumas residem n'ellas, outras estão ausentes.

Largos tem Lamego alguns e bons, taes são os de Santa Cruz, Rocio, Campo das freiras e um outro aberto ha pouco junto da ponte do Cavallar. Alguns estão arborisados, teem assentos e outros adornos.

E' muito para admirar que uma cidade tão antiga, como a de que estamos fallando, e que gosa ha tantos seculos os foros e regalias de terra grande, estacionasse tão longos annos em extensão e aformoseamento e comtudo é certo, que assim tem acontecido. Ainda ha bem pouco as suas ruas eram estreitas e mal calçadas, as suas praças acanhadas e difficientes, o transito difficil, especialmente para carros, notavel a falta de policia e aceio. Tal era Lamego e tal a veriamos continuar a ser, se as camaras penultimas não tivessem empenhado suas forças em destruir os torpeços que se oppunham ás reformas e melhoramentos de que tanto carecia a velha cidade. A essas camaras cabe pois esta honra e nomeadamente ao benemerito e prestante cidadão José Augusto Guedes Teixeira (visconde de Guedes Teixeira), que, com mão robusta, impulsionou o movimento reformador, com intelligencia e actividade, lhe delineou o percurso e com vigorosa vontade o sustentou, não poupando esforços, sacrificios e abnegações para que vingasse e vingou, pois que quem ha menos de dous annos estivesse ou passasse em Lamego e estiver ou passar hoje, fica maravilhado da transformação, que se tem operado na rainha da margem esquerda do Douro.

As estradas que lhe entroncam no centro e seguem mais longo destino, as avenidas tão urgentes que lhe abriram, despedaçando o rude manto que a envolvia deixaram a descoberto os formosos contornos e as lindas galas que a adornam. Agora a vista espraia-se deliciada pelos vinhedos que formam a cauda do vestido que a entraja, pelos valles fundos que são cortados e fertilizados, ou pelo rio caudaloso e espumante, ou pelo arroio que serpenteia murmurando por entre a viçosa e verde relva. Agora os seus palacetes elevam-se magestosos e deixam expostas á vista as suas grandiosas proporções. Agora os edificios que lhe vem de remotas eras, parecem surgir da terra para de novo ostentarem todo o seu esplendor. Agora por entre esses edificios e

palacetes veem-se balouçar os ramos que lhe adornam os vergeis, ou frondentes e copados ou matisados de flôres. Agora o vetusto castello que a corôa levanta-se negro e massiço como um padrão que tempos afastados deixaram ahi para attestar a solidez das suas obras e seus feitos gloriosos na defeza dos lares patrios.

Agora, emfim, a cidade, aonde talvez se firmara a independencia de Portugal e que tão desconsiderada tem andado pelas gerações modernas, que até essa gloria lhe querem roubar, gloria de que as suas velhas localidades dão testemunho. Essa velha cidade levanta a frente coroada de louros e de civicas folhas de carvalho, sacode o pó do passado e toma o logar que lhe compete na nova civilisação!

Salvè cidade de Heicha Martin, d'Affonso Henriques e de tantos homens illustres e de tantos cidadãos prestantes. Salvè, rainha da margem esquerda do Douro, salvè!

XXXIX

O santuario de Nossa Senhora dos Remedios

Oh! salve irmão do Líbano,
Que altivo ergues a frente,
Monarcha d'estas serras
Senhor da solidão!
Salve, gigante cupula,
Que ostentas no horisonte,
Erguida sobre as terras
A Cruz da Redempção!
SOARES DE PASSOS o Bussaco.

Fronteiro á cidade de Lamego e no viso da colina que lhe fica quasi perpendicular, eleva-se o santuario da Senhora dos Remedios, o qual teve origem na pequena ermida mandada edificar a pouca distancia d'aquelle local pelo bispo D. Manoel de Noronha. Passados alguns annos um conego da Sé de Lamego, o qual tinha por nome José Pinto Teixeira, tomado devoção [sic] com aquella ermida, fundou no anno de 1750 um pouco mais acima da primeira uma ampla capella com a mesma invocação da Senhora dos Remedios.

A devoção dos fieis foi augmentando e com ella as offertas, o que deu logar a fazerem-se obras que adornam a venerada ermida, as quaes constam de elegantes lanços de escada de fina cantaria, fontes copiosas, adornadas de figuras que representam os antigos patriarchas progenitores da Mãe do Redemptor e outras allegoricas e embellezadoras.

D'um e outro lado acham-se pequenos jardins todos matisados de flôres, arvores umas exoticas e outras vulgares e outros adornos que tornam aquella ermida não só logar de devoção mas de recreio.

A capella da Senhora dos Remedios é um templo espaçoso, lindamente construido e bem adornado. Tem uma boa casa para residencia do seu capellão effectivo.

Do seu atrio goza-se um formoso panorama por lhe ficar aos pés a cidade e esta se lhe desenvolver na frente, matisando-se de verdores e pittorescas perspectivas. No dia 8 de setembro é aquella ermida visitada por milhares de romeiros que affluem de grandes distancias e lhe offertam valiosos donativos em dinheiro, objectos de ouro, prata, cera, trigo e outras cousas de valor.

Pelo decurso do anno é ainda a ermida visitada por muita gente de fóra e da cidade. Para estes ultimas é não só aprasivel passeio mas logar de muita devoção, pois muitos d'elles vão alli confessar-se e até celebrar os seus casamentos.

Na occasião da romaria e dias depois ha alli uma feira aonde se fazem valiosas transacções.

Tem Lamego ainda outra feira, que em outros tempos foi muito importante e tinha logar em março. Depois mudaram-n'a a para maio. A sua localidade era no campo das freiras. Hoje está tão decahida que quasi não existe.

Os mercados quotidianos de Lamego são bem providos e são-n'o igualmente os mensaes e ainda os chamados de Santo Estevão, que são annuaes. São igualmente ricas as suas lojas de negocio e n'ellas se encontra quasi tudo o que se procura.

Possue a mencionada cidade um Banco creado ha poucos annos. Como a sua indole é rural e os accionistas ricos proprietarios, pode-se-lhe agourar senão prospera ao menos longa vida.

O clima de Lamego é frio e humido e comtudo não é insalubre, antes é raro que ahi grassem febres contagiosas.

As suas aguas são puras e saborosas e com ellas se confecciona excellente pão trigo, o qual vae d'alli para grandes distancias.

Lamego tem produzido em todas as eras homens distintos nas letras e nas sciencias. Alguns d'elles ascenderam a grandes eminencias, taes como ás primeiras dignidades da ordem de Malta e na magistratura, aos primeiros encargos da governação publica.

Um dos seus mais illustres filhos foi enviado embaixador a nação estrangeira, outros distinguiram-se e estão-se distinguindo como deputados ás côrtes da nação, como pares na camara alta, como jurisconsultos, como eclesiasticos, como militares e, em todo o caso, como prestantes e benemeritos da patria.

São muito aprasiveis os suburbios de Lamego, gozam bons ares e boas aguas e produzem grande quantidade de generos alimentícios, muito vinho, bastante azeite, muitos fructos, hortaliças e hervagens.

Encontram-se nos seus arrabaldes algumas povoações que gozaram e continuam a gozar os foros de villa, apesar de não serem hoje cabeças de concelho. Taes são Britiande, Lalim e Lazarim. Encontram-se tambem magnificas quintas com residencias principescas e algumas d'ellas titulares, nobilissimas casas solarengas, cuja origem remonta a remotos tempos.

Em outras eras houve em seus arredores dois mosteiros de ordem monacal: o de S. João de Tarouca mandado fundar por D. Affonso Henriques e o de Salzedas, fundado por D. Tareja, terceira mulher d'Egas Moniz Coelho. Ambos estes mosteiros eram ricos nas rendas e magníficos na construcção. Havia ainda um convento da ordem de S. Francisco, tambem grandioso e por uma excepção algum tanto rico. Era o de Ferreirim.

D'essas formosissimas casas restam só os templos, formosíssimos tambem; tudo o mais são ruínas!

A area, a que damos o nome de suburbios de Lamego encerra templos de boa construcção e que contam seculos d'existencia. Tambem os contam as suas legendarias ermidas, ás quaes os povos consagram grande devoção e as visitam em certos e determinados dias, offertando-lhe oblatas valiosas, segundo os seus haveres e as suas necessidades.

Terminamos este ligeiro esboço por dizer, que o accidentado de terreno, o escarpado das graniticas montanhas, o bem cultivado dos valles e encostas, a profundeza e caudaloso dos rios, ou tambem seu suave deslizar por entre freixos e salgueiraes; o sumptuoso de seus monumentos ou das suas ruinas, a magnificencia das suas quintas, a extensão e belleza das suas povoações; e o onduloso das suas largas estradas, orladas de frondosas plantas, todo esse formoso conjuncto emfim, produz admiraveis perspectivas e golpes de vista, que raro se encontrarão.

[...]

SORRISOS E CARINHOS

Boaventura Gaspar da Silva Barbosa

1894

A minha querida mãe

Que vida cheia d'abrolhos!

Que negra desolação!

O pranto sempre nos olhos

E a mágoa no coração...

N'esta dolorosa trilha,

Ditoso aquelle que tem

Sorrisos meigos de filha

Carinhos dôces de mãe!

Lamego, 15, Novembro, 93.

MOCIDADE PERDIDA

Fausto Guedes Teixeira

1895

Meu Coração! meu Coração! como é distante

A minha voz de neve e o meu campestre lar...

Noites da côr da minha capa d'estudante,

- Ha mezes que a deixei: e ainda escorre luar! -

Noites d'estio, esbrazeadas e doridas,

Cheias da invocação de sonhos medievaes:

Em cada estrella o sol abre milhões de vidas;

De cada vida brota uma miséria a mais!
Meu Coração! meu Coração! Manhãs saudosas,
Que eu passei a cantar sob os balcões floridos,
Uma alma onde só germinavam as rosas
E uma bocca onde já rebentavam gemidos!
E invoco a minha aldeia e a minha casa em ruínas,
Toda coberta d'heras e glycínias aos montões;
A agua que diz minhas canções á flôr das minas
E as eiras ao luar gementes de violões ...
E tudo eu chamo do meu quarto de doente
A povoar minhas cidades de chimera,
Sobre que se desfralda um rutilo poente,
Sobre que chora sempre um largo luar de cêra...
E um vento d'oiro, um vento em que se amassam côres,
Atira-me ao passado a phantasia grata:
E acompanham-n'a, a rir, uns dedos soffredores
N'uma viola aureoral com as cordas de prata.
E eu vejo agora a triste Moreninha feia
Que me dizia adeus, quando eu ia p'ra a eschola,
Baixando o negro olhar, á porta, a fazer meia...
E mais o pobre velho a quem eu dava esmola...
E ouço o sino a chamar á missa da manhã,
O sol que me beijava os labios de cereja,
E o presbyterio e o adro e a Virgem da igreja,
Pequena, como então o era minha lrmã...
Perto do adro, em frente a uma alameda escura,
N'uma cazita azul morava o Senhor Cura,
E era um bom velho, o Cura! Os seus raros cabelos

Tinham a côr que os meus começam de tomar:
E fallavam do ceu, azues, seus olhos bellos,
Quando elle erguia a mão para me abençoar!
Ai pobre Velho! Alguem dizia pela aldeia
Que o arrastára a padre um desgosto d'amor...
E, ao invocal-o, eu beijo a sua mão em ideia,
Na coherencia que prende uma irmanada dôr.
E vejo a Beira e a sua ascetica paysagem:
Minhas doces manhãs e minhas noites calmas,
Tudo branco a surgir n'uma linda miragem
Em que ha rios de choro e ha palacios d'almas!
E o cemiterio alveja, a distancia, gradeado...
Quando eu morrer, não quero alli ser sepultado;
Atirae ao acaso, a qualquer canto, a um fosso,
O meu corpo já podre, os meus olhos já torvos,
Para eu poder servir, como alimento, aos corvos,
Ou então ir viver n'uma arvore colosso...
E que essa arvore dê boa sombra aos Namorados:
Que aprendam a fitar o ceu sob os meus ramos;
Quantos alli descancem sejam desgraçados,
E se amem tanto, tanto, quanto nos amamos!

Meu Coração! meu Coração! põe-te composto,
Que a Velha que alli vae foi tua namorada...
Olha como o chorar lhe fez rugas no rosto!
De todas cá no povo ella era a mais fallada;
A mãe que está no ceu ainda era mais formosa...
Córou, desviou o olhar... Vou cortar-te uma roza

Para dares ao Velho que te traz no peito...
Olha a lua a surgir n'um lindíssimo effeito
Sobre a torre da caza do senhor morgado.
E vem hoje o luar mais lindo, macerado...
Mas estás triste! Coração, põe-te a cantar:
A vida é o rio estreito que alli vês passar!
E é tão lindo o valle! Olha o rio, na azenha,
Como elle torce, rindo, a sua faxa escura;
E os montes têm agora a alvura da bretanha
E os astros brilham mais a enxovalhar a altura!
Ail que saudades tenho; ás tardes, dos descantes;
E das eiras á noute a desfolhar espigas,
Fazendo versos maus e com rythmos fragrantés
Para os ouvir cantar, depois, ás raparigas!
Tardes tristes da Beira: horas da minha infancia;
Cada tremer de folha um canto, por mim dito...
Saudoso como tudo o que vem da distancia
E grande como tudo em que estremece um grito!
Mas é já morto, ha muito, em meu chorar desfeito,
Todo esse sonho alegre que eu sonhava então
Sem saber se existia um coração no peito,
Se cada peito era um grande coração!
E bailavam no mar catadupas d'estrellas
- Cada estrella é uma alma e cada alma uma roza -
Sempre um eterno dia as minhas noites bellas
E a minha Vida sempre doce, preguiçosa...
Mas, um dia, parti... O sol ria nas balsas;
As arvores em flór sombreavam a encosta

E houve abraços amigos e promessas falsas
 E lenços a acenar de longe á mala-posta.
 E eu vi mudar-se a estrada em matagal d'abrolhos;
 Muita treva na Alma, e muito sol nos olhos...

E, na fascinação d'um malfadado agoiro
 Fui alegre tirar o meu chapéu á Vida.
 Tive amantes gentis de grandes tranças d'oiro;
 Muitas boccas em fogo e muita alma vendida.
 Tive um grande palacio onde vinham de rastros
 Uns seios d'alva côr oude eu me ia deitar;
 Largos beijos d'amor a embebedar-me d'astros:
 Olhos com muita luz p'ra me afogar em luar!
 E venci, e venci pelo desejo insano
 De tudo olhar, tudo querer, tudo abranger...
 E perdia a minha Alma a côr, d'anno p'ra anno:
 Meus cabellos, já então, punham-se a embranquecer!
 Mas tive orquestras largas de sorrisos castos;
 Muito lyrio a fulgir em celestes olhares;
 N'uns braços de marfim negros cabellos bastos;
 E sobre muito rosto as estrellas dos ares!
 E a vida era p'ra mim um luminoso rastro
 De sol que alumiava a estrada do Prazer,
 Quando eu vi levantar-se ás mãos da Noite um astro
 Que Deus esmigalhou n'um corpo de mulher!
 Mulher?! Não sei se o é! Sei que a sua Alma Suprema
 Forra de coração o meu branco Poema...
 Sei só que o seu sorriso em vagos soes dispersos

É que traça uma cruz no caixão dos meus versos.
Sei que lhe devo a Morte e que a amo muito mais
Do que amo a minha Mãe a quem eu devo a Vida...
E um astro vejo sempre, pela noite ardida,
A diluir-se em chôro, a arrastar-se em ais!
O seu formoso olhar é tranquillo e doentio:
Assim o vê no sonho a minha Alma velhinha!
E traz-me a sua voz a aza da andorinha
Ao roçar o beiral do meu telhado esguio...
E, quando a vê no sonho, a minha Alma arrefece!
Linda Mulher! linda Mulher! vem-me escutar:
Tu que sabes que te amo, sem que t' o eu dissesse;
Tu que sabes que choro e não me vês chorar!
Meu Coração! meu Coração! põe-te de joelhos:
Vae pedir-lhe, na luz que o sol chispa d' Alem,
Que ninguém beije nunca os seus labios vermelhos:
Se te não ama a ti, que não ame ninguém!
Mas suffoca a tua dôr; mostra-lhe o teu chorar:
Porque o chôro faz bem, - antídoto da dôr!
É forçoso haver noite para haver Luar;
É preciso soffrer para se amar melhor!
Noite no Ceu. A Lua, a florando no escuro,
É uma mancha que alguém deixasse ao dar um beijo...
Á luz dos astros, leio este meu Livro: e vejo
Um passado de dôr de quem não tem futuro...
Corpos, por cuja bocca eu tenho inda desejos,
Almas, por cujo olhar vejo a noite dorida:
Que vos beijem, p'ra que eu mastigue os vossos beijos!

Que vos amem, p'ra que eu seja amado na Vida!
E um grande poente, um poente aureoral e sagrado,
Nos prenda para sempre, a fulgir e a queimar,
Como por sobre a Noite um astro desfraldado...
Como um navio a arder sobre as aguas do mar...
Ai, pobre Poeta! Ai, pobre Alma! Ai, pobre Vida!
Meu pobre Coração! -Mocidade perdida...

FESTAS DOS REMÉDIOS

Joaquim Caetano Pinto

[1896]

FESTA DOS REMÉDIOS

Fui à festa dos remédios
Cinco anos eu teria;
Fui à festa de Lamego,
Fui à grande romaria.

Depois dei a volta ao mundo:
Vi Londres, Paris, Berlim,
Vi Portugal, terra amada
Maravilhas vi sem fim.

Vi da Itália a velha Roma,
No Brasil o Corcovado;
A Florida vi na América,
O Niagara afamado.

Mas, senhores, vi Lamego,
Nunca vi cidade assim!
Eu pasmado contemplava,
Absorto fora de mim.

Os romeiros remirava,
Luzes, músicos, bandeiras,
Os balões que ao céu subiam,
Maravilhas verdadeiras.

Quando o fogo começou,
Ai o susto que apanhei!
E ao colo da mãe corri,
E só então sosseguei.

Esfuziam os foguetes,
Eis o céu todo estrelado;
Ó assombro, ó maravilha!
Estaria eu acordado?!...

Mas que encanto ou sortilégio
Era aquele que eu sentia?
Que mágica sedução
Era aquela em que eu vivia?

Sedução de uns olhos virgens,
Abertos à luz da aurora;
Era um mundo cor de rosa,

Onde a vida ao nascer mora.

Ai olhos da minha infância,
Olhos hoje tão cansados,
Pudésseis vós reviver
Esses instantes passados!

Pudera eu tornar a ver
Aqueles que tanto amei,
Livrar-me da solidão
Dolorosa em que fiquei...

Olhos virgens, inocentes,
Que só uma vez olhais,
É fugaz vossa ventura,
Que se esvai, não volta mais!...

MULHERES DA BEIRA

Abel Botelho

1898

A Fritada [capítulo III]

[...]

III

O Joãozinho nunca tinha ido a Lamego, nem mesmo por ocasião da Senhora dos Remedios, custava a crêr! As suas digressões per longe de Aveloso, encetadas apenas depois que se sentira emancipado da tutela paterna pela orfandade, tinham-se limitado á ida a Vizeu, no anno passado, por ocasião da feira franca. Gostára, gostára muito! Ganhára 30 moedas ao monte e fartára-se de vêr coisas novas. - Havia de continuar.

Pela madrugada do dia 14 de agosto de 1882, entrava elle no venerando burgo das lendarias côrtes affonsinas, montado n'uma bella egua castanha, aparelhada com albardão e retranca, e ladeado polos seus dois companheiros de viagem, o Thomé da Prelada e o José do Rosario.

A cidade ostentava-se festival, sécia e garrida, como uma houri que aguarda o seu senhor. Por toda a parte a animação, a opulencia, a graça, o enthusiasmo, a alegria. Cada habitante um festeiro, cada habitação um regosijo.

Porque é assim a vetusta Lameca dos romanos, a cidadella secular do mouro Almacave: aos primeiros rebates de uma festa, aos primeiros empuxões do prazer, esquiva-se retrahida e inerte, como a mimosa pudica ao contacto de mão irreverente... mas tambem, uma vêz desperta da sua habitual somnolencia, ninguem como ella se anima, se multiplica em artistas, se desdobra em projectos, se embriaga em manifestações.

Affez-se de ha muito Lamego ao murmurio dolente e vago das aguas do Balsemão, ao soprar tempestuoso do vento de Penude, ao grave e arrastado badalar dos sinos da cathedral, e com estes soidos se quér, se accomoda, se sente bem. Tudo o mais no mundo não existe para ella... desdenha-o com uns ares indifferentes de beatitude repousada e feliz. Quando de acaso, como agora, uma enorme festa excepcional se annuncia, o primeiro sentimento da população é de desprazer, de aversão quasi... mal quérem a quem os vae distrahir do seu socego aconchegado e tranquillo. Deixem n'os, que estão bem assim, com a sua ceia ás 8 da noite, e o seu murmurar do proximo até de madrugada.

E' mistér que uma causal poderosa, intensa, lhes dê, como agora, o impulso festivo. Então o resto fazem-n'o elles depois, por indole e de vontade.

No caso presente, tinham resolvido á uma festejar a monarchia nas pessôas dos seus augustos representantes, que os vinham amigavelmente comprimentar. Nomearam-se commissões para o embelezamento e adorno das ruas, planearam-se columnatas, riscaram-se pavilhões; a camara resolveu mobilar condignamente os Paços do Concelho, para n'elles dar hospedagem aos reaes viajantes; e em poucos dias estava transformado por incanto o tristonho aspecto da cidade. No edificio da camara rebôcava-se o frontispicio, forravam se de papeis luxuosos os aposentos, desdobravam-se alcatifas, desincaixotava-se mobília; pelas ruas improvisavam-se a cada canto jardins; as casas recebiam com jubilo manifesto um beneficio que já de ha muitos annos não conheciam, -eram caiadas; no Rocio principiavam de erguer-se duas elegantes columnatas, que no seu inicio o povo, ao encarar aquelles altos pinheiros, descarnados e solemnes, denominava as forcas; ao longo da casaria aprumavam-se n'uma profusão ridente e animada os mastros para bandeiras, os postes para illuminação, os plinthos, os corucheus. Remoçava com rapidez a cidade... engrinaldava-se com amor.

Ao aproximar-se a chegada dos monarchas, redobrou o trabalho, a canceira, as preocupações. Per toda a parte o martellar sêcco e nutrido dos carpinteiros cortava importunamente o socego dos bons burguezes adiposos. O cançasso tomára já conta dos mais laboriosos propugnadores da festa; tirára-lhes o appetite e não os deixava dormir. Apareciam pelas ruas os galhardêtes na mesma proporção que as insomnias no interior das habitações. Depois chegou um empregado do Ferrari, chegou parte da companhia do Gymnasio: estes para darem uma recita de gala no theatro, aquelle para dar de comer a S. S. M. M. E na manhã da intrada dos régios hospedes tudo estava a postos, tudo prompto e capaz de os receber.

O Joãosinho andava deslumbrado, ébrio, demente. Electrisára-o rapido a sympathia communicativa d'aquelle enthusiasmo. A sua alma virgem sentia-se inebriada, e alteava-se, alteava-se ridente, como um balão côr de rosa no céu límpido e azul... Em meio d'aquelle delirio, parecia-lhe bem tristonha e dissonante a sua jaqueta de panno preto, debruada de larga fita de sêda, a sua calça cinzenta de riscado, a sua ampla facha, tambem preta, com duas grossas borlas de lã azul-clara. - Queria vestir-se de vermelho.

Durante a manhã viu e admirou quanto poude, em companhia dos seus dois patricios. Depois jantaram como nove; e fôram logo pressurosos tomar logar no Rocio, para assistirem á entrada solemne dos reis. Porque fôram cêdo, ainda conseguiram installar-se no escadoz do Hospital. Como illudir as longas horas da expectativa, senão observando quanto os rodeia e communicando-se mutuamente as impressões?

- Olha o regimento 9, que perfeito! Tenho pena de o vêr-m'os d'aqui só polas costas; queria vêr a cara aos porta-machados.

- P'ra lhes vêr as barbas, sr. Joãosinho?

- As barbas e o saial.

- O saial, isso, sim; qu'anté as barbas, foi tempo! Hoje em dia ha porta-machado que nem tem pennugem de bigode. Não passam d'uns reclutas!

- E aquelle sucio com um fardamento todo preto, que está ao pé d'elles, com uma barretina que parece a torre da Sé?... E aquell'outro, de incarnado e correias brancas, com um barco na cabeça... aquillo que será?

- Polos modos são indrominas do tempo dos Cabraes.

- Quér vêr o sr. bispo!?... Olhe, olhe, sr. Joãosinho!

Q Joãosinho, porêm, a esse tempo descortinára coisa melhor... Á sua esquerda e no degrau superior, a uns dois metros d'elle, poisava uma rapariga morena e fresca, de olhar petulante e modos desinvoltos, que chamava naturalmente a attenção. Era provocadoramente bella: - têt ardente de romana, olhos do melhor azeviche, labios

carnudos de sangue, tecidos pujantes e duros, requebros de odalisca, altura de judia. A sua plastica, toda feita de seducção e de goso, inflammou poderosamente o nosso impetuoso rapaz. Um deslumbramento aquella Fornarina aldeã! Elle não via mais nada! Devorava-a com o olhar sofregamente, n'um crescendo extraordinario de concupiscencia e ardor.

[...]

A FAMÍLIA MALDONADO

Vieira da Costa

1898

I

Foi na tarde de um domingo d'Agosto, em 1886, que a familia Maldonado chegou a Lamego, para ahi fixar residencia.

Era aquella a hora habitual do passeio, e a população, endomingueirada, formigava, convergindo para o Campo das Freiras a ouvir a banda do 9, ou para a Alamêda a gosar a frescura dos arvoredos e das aguas correntes. Pela rua dos Mercadores, um pouco angulosa, como pela de Almacave, acidentada e larga, e ainda pela da Olaria, estreita e ingreme, ia um fervilhar de gente. Bandos elegantes das senhoras em toilettes alvadias, de estio, criadas de servir ou operarias de folga com lenços de côres variegadas, berrantes, homens de campo e da cidade em trajos de festa, cavalheiros fumando e discutindo, conegos roliços, vermelhaços, d'uma adiposidade suina, rolando penosamente a sua rotundidade, - tudo isto pejava os passeios, invadia as ruas; os alunos do collegio, em filas, commandados por padres, passavam unidos em batalhão; e os officiaes do 9, fazendo tilintar nas lages dos passeios ou nas pedras da rua as suas espadas, punham uma nota marcial na pacatez das ruas pacificas.

Poucos em Lamego conheciam a familia Maldonado, e por isso, quando o carro que a conduzia, um pesado char-á-banks empoeirado e com o tejadilho abarrotado de mals, começou a subir penosamente a rua d'Almacave, grande foi a curiosidade que o seguiu, e os que melhor o observaram puderam vêr, através das cortinas entreabertas quatros senhoras novas e bonitas, um cavalheiro idoso de bigode e pêra já brancos, e uma creada magra, esgalgada, com perturberancias osseas no rosto já rugoso, e o queixo deformado n'um prognatismo de caricatura.

[...]

SEM REMÉDIO...

Abel Botelho

1900

I

N'aquelle dia, o regimento 9 da infantaria tinha revista em ordem me marcha, seguida d'um pequeno exercicio de tactica abstracta, no campo de Santa Cruz. Ela a derradeira prova, a ultima cerimonia official destinada a sellar a minuciosa inspecção, que, ia quasi em dois mêzes, lhe estava passando um glorioso o phantasmatico general, vindo expressamente de Lisboa.

De resto, semelhante inspecção havia lenta e magestosamente seguido, com meticuloso escrúpulo observando-se todo o ritual dos regulamentos militares. Visitas ao quartel e hospital, repetidas provas do rancho, balanço de improviso ao cofre, teorias aos officiaes e sargentos, o inesperado toque de reunir, manobras d'uma companhia de guerra no campo, contra-prova aos cadernos de alterações, paciente analyse d'essas transcendentaes combinações das mostras e das resultas, - de tudo isso tinha havido, perante o solemne cabeceamento inalteravel do general, gloriosa reliquia dos nossos sympathicos idealisadores de 1833. Tudo isso havia dado um trabalho homerico aos seus subordinados, e gaudio não menor á população da cidade, cuja parda semsaboria este acontecimento viéra cortar alacrememente, como um brado de clarim no deserto, e que todas as noites tinha musica no largo em frente á hospedaria das Cherubinas, onde se alojára o general com o seu estado maior.

Faltava porêem a classica parada final, e as alinhadinhas e vistosas manobras de taboleiro, que fôram a parte futil da herança mavorcia do primeiro imperio, mas constituiam no emtanto, a este tempo, para qualquer cabo de guerra o mais cabal diploma de sciencia e o mais solido titulo de capacidade.

Era pois n'aquelle tarde. De sorte que por toda a propecta cidade esfuriava e bramiam uma animação bem fóra do vulgar. Estridulava o ar dos guinchos da garotada, pejavam o transito brunas mondadeiras em grève, grupos de latagões baldos ao trabalho. A agua a faltar nas casas, e pelo caminho as fonteiras e as paquêtas parando aos cotovelos das ruas, embasbacadas, umas com a infusa vasia ainda, deitada na rodilha, outras machinalmente com a palma da mão arredando o fio de agua que reçumava das juntas do caneco cheio. As Lamas, modistas, muito assaralhopadas, não tinham mãos a medir; toda a manhã não lhes largaram a campanha. . . uma vêm por um vestido, outra por um espartilho, outra um chapéu que levou flôres novas, uma sombrinha pompadour. Nada está prompto; ha impaciencias, ralhos, chalaças grossas como improperios. E, na Praça, tranquillamente parapeitados na commoda segurança dos balcões das lojas, os gordos mercieiros piscam de intelligencia o olho aos habitués da má-lingua, frisando de manha:

Em que ficará afinal a coisa?...

Alludiam a haver sido esta inspecção inopinadamente ordenada, no intuito de diretamente se averiguar qual o verdadeiro caminho que levavam os rendimentos da horta do quartel.

Quando, ás 3 da tarde, o terno de corneteiros e tambores sahiu a porta do quartel, e, formando á direita, fêz o toque de formar companhias, já no perimetro do vastissimo campo se apinhava em estreita cercadura a multidão, a custo contida por grupos de soldados em traje de fachina, deixando livre ao centro a lisa uniformidade do largo, compacta e branca. Tecendo assim, rente ás arvores e aos muros, uma curiosa bordadura humana, esta sébe viva de cabeças engrossava a um lado depois e formava throno, escaleirando toda a encosta do paiol, a qual fôra permittido ao povo invadir á vontade, e onde portanto em grossas manchas polychromas, como bárbaros paineis de alminhas, se agitavam, por entre os bosques de aloendros e amieiros, altas pinhas de lenços, varapaus, braços em ansa e grandes olhos estimulados.

Um bello sol de maio, avelludado e quente, alegrava o granito aduto das torres maciças da igreja de Santa Cruz; marmoreava de fulgurações ardentes, nobilitando-a, a fachada pelintra, pintada a óca, do quartel; e pela cantante amplidão do vasto recinto, lavado de ar, sobreceiro á cidade, espolinhava a bondade pagã dos seus raios, empenachando de violeta e oiro a impaciencia alvar da multidão. De espaço a espaço, subindo a ladeira que, vinda da rua de Pereira, encosta á igreja, processionalmente passavam graves familias burguezas de convidados, que, entrando a porta do quartel, pouco depois appareciam ás janelas, ou agrupadas em palanque ao longo do muro da horta. Dentro, no claustro, rebòavam as vozes de commando, gemia cavo e sêcco nas lageas o bater das espingardas. Emquanto, desnorteados por todo este movimento e fragor desacostumado, zigzagueavam nervosamente no ar em revoadas de susto os pardaes e as andorinhas.

Finalmente... rompem lá dentro a um tempo, n'um viril arranque, os metaes da banda: ahí vêm o regimento! A guarda do quartel fórma, apresenta armas; garotitos com espadas de canna pulam e cavalgam, no adro da igreja, outros marinhm pelas pilastras, outros alcandoram-se das arvores. Agora todo o interesse é para vêr a cavallo o coronel, mas a cavallo verdadeiramente; qu'anté o mais, ainda ninguem conseguira vêl-o mettido em semelhante africa, a não ser quando no outomno elle ia para Valdigem, fazer a sua vindima, montado... n'uma jumenta.

- Elle lá vêm agora! ahí o têm! O cavallo, de folgado e enardecido pola musica, habituado para mais ás gineterias pimponas do filho do commandante, mal que sahiu a porta do quartel, sorve com valentia o ar, relincha, e garboso e inquieto avança, todo em saltos e curveteios. A' cautela, havia-lhe o impedido na véspera applicado uma estafa de seis léguas. O mesmo que nada! Dos seus brios peninsulares o garboso animal! ahí extrahe novas forças. Escorre-lhe a espuma do freio, e fogoso e brincão

caracola sempre, entre os pavidos monosyllabos do atoado cavalleiro, que varre n'um vaivém o selim com as paernas inarticuladas, e a cada instante tem que segurar, com a mão, a barretina.

O tenente-coronel não se apresenta melhor. O major déra parte de doente, entregando na mesma occasião o requerimento para a reforma. Apenas o ajudante, esse sim! bello e grande exemplar, tostado e flexuoso, de meridional, vêm á frente do regimento, na jubilosa posse do seu cargo e na plena confiança dos seus recursos.

E, seguidamente, alinhado, arrogante, n'uma cadencia aparatosa e energica, o regimento desfila e segue pelo campo, de costado, muito brunido na incidência mordente do sol, um bater pendular dos bornaes brancos nos quadris, no ar a ondulação rythmica das mochilas, e o carinhoso azul da bandeira pairando sobre a selva alinhada e rutila das carabinas.

Formam em columna, a meis distancias, abrem-se fileiras, descançam-se armas. Um corneteiro é destacado para o cabo da ladeira de Santa Cruz, e desce até á esquina do Asylo, para d'ahi fazer o toque de sentido, mal avistásse, subindo a rua da Pereira, o general. Não tardou muito. E agora este espectaculo valia bem, para a grossa e inquieta multidão ali accumulada, mais, muito mais que a melhor das procissões. Ao seu grande incanto de inédito juntava-se a varonil estimulação, o galvanico arrepío de entusiasmo com que sempre nos vergasta os nervos o desdobramento das apparatusas scenas marciaes.

Eles ahi entram no campo, por entre a gente que se descobre, ao som do hymno nacional. Vêm á frente o general, de képi e charlateiras, a espada na bainha, decorativo e sorridente, montando um grande cavallo branco, altivo e manso, que arregaçava a primor, com luzidos recamos de oiro nos arreios de verniz. A' força de aprumado e esqueletico, chega este general a ser magestoso. E' ainda da velha escola romantica do Saldanha, idolatra da pompa, tendo em grande apreço o rosicler das medalhas e o fulvo brilho dos galões. As suas condecorações não têm conta. O bigode branco hirsuto e sem guias, cortado raso com o lábio, dá-lhe uma apparencia vulgar; os olhos não têm perspicacia, não tem decisão o gesto. Mas o panno da farda some-se, literalmente coalhado de fitas e commendas, cujos raios o glorioso sol incendeia, muito a propósito formando de roda d'esta reliquia de engonços um como que halo de apotheose.

Seguem-lhe na cauda, em duas filas, os officiaes do seu estado maior: um major, um capitão e dois tenentes. O major, longo, corcovado e de óculos, com uma chupada mascara antediluviana, era o sabio, o chavão, o terror da comitiva; da incidencia dos seus olhos de myope nos mysterios dos livros e dos mappas dependia sem appellação a sorte do regimento. O capitão era filho do general e tinha o curso de artilheria: duplo motivo de consideração e de respeito. Elle era um esbelto, simples e modesto rapaz, que cuidadosamente se refugava sempre para o segundo plano, e, apesar de

reconhecido mentor do pae, evitava por systema tudo quanto podésse trazel-o á evidencia. Ninguém mais discreta e cavidamente desempenharia o seu papel. O seu logar queria-o elle de preferencia na sombra. Todo o mundo sabia entretanto que elle era o espirito santo de orelha do general... quem lhe escrevia os relatorios, quem lhe preparava os discursos, e quem nos grandes jantares e soirées lhe dava furtivos beliscões nas pernas para o não deixar adormecer.

Já no campo os cavallos, a meia rédea, fazem um luzida e quente tropeada, um vistoso cortejo, que um almocreve, inflammado, declara a bom som ser muito superior ao estado maior de S. Jorge que elle uma vêz vira no Porto, por occasião do Corpo de Deus. Mas com o ruidoso e brilhante espectaculo não se embriagam só os populares. Também um interessado movimento graciosamente agita o bello grupo das damas, ao longo do muro da horta e nas poucas janellas do quartel. Há ali um airoso debruçar de bustos, toques de cotovêlo chamando a attenção, conversas que se interrompem, instantâneos brilhos de pulseiras no erguer dos braços a assestar os binóculos. E entre todas ellas se adeanta, cujas penujosas faces se ruborisaram... uma cujo busto mais que o de todas as outras pendeu, n'uma anciedade, emquanto a alvoraçada onda que lhe encapelava o seio, permittia ao sol dançar em ondeados espelhamentos na sêda alaranjada do corpête.

Era Lucia, a loira e romantica filha do coronel do regimento. Alguem da pomposa comitiva a interessava. Algum d'esses tyrannêtes arrogantes certo lhe levára de vencida, n'um doirado nimbo de sonho, o pequenino coração. Como ella os segue, alhejada, atenta, fixas as palpebras, a vida toda nos olhos! Quem será o feliz triumphador?... Ah! agora... Gastão, o esbelto artilheiro, fita-a de longe, com segurança e amor; depois, quando o grupo de aproxima, elle sem perder o seu logar, e com grande donaire e desembaraço, faz-lhe um galante cumprimento, estendendo a todo o braço o chapéu armado, de fartas pennas palpitando ao vento. E já a perturbada menina, n'um vergonhoso enleio, corresponde, baixando as pálpebras, uma ligeira carphologia nos dedos trémulos, e receioso o olhar circunvagando na pudibunda inquirição de qualquer agro commentario das amigas.

Entretanto, deproravelmente arçonado no seu temido rossim, o coronel aproximára-se, a prestar a continencia do estylo. Um dos ajudantes do general transmittiu-lhe o que tinha a fazer. Mettido o regimento em linha, houve primeiro o manejo de armas e de fogo; seguindo-lhe, muito arrastadas e molles, algumas das manobras mais banaes da ordenança. Do seu modo de execução só os terriveis óculos do major cuidavam. A cadaverica figura do general immobilisára-se n'uma passiva e hirta impassibilidade, própria por igual á idiotía e ao genio. E os outros tres, os rapazes, esses miravam de preferencia os encantadores rostitos de morenas, - bustos cheios, alvos dentes e quadris olympicos, - que na sua frente em lindos cachos guarneciam os muros e as janellas.

Porfim, a um leve piscar de olho do filho, deu o general signal de que estava satisfeito. N'uma infinita rejubilação, o coronel teve mão mais uma vêz na barretina, ergueu gratos olhos ao céu e respirou... Voltou o regimento a formar em linha, abriu fileiras, prestou a continencia final, feito o que, o general retirou a meio galope com a comitiva, n'um victorioso tropear de ferraduras, entre uma alada confusão de pennas ondeando. E esse bravo Gastão não se esquecia de, quando a quando, voltar-se na sella, amoroso e confiante, fitando de espaço a loira e anciosa Lucia, que a seu turno tambem, embevecida, no luminoso rasto do namorado ia alongando o seu casto e incendiado olhar...

[...]

SÁTIRAS E GALHOFAS (1899)

LÁGRIMAS: GEMIDOS D'ALMA (1899)

PIADAS E PICADAS (1900)

Joaquim Pinto de Sousa Macário

1899 / 1900

NO REGRESSO A' MINHA TERRA NATAL

LAMEGO

E' esta minha terra! Este o meu berço amado!

O leito onde nasci, o lar onde brinquei,

A casa dos meus pais, o meu sólo adorado,

O meu risonho abrigo, éden que tanto amei,

São estes, bem conheço, os mesmos horisontes,

Este o mesmo ambiente, o ar vivificante,

Este o mesmo vergel, estas as mesmas fontes,

Este o mesmo pomar, frondoso, verdejante!

A mesma luz do sol dourando os arvoredos!

A mesma luz da lua, a pratear as aguas!
O mesmo azul do céu tornando os dias ledos!
As mesmas virações a suspirarem maguas!

O mesmo gorjear das aves innocentes,
O mesmo sussurrar das aguas nos ribeiros!
A mesma animação nas campinas virentes,
A mesma seducção e odôr dos sabugueiros!

O mesmo templo augusto á Virgem consagrado
Lá está erguido em pé, pharól de gloria immensa!
Padrão que diz ao mundo: «Aqui é Deus amado
D'um povo todo fé, d'um povo todo crença.»

O mesmo torreão! Marco d'antigas glorias
Também erguido em pé o vejo como outr'ora,
Mestre que em cada pedra aponta mil memorias,
Da minha mocidade esta falando agora!

.....

Da minha mocidade! Oh! Deus Ai! Quanto é bello
Podermos recordar esses passados dias
Em que só liberdade e gôzo é nosso anhelos,
Dôce devanear de gratas alegrias!

.....

Infancia! unico bem que nos sorri na vida,
Mimo celestial, imagem do p'raiso!

Ai! como eu te gozei! O' minha infância q'rida!
Quanto grato me foi o teu meigo sorriso!

Deixa que eu possa agora ao menos recordar-te
Que esses gózos sem par me venham embalar,
Em tudo que me cerca eu julgue inda gozar-te;
Infancia, meu amor, oh! deixa-me enganar.

Mas não, por Deus, ai! Não, não tentes illudirme,
Se teu meigo primor agora me iludisse,
Maior luto viria em trevas imergir-me,
Nas trevas que já vejo, as trevas da velhice.

.....

Ao menos, quanto é bom, depois de longa ausência,
Tornarmos a encontrar o berço em que nascemos,
E, ajudados por Deus, na sua omnipotencia
Acharmos o agasalho e o pão que carecemos.

E' grato, oh! Sim, bem sei! Porém, dentro em minha alma
Existe não sei quê de magua cruciante!
Por mais que me interrogo, e busco achar a calma,
E' certo que o prazer me dura um só instante.

Adoro a minha terra e 'nella acho-me triste!
Contemplo-a com amor, contemplo-a com saudade,
Mas como d'outro tempo agora não existe
Em mim a antiga paz, a antiga f'licidade.

E' assim a vida humana, ephemera nos gozos,
Quanto mais nos correu de mimos afagada,
Com dobrado rigor nos torna mais saudosos,
Nos umbraes da velhice, os dias d'alvorada.

Em cada tronco annoso, altivo 'noutra edade
Que vejo recurvado á dura acção dos anos,
Eu leio com desgosto, eu vejo com saudade,
Quanto é curta a existência, em tristes desenganos!

.....

Arv' res secias na infância e minhas companheiras,
Tambem eu, como vós, ao tempo vou vergando;
Já tivemos vigor, eu crenças bem fagueiras,
Mas tudo para nós fenece, vae findando.

Filhas d'outras vós sois, a quem da vida a sorte
Fez florescer no mundo e arrebatou também;
Tudo se verga emfim ás duras leis da morte!
Eu já não tenho pai, eu já não tenho mãe.

Por isso, ó minha terra, hoje me dás tristeza,
Por isso em ti me fere a mais funda saudade;
Hoje tens maior pompa, encerras mais belleza,
Mas já não tens p'ra mim a antiga f'licidade.

Mas quero em ti viver, sempre mais deleitosos
Me são no seio teu da vida os doces laços;

Por ti troco do mundo os sítios mais formosos;
Eden da minha infância, aperta-me em teus braços.

[...]

O QUE FAZEM CABEÇAS CHOCHAS

SATYRA

Foi outr'ora Lamego tão sadio,
Tão puro era o seu ar, que toda a gente
No outomno, ou primavera, ou estio ardente,
Vivia sem ter medo a um ar doentio;

Porém, os homens d'alto poderio
Mandaram pôr-lhe perto, e bem patente,
Um cemiterio ao sul e ao norte, em frente,
Um hospital! Que cerco tão sombrio!

Inda a asneira não dava alto desdouro;
Mas, os mestres da hygiene e medicinas,
Deixaram-a fechar a chave d'ouro!

P'ra Lamego ser fóco de malinas,
Pozeram-lhe ao poente um matadouro;
Falta por-lhe ao nascente dez latrinas.

[...]

**Diálogo azedo entre o guerreiro de pedra
que representa o Lamego, e um mô-**

no de porta de quinta figura

do grande agricultor Lucio

Columella

PIADA

-Meu caro amigo Lucio Columella,
Consta-me eu você, seu malcreado,
Môfa por me propor a deputado
Dos governamentaes por Queimadella!

Você, grande mordaz, tenha cautella,
Não julgue que se faz nisso engraçado!
Eu sou guerreiro sério e respeitado,
Não gosto de quem dá muito á tramela.

-Sério? você?! guerreiro! Ora essa é bôa!
Sério, um namorador, tosco e patego,
Um papa caldo verde d'unto e brôa!

Deputado heide-o eu ser, dos de folego;
Meu talento na fama já revoa,
E você, é o maior bruto de Lamego. (1)

(1) Protestei contra este elogio, porque essa honra pertence-me de direito.

[...]

**AO FAUSTOSO GERENTE DA OFFICI-
NA DE RELOJOARIA GARAN-
TIDA DE LAMEGO**

PIADA

Coisa assombrosa! mystica Officina!

Grande «Relojoaria Garantida!»

Confesso, nunca vi na minha vida

Coisa tão de pasmar! coisa tão fina!

Viajado tenho a Europa e a Cochinchina,

E assim relojoaria tão sortida

Como a tua, Oliveira, e conhecida,

Nem no Japão a vi, e em toda a China!

Falla o mundo de ti com grande espanto!

É teu nome na fama erguido aos Ceus!

E isso faz-me de gosto verter pranto.

Gloria! gloria a Lamego, a ti e aos teus,

Pois quem á fama assim se eleva tanto,

Pode ser consid'rado um semi-Deus!

[...]

AS MARGENS DO DOURO

Felisberto Teixeira Pinto

1903

Á cidade de Lamego

*Aonde D. Affonso Henriques estabeleceu as côrtes geraes da Monarchia Portugueza,
como primeiro Rei*

Desfolhando a nossa antiga historia,
Tem Lamego a sua primasia,
Das côrtes geraes da Monarchia,
Gosando assim tão alta gloria.

Ha muito quem duvide d'esta memoria;
Documentos que os Fillippes destruí; [sic]
Mas Affonso, estrangeiros não queria,
Que de futuro tivessem esta victoria.

Lamego, é uma cidade nobre, ilustre,
Tem o grandioso santuario dos Remedios:
Que as lagrimas dos que alli vão escute,
Seguindo o caminho dos logares ethérios,
E a devoção com o Bom Deus ajuste,
Entrando depois nos celestiais impérios.

[...]

A MULHER EM PORTUGAL

José Agostinho

1907

[...]

Lamego, 25 de Outubro de 1906.

Querida Mariette:

Decididamente a Beira Alta é uma bela síntese de Portugal: campo e serra, vales e choupanas, jardins e desfiladeiros, tudo surge neste trecho pequeno, mas pitoresco, mordente.

S. Pedro do Sul é um encanto, um pouco encovado e húmido. Muita água, bela sombra, campos serênos e fecundos. As célebres Caldas ficam a curta distância da vida, que é progressiva como poucas pequenas terras. São frequentadas até pela Côrte, principalmente, quando algum membro da Casa Real nelas se demora. Não sei do valor terapêutico das águas. Quanto a mim, o bom ar não deve valer menos aqui do que as termas. S. Pedro do Sul tem uma ponte gentil sôbre o Vouga, rio não menos gentil, que vai morrer em Aveiro, depois de cantar doçuras entre salgueiros. Castro-Daire é uma rocha altiva a sorrir, grande, cheia de casas, a um abismo. Tem uma matriz graciosa e um cemitério alegre como um jardim.

Depois vem a serra triste, fria, áspera. Árida nos têsos, os contrafortes são cheios de hortas, pinhais, aldeias negras. Há torrentes como nos Alpes. O vento é penetrante, embalsamado, vivo. Os panoramas, entre selváticos e imponentes.

A estrada, em ziguezagues, chega a ser única de imprevisto, ao pé de barrancos e, logo ao pé de lameiros de verdura cintilantes. Ouvem-se lobos a uivar de noite, perto do ómnibus. Não há via férrea senão na Régua.

Mezio, Bigorne, Penude, são aldeias montesinhas, de casaria escura, com bastantes tectos de côlmo. Come-se e bebe-se com apetite em tabernas onde nos dão o vinho, o pão e o presunto, saudando-nos com rude amizade.

Lamego aparece de repente numa cova. Está cercada de montes negros, altos. A cidade tem um castelo quadrado e pardo e vai, em serpente, desde um vale até um abismo. É curiosa, vista de longe. Á direita, ao descer-se, fica um Santuário, chamado dos Remédios. Tem boas obras de arte êste local: capela de granito, com duas lindas torres, esbelta, alegre; obeliscos de pedra bem lavrada; estátuas de réis bíblicos; fontes monumentais; escadaria sólida e artística; um parque incipiente já belo.

Lamego é alegre, a-pesar-dos montes muito próximos. Tem algumas ruas

espaçosas. O tipo dos habitantes, porém, é mais transmontano do que beirão.

Trás-os-montes, que fica alguns quilómetros ao norte daqui, é uma provincia de costumes rudes, francos. O transmontano só tem um defeito: excessivamente teimoso.

Em Lamego todos teimam também. Não só em política, como em Viseu. Não só em não aproveitar regatos e torrentes para motores de fábricas de que precisam. Não só em não conseguirem uma via férrea. No que todos teimam é em ser gentis para todos os forasteiros.

Fui para o Hotel Central, defronte da Sé, grande edificio com um pórtico de estilo antigo, grandes naves e claustros, e desafogado no seu largo como nenhuma catedral português, pela parte do Norte.

O grande largo chama-se Rossio, e nele ficam três edificios vastos e pesados: o Paço Episcopal, o Seminário, com uma pontezinha sôbre um riacho, e a grande casa do antigo Hospital.

O Hotel é medíocre de serviço. O pessoal, porém amável e alegre, a ponto de nos fazer esquecer a modéstia do cozinheiro, pelo menos, como artista.

Preguntei pelas escolas a alguns convivas. Há duas, oficiais, um liceu e um grande colégio, lá no alto pitoresco, dirigido por um sacerdote, ainda moço, de sorriso constante e voz doce.

Falei do feminismo a um capitão de infantaria. Desatou-se a rir com estrondo.

Depois, procurei políticos, jornalista. A imprensa é pequena. Dois hebdomadários: a Semana, o mais popular e o Progresso. Os políticos tratam das vinhas e das searas. Alguns são advogados ou médicos. Outros são negociantes e lavradores. Fazem muitas medidas, e ouvem mais do que falam.

Hoje, ao descer da colina dos Remédios, julguei ver pessoa conhecida. Não me enganei. Descia a escada de pedra a nossa amiga de Barcelona, Isabel Munõz, a linda loira.

- Por aqui minha amiga?

- Oh! que surpresa!

Isabel veio a esta cidade visitar alguns restos de monumentos. Sabes como ela é fanática pela arqueologia. Disse-me que Lamego tem curiosidades históricas: a igreja de Almacave, a Sé, o Castelo, mas nada como a Cava de Viriato de Viseu, embora haja uma Cisterna no Castelo, que Viseu não tem - nem cisterna nem castelo. Gostou muito, como eu do Hospital Novo, digno duma grande cidade, e do passeio do Relógio de Sol, esplêndido de vistas. Achou interessante a Alameda e o Passeio Público, mas teve grande decepção com o célebre presunto... Porque não lho deram a comer.

Verdade seja que, pedindo champanhe estrangeiro, lho deram fabricado em Lamego, e se iludiu julgando-o de França... Quem tal esperaria numa terra pequena, sem indústria?

- E as mulheres, D. Isabel?

- Belas, sr. de Moigénie, mas analfabetas ainda. Os colégios são inferiores aos de Viseu. Ensinam alguns labores e leitura. Pouco mais... ou pouco menos.

- E são inteligentes?

- Muito, mas bastante altivas, tôdas aristocratas. Algumas tocam mais piano com a cabeça, em meneios senhoris, do que com as mãozinhas carnudas.

- Em Viseu, porém...

- Viseu é o contrario: democrática demais. Teve vélhos fidalgos, mas tornou-se artista, ainda mais do que burguesa. E Lamego é mais burguês e êsse mesmo, fidalgo, bastante castelhano de orgulho, de altanaria medieval.

- Portanto, as mulheres...

- Muito senhoris. É pena que sejam geralmente ignorantes, embora duma virtude e beleza notáveis. Todavia, faladoras como provençais.

- Demora-se, D. Isabel?

- Não. Sigo amanhã para o Pôrto.

- E eu para Braga. Iremos no mesmo combóio.

De Braga, pois, te escrevo, Mariette. Até lá.

Mil saudades do teu

V.M.

[...]

O HOMEM EM PORTUGAL

José Agostinho

1908

[...]

Lamego, 3 de Outubro de 1907.

Meu Gustavo:

Dia de chuva e de frio. Lamego é aspero, como se estivesse nos Alpes.

A nossa viagem foi linda, comtudo. A estrada é muito a pique, mas tem curvas encantadoras. Imagina uma quási espiral entre montes e nas margens, bastantes veigas, não muito extensas, mas fecundas, ás vêses luxuriantes de verdura.

A cada passo - dirias o despontar dum panorama. Porém o horizonte estrangula-se depressa, como arrependido.

Alçam-se mais montes e colinas e, se olharmos para traz, vemos o caminho a perder-se num abismo que finda onde a fita larga do Douro fulgura serenamente. Então poderemos ver os montes que cercam o Peso da Regoa como que constelados de casas brancas até á linha das aguas. Avistaremos em plano superior Villa Real, num planalto que é cheio de sol e de arvoredos baixos. Atraz dessa alvura de casaria veremos as linhas vagas, mas formidaveis, das grandes e ásperas serranias de Traz-os Montes.

Entretanto, o ar purifica-se, torna-se mais vivo. Abundam pinhaes. As giestas doiram as lombadas dos outeiros. Cacarejam satanicas as perdizes, cortando a bruma do céu triste. Ha um sopro de neve. Virá do Marão, que deixamos para traz? Talvês, e tambem do relêvo de Montemuro que braceja até Lamego. Tristeza e saude, silencio e gravidade. A estrada com pequeno movimento. De vêses em quando, uma aldeia abaixo do nível do caminho, com águas em sulcos nas hortas, com um campanario humilde entre ciprestes ou pinhaes.

O riacho Balsemão começa a rugir ao fundo, na garganta de que fêz leite. Que leite! E' um Calvario. O pobre riacho quebra-se em fraguedos que lhe dão retumbancias de forte. E não o é. O que elle tem é um suplicio enorme no seu despenhar. D'aí o seu ruído, o golpe do seu ímpeto que, comtudo, chega a animar alguns moinhos.

A diligencia sóbe penosamente. A ladeira é muito íngreme, como te disse. E os casaes e quintas, terrenos bem cultivados, são melancolicos, como que cinzentos. A alegria do Minho não vive ali. Se ha um viso desafogado, dá-nos o aspêto dum horizonte severo. Quando um fio d'agua se faz torrente pelo empinado do leite, parece sempre barrenta. Dirias que o proprio cristal se torna severo ali.

O padre Alves lia-nos as impressões nos olhos. Perto dum logar mais alegre, Cambres, o eclesiástico suspirou e disse-nos:

- Isto aqui alegre-os. A minha terra é linda, mas austera. Vê este logarsinho. Era daqui o dr. João Mendes de Magalhães, um medico distinto, uma inteligencia nobre, um excelente coração.

E, d'ólhos no céu :

-Que saudades!... Veja. Estas rudezas fazem a gente sentimental. Estou a ver agora tudo que de tragico tem tido a minha vida ... Meu sobrinho, o dr. José Antonio Alves d'Almeida, jurista e teólogo, morto na juventude, na flor da vida e do talento ... e outro meu sobrinho, tão extraordinario de mentalidade, o dr. Velado da Fonseca, morto ainda mais jóven do que elle!... Tantos mortos, meus amigos, e como estes alcantis falam delles sem sabermos porquê!

O padre Alves tinha os ólhos rasos de lágrimas.

Parara, como quem medita. Depois, continuou:

-Mas Cambres... O dr. Mendes, com aquelle ar fidalgo, não sei quê de *landgrave* e não sei quê de triste, afinal, na sua ironia de antigo cardíaco ... E os filhos como me fazem velho! Já repararam que a gente só dá conta da velhice, ao ver homens as crianças que trouxémos ao colo?

Voltara-se para Fernando Xavier, afetuosamente:

-Deve conhecer um em Lisbôa, o capitão Alfredo Mendes, deputado por Lamego. Da inteligencia e do coração d'elle, melhor que os discursos da Camara, e brilhantes, diz-me tudo um facto: o bom Alfredo Mendes, perdendo um filhinho, em vês de se empedernir no naturalismo, tornou-se espiritualista ... Em Lamego lhe apresentarei dois irmãos d'elle, dois filhos do mesmo João Mendes, homem que foi de alta e nobre estatura, grande fronte e grande suissa, mas ainda de maior espírito.

São o dr. Accacio Mendes, um advogado eloquente e sub-inspetor de Instrução Primaria, e Artur Mendes, um bom, um modesto, inteligente e honesto como ha poucos...

Mas Fernando Xavier, que estivera meditando enquanto elle falava, atalhou.

- Perdão! V. rev.ma é então decerto Monsenhor Alves da Fonseca. Tio do dr. Velado, é irmão grande jurisconsulto Antonio Alves Pereira da Fonseca que foi uma gloria do fôro de Lisbôa.

- Conheceu-o?

- Nos seus ultimos tempos. Dias Ferreira respeitava-o e admirava-o. E da sua terra, monsenhor, conheço muitos homens ilustres ...

Um, e meu jóven amigo, é o dr. Cassiano Neves, notavel medico e antigo deputado...

- E filho dum amigo do coração, o advogado e publicista dr. Cassiano Neves, tragicamente morto... que alma! que talento! Que desventurado! Todos o choraram. Só as víboras - poucas - folgaram de o ver cair tão tristemente ...

- O dr. Acacio Guimarães...

Bom trabalhador, inteligente, estudioso, concentrado como quem vive com uma grande angustia que nunca lhe deixa a alma...

- O lente da Escola do Exército Pinto de Magalhães, Roberto Pinto, André Bastos, Fausto Guedes, o poeta, o dr. Sebastião de Lemos, medico, José Tomaz d'Aguiar, o padre Antonio d'Oliveira sub-diretor da Casa de Correção de Caxias, tão modesto como cheio de valor... Vê? Conheço muita gente da sua terra...

- E os que lá vão! Os Moreiras, o heroico e desditoso Visconde de Guedes Teixeira a quem devemos o Lamego moderno - o José Izidoro, o Valmór, o velho visconde d'Arneiroz, o conde d'Alpendurada, o Manuel Pinheiro Chaves, meu irmão espiritual, que morreu no Porto, o poeta Bonifacio Monteiro, cónego da Sé do Porto, o Manuel Tojeiro, o Mesquita latinista, o promotor Francisco José Pereira, o grande compositor Antonio Augusto da Fonseca, o poeta Hamilton d'Araujo... o poeta e medico dr. Antonio Zagalo... tantos e tantos.

Monsenhor Alves da Fonseca ia abafando a voz em lagrimas.

Enternecidos e mudos, o vimos calar d'olhos semi-cerrados, como se visse espiritos ...

Depois, houve uma claridade repentina. Estavamos num alto encantador. Perto de nós a paisagem era triste e severa. Mas o horizonte ao largo deslumbrava. A Regoa e a sua bacia, cravejada de casaes, Villa Real a faiscar, acima, as serras de Traz-os-Montes, um espaço quasi infinito, luminoso, pitoresco, surpreendente de variedade, impunham-se como uma visão panoramica.

Monsenhor Alves olhou e sorriu, mais satisfeito.

- E' o Relogio do Sol! explicou elle.

Mais um mendigo nos pedia esmola, porque é a estrada dos mendigos. A diligencia arrancou-se um pouco ao seu torpor. A paisagem voltou, porém, a ser severa. O ar tornou-se mais frio e rápido.

Então Monsenhor Alves disse:

- Porque não cremos na resurreição da Patria, se uma terra pequena como esta tem taes filhos? Juntem todos os homens de valor e terão um povo escolhido.

- Mas - observei então - ninguem descrê do futuro de Portugal...

- Os senhores em França hoje fazem-nos já justiça - disse elle com jubilo.

- Hoje e sempre, monsenhor. Hoje só com mais entusiasmo e simpatia. Monsenhor conhece as obras de Edgar Quinet, do qual discordará muito, mas que foi, quasi sempre, um espírito cheio de justiça. Pois, naquele opusculo chamado *La France et la*

Sainte Alliance en Portugal, lá diz elle, pouco mais ou menos: «Havia no mundo um povo chamado Portugal. Fraco na apparencia, operou a s maiores empresas, mudou o caminho do commercio, inaugurou a historia do mundo moderno e a época da industria com o descobrimento do Cabo da Boa Esperança e com a conquista dos extremos do Globo. Nenhum povo, tão pequeno, fés serviços tão gloriosos á Humanidade. Foi elle quem primeiro abriu as portas do Oriente e do Occidente. Quando a França e a Inglaterra conheciam apenas as suas costas, elle aumentava a immensidade, era rei dos oceanos!... A Humanidade moderna deve-lhe todo o Globo!»

- Nobres palavras!

- Conhece eguaes referências de Vitor Hugo e de outros. Portugal, como a Grecia - creia - por mais que a politica das nações o sepulte, hade renascer, porque é immortal. Deus não deixa aniquilar os povos que faz seus missionarios... Quer uma prova? E' o renascimento da Fé Religiosa na sua Patria. Um povo que crê, ao passo que se ilustra, caminha para a sua completa rehabilitação. Mas avistavamos casas, e logo um anfiteatro de granito com um templo ao alto de vestida colina e, por fim, á direita, um castelo negro, quadrangular, cercado de casaria pardacenta.

O anfiteatro é o Santuario dos Remedios. A' sua esquerda corre a serra de Penude, alta, sombria, com uma egrejinha a branquejar. A' sua direita, soutos, hortas, o alto do Paiol com uma grande casa de campo. Daquelle alto desce-se para uma planura estreita, em dois planos de nível pouco diferente. Mais próximo do Santuario, está o do cemiterio, cheio de ciprestes, com uma avenida publica subjacente. Deste plano ha um degrau em rampa para o outro. E' um campo vasto, irregular, mais longo do que largo. Ao fundo, um casarão amarelo com um templo. E' o Quartel de infantaria.

A estrada agora é plana.

A' direita, numa elevação, um edificio enorme, mixto de quartel e convento.

Monsenhor Alves explica:

-E' o Colegio de Lamego, fundado por um santo, o padre Antonio Rozeira!

Paralelos, na margem direita da estrada, edificios amplos, modernos.

- Propriedades do falecido Ferraz... murmurou o eclesiastico.

E o cocheiro, vibrando o chicote, gritou com energia:

- Ortigosa!

Aquelle nome não nos era desconhecido.

Fernando Xavier meditou um pouco, e perguntou a monsenhor Alves:

- Não é a terra dum tal Pêras?

-Conhecem-no? disse monsenhor com benevolencia.

E acrescentou

- Nasceu por aí...

Mas a diligencia parara numa rua deserta, apesar de guamecida de muito estabelecimentos.

- E' a Praça do Comercio! explicou ainda Monsenhor.

E apeámos. O resto para outra vês.

Teu

Victor de Moigénie.

[...]

Vizeu, 6 de Outubro de 1907.

Querido Gustavo:

Decididamente a Beira-alta é, como muitas vêses te disse, a Suissa de Portugal, não só nas serranias e panoramas ásperos, com raros vales alegres, a não ser em S. Pedro do Sul onde os ha dilatados e magnificos mas ainda no frio que este anno, por sinal, começa mais cedo, dando um inverno pouco peninsular - dentro do outono! - e cheio de brumas e chuvas tristes!

Venho como que acossado pelo inverno deste Lamego ...

Monsenhor Alves, nosso amavel e culto cicerone e... até hospedeiro, porque o simpatico eclesiastico não consentiu que fôsemos procurar outra hospedagem que não fosse a de sua casa, numa rua chamada das Cortes, defronte da historica egreja d'Almacave. Lá nos recebeu elle como um fidalgo e, como elle, nos festejou D. Maria da Gloria, sua irmã, veneranda senhora, tão admiravel de vivacidade e cortezia.

Lamego é uma cidade velha. Consta duma rua em serpente que vai do Cerdeiral a S. Lazaro, a um bairro humido, o da Ponte, perdido num fosso, que é regado pelo Balsemão. Este riacho ali move moinhos, lambe fragas donde despenha, e se perde de vista em curvas bruscas e profundas. A cidade arranca a casaria dum pequeno planalto e desce em rampa até á Ponte, procurando bracejar em arruamentos novos, quâsi desertos em geral, e formando um bairro plano no Rocio, o bairro da Sé, comido de vielas, mas com dois golpes desafogados - rua Visconde Guedes e a linha das ruas Macario de Castro e Cardoso Avelino.

D'onde vem esta serpente de casaria? Do Castelo. A velha cidade ocupa o alto da colina com um bairro sujo e escuro, restos da cidadela.

Ali, naquela empôla de pedra escura, se geraram os membros estreitos que lança para o Norte e para o Sul, ao poente, comtudo, da sua pinha sombria de velha fortaleza.

O Visconde Guedes Teixeira, inteligencia tão robusta como a vontade, sonhou com paixão modernisar aquella ruina quási mourisca. E muito operou, apesar das miserias da politica e da inveja dos imbecis.

A rua d'Almacave corre na base da colina do Castelo. Continua a garganta da Praça do Comercio que recebe o golpe transversal das ligações da Seara e da rua que conduz ao Passeio Publico e Cruz Alta, extremo norte da cidade. Esta rua d'Almacave, outrora rica, decaiu com toda a cidade, mas é a velha arteria, continua na rampa de Olaria, e pára no Rocio, para outras - o Desterro e Cardoso Avelino - ligarem, a primeira sem casas e a segunda com certa beleza, apezar das curvas, a cabeça da serpente com a extremidade da cauda, empinada e com casas só dum lado na Calçada, e chata e lobrega na Ponte onde descança em pedras humidas. Depois, enfasiada com o ruído das galeiras do Balsemão e com o aperto do horisonte, dá um pulo em rampa e vai quedar-se diante da estrada que vai a Britiande e a Mondim da Beira.

O Visconde achou este traço mesquinho, informe. Foi á Alameda, esplendida, plantada por José Isidoro, desceu ao Passeio Publico, grande, com um fontenario de pedra encimada pela estatua da cidade, e um belo e grande edificio, a Casa da Camara, e rasgou dali, pelos campos de Coura, grandes e fecundos, uma avenida. Esta avenida, ainda pouco povoada, mas espaçosa, vai, em reta a principio, e depois numa curva subita, contra o ramusculo de Fafel. Mas ali reflete. Irá até N. Senhora dos Remedios? Do Espirito Santo segue para lá uma estrada. Fafel vai lá dar, rua rustica com desfecho em veredas ainda mais rusticas.

A avenida quer ligar a cidade, dois pontos della - a Praça e a Sé. O generoso pensamento do Visconde era fazer della uma linda rua circumvalatoria. Opôs-se o templo da Graça. Ficou pois nervosa contra Fafel e largou implacavel, forte, serena, sem um cotovelo, até ao Espirito Santo. Estava corrigido o traçado irregular de Almacave e da Olaria. Do Espirito Santo a rua Visconde Guedes levará ao Rocio onde morre a ladeira da Olaria. Em frente uma estrada leva aos Remédios. Para o cemiterio conduz a rampa da Mezeda. Para o largo dos Asilos, a rua das Canastras. Do Largo dos Asilos a rua desce até á Ponte, encontrando-se no largo do Desterro com a rua Cardoso Avelino, modernisada e precedida pela bela rua Macario de Castro, devida tambem ao Visconde.

E quem no Largo dos Asilos se arrepende de procurar a cauda da cidade, e

quizer dar volta menor, desce a sombria, empinada e tortuosa rua Visconde d'Arneiros, deixa a rua Direita, uma viela torcida e humida, defronta a Sé, desafoga-se no Rocio e depois... é escolher... ou o Calvario da Olaria, ou o traço plano da rua Visconde de Guedes e Avenida acima.

Mas tem saudades da cidade velha e comercial? Pare junto do palacete Vasconcelos, e olhe bem pela Avenida. Se prefere caminhos velhos, tem acima uma travessa solitaria que chega ao Largo do Assento - onde fica o Banco do Douro - sóbe a rua do Teatro - onde fica o teatro da cidade - e está ao fundo d'Almacave. Se prefere jornada mais alegre, segue a Avenida, corta á direita pela pequena mas bela rua D. Luiz, ou atravessa a Praça de D. Carlos, toda em rampa e depois plana, com o seu ar de mercado, como o é, e razoavel, muito pitoresco.

E viu a cidade de Lamego, a parte central, onde dizem viverem dez mil pessoas. O muito que tem de moderna - Praça de D. Carlos, ruas espaçosas, etc. - é obra do Visconde de Guedes, como já te disse.

Que tem mais a cidade? Estabelecimentos? Muitos, tantos que, quasi desertos, nem sei como vivem. Não ha industria, que não seja a do *champagne*, em Lamego antigamente tão industrial. Não tem uma linha ferrea, estando tão perto da Regoa! Tem Liceu - o edificio é ao pé do Passeio Publico-; Paço Episcopal - o edificio, vasto, é no Rocio; - tem um regimento de infantaria; policia - pelo menos seis guardas, o que talvez seja demais para gente tão pacifica -; Seminario - belo, defronte do Paço Episcopal -; um hospital modelo, ao cimo da Alameda; dois cemiterios, um na Cruz Alta -; um Santuario célebre; uma Sé bela; excelente Passeio Publico; um Colegio colossal; lendario e bom presunto; excelente vinho e frutas; ar forte e puro; boa água; habitantes átivos e coisas de cidade importante, elementos de vida, saúde e prosperidade ... e faltam-lhe melhoramentos essenciaes, e a sua decadencia é tal, (segundo dizem, ha pouco mais de dez annos,) que é um verdadeiro deserto, donde todos emigram sem saudade, embora a população, extranhamente fecunda, não diminua sensivelmente!

Como notei, a vida de Lamego é perfeitamente vegetativa. Não ha que fazer, e todo o ocioso á força é chamado vadio. Exceto se tem dinheiro. Então é pelo menos, juiz duma irmandade ou presidente duma Associação. Não ha cafés. Os pontos de reunião são as lojas de modas, ou as farmacias. Discute-se a politica? Ao acaso. O principal e constante assunto é a vida alheia. Ha rivalidades alegres. Ha exhibições curiosas. Um homem que veste um fato novo passeia, d'ordinario, toda a cidade com a familia, em passo de procissão. Quem dá um chá com biscoitos, vinho do Porto, figos sêccos e um bailesinho, passa hirto á espera de barrotadas e não ri para ninguem, ainda que lhe façam cócegas debaixo dos braços.

Lamecense que vá a Lisbôa ou ao Porto, volta á terra com grande ar de importancia. Alguns até falam num tom diverso da sua região, com estribilhos

minhotos ou alfacinhas. Um bacharel é mais do que um padre. Um operario é uma especie de inferior.

Um divertimento certo é o dos doidos vagabundos. A população entretem-se com elles e endoidecem-nos mais, impunemente. A policia é familiarissima. Um ou outro guarda bebe o seu meio litro... e emenda assim, ás vêses, até uma postura municipal.

Os contrerraneos são sempre, aos olhos uns dos outros, ou grandes demais, ou excessivamente nulos. Não ha meio termo. E isto em nada. Tudo hiperbólico como em Tarras-con. O illustre poeta Sousa Macario - um velho general reformado - acha que a vista da sua casa de Fafel é superior á de Alpedrinha ou Cintra e Bussaco. E nesta crença aborrecer-se-ia no alto do Monte Branco, logo ao primeiro olhar.

Ha dois jornaes. O mais sensato, brilhante e progressivo, é o mais conservador: a *Semana*. O outro, o *Progresso*, é uma serie de copias de noticias de diarios e apenas com uma parte original, chamada artigo de fundo, mas, realmente, uma alocação inofensiva, escrita só para o redator e tipógrafos. O publico nem entende, nem procura entender. Com tudo, o jornalista é celebre: Fulgencio, penso eu. Mas porquê? Aí é que está o sainete de Lamego: não é pela pênã, é pela fama de ter ... um kisto num dos ólhos, em plena pálpebra superior.

Gente bôa, laboriosa, inteligente, mas inativa á força. Falta de dinheiro e de fraternidade. Preconceitos velhos, despóticos. O teatro, so frível, mas deserto. As Associações com alguma vida, mas fócios de pedantismo e invejas. O Presidente de qualquer dellas não olha senão com desdem para um carpinteiro. Se o operario fôr sapateiro, chama-lhe borrachão, e não o fita.

Abundam os influentes políticos que se correspondem com os ministros. Afinal, alguns, se escrevem aos seus chefes de Lisbôa, raro recebem resposta. Quando a conseguem, saém de casa com chapeu alto e percorrem todos os estabelecimentos. Para quê? Para mostrarem a carta honrosa. E depois é um rumor: F... faz o que quer na capital. Venceu!

Está presidente da camara, ou regedor, conforme as suas ambições.

Fervilham os mendigos, principalmente os aleijados. Rareiam, porém, os gatunos.

Para contrapôr áquelles defeitos, a nova geração é digna, ativa e esperançosa ... Mas tem de fugir da sua terra, o que muito prejudica Lamêgo. Desta cidade, logo que a abandonem, principalmente, saém homens illustres. Porquê? A culpa não é de Lamego, é da sua pobreza crescente, como da falta de ensino pratico, da falta de educação cívica.

Uma linha férrea faria de Lamego igual, se não superior, a Vizeu. As aptidões

dos lamecenses são extraordinarias. Apodrecem lá distintos artistas. Perdem-se ali verdadeiros talentos, ao que me disseram.

Cidade antiquíssima, fidalga, bonita depois de tão melhorada ... mas anémica...

E ainda voltarei a falar-te della! Até amanhã.

Teu

Victor de Moigénie.

[...]

Vizeu, 10 de Outubro de 1907.

Meu Gustavo:

Monsenhor Alves da Fonseca foi incansavel tambem como guia.

Levou-nos á igreja d'Almacave. Nada tem de notavel. Da construção primitiva resta apenas um portico. O resto é tudo reconstrução de ha poucos seculos.

Almacave passou por muitas vicissitudes. Foi sé dos suevos e dos godos e depois mesquita árabe até 1102. A tradição diz que já se celebraram as primeiras côrtes portuguesas. Alexandre Herculano, Coelho da Rocha e outros negam tal.

Eu arquivo o que diz a sciencia e ajoelho deante da tradição. Julgo sempre que o sentimento dum povo tem direito a uma simpatia e a um culto...

A igreja no interior tem pedaços d'arte.

Mostraram-nos a Sé. E' de estilo gotico, com um portico magestoso. Está num largo vasto, o Rocio. Consta de tres naves. São amplas e esbeltas. O claustro não é suntuoso, mas não desdiz da beleza e grandeza do edificio.

Encerra uma téla notavel - a Assunção. Mas em Almacave vi tela melhor: uma cópia da celebre Ceia de Leonardo de Vinci.

A capela da Senhora do Desterro é grande e tem boa obra de talha. S. Francisco e a Misericórdia são ainda dois templos notaveis. A Graça e as Chagas encerram algumas preciosidades.

Mas a todas é preferível a linda igreja de Santa Cruz, ao pé do quartel. São excelentes os seus azulejos e obra de talha. Os sinos do seu campanario tem um som doce e vibrante qualquer coisa dum clarim comovido pela Fé.

Subimos, depois, ao Castelo. E' velho e alto. Dentro delle está a cadeia, um horror pela falta de higiene e pelo desconforto. O seu relógio é o oficial. Ouvem-se as suas badaladas muitos kilómetros ao redor. Quando o sino grande do Castelo toca, ha um terror instintivo. Parece a voz severa do velho Lamego das pelejas e da

austeridade lendaria.

Perto, ha uma cistema, obra dos romanos.

Os lamecenses mostraram-na com ar de meditação. Não é para menos. O velho e precioso monumento é conservado com grande espanto daquelle bom povo... que gosta mais de comercio do que de Arte.

Admiramos os Paços do Concelho, os dois Asilos - de Mendicidade e da Infancia – O Paço Episcopal, bons edificios, e, na leira da Certã, ao Norte, acima da Alamêda, o hospital, chamado Novo, ou de D. Luís, edificio moderno, admiravelmente situado, muito bem dirigido, que não envergonharia o Porto e até Lisbôa.

Monsenhor Alves chamou-me a atenção para a ordem e boa cubagem de todo o estabelecimento. Acompanharam-nos com bondade duas Irmãs Hospitaleiras.

E disse-nos o simpatico cicerone:

-Nem em toda a parte é assim caritativo o serviço hospitalar. Os hospitaes de S. José e Desterro em Lisboa e o de Santo Antonio no Porto, o de S. Marcos em Braga e outros são mais vastos ... mas contam-se coisas revoltantes dalguns enfermeiros dali.

Nesta casa tudo é lavado, puro e sadio: os medicos, os enfermeiros, o edificio, os ares. Veja que vista deliciosa sobre a cidade!

Assim é. O hospital de Lamego encanta. E' modemo no corpo, mas cheio de virtudes antigas na grande alma que o enche. Os mezarios da Misericordia, e visitantes do Hospital, porfiam em zelo e carinho. Está ali um lindo retrato moral do povo lamecense.

Depois, démos o grande passeio dos habitantes da cidade. Fômos aos Remedios.

O Santuario é magnitico, muito bem situado. Subida a estrada de zig-zag que o Visconde Guedes levou pela encosta acima até ao Largo dos Gigantes, o templo é perto. E é formoso, simples, elegante. As duas torres são primorosas. O adro, amplo, com resguardos artisticos de cantaria, oferece um panorama que é tão dilatado como original. Vê-se dali em baixo, a cidade, triste, calma, espreguiçada. Mais longe, como um farol no alto dum têsso, a capelinha de neve ele S. Domingos. Ao nordeste, o Hospital Novo. Num golpe mais ao oriente, a alvura longínqua de Vila Real e a serrania trasmontana.

Ao sul do adro, castanheiros depois da residencia, singela e confortavel. Mais para o poente pinhaes, tristes como solidões, e, num fôssso, mas tambem num planaltosinho, S. Pedro de Penude, igreja alva, ao pé de alcantis negros e titanicos.

Monsenhor Alves ficou, como nós, dominado pela grande espiritualidade daquelle grande e melancolico horizonte e, depois de nos mostrar lá baixo a pequena povoação de Medelo com a sua capelinha de S. Sebastião, e adiante S. Gens e toda a encosta cheia de vinhêdos até á linha de Fafel, disse com bonhomia:

- Creiam, as almas aqui são simples como a Natureza. Vê aquella igreja de Penude? Pois é branca como a alma do velho abade, o Padre Macario Coutinho, sempre risonho e simples como cheio de talento. E estes eclesiasticos não rareiam. Quem é o reitor de Almacave? E' um ex-abade de Meijinhos, o Padre João da Piedade, chalaça viva, alma d'oiro, prestimo inexgotavel. O abade da Sé? O Padre Antonio Matias, um simples e um sincero. Qual o bispo mais querido de ha muitos annos? Algum grande príncipe nas atitudes? Não: um padre que foi missionario na Africa e na India, diplomata vitorioso em Londres e Roma, publicista brilhante e erudito, e, comtudo, tão singelo que andava a pé, tinha um só creado, como Monsenhor Bemvindo e como elle dava aos pobres o que todos chamam necessario para si. Este santo foi D. Antonio Tomaz da Silva Leitão e Castro ...

- Era de Lisbôa, minha terra, disse Fernando Xavier com comoção. Foi um bom e um superior.

Iamos descendo. A escadaria é de granito, solida e primorosa, com quinhentos degraus e nove espaçosos lanços. Depois do Largo dos Gigantes, que tem ao centro uma piramide esbelta, com uma estrela no vertice, piramide apoiada nos hombros de quatro membrudos colossos cujas bôcas são bicas dum grande fontenario, depois desse Largo, verdadeiramente monumental pelos dois porticos magníficos e pelas estatuas de reis bíblicos, desce-se ao local onde está a linda capelinha de N. S. de Lourdes. Ha ainda fontenarios com figuras mitologicas de valor. Numa fonte singelissima ha esta quadra dum poeta lamecense, Bonifacio Monteiro:

E' Fonte Ppra,
A Mãe do Eterno;
Quem della bebe,
Não teme o Inferno.

Depois, é um encanto sempre d'arte: piramides no topo do escadorio, a solidês e a perfeição do gradeamento de granito. Cingindo tudo isto, um parque novo, mas já artístico, cheio de lagosinhos e formosas perspétivas.

Ao fundo dos degraus uma cascata, como lhe chamam, bela obra d'arte em forma de concha gigantesca a escorrer agua num tanque vastíssimo.

E a seguir um largo - a Meia Laranja donde a vista é mais limitada, mas talvez mais poetica ainda do que a do adro, que é melancólica, sim, mas estonteante.

Ali paramos a ouvir a palavra triste e empolgante de Monsenhor Alves.

Nisto, um homem alto e curvado, talvez de cinquenta e cinco anos, veio da estrada. Tinha um ar irónico, mas bondoso. Seguiam-no tres indivíduos; um de rosto grego, muito aberto, outro grave, embora risonho, e outro de barba toda negra em bico.

Os quatro homens cortejaram-nos e seguiram pela escadaria.

- O mais velho - disse Monsenhor - é um santo que teima em passar por sarcástico. E' o notario Valentim Duarte Cerdeira. Alma d'oiro com a preocupação de que é uma ironia ambulante. Muito inteligente e espirituoso. A modestia e a sinceridade em pessoa. Os outros são Luís Napoles, verdadeira alma de artista, um desenhador de talento; José d'Almeida Saldanha Junior, um compositor de merito, e Antonio Pinto Ribeiro, excelente alma, aberta a todos os grandes Ideaes...

Mas não acabava, quando ouvimos um grande grito:

-O' coisas! esperem! Quero-os lá hoje! Parem, seus diabos! Olhem que eu não posso correr!

A voz era rouca e ofegante. Vinha detraz dumas giestas. Os quatro subiam as escadas, depressa, como se fugissem daquela voz.

De repente, surgiu como que um ôdre humano. Um homem gordo, quasi a rebentar, impava á entrada da Meia Laranja, d'olhos em fogo, indignado.

Mas viu-nos. Parou. Meditou. Enxugou o suór. Depois, verdadeiramente satisfeito, veio para nós, abrindo a boca desdentada:

-Pois quê? Os senhores na minha terra!

- Temos estopada... murmurou Fernando Xavier.

- Quem é? perguntei, não reconhecendo o adventício.

- Quem hade ser? Parece praga!... O nosso Cabrion, o senhor Pêras!

Emfim, Gustavo ... Ha flagelos destes. Mas verás o melhor na outra carta.

Teu

Victor de Moigénie.

[...]

SENHORA DOS REMEDIOS

Aquilino Ribeiro

1908

O tio Cancela chegou a varanda a espreitar o tempo. O ceo limpo, ao longe sómente um barrocal de nuvens que a aragem demolia.

Depois, escudando a voz com as mãos, gritou ao moço, por sobre os azeviches da parreira bastarda, que fosse apôndo os bois, que eram horas. Em baixo, na arada, o rapaz alçou a cabeça, espadelou as mãos uma na outra, e de ancinho ao hombro meteu para o estabulo.

O Cancela, enquanto abotoava os bofes inteiriçados da camisa, ia percorrendo a granja com a vista, de ponta a ponta, desde as umbelas arrogantes do souto, a selva de galhardetes do milharal.

O sol no ocaso empoeirava tudo d'oiro: os castanheiros altissimos, as areias do atalho, a camisa de neve do camponez, os seus dois fios de prata grossos como serpentes. Acalentando o riso aberto dos frutos. As boas arvores, as mães extenuadas, perdiam a cór. A ferrã começava a apontar na terra, os moscateis pelos cómoros explodiam em anasarcas de assucar.

Sobre o tanque, o silencio debruçava-se a escutar a toada monotona do caieiro.

Tudo esquadrihava o Cancela e tam embevecido, que a filha póde chegar ao pé d'elle sem ser presentida e disparar-lhe nos ouvidos um eh! travesso, brusco como um choque electrico.

O velho voltou-se a resmonear, enquanto a cachopa ria a bandeiras despregadas, numa alegria limpida, cristalina.

Uns bois enormes como medas cortaram pachorrentamente o pateo, foram beber ao tanque.

De cima, a Rosinha recomendou ao moço, que se aviasse, que se estava a fazer tarde; depois largou pela casa dentro lepida, contente como uma pascoa.

Com um olhar o Cancela tlintou aquellas trinta moedas, e satisfeito foi vestir a jaqueta, atarrachando pelo caminho o colete novo d'astrakan.

O moço jungiu os bois, apó-los ao carro da lavoira enfeitado de alecrim e rosmaninho, coberto com um mantel velho de chita.

Depois aparelhou a pótra e na cabeçada e nas molhelhas prendeu roçadas de crisantemos. Cheias as borrachas, equilibrados os alforques, dispostas as forragens

para a jornada, foi-se elle tambem vestir a farpela de ver a Deus.

Os amos apareceram afinal, anchos, domingueiros, o Cancela numa andaina que estreirara pelo natal, a filha muito aseada na saia de gorgorina côr de café, na blusa branca, sob o cordão d'oiro que a mãe benevolmente lhe deixava trazer.

O Cancela foi-se andando com a besta á rédea.

A velha e a rapariga entraram para o carro, o moço, não aturando os sapatos, foi espetá-los nos estadulhos entre dois tirsos de alecrim.

Depois a um ei lá! vibrante, o carro arrancou, soltando num gemido doloroso, um adeus á granja, um adeus ao sol.

*

As cantigas ardem, iluminam a estrada, dão mais luz ao luar. Acima, muito acima, como sceptro do tempo, o setestrelô cintila.

Moços e moças trazam a pé a fita veludinea da estrada, chinelas na abada, sapatos no varapau, abana que abana.

O caminho vai-se enrolando insensivelmente no novelo das alegrias. Beijos, risos, a braços, tudo do alto a lua abençoa.

A filha do Cancela que vai no rancho garganteia:

Toma lá cerejas

Que te manda meu irmão

Eu talvez t'escreva

Na casquinha do limão.

E num triunfo que enche a noite, acorda os tentilhões das balsas, faz pestanejar as estrelas, a turba responde:

E viva a pandega

Olé, olá!

Com'esta pandega

Não ha, não ha!!

A' frente marcha a comitiva d'a cavalo, num chouto manso de caravana patriarcal escoltando a boquinha d'oiro do senhor abade, que conta anedotas das sete partidas,

e as rotundidades dum brasileiro rico ajuizadas d'oiro e pedrarias corno um boi Apis.

Atraz os carros de gala, chorando a eterna berceuse dos eixos e das campainhas.

A' passagem numa taverna, os da deanteira param, o rancho d'a pé pára, os mazorreiros vehiculos chegam.

O vendeiro ergue-se estremunhado, e a tanto barulho, os cães do logarejo arremetem uivando.

A alegria do vinho entorna-se na alegria das cantigas, e a ranchada abala, volta a trifurcar-se naquelles bandos em que é rei o abade, se desafiam os rouxinoes dormitam os anos em que já nevou.

Dos caminhos velhos, maltas de romeiros desaguam na estrada, lá vão entoando os mesmos salmos de alegria, de saude exuberante. Passa ás vezes um cavaleiro a trote, dois, trez cavaleiros a passo largo, fumando, discutindo alto.

As arvores pelas rampas rezam ao vento, as escarpas das trincheiras semelham fantasias do luar.

Lá em baixo, do silencio adormecido dalguma quinta, o clarim vibrante dum galo atira ao ceo um canto altíssimo, puro como uma coluna de cristal.

Alva.

Lobriga-se um telhado, ouve-se o mastigar duma mó e a cantilena grave do ribeiro. E o macadam fugindo sempre, qual nastro cilhado ao ventre da terra, sobre montes, vales, casaes, córregos.

A morgadita do Cancela canta com a alacridade da cigarra na paveia dos ceifeiros, a alma visionando essa Lamego com casarios como conventos, torres mais altas que duas cordas de encarrar.

Canta... Manda adeante uma cantiga ao Zé, militar lá no 9, guapo a valer, com as mangas cheinhas de riscas vermelhas.

E o estribilho prosegue:

E viva a pandega

Olé, ólá!

.....

.....

Mas as gargantas começam a emperrar, a estrada não se farta de saltar regatos, cortar caminhos

-Eh! gentes, alma! - brada um galaroz da malta. Mais umas pernadas e estamos em Britiande.

Britiande.

O sol sobe mansinho, polvilha a cruz do campanario, chameja nuns cabelos de mulher que vieram espreitar á vidraça partida.

A aldeia anda já a pé. Uma alcateia de mendigos segue vagarosamente pela estrada, um homenzinho lanzudo rebola uma pipa, ouve-se-lhe chocalhar dentro a lavagem. Duma carroça a um canto, alçada, os varaes estendem-se para o infinito, como dois braços.

Homens e mulheres. de cabeça descoberta formigam pela rua; da taverna vem uma vozearia indistinta dos tresnoitados.

Petisca-se; o brasileiro come do regaço da Rosa, abre na meza franca o seu farnel opíparo. Bem comidos e bem bebidos, ala; dali a Lamego é um salto e a récega vai apertar.

A estrada vai inçada de gente. A poeira começa a morder, os cachos a luzir o seu sorrisinho meudo de pequenos nababos contentes.

Tira-se o chapeo ao Senhor dos Aflitos, sobe-se a ladeira e Lamego defronta-se na vertente de lá.

A cidade resplandece. Abrazam-se em incendio as vidraças., as torres sagitam o azul, flechas, chaminés, empenas, pairam num labirinto geometrico, sob a asa doirada do sol. Em torno, a muralha verdeneira do arvoredado, entremeando-se pela casaria, quebrando-se em fuga na garganta do Barosa.

E lá ao cimo, como uma escada caprichosa de Jacob, a rampa de granito do santuario, cheia de sol, de flamulas, de lavôres de fadas.

Nos labios dos serranos murcham mesquinhas as cantigas.

Lamego, o burgo pacato que fez das suas noites um proverbio de eternidade, e dos seus presuntos asas de gloria, envergou a dalmatica festiva das Mecas, com fiôres, musicas, bandeiras ao vento.

Villas e aldeias chegam em massa, alagam as velhas ruas roidas do sol, sulcadas lá de quando em quando pela sotaina negra arregaçada e as meias sanguíneas dum conejo chantre a caminho da Sé.

Um rumor imenso esvoaça nos ares, turbados na roda do anno apenas pelos toques do regimento, e a tarantula implacavel dos sinos da cathedral.

Ha rendas de verdura pelos passeios, roseirae de cabeças femininas pelas janelas de que escorregam damascos, como limos de cascatas exaustas. Descantes sucedem-se num turbilhão de paus, velando as melodias do queixoso harmonio. Um automovel vem de traz, a roncar, abrem se as filas como no domingo á missa, no ceremonial do asperges.

E as aldeias desfilam pasmadas, estarecidas, ante senhores tam janotas, festões entretecidos no ar como teias d'aranha, os aventaes casquilhos dos peitoris.

O senhor abade, da sua ranchada é elle o guardião. Paga tanto vinho como o brasileiro, e vai mostrando então um ceo aberto de coisas!

O pano fronteiro da cathedral - ah! O cincelo nos pinhaes não deixa bordados mais indos.

O padre explica solícito, mas numa parlenga para o seu rancho tam nebulosa como o misterio da Santíssima Trindade.

-Isto é estilo gotico de lei; as colunetas finas que nem avemarias, subindo, até florecerem ao sol carinhoso das alturas; os santos extaticos banhados na penumbra contemplativa dos baldaquinos; as ogivas lançadas como duas mãos postas que muito resaram. O que destóa é aquelle torreão romanico, mais pesado que um baluarte...

Ninguem o ouvia; o Cancela até cabeceava, especado ao marmeleiro, roufenhando da Pompeia dentaria a surdina cansada das gaitas galegas. O brasileiro esse olhava a Rosa como boi para um palacio.

O abade aventou em vista disso que se fosse até cima, até o parque, lá dormiriam a sésta á sombra dos castanheiros.

E o rancho pôz-se de novo a caminho do Santuario, na escalada infinita dos romeiros.

Pelas rampas, mendigos exhibiam os aleijões, numa gritaria maquina, lancinante. A' passagem de caras burguezas o seu clamor era mais agudo, mais desbocado. Do alto, como vozes arremessadas em fundas, os pregões retiniam.

Canastrinhas de doce e chafaricas de capilé escoltavam o caminho na imobilidade branca das toalhas, num esplendor de caras rosadas, tentadoras.

Na meia-laranja, onde desemboca um delta de veredas, não cabia mais alma. Canta-se, dança-se, as canecas vão e veem na sementeira das alegrias.

Dali, losangos de laçaria galgam a encosta, contornando pateos sobre pateos, até as torres esguias da basilica, disparadas para o infinito azul. Pelos lados, flechas,

zimborios, pirâmides, tocheiros de pedra em procissão, acesos pelo sol.

Rojavam-se pelas escaleiras as lamurias dos pobres, penetrantes, afiadas como azagaias.

Pregões voavam:

- Auguinha fresca!

- Quem compra tremoços?!

- O fado dos amantes! a vintem!

A Rosita olhava muito admirada para tudo, como toutinegra que vê pela primeira vez uma primavera.

A cascata da Sereia causou-lhe um recondito pezar. Pois tão linda e metade peixe!..

Onde tudo ficou pasmado, boquiaberto, foi no recinto dos gigantes.

Ao centro uns latagões de granito sustentavam ás costas uma coluna afusada e alta como um cipreste.

E eram tão gigantes, e tinham tanto peso em riba, que o seu halito eram levadas d'agua cristalina.

Em torno, as sentinelas bíblicas, os reis de Israel com as barbas pintadas do tempo, o sceptro musgoso erguido para o céu, de plantão sobre manípulos de colunas compositas.

Para lá dos nove pateos, sobre um rôr de grutas, de cascatas, de obeliscos, sob as pingas do sombreiro gigantesco do parque, o Santuario com as duas torres altíssimas, a frontaria barróca, coalhada de balões venezianos.

Do adro lançaram a vista para baixo. O escadorio esbrazido, coalhado de gente, salpicado de agulhas, participava da fantasia dos sonhos. As aguas do lago chispavam áscuas de lume, palmeiras sacudiam os leques, suavemente.

Lufadas sonoras de bandas voavam no ar, vindas de baixo.

A multidão grimpava como uma enorme serpente a que só se veem colear as escamas. Ao fundo, para lá d'um milharal amarelento, estirava-se a casaria, a muralha verdeneira, a fuga do riacho, as montanhas religiosas do Douro. A deslado, como um guerreiro que petrificasse a velha torre de menagem esquecida no seu idílio secular com o sol.

Ao estoírar dos morteiros, o senhor abade despertou.

Esfregou os olhos, abanou o brasileiro que dormia no regaço da Rosa e em voz

vibrante, jovial, clamou o «leva arriba» dos malteses.

Dos castanheiros caía uma sombra álgida, crepuscular, cheia de nimbos de sol, como um nostálgico tapete persa palhetado d'oiro.

Uma família patriarcal, a dois passos, chupava, entre gracejos, louras fatias de melão. Da feira do gado vinha uma barulheira infernal, gritos á mistura com zurros e relinchos, e por entre os troncos das arvores lampejavam as evoluções das azemolas.

A' esquerda corria uma feira de toldos oblongos, empenachados de fumo, eructando no ambiente o odor acre dos petiscos.

As folhas terminam como ventarolas mansas, os bois do Cancela, dos olhos castanhos, enormes, contavam velhas lendas melancolicas. Um zumbido imenso subia para o alto numa nevoa sonora, massiça.

O rancho beijocou as borrachas, e atravessando a babilonia das tendas, meteu para o santuario.

Não se rompia no adro. Descantes moiam a desgarrada.

Numa guarda pretoriana de cacetes, seis raparigas desenvoltas cantavam em roda:

Ora bate Mariquinhas

Ora bate bem o pé!

.....

.....

Em torno do templo, romeiros de joelhos davam voltas sobre voltas, infinitas como a angustia da promessa. Uma guitarra circulava, tambem, semelhante a um satellite.

O rancho enfileirou com os penitentes e após cinco voltas entrou a rezar. Na grande nave havia um vacuo que os fieis não preenchiam. Muita cabeça curvada, e duas senhoras a mostrarem a uns pequer ruchos os zagaes divertidos do presepio.

A Virgem perfilava-se reginalmente sobre um mólho de serafins, numa rampa montanhosa de talha dourada, regada de luzes. No peplum fulgiam-lhe constelações de pedras preciosas.

O sacristão, dum vermelho doce de beterraba, ia e vinha, espiava os sorrisos do padre tesoureiro, circunscriptos na mesa branca dos fieis que depunham a oferenda, e aos carolins de esterlinas e coróas, a conta aberta das graças de Deus.

Os dois padres trocaram um aperto de mão, enquanto o senhor brasileiro discorria sobre a assistência clínica da Virgem, na febre amarela, que o ia pregando na cova. Deixava a bagatela de quatorze libras e a amabilidade de um retrato.

O capelão assentou-lhe o nome, ungiu-o de sorrisos, e prometeu um lugar para o retrato, na galeria d'honra.

Depois uma mulher seca, de má esquadria, acercando-se, tirou do acefatinho uma trança dum castanho desbotado, curta e desigual.

Pendurou-a num prego á voz do capelão, e sacando dois vintens, pediu uma estampa, das pequenas, para mandar ao filhinho que andava na guerra c'os pretos e as febres iam levando.

-Trez, trez vintens, é o preço-objeitou o sacerdote num sorriso de bonomia.

Entretanto a Rosita, muito esperta, muito perluxada, puxava por dinheiro, a som a exacta duma lithographia pequena para pôr á cabeceira da cama.

A mão da mulher mirrada quedára, enadoava ainda a toalha branca; depois retraindo-se, procurou na algibeira, procurou, tornou a procurar e voltou vasia.

-Então não dá por um pataco? -insistiu numa voz estrangulada, chamando ao mesmo tempo os olhos do padre para a trança do cabelo.

-São trez vintens, é preço sabido ...

-Trez vintens ... trez vintens ...

-Sim, santinha, trez vintens!

- Ai Jesus e eu que só tenho dois! Se o senhor padre me fiasse?...

-Fiar? Ah! ah! ah!

A mulher deitou-lhe os olhos, córou, e largando o dinheiro, saiu pela igreja abaixo muito encolhida, como quem foge muito cobardemente ao castigo dum sacrilegio.

Aquilo aproximou os padres que riram a bom rir da «sonsice da velha».

Fóra, descia o crepusculo. Fosforencias brotavam pela escadaria, pela cidade. A resaca rugia mais forte.

As flechas das torres mal se viam no elevado azul, como se ao descer da noite tivessem ficado no céu.

Em breve tudo appareceu iluminado : o templo, os palcos, a meia-laranja, a povoação. Um clarão de cratera em actividade esbateu-se no ar. Hinos de bandas desfilaram ao vento, e girandolas sobre girandolas subiram aos ares, desfazendo-se em lagrimas sanguíneas, em diluvios de ametistas e safiras.

Depois lá de longe, o guerreiro petrificado, a velha torre de menagem calou a viseira. As suas granadas policromas, ficaram a cruzar-se sobre o môro, dando a ideia d'uma dança de estrelas cadentes.

E a olimpíada começou nas filarmonicas, nos foguetes, nas canecas do rascão.

*

O rancho voltou para o souto, não fossem as bestas espantar-se com os foguetes.

Cavalgaduras para o lado da feira relinchavam um panico de combates, vagas de gente assustadiça desertavam da zona sobre que chovia a triunfal metralha. Patrulhas de barretinas reluzentes passavam ás upas nos cavalões listrados de espuma.

Efectivamente, as pótras do Cancela e do brasileiro espinoteavam como umas danadas; a egua do cura, essa, afeita áqueles pagodes de romaria, debulhava pachorrentamente o casculho deixado por um carreiro.

Instalaram-se numa clareira a trouxemouxe, o senhor brasileiro sobre uma ponta do chaile da Rosita, flanqueada da outra banda pelo Zé, o cabo que lhe arrastava a asa.

Dali assistiriam muito bem á guerra dos fogueteiros, percebendo ainda as notas agudas da filarmonica do adro.

O castelo é que vomitava fogo como um valente.

-Não fosse elle castelo - comentou o brasileiro.

O cabo, que tinha bom faro, retorquiu sem saber bem a que:

- Aquilo... peuff! Um balasio esborralhava tudo.

O brasileiro que não tinha menos olfato, disse sorrindo, que agora era um simples monumento, mas que nos seus tempos, nos seus tempos...

E abanava a cabeça num gesto de reverencia a uma majestade entrevista.

- Ora!... - cuspiu o cabo, a quem o coração obrigava ao papel de Keraban.

- O amigo não é das bandas do Thedo? - interpelou o abade - Pois olhe que por lá conhece-se bem o que aquela cidadela valeu.

- Ah! a tal patranha do D. Taidom!

- Patranha ou não, é um documento tradicional que atesta a importancia da velha fortaleza. O tio Cancela sabe, oh se sabe!

- Ou vi, ouvi contar a meu avó, mas há tanto tempo que já se me varreu da lembrança. Uma moira que se namorou d'um príncipe cristão, não é? Conte-nos lá isso,

senhor abade, que ha de ter lido nos alfarrabios.

Os olhos da Rosa, muito abertos, pediam tambem para contar.

O padre então, relanceando ao cabo e ao brasileiro um olhar malicioso, contou a velha lenda que lhe embalara a infancia.

«Foi no tempo que os pendões da moirama voavam sobre a nossa terra, como aguias carniceiras. Tinha o vali de Lamego uma filha a quem queria mais que ás meninas dos olhos. Era Ardinia o seu nome e tão linda que a noite não sabia se era mais noite nos seus olhos, se nos seus cabelos. Aconteceu um dia as hostes cristãs saquearem a cidade e pôrem cerco ao castelo. Mas as muralhas eram de bronze, ficou no assalto uma estrumeira de cristãos. Entre os cativos contava-se D. Thedon, o filho do infante, o cavaleiro d'armadura de prata mais valoroso que a rosa do sol cobria. Grilhões para elle eram mais as tranças negras de Ardinia que as algemas do vali. Mas uma noite sem lua, sem que as sentinellas sonhasse m como, o prisioneiro evadiu-se, e uns dias andados desaparecia Ardinia. Lançaram-se esculcas, que voltaram dizendo que por aquelas redondezas, só um pagem de Granada haviam visto, trotando a bom trotar, num ginete branco. Teve um palpite o vali e mandou que os melhores corredores fossem a prender o misterioso pagem. Mas o cavalo branco fugia como o vento, não o alcançaram os corredores.

«O pagem andou, andou até que foi dar a uma ermudinha onde estava um velho - Velhinho, disse elle, não me saberás dar noticia do cavalleiro cristão D. Thedon que faltou á fé jurada de se avistar comigo? O anacoreta contou que D. Thedon fóra ferido pelos infieis e como anoitecesse ofereceu pousada ao pagem. De noite o pagem sonhou alto. Pela manhã falou-lhe assim o frade: Sei quem és. Converte-te, Ardinia, á lei do Crucificado, e vai ter depois com o senhor de teu coração. Batisou-se a moirinha, com promessa do velho lhe trazer o seu príncipe d'armadura de prata.

«D. Thedon andava na guerra; levou dias e dias a dar com ele. Quando o velho lhe contou, saltou para o seu corseil de guerra e partiram a galope, sem escolher carreiro nem atalho. Chegados á ermudinha, caiu lhe a alma aos pés.

«Sobre um montão de cinzas flutuava o pendão rubro dos infieis. As coleras do vali tinham por ali passado, destruido tudo, afogado a moirinha, que d'amor se perdera pelo cavaleiro d'armadura de prata.

D. Thedon atirou-se á moirisma com o um desesperado, que já não tem peito para sentir os golpes. Muito pêrro imolou ao altar da sua Ardinia. Um dia, afinal os malditos apanharam-no de surpresa; crivaram-no de lançadas e atiraram-no ao rio que desde então se ficou a chamar Thedo. As aguas envolveram-no na sua mortalha branca, quem sabe lá se o não levariam para os braços da desventurada moira!?)»

O cortejo na andadura suave das madalenas, dos anjos, do prelado, coleava como uma serpente curtindo uma digestão laboriosa. O sol, a pino, deixava correr a flux sua cascata d'oiro. Das torres manavam catadupas sonoras.

No decrepito castelo dos valis, a artilha ria dos morteiros salvava.

A procissão embrenhou-se no Bairro Baixo, desaparecendo seguidamente na cadencia grave da marcha do Profeta, as asas rubras dos guiões, os resplendores opticos das cruces e das lanternas, os carros de Elias puxados pelos bois dos arados, o nariz rubicundo do bispo.

Depois rolou um exercito de sobrepelizes, o 9 brunido de suor, a cauda da Grande Ursa, tecida de cabeças.

O Cancela, arriada a égua, dirigiu se para a ala dos oirives a comprar umas ciganas para o demo da rapariga. O ar queimava como um rescaldo de incendios. O alarido era medonho. Harmonias, gaitas, ocarinas, apitos ganiam, rangiam os dentes. Um rapazote assobiava como os melros e uma rapariga desdentada rufava a fantoches.

As tendas reviviam o cáos.

O Cancela escarrou moeda e meia, e ali mesmo deitou Rosa as argolas, que ficaram a badalar, a badalar apelos de beijos, para aquele rosto finíssimo, de cambraia.

Depois o rancho desceu a rampa, perdeu de vista as laçarias de renda, as flechas audazes do templo, e foi direitinho á tasca das tias Catarras da rua dos Ferreiros.

Ali, comendo e bebendo, aqueles labios simples tornaram a rezar a mesma alegria da vespera. Em baixo o Baroza desferia a sua partitura ingente.

A certa altura, o brasileiro, suando como esponja sob uma montanha, cochichou não sei que ao ouvido da Rosita que a fez corar até a raiz dos cabelos. E ficou a espanejar-se como um galo sultão, vencedor.

A' despedida o Zé chamou, a Rosa de parte:

-Então já pensaste, Rosa?

Ella sobresaltou-se. Depois muito delambida respondeu:

-Nunca mais me alembrou. Mas, ó Zé, tu com a vida que levas és um regalo. Eu cá se fosse homem, na tarimba é que me queria. Olha, se estás bem, deixa-te estar.

- Bem te compreendo - rouquejou o cabo -o ladrão do carióca...

A Rosa fez-se vermelha como um pimentão, depois de narinas dilatadas, vibrando toda, atirou-lhe á cara:

-E vossé que tem com isso? Importa-lhe a minha vida?

A dois passos, o senhor brasileiro segunda vez se espanejava como um galo sultão, vencedor.

TERRAS MALDITAS

Adelino Mendes

1909

[capítulo XXII]

[...]

Lamego, 17 de fevereiro.

Da Regoa a Lamego a estrada contorce-se numa infinidade de curvas, colleando a serra, circumdando todas as depressões do terreno, para alcançar a cidade e avançar depois para o interior da província, até Vizeu. Ao verem-se, durante as duas horas e meia que dura a viagem, as encostas replantadas quasi por completo, tem-se a consoladora impressão de que reina por aqui a fartura. Pela estrada ingreme e eriçada de covas, onde as rodas da carripana que me conduz se abysmam a cada passo, surgem, perto dos povoados bandos de creanças que mendigam e que, cantando algumas canções regionaes, pedem dez réis para pão, numa toada melancolica que me faz arripiar as mais recônditas fibras da alma.

Não preciso de mais nada para me convencer de que o fantasma da fome tambem paira pela margem esquerda do Douro. Chego a Lamego por volta das tres da tarde e ao aprear-me defronte do hotel, que é um modelo de desconforto e que nem sequer tem o aspecto recatado da tradicional hospedaria provinciana, assalta-me um grupo de mendigos, que tentam arrancar-me dinheiro á força, e meia duzia de rapagões de pé descalço e chapéu de aba larga, que pretendem, á má cara, impôr-me os seus serviços. Isto faz-me suppôr que caí numa terra por onde o progresso passou a todo o galope. E ao descortinar em volta de mim seis ou sete casas que não se recommendam pelo seu feitio architectonico, pergunto a mim proprio se Lamego, a historica, se compõe apenas d'esses edificios banaes, do paço episcopal que diviso além, ao fundo de um jardim rachitico, e da cathedral, cuja bella fachada gothica, rendilhada em granito, me fica a alguns metros de distancia.

Dura-me, no emtanto, bem pouco essa primeira sensação que a velha cidade me dá. Percorrendo-a demoradamente, depressa me convenço de que é das maiores do paiz. Divide-se em duas partes, completamente separadas - a *alta*, apinhada em volta do castello mourisco, cuja torre de menagem, com um grande sino no tôpo, ainda se ergue sobranceira ao povoado; e a *baixa*, onde vivem o elemento militar e burocratico.

É na *alta* que estão installados os melhores estabelecimentos commerciaes. Apesar d'isso, porém, as ruas estão desertas. Em muitas d'ellas, ha lojas que fecharam, por não poderem resistir á crise que devasta toda a região chamada duriense. Passou por ali como que um bafo ardente da morte. Os negociantes estão de braços cruzados sobre os balcões e os caixeiros bocejam, saturados de aborrecimento.

Lamego é, evidentemente, uma terra que morreu.

*

* *

Entro numa casa de commercio. É um magnifico estabelecimento, cujas prateleiras se encontram repletas de fazendas. O dono da casa dirige-se me com os modos mais affaveis d'este mundo, e momentos decorridos, principiamos a conversar. O bom do homem é expansivo e não tem papas na língua.

A situação geral da província é angustiosa, diz-me. Vem de ha longos annos a crise que ultimamente se manifestou mais intensamente, quasi com o character de irremediavel. Não ha dinheiro. Estão todos na penuria. As populações ruraes vivem na mais formidavel das miserias. E como eram ellas que mantinham o commercio de Lamego, desde que este perdeu essas insaciaveis consumidoras, ficou arruinado.

- Aos domingos - continúa o mercador - o povo da serra caía em massa em Lamego. As ruas mantinham de manhã á noite uma animação constante e os estabelecimentos conservavam-se sempre cheios. Pois bem, hoje, como vê, é domingo. E todavia, a cidade está abandonada, está deserta. Pela minha parte, confesso que ainda não apurei uma duzia de mil réis. Já lá vae o tempo em que, nos domingos de outubro e novembro, me ficava na gaveta mais do que junto agora num anno.

E as palavras do negociante que com côres tão carregadas me pinta a situação financeira da terra, são-me em seguida confirmadas por outras victimas da crise, que não sabem como hão de fazer face aos seus compromissos, e que, assediadas por contrariedades de toda a ordem, têm estado dispostas mil e uma vezes a declarar-se vencidas, a deixarem de lutar com a adversidade, que ha uns bons quinze annos vem pesando sobre a outr'ora privilegiada e opulenta zona vinhateira do norte. Só há em Lamego dois estabelecimentos que prosperam. São duas casas de prego. Á custa da miseria, vão realizando lucros fabulosos. Levando pelos seus emprestimos juro inconcebíveis, o seu capital cresce assombrosamente, muito embora haja a cimental-o e a fazel-o progredir as lagrimas de sangue de todos os que a ellas recorrem, quando se lhes fecham todas as portas por onde podiam sahir do inferno em que se debatem.

Lamego tem sido sempre desprezada pelos governos. Para elles, esta terra foi em todos os tempos um burgo pôdre, que o cacique explora segundo lh'o determinam os seus caprichos. O projectado caminho de ferro da Regoa a Villa Franca das Naves

viria, sem duvida, injectar-lhe uma boa parcella de vida. E todavia, esse melhoramento, completamente estudado e orçamentado, não se realiza.

Porque? Simplesmente porque os políticos o não consentem. Ha fome no Douro? O Estado acorda e pretende fingir que quer remediar-a. Como? Presenteando os amigos com quarenta contos de réis, para elles os applicarem na reparação de estradas. O que o paiz, porém, não sabe, é que esse dinheiro vae ser gasto conforme o exigir a regedoria local. A Lamego, por exemplo, coube apenas nesse bodo um conto e quinhentos mil réis que, por determinação do poder central, vão ser gastos na estrada de Vizeu, que é de todas as da provincia a que de menos obras precisa!

*

* *

E como a fome se faz sentir principalmente na parte baixa da região, as classes trabalhadoras que continuem sem pão e sem abrigo, porque não são valores que pesem na balança politica da desventurada patria portugueza. Entretanto, a usura vae estendendo as garras mortíferas sobre tudo quanto póde alimentar-a. Não ha credito agrícola e o capital retrae-se por tal fórma que o pequeno proprietario não encontra quem lhe empreste um vintem. Existe em Lamego uma casa bancaria fundada para acudir ao lavrador, para atenuar a crise. Pois esse estabelecimento de credito não coloca um real a menos de nove por cento!... E esse juro não é para todos. Quem não tiver lampada em Meca escusa de lá ir bater, porque não é servido...

Na teia emaranhada que esse banco tece em volta dos que a elle recorrem num momento de afflicção, muitos pequenos agricultores têm encontrado a ruína. E por tal fórma se enredam nas malhas com que a agiotagem lhes tolhe todos os movimentos que, quando pretendem salvar-se, ficam a pedir. Assim têm desaparecido pequenas fortunas, que foram engrossar outras, cuja base assenta na miseria collectiva. Andam, de bocca em bocca, narrativas curiosas a este respeito. Por exemplo: num logarejo dos arredores da cidade vivia um pobre homem que colhia nuns bocados de terra, herdada de seus maiores, algumas pipas d'esse optimo vinho que por aqui abunda. Um dia, esse vinho deixou de se vender por preço remunerador e o humilde agricultor teve de recorrer ao banco e foi servido.

Tudo quanto possuía lhe ficou hypothecado. Depois começaram os juros a reunir-se e a accumular-se. A divida inicial tinha, a breve trecho, dobrado os pés com a cabeça, e um bello dia o banco mandou executar o devedor. Os bens vendidos em praça não davam para a liquidação do debito e grande parte seria absorvida pela justiça. Nestas condições, o crédor deliberou tomar conta das propriedades e a administrar-as por conta propria. Agora, o outr'ora abastado proprietario mendiga. Este é um exemplo. E muitos mais podiam citar-se. Mas para quê? O agiota paira sempre sobre as regiões devastadas pelo infortunio, como as aves de rapina sobre um campo de

batalha, juncado de cadaveres. É o que está acontecendo no Douro.

Como em todas as terras populosas, Lamego tem também os seus bairros pobres. E a fome que por lá vai é tanta que os assaltos à propriedade são constantes. Os famintos roubam para comer. E, sendo assim, quem tem coragem para os perseguir? Neste recanto da Beira vai-se desenhando um forte movimento de reacção contra os políticos, que arremessaram o país para a beira do abismo que está prestes a devorá-lo. Chegará, enfim, quando menos o esperarmos, a hora da liquidação final? Esperança no dia de amanhã já ninguém a tem por estas alcantiladas serranias. Portanto, senhores políticos, acutelae-vos, porque o povo da região duriense está farto de fome e cansado de ser escarnecido.

[...]

CANTICOS D'ALMA

Joaquim Pinto de Sousa Macário

1912

[...]

Cidade de Lamego

Todos cantam sua terra

Vou também cantar a minha,

Nas débeis cordas da lyra

Heide fazel-a rainha.

C. Abreu

Nobre egregio Padrao de longínquas memorias

Onde da vida á luz, vi o primeiro alvor,

Onde gozei de mãe o primeiro afago,

Entre beijos bem d'alma, entre beijos d'amor.

Deixa que eu te consagre aos sons da minha lyra

Um cântico bem d'alma, um cântico sentido

Que d'um filho é dever honrar com todo o extremo

O seu ninho natal, seu lar, seu berço q'rido.

E eu quero memorar a tua antiguidade,
Ao mundo relembrar as tuas tradições,
Que em ti, nobre sem par, fidalga entre as cidades,
E' timbre a lua e o sol honrando os teus braços.

Não era aqui teu leito, o leito primitivo,
Mas não longe também d'este vergel d'amores,
Forçoso foi mudar; que Deus te destinava
O lar que hoje é teu berço, este jardim de flores.

No monte da Queimada era teu sólo antigo,
Cidade sendo, já, os gregos te augmentaram,
Deram-te os celtas vida, e a gente luzitana
Em te fazer brilhar o seu amor sagraram.

E já como soberana, e castellã fidalga,
Era teu este sólo onde hoje te reclinas,
Bem justo foi mudar d'um monte embora airoso,
P'ra sobre este vergel de relvas e boninas.

Foi preza a luzitania ao jugo dos romanos,
Quiz dominar em ti o imperador Trajano,
Mandou-te elle queimar, mas, teus briosos filhos,
Não se vergaram nunca ao jugo do romano.

E desde então p'ra cá, há já dezoito seculos,
Ao sólo que era teu, onde foste assolada,
P'ra memoria eternal, vergonha dos romanos,

O nome ali ficou «O monte da Queimada».

Mas não te foi sepulchro esse abrazado monte,
Não pôde esse ignio fogo outro fogo exting'ir,
O fôgo do alto amor que os teus te consagravam,
Tinhas d'aqui reinar, tinhas de progridir.

Trouxeram para aqui os teus como reliquias,
Teu nome, teus braços e honras de cidade;
E em ti, essa briosa, essa invergavel gente,
Tratou de aumentar á luz da liberdade.

Fóra do teu cercado, antes do teu castello,
Existia um palacio, existia Almacave,
E inda o frontal da Sé, que em sua b'lleza gótica
Mostra ser mais vetusto em seu aspecto grave.

Logo junto a Almacave, os vindos da Queimada,
Formaram nova rua em novas construcções,
Era d'elles o ardor, tornar-se corpolenta,
Que tu eras o enlevo áquelles corações.

Mas, toldou-lhes a paz e a lucta do progresso
A barbara invasão dos rudes mouritanos,
Quando já era bairro o bairro do castello
Um reducto c'lossal dos povos luzitanos.

Teu povo era christão, e tu éden formoso,

Deus não quis a infiéis dar-lhes em si guarida,
Fez que o teu povo audaz p'ra longe os expulsasse
Em luta colossal, em luta desabrida.

Ficaram só em ti os crentes luzitanos,
Já povo portuguez, já portugueza gente,
E pelo sácro amor que d'alma te sagravam
Luctaram sem cessar no teu progresso ingente.

Dos moiros foste côrte, e, D. Afonso Henriques
Tambem de ti fez côrte, e deu do reino as leis;
Foste de Portugal a côrte primitiva,
O primitivo throno erecto aos nossos reis.

Erguidos com tal honra os teus briosos filhos
Tomaram mais esfroço em dar-te alento e vida,
E tu, já outra vez, a par das mais cidades,
Te vias a brilhar de galas revestida.
Por culto á divindade, erigiram-se templos,
Um vasto Seminario, um Paço episcopal,
Uma famosa Sé, capellas e conventos,
Padrões que indo dão honra ao nosso Portugal.
Juntou-se aqui nobreza a quem Affonso Henriques
Deu Honras e brazões de grande fidalguia,
Por isso logo em ti abundaram palacios
De grande construção em fina cantaria.

Mais tarde, em devoção á Virgem dos Remedios

Ergueu-se um templo augusto, alegre e primoroso
Templo que hoje rival do Bom Jesus do Monte
Mais do que o Bom Jesus, é bello, e mais formoso.

Mas tu, no teu tapiz dos teus campos virentes
Dos revezes d'outrora as maguas esqueceste;
No teu coxim de relva, entre lenções de flores
Das auras embalada, em paz adormeceste.

Ninguem te desportou p'ra teu maior progresso
Julgavam ser de mais tua prosperidade,
Que tu éras rainha a par das outras terras,
Já tinhas mais valor, cidade por cidade.

Mas foi longo o teu somno! Ao despertar, fitaste
D'outro progresso a luz, outra civ'lização,
Viste que os filhos teus, lidando, não dormiram,
Que n'elles rebrilhava a luz da ilustração.
Viste que pelo culto ás artes e ás sciencias
Ao mais alto esplendor se tinham levantado,
Era preciso pois, que o teu progresso e aceio
D'elles correspondesse a tão subido estado.

E aos filhos teus disseste: «E' preciso adornar-me;
Sou nobre sem rival, antigos meus brazões,
Careço progridir, revestir-me de galas,
Honrar com nova pompa as minhas tradições.

E os teus filhos, por ti, em seu amor sagrado,
Teu justo reclamar trataram de seguir,
E' as pompas mat'riaes dos teus largos e ruas,
Como um sonho veloz se viram progridir.

Logo se viu em ti lindissima alameda,
Novas ruas, jardins, mercado primoroso,
Predios com todo o aceio, avenidas e fontes,
Commercio em profusão, e em luxo mais pomposo.

Azilos e lyceu, escolas e collegios,
Um formoso hospital, estradas espaçosas,
Gremios, associações, mais vida, mais recreios
Quintas como jardins, vegetações frondosas.

Tens inda como c'roa, a torre de menagem,
Padrão erguido em pé, vetusto monumento,
Que se destaca em ti e vae erguendo a fronte
Beijar o azul do céu, beijar o firmamento.

E assim meu patrio lar, fanal dos meus encantos
E's da Beira a rainha, és da Beira o p'raizo,
Deitada no coxim dos teus relvosos campos,
E's nympha segredando amor num só sorriso.

São teus campos sem par, e são os seus produtos,
Do mais grato sabor e finas qualidades;
Agua sem ter igual, brota das tuas fontes,

E's pois já bem feliz entre as cidades.

Mas não te deixes mais adormecer vaidosa,
Anima os filhos teus, avante! sempre avante!
Que o progresso em vigor caminha n'outras terras,
Não durmas nunca mais, nem mesmo um só instante.

De mim, que de ti longe, a sorte ha muitos anos
Me não deixa gozar o teu pão grato abrigo,
Não te esqueças ó Mãe; permite que inda um dia,
Eu viva em dôce paz, no teu regaço amigo.

Cantei-te ó minha terra, ao sôm da minha lyra,
Sem dar ao engenho e á arte a mínima atenção;
Guiado pelo amor que d'alma te consagro,
Só dominou em mim a voz do coração.

[...]

A BEIRA NUM RELÂMPAGO

Teixeira de Pascoaes

1916

[...]

IV

Lamêgo surge, de improviso, num dos primeiros patamares de Montemuro, ostentando, ao lado, a íngreme escadaria do Santuário, enquanto a saudade da paisagem, que eu dali contemplei, há muito tempo, se esfuma na amplidão panorâmica da minha memória.

Não sei que entoação antiga tem êste nome de Lamêgo... No som das suas sílabas, murmura a fonte da História Pátria.

Penetramos numa rua sem ninguém... Agora, é um largo ajardinado; depois, a velha Sé aparece-nos, de repente, desenhando a ogiva da porta, num relâmpago escuro de pedra, e as últimas casas do burgo antiquíssimo sumiram-se logo, atrás de nós.

Mas, depressa, a vista geral da cidade se mostrou. E era outra, vista dum ponto culminante, no seu conjunto branco de edifícios, entre dois traços negros perpendiculares: a velha tôrre de menagem e a velha Sé, dum relêvo duro e musgoso, no azul amanhecendo.

E que estranho e luminoso encantamento de tintas diluídas, dava tons fluídicos de pérola áquele ambiente matutino do burgo e da paisagem, áspera e serrana, que o circunda! Uma pequena cidade morta e embrandecida num sonho de claridades irreais...

Continuamos subindo a encosta de Montemuro, quási num vôo ruidoso e rastejante.

Sentindo êste grande pássaro, que tenta voar e corre, pequenas aves amedrontadas fugiam das valetas. Eram passarinhos solitários da montanha, condenados também a um perpétuo exílio. Há não sei que tristeza êrma no bater das suas asas; e, quando piam, esvoaçando, julgo ouvir, no ar, a minha queixa mais íntima e silenciosa.

Lamêgo vê-se ainda, lá em baixo, apoiada num contraforte da serra, que decliva sôbre o Douro, cujas encostas marginais se abrem, agora, numa amplidão vasia, em que se espalha a madrugada, retocando as primeiras côres sombrias dos longes montanhosos.

Alcançado e planalto de Montemuro, gélido êrmo, onde mal se divisa o povo de Penude, nome escuro de fraga, - o panorama, em volta de nós, não tem limites. É um deslumbramento de distância! É já uma vista de mundo...

E eu que fiquei admirado, no meio desta planura, tôda ela em altitudes alongadas, sulcada de rugas que o inverno enche de lágrimas, deprimindo-se, para as bandas do ocidente, numa larga mancha alvíssima de névoas, que nos esconde as terras baixas da Beira. Dêste mar sonâmbulo e gelado, emerge, no horizonte, qual negro promontório dos Lusíadas o alto dôrso monótono da Estrêla. É um Adamastor, beijado pela aurora, enternecido e lúgubre...

Que aurora! Que luz anterior à luz! Luz que não é luz ainda, mas uma sombra que alumia; luz de milagre, anunciando o nascimento dum Deus; uma luz sentimental, de íntima origem, matutina; luz que lembra um misterioso olhar infinito, num sorriso de transparência azul e sem fim... Esta luz prodigiosa da manhã, ou a luz desta manhã prodigiosa dava, ao grande panorama, já planetário, uma transfigurada aparência, dum colorido imaterial, em que vêmos, durante os sonhos, certas vistas de céu e de montanha.

A planície, ondulada e êrma, batida duma aragem agreste e viva, em pleno Agosto, cortada por um pequeno rio, que parou, ferido de morte pelo sol, alguma parda povoação oculta nas pregas do terreno; a Grelheira [sic], o Caramulo, o Marão, a Estrêla, esculturas de bronze perfiladas, em círculo, na distância, - tudo quanto abarcava o nosso olhar parecia um mundo chimérico, um outro mundo, onde só existíssemos em alma.

[...]

VIA SINUOSA

Aquilino Ribeiro

1922

[...]

Com temor, meus pés se aventuravam a pisar aquellas mesmas lageas, que contaram o passo ás comitivas de D. Affonso, o Primeiro. A velha cidade que, sendo cabeça de correição, abrangera quinze villas, quarenta e sete concelhos, um ar acolhedor ao meu espirito, formado n'um ambiente de ruinas e santidades. Como o convento da Ordem terceira, era do preterito, e seguia a derrota dos tempos, com o enorme fastio d'uma mulher que, saudosa dos estylos mortos, condemnassem a envelhecer n'um meio emburguesado.

Não me atemorizava a cidade em si, com os seus monumentos, os seus palacios tristes, as ruas estreitas da era das dignidades; esta parte, menos ephemera da vida, representava para mim, apenas, um transito de logar. Atemorizava-me o numero, o numero na sua brutalidade de relações, oito, dez mil almas soprando commigo os mesmo kilometros de terra. Não que a sua actividade me fôsse molesta, mas a multiplicação que se operava em tórno de mim, em gestos, em modos e accidentes, contendia com minha razão de selvagem.

Pouco a pouco, porém, fui ingressando n'esta prolixidade do numero. Casas de moradia e quitandas pobres tornaram-se-me familiares, e com ellas os habitantes, as senhoritas d'olhar irresoluto, os logistas de mãos á dependura, e os cónegos da Sé de peúgas muito veremilhas e barba sempre de oito dias. Nas baiucas silenciosas e desertas, os barbeiros, os chumecos, os adélos perdelas o ar que lhes achava de vendedores de sombra. Elles, mesmo, não se quedavam já com os olhos e os ouvidos em mim, como a medir-me o angulo e o ruido dos passos. E tinha por natural que, mergulhado em aborrecimento, um negociante de sola estirado sobre o balcão, de braços para a frente em torquez, me contemplasse d'olhos immoveis de jacaré.

Quando conhecia a cidade com suas viellas, suas reliquias, sua heraldica, já

estavam gravados em minha memoria os milhares de caras, que se movem no ambito a que preside o castello d'ouro, em campo preto esquadrelado.

N'esta phase de aclimação, a atmosphaera da cidade foi-se lentamente condensando sobre o meu espirito como o esmorecer d'um dia outomnal, muito manso e melancolico. Desde o titulo das ruas, melodioso e lendario, ao odôr ambiente, este odôr tão particular de terra para terra, um luaceiro d'encantamento envolvia a cidade. Que evocar de lanças e de livros d'Horas n'este simples nomes, S. Lazaro, Desetrrro, Almedina, Terreiro das Chagas, Porta do Sol, Rua d'Almacave, Beco da Alçaçova?

Eccos inextinctos eram estes, que pareciam infiltrados da lousa que cobria os seus conventos celebres, os solaus e as suas cohortes marchando graves á guerra.

A Sé gothico-romana projectava uma sombra torva sobre o Rocio, que era o coração da cidade. Ali desembocavam as diligencias das longas estradas reaes, em numero que permittia ás malvas e á relva crescer e tapetar o largo. O Seminario, o Paço, as paredes alpenduradas da cathedral, um solar, destituído, soberbo de cantaria, e os muros vãos d'um palacio delimitavam-no como a um claustro. Sentia-se ali o colloquio affectuoso da pedra e do tempo e apenas lhe faltava um satiro pescando as ondinas, sobre uma taça d'agua adromecida a chorar. O palacio incendiado clamava, como um aleijado de romagem, os transes do abandono.

Dois seraphis erguiam ainda o escudo a meio da fachada, no velho ocre da qual o sol accendia uma effusão mortuaria. As cornijas haviam esboucelado, os muros gretavam, e o interior era ha muito logradouro publico.

A igreja do Desterro perdida na alfombra, a de Almacave humilde, calçada de lageas como uma alçaçova, os conventos dos Capuchos, dos Gracianos, das Chagas, o Recolhimento da Regueira, a Senhora dos Remedios cheia de farandloa, S. Lazaro doce e suave, davam á cidade um brando tom idealista, nem tudo céo, nem tudo terra. Os mestres d'obras, que os gisaram, não attingiram na allucinação gothica aquelles que, julgando atirar um cantico de supplicas ás alturas deixaram na terra uma floresta de settas despedidas do céo.

A indole da velha cidade fôra mansa, caseira, e regrada; nos templos não quiz render Deus, mas venerar Deus. O burgo devia ter tido rythmo e medida até a amar.

O castello bronco, de pannos cerrados, derramava sobre Lamego a poeira nebulosa d'um chronicon. A crista de creneis esborolava, sorvada dos soes e dos invernos; e, sobre a manta de farrapos do casario, dava a impressão d'um solido esqueleto d'Hercules, inteiriçado á flôr da terra, em geito de reptar. Torva, sua physionomia falava; falava ao Pateo dos reis, ao torreão da Cathedral e dizia-lhes: passaremos!

Toda a cidade me dava, melancolicamente, a sensação de ser conduzida pelo frenesi da morte! Logo, á entrada de portas, para quem apeia de Moimenta, uma calçada arrastava pela ladeira arriba cordões de casas em ripas, corcovadas, esguias, cheias de remendos e de côr. Nos caixilhos, rolhos de farrapos paravam ha dezenas d'annos o gume dos invernos. Rapazotes, de verga ao léo, chafurdavam em tórno do égo que ali forma o Balsemão. Mulheres espiolhavam-se umas ás outras na soleira das portas. E todo o bairro da Ponte me parecia uma judiaria antiga, onde cheirava ao pão azimo dos sabbados.

A partir de S. Lazaro, as casas de taipas entremeavam com residencias solarengas, em granito. Eu achava-lhes uma grande nobreza nas pedras trabalhadas á escoda e nos brazões de linhagem extincta.

Meu mestre disse-me um dia que viera á cidade:

- Já reparaste Liborio, no luxo opulento de cantaria que ha n'estas portas e n'estas janellas. Mórmente nas janellas? Não é verdade que dir-se-hiam pequenos arcos de triumpho por onde passa, a miude, um hospede real?

E, apos um momento de consideração, tornou:

Esse hospede real, com que o beirão instinctivamente contou, bem póde ser o sol. Este sol que nos merece um tratamento de senhoria. Em toda a provincia se observa a um lado, nos portaes, extrema simplicidade a outro, nos pannos. E tão accentuado é, que não será desacerto considera-lo como lei dentro d'um estylo, que quási realisou a casa portugueza.

Ante os palacios dormentes, com portaes de primorosa moldura, lembrava-me dos conceitos discretos do sr. padre-mestre. Na sub-renascença, o sceptro da arte e da fidalguia lusitana estivera n'esta provincia de uberrimos valles e ondulosas serras. A terra inçou-se de mosteiros, de pontes, de solares e de templos, em que o imaginario trabalhava com o coração candido e a mão entusiasta d'um pedreiro da Idade-média. E tudo não era mais que uma cinza que os seculos semearam para os seculos. O tempo foi nas Beiras um semeador de cinzas.

A velha cidade, pelo imperio de sua tradição, por indole, por briga irreconciliavel de circunstancias, não soubera particar o mester de tratante, nem erguer fabricas e, lentamente, se deixara morrer, como uma formosa incomprehendida, em desapego romantico de tudo. Aquella incompetencia era, aliás, digna de respeito. As suas ruas ingremes e acanhadas e os seus pateos vestidos de bella cantaria não se compraziam a outra coisa, fóra da liteira e dos borzeguins. Só o Cabido Regular, numeroso em dignatarios, adaião, chantre, arcediagos, mestre-escola, arcipreste, thesoureiro, doze cónegos, seis meios cónegos, seis tercenarios, além de capellães, ministros e serventes, imprimira-lhe uma feição de placitude e de repouso. A serenidade que n'ella dormia era incompativel com o fungar d'um volante, ou com caldeiras a cuspir vapor. Depois, os

descendentes dos lacões talvez obrassem com sobrado sizo: não é ponto de fé que as existencias sejam menos curtas, ou a felicidade menos possessiva, na modorra das ruínas, do que nas babilonias onde o homem carrega, como uma triste besta, o fadario de viver.

A meu mestre que, no segundo quartel da vida, decorrera por Allemanha e França, ouvi pronunciar este saboroso juízo sobre a cidade erguida em logar forte por arte e natureza:

- Com grande consolo, depois de ver uns paizes tão raivosos de progresso, vim topar Lamego não só eivado da noção de tempo mas refractario de todo á febre moderna. Cheguei ao correio, e os funcionarios ressonavam, com os carimbos ao lado, sobre os maços da correspondencia, trazida a toda a pressa nos transatlanticos. Palavra! só depois do meu regresso, pude gosar este espectaculo singular de ver á luz do dia a vida a viver!

Meu mestre proferira outros conceitos sobre a veneravel povoação e talvez n'elle se inspirasse meu criterio; talvez; o amor, que punha em ouvi-lo, não me deixasse grande discernimento para julga-lo. Seguir era um voluptuoso prazer que então sentia.

Afóra, porem, a laboriosa adaptação ao numero, achei-me na cidade como em logar d'origem. Os estabelecimentos, mesmo, não contendiam com a impressão que em mim deixara, desde menino, a loja do Salgado de Caria, com quem meus paes afreguesavam. Lá como cá, entre cordas, chinellos, rastilho para pedreiras, viam-se, suspensos ao alto, pachorrentos vasos de cercadura azul. As moscas tinham pintarolado a grãos negros, grãos d'alface, litteralmente, o tecto branco. Um e outros, pelo dia fóra, inculcavam um aspecto de vasio e de repouso, de forma mais mesteiral estes, mas na mesma confiadamente familiares. Um berço rangia e oscilava entre saccas d'assucar; a Rosa-tyranna esvoaçava no silencio; o negociante descia por uma escada em mangas de camisa; na parede do fundo, a infallivel cornadura de boi, propiciosa, alçava as pontas rimadas. O bulicio da cidade tinha identico cunho de simplicidade patriarchal; padarias de peneiras e braços arremengados á mostra; uma botica zumbindo com dois ociosos; um camponez, de sombreiro em barba de baleia, pendurado no braço, apreçando marralhadamente um cotim; sapateiros, no vão da porta com os liços esticados a toda a largura da braçada, a sovela e as sedas na bocca, jogando côros de facecias a uma moçoila que passasse, de perna gulosa á mostra; a diligencia chegando e rompendo com alarme theatral.

Pelas ruas tortuosas, ao sol ou á chuva, a vida serpenteava, vida satisfeita, primaria, vida que engorda a vida. Malta de pirangas cavallavam na Alameda; os remendões batiam a sola; as pancadas do martelo contavam as horas. Deslisava um barrete gironado de monsenhor, uma suã gorda de latinista, veneravel como estella affonsina, e o silencio punha-se a palpitar e as lages parece que adquiriam fala. Um vadio galopava zabumbando n'um caldeiro; a cidade vinha por detraz das cortinas,

interessada.

Por cima d'este somnambulo lidar espraiava-se, porem, uma abóboda sonora; era o toque dos sinos mazorraes na Sé, e das cornetas, no campo militar de Santa Cruz. Mas era um ruido que não penetrava a calama das ruas, por ellas ondulando sem as despertar. Como alguma coisa muito de casa e combinada na atmospherá, não se sentia. Que o carrilhão percorresse a gamma mais feroz, que os clarins rouquejassem de colera, o burgo continuaria a mover-se, a respirar e a ruminar sem os ouvir. E apperreava-me então o disparate de que a população toda era uma languida e domesticada cobra, colleando, d'espinha molle, sob a flauta d'um encantador.

[...]

ARTISTAS DE LAMEGO

Vergílio Correia

1923

LAMEGO, cidade do passado, exemplo sobrevivente daqueles rudes povoados do princípio da nacionalidade que a vontade real e os interêsses eclesiásticos formaram ou engrandeceram, guarda ainda, quer estadeando-as aos sóis e às neves d o s e u áspero clima, quer abrigadas dentro das paredes graníticas das suas igrejas e dos seus palácios, uma infinidade de obras de arte cujo interêsse ultrapassa freqüentemente o âmbito acanhado da história local para merecer a atenção cuidadosa e a consideração reverente dos historiadores e críticos de arte. Cabe-lhe portanto um capítulo especial na história do movimento artístico português.

Mas que assim não fôsse, e todos os seus monumentos e documentos apresentassem sòmente um mérito limitado e regional, seriam da mesma sorte dignos de estudo, porque não é apenas a história dos maiores agregados de população, das capitais de estados ou das cidades cabeças das grandes divisões administrativas - onde portanto e naturalmente se reuniram os melhores valores da raça - que importa que se torne conhecida e divulgada; a arte provincial, ou a privativa, peculiar, de cada região, tem um lugar marcado e definido, por vezes de grande relêvo, representando hoje um elemento indispensável de consulta adentro da história de arte nacional.

Em boa verdade; muitíssimo difícil será o encontrar uma região que houvesse conseguido criar uma arte especial; característica. Tôdas, mais ou menos, sofreram a influência, foram naturalmente orientadas pela arte dos grandes centros, donde os modelos - já os inventados, já os trazidos do estrangeiro - se disseminaram. Pelas condições do meio onde caíam, pela diversidade dos materiais, êsses modelos sofreram algumas transformações, umas vezes felizes, outras que o não foram, transformações que juntas a um certo número de princípios, motivos e processos

conservados tradicionalmente, geraram as chamadas artes regionais. Estas não passam, portanto, de um embelezamento, deturpação ou engrandecimento do modelo geral, devendo ser abrangidas ou conglobadas no ciclo ou ciclos artísticos de cada século, pelo valor intrínseco, ou a título de subsídio.

*

Situada a meia altura da escadaria de montes que ascendem para o extenso planalto que constitui a alta Beira, Lamego recebeu as maiores, mais profundas e mais duradouras influências da banda por onde o acesso lhe erã mais fácil, por intermédio da corrente do Douro. Do Pôrto e do Entre Douro e Minho, muito mais que da rude e cerrada província de Trás-os-Montes que lhe fica em frente, e que os cimos penhascosos do Marão, à vista dos altos da cidade, balisam pela parte do poente, lhe chegaram a maior parte dos modelos, quando não as próprias obras. A influência de Lisboa, Coimbra e mesmo Viseu só muito atenuadamente se fez sentir aqui, e, as mais das veres ainda, coada através do Pôrto.

Do Minho trabalhador e industrioso sempre pletórico de mestres lavrantes de cantaria e madeira, exportando, no passado como hoje, pedreiros e carpinteiros para o resto do país, vieram especialmente muitos dos artistas que levantaram as igrejas e entalharam o castanho das tribunas e dos apainelados dos santuários e das casas solarengas. Mas a par dêstes, na própria cidade ou nos arrabaldes, nunca deixaram de viver e prosperar as oficinas de entalhador, ensamblador, ourives e serralheiro dirigidas por mestres naturais da cidade e compostas por lamecenses, aos quais se deve a parte maior das obras executadas.

Todos êstes, os que de fora vieram trabalhar para Lamego e os que, naturais da terra, enriqueceram com as suas produções o caudal artístico da povoação, têm lugar neste livro, onde reuni os nomes de artistas que consegui recolher, durante um mês repousado das férias de 1919, nos arquivos do Cabido, Misericórdia, notariais e paroquiais da cidade e seu têrmo.

Segui na colheita dos nomes o mesmo sistema que Sousa Viterbo adoptou-nos seus valiosos trabalhos subsidiários da história artística do país. Não conheci Sousa Viterbo, não tendo portanto ouvido nunca da sua bôca palavras de incitamento ou ensino; mas na leitura da sua obra compreendi claramente que o género de trabalho fastidioso; obscuro e extenuante a que o grande investigador se dedicara, era no actual momento o mais apropriado, o único honesto, para ajudar a construir os alicerces de uma sólida obra de crítica e história de arte nacional. Por isso quis aplicar fielmente êsse método, sem curar da boa ou má aceitação que poderia ter.

Os livros de Sousa Viterbo, onde os nomes de milhares de pintores, escultores, architectos, mestres e oficiais de tôdas as artes decorativas e industriais nos foram revelados para maior glória da gente portuguesa e da sua vitalidade estética,

lograram ficar na literatura nacional como elementos indispensáveis, fundamentais, de consulta. Muito perto das obras do grande mestre, pelo espírito, que não pela realização, êste volumezinho não deixará também, quero esperá-lo, de interessar vivamente a região de que Lamego é cabeça e representante, essa margem esquerda do médio Douro, onde os da árvore da minha geração viveram, e a que, como terra-máter, consagrou um culto fervoroso e pagão.

[...]

MALES DE AMOR

Emília de Sousa Costa

1923

[...]

III

Sôbre a cidade cafra a tristeza dum dêsses dias lôbregos, cinzentos, esmagadores, em que todos os movimentos do corpo são penosos e as almas se retráem confrangidas, como sob a pressão violenta dum pesadelo. O frio era impiedoso, cortante.

Ao descer a noite, flocos de neve, desprendendo-se do alto como chuva de finas e alvas pétalas de camélias, caíam, leves, subtis, empoando ruas e telhados, árvores e arbustos, revestindo dos castos véus de donzela a velha cidade, desde as ameias carriadas do seu castelo medievo, à tôrre romano-bizantino da sua Cathedral. Cobrindo com o seu manto deslumbrante e igualitário, tanto as congostas ásperas de S. Lázaro à Corredoura, da Carqueijeira a Santa Cruz, como as do Rossio a Almacave, ou as tortuosidades da rua Nova. Tudo confundido, irmanado, sob a espuma refulgente, dessa mortalha de virgem, num silêncio austero, como se a súbita maldição dum génio de balada, irritado, lhe houvesse lançado o seu anátoma de sono e de encantamento.

Terminada a ceia no solar dos fidalgos de Paradela, logo que o senhor cónego acabou «as graças», Maria Leonor erguendo os olhos de safira ao rosto amável do padrinho, solicitou dispensa do serão e licença de recolher ao seu quarto.

[...]

LAMEGO NA ARTE NACIONAL

Carlos de Passos

1933

[...]

Duas épocas de relêvo e opulência conta Lamego, a antiga Lameca romana, na sua história bi-milenária. Nos primígenos tempos da era de Cristo decorreu a primeira,

com a importância, até, da maior cidade da Hispânia, segundo o abôno da tradição. Era Trajano o imperador, quando se rebelou contra o domínio estrangeiro. O brioso ímpeto, a-pesar-de ardido, foi castigado com uma sanhosa devastação. Trajano não perdoava ultrajes à Roma triunfante, através do seu sangue hispânico. Reconstituída, pelos séculos fóra suportou as boas e más alternativas de tantos outros povoados, como era de lei nessa longa quadra tumultuária. Aos moiros por três vezes foi arrancada: no século XI por Fernando Magno de Castela a mais o bom Cid Campeador, diz a tradição; em 1102 pelo conde D. Henrique, depois por Afonso Henriques. Demonstram-nos estas conquistas que devia ser terra de categoria, tal como o facto de em 510, ainda no senhorio suevo, a erigir em séde episcopal o concílio de Lugo.

Nos séculos XIV e XV medrou a segunda, para cuja prosperidade essencialmente cooperaram já a feira anual, visitada pelos moiros de Granada, carregados de especiarias e tecidos orientais, que daqui se dispersavam à volta de muitas léguas, já uma activa indústria de vários panos, representada em muitas fábricas, das quais tinha o patrocínio régio a de lonas. Mercê dêstes dois recursos, um, comercial, industrial o outro, Lamego fruiu honras dum notável empório continental.

Surge, porém, o descobrimento da Índia; depois, expugnam Granada os reis católicos e o êxodo moirisco principia a desfilar. Ceci tuera cela. Então, a estrêla de Lamego entra no declínio, sucessivamente agravado por outras causas, tais os duros tributos caídos sôbre os mercadores vindos às feiras, a intromissão no tempo manuelino e joanino dos panos ingleses e franceses, o mando filipino e as guerras da restauração.

Com o oiro do Brasil e o patrocínio pombalino outorgado aos vinhos finos, da mór vantagem para os lavradores lamecenses, a vélha aura algo esplandeceu. Foi sol de pouca dura, porque as invasões dos piratas franceses e as ferinas e sórdidas lutas liberais anularam êsses proveitos e de vez prostraram a vélha e nobre cidade.

Digna é Lamego que a terceira época de boa fortuna a auspície e com perenal durança. Para breve e firme eu lha desejo, ex-corde. Não lhe minguem as possibilidades: para as atracções do turismo dispõe de fartas belezas naturais e artísticas, para um comércio próspero e vasto possui magníficos e deliciosos vinhos. Por si sós não bastam, de-certo; precisam de que as dinamizem e avigorem, de que se lhes ponha em vivo destaque o valor. Ora isto demanda muito esforço, um esforço de clara inteligência e brava tenacidade, enérgica e francamente executado, em plena concórdia, em harmonia judiciosa, com repúdio de querelas e partidarismos, estimulado pelo afanoso e nobre bairrismo dos homens bons amantes de sua terra, sob um único lema - o florescimento de Lamego. Portugueses de Lamego: porque não promover esta empreza patriótica? Patriótica, sim, visto que a pujança dos concelhos sempre reverte em benefício nacional. Ora só pelo conjunto das prosperidades regionais será possível obter a pátria prosperidade. Pelo seu justo significado, pelo seu

valor intrínseco, probo e sincero, se empregam aqui as palavras regionalismo, bairrismo e patriotismo, que não por balofa verborreia, tam grotescamente generalizada, que não pelo abuso pedantesco de sonoras e gastas expressões, já por Beaumarchais condenado.

No campo da arte Lamego sobresaíe mais que no histórico, tanto pela qualidade como pela quantidade das obras realizadas. Fôram os tempos de seis e setecentos os da mór expansão artística indígena, em especial representada nas sumptuárias, donde o anotar o Dr. Virgílio Correia que entalhadores, serralheiros e sirgueiros, fizeram de Lamego um centro artístico importante. Todavía, se nas artes nobres mui pouco se distinguiu a cidade, o certo é que lhe basta uma obra para lhe prescrever lugar de relevamento entre os burgos nacionais que mais galaneiam riquezas artísticas - o retábulo ordenado por Grão Vasco para a catedral.

Justifica-se, pois, que o nobre Raczinsky, notável crítico polaco, haja daqui levado impressões agradáveis, nas quais irònicamente juntou a de se livrar da liteira e das mulas do Bernardo. E como não muito lhe agradaram, pois deviam estar a larga distância das molas e dos cavalos dum Packard, ao malio alquilador aconselhava a maçar outros, que a êle nunca mais o apanharia.

Cumprer registrar que para o engrandecimento local artístico de-veras contribuíram alguns dos prelados lamecenses - facto análogo ao doutras urbes -, sobretudo os ilustres D. Mendo, D. João Camelo Madureira, D. Fernando de Meneses, D. Manuel de Vasconcelos Pereira e D. Manuel de Noronha. Êste foi o grande edificador de quinhentos, o que não surprehende, visto ter vivido em plena renascença e ter gozado o fausto de Roma.

Na sumptuária, na verdade, grado e intenso labor praticou Lamego e perícia notável evidenciaram os seus artistas, principalmente na marcenaria e na carpintaria do alfarge, na serralharia, na entalha com os anexos do tórno e do ensamblamento, e nos bordados, dos melhores do país, cujas obras, encorporadas com as de importação - tapeçarias, esmaltes, azulejos e porcelanas -, guindaram Lamego até ao fastígio duma das mais ricas cidades portuguesas pelo seu merecimento de arquivo artístico, salvante as devidas proporções, como nol-o assegura o meu colega Dr. Albano Sardoeira no seu étimo livro *Mobiliário Artístico de Lamego*, uma galharda estreia no género.

Grandemente se avantajou a cidade no fabrico do mobiliário de arte, mòrmente desde a segunda metade do século XVII, pelo que por longínquas terras exuberante irradiou a sua influência e de cuja feraz e diligente laboração ainda resta na cidade um recheio admirável e bastante para formar uma das melhores colectâneas do país, como afiança o livro memorado. Bastas eram as suas oficinas e mui destros os seus oficiais, que não desdenhavam, também, o mobiliário popular. Até ao século XVI, pelas razões históricas da época, noutras artes igualmente reconhecíveis, mais ou menos se

impuseram os modelos de Inglaterra, França e Flandres. Porém, após o contacto com as maravilhas indianas revela-se um influxo dos seus característicos, embora não tanto que dominasse. Das sugestões alheias, no entanto, aos poucos, gradualmente, se fôram libertando os bons mestrais e os figurinos se particularizaram e definiram consoante o génio nacional, os quais no século XVIII de perfeito e primoroso modo se estabeleceram. De fôrma nenhuma se pode negar que o tipo D. João V não seja bela e genuinamente português.

Cumpre lembrar que a participação do tôrno e do ensamblamento, a partir dos meados do século XVI, constituiu um mui apreciável recurso no médrio artístico da marcenaria, até aí, em regra, de grande singeleza, pois à utilidade quási só atendia.

A par da marcenaria, ergueram-se pujante e esplendorosamente, para lustre de Lamego, a talha e a carpintaria do alfarge. O conceder àquela foros de arte lididamente nacional, tam profusa, típica e constante foi no país a sua execução, no norte com mais abundidade, segundo o atestam com segurança e pompa bastas igrejas e palácios, não é acto de favoritismo. Opina Alfredo Guimarães que para o seu incremento concorreram já a simplicidade já a índole das fôrmas arquiteturais de seiscentos, que obrigavam a encher, a ornamentar. Comquanto sem proficiência, não julgo isso verídico, antes noutras causas lobrigo a formação luxuriante de tal processo decorativo. No meu livro *Porto, da colecção Monumentos de Portugal*, a propósito das talhas de S. Francisco, escrevi o seguinte: Durante a 1.^a metade do século de XVII a obra de talha conservou fôrmas equilibradas, regulares e de certo modo sóbrias, imitando as da arquitectura, porque nesse periodo se impuseram as normas clássicas, se estabeleceu a renascença; já na 2.^a perdeu o senso das proporções, da moderação, e o gôsto do rico, do ostentoso, do empolado, desenvolve-se por completo, favoreado pelas bastardias do barôco e do rocóco.

No púlpito de Almacave, peregrino exemplar de tôrno e talha, dos princípios do século XVII, tem Lamego o mais antigo documento subsistente das obras de goiva e formão, as quais preclaramente se ostentam no portentoso grupo das igrejas de Santa Cruz (nos altares mór e colaterais), das Chagas (altares de S. João Baptista e do Evangelista), de S. Francisco (na sacristia), de Almacave (no altar do S. Sacramento), da Sé (nas capelas claustrais) e das capelas do Destêrro e de N.^o S.^o da Esperança, assim como dos palacetes dos Padilhas, dos Aragões e do Espírito Santo. Considera Alfredo Guimarães êste luzido conjunto de talhas como, em relação ao número de igrejas, o maior do país, donde infiro que não conhece bem o que no Pôrto e em Viana do Castelo existe.

Algumas das obras mencionadas não valem apenas – e não seria pouco- pelo rico aparato das talhas. Na verdade, os tectos das casas dos Padilhas, dos Aragões e do Espírito Santo e os da capela do Destêrro, todos setecentistas, realçam-se extraordinária e assombrosamente pela carpintaria do alfarge, da qual são

exemplares imponentes e de maravilha, dos melhores do país. O alfarge ou almocárabe ou, como Joaquim de Vasconcelos propôs, lavor alicatado, é a arte dos moiriscos artesoados, vigorosamente expandida no mozarabismo e até meados do século XVIII afinçada e briosamente vividoira, pelo mesmo egrégio mestre havida como a arte decorativa original da península. No sentido maior representa a decoração conjugada do azulejo e do estuque, do ferro, e do esmalte e da carpintaria; restrictamente, significa a obra de enlaçar, traçar e embutir faixas e molduras, sem pregaria, sob uma técnica perfeitíssima, que nos referidos tectos lamecenses, no encanto alveolar do da matriz de Caminha e nos da capela e da Sala dos Brasões do Paço Real de Sintra, patenteia magnificentes atestados do seu valor.

Foi na 2.^a metade do século XVII que voga especial teve a pintura combinada com o alfarge. Dividiam-se os tectos em apainelados e nestes se reproduziam as vidas dos santos favoritos ou as cenas da Paixão. Em regra, cobriam-se de talha as molduras dos painéis, como nos tectos do Destêrro e das Chagas, o que promovia efeitos deslumbradores. Inteira analogia se verifica entre a pomposidade dos do Destêrro e os das igrejas de S. Bento e Sant'Ana de Viana do Castelo. Quanto aos da igreja das Chagas, que, por mísero abandôno e pilhagens abomináveis, contra os quais bradaram os professores Joaquim de Vasconcelos e Aarão de Lacerda, estiveram perto da ruína, devemos todos louvores a João Amaral, meu ilustre confrade. Se, efectivamente, lhes não acode o seu esforço devoto e pertinaz, embora à custa de canseiras e várias dificuldades, como de costume em Portugal, já Lamego não poderia fruir hoje o gôsto da posse de tais formosos tectos. Fomentada pela sumptuosidade litúrgica e pela profana dos séculos XVI ao XVIII, gerada pelas magnificas solenidades religiosas e pela bizzarria das festas régias e da nobreza – corridas de touros, justas, bailes, jogos de canas, banquetes e recepções - , que requeriam o luxo das vestes e dos adereços, famosa e copiosamente progrediu a bellissima arte de bordar.

Em Lisboa, nos meados de quinhentos, só para obras de bordados havia 30 desenhadores. Dêste magno labor pode o curioso ler umas scenas pitorescas na comédia Rubena de Gil Vicente e na Prática dos Compadres, do poeta Chiado. Lamego não podia ficar imune do contágio e como as suas bordadoras a oiro e matiz eram primorosas na execução obteve lugar de vulto no país. No Mobiliário Artístico conta Albano Sardoeira que rivalidade sanhuda irrompeu no século XVIII entre dois grupos de bordadoras – o das freiras das Chagas e o da Cathedral. Do facto só podia promanar o incremento e a grandeza da arte, sobejamente expressa nos esplêndidos paramentos ainda existentes, dos quais merecem registo os seguintes: o pluvial de damasco setecentista, da cathedral, bordado a fio de oiro grosso; as peças de gorgorão de sêda branca -frontal, dalmáticas e casula-, bordadas a matiz no género oriental de flores (túlipas, girassois, e rainúnculos), de meados do século XVII e do convento das Chagas; duas casulas de lhama de prata bordadas a oiro, de estilo rococó e dos séculos XVII-XVIII, do Hospital Novo; uma capa de asperges e mais peças

do paramento, de labores tecidos em brocado de oiro, no tipo oriental, do século XVII, meados, e do dito Hospital; uma capa de asperges de damasco vermelho, bordado a oiro em alto relêvo nos sebastos e costal, rococó, dos princípios do século XVIII.

Da valia notável da arte do ferro ou serralharia artística são ótimas provas o tam gracioso quam singelo facistol quinhentista da Sé e as grades claustrais da mesma igreja e época, devidas ao magnânimo prelado Noronha, cujo valor tanto mais acresce quanto no país rareiam os exemplares de merecimento. Irmãs suas contam-se as das catedrais de Lisboa, Évora e Braga, não pela idade mas pelo aprêço.

Minguam as comprovações de na ourivesaria, arte de prodígios, com destaque haver trabalhado Lamego. No entanto, creio que possuiu artistas e oficinas de lustroso mérito, que foi centro fabril de regular importância, embora longe da categoria de Guimarães, Pôrto, Coimbra e Lisboa, as grandes e mais distintas sédes produtoras do género. Era isso natural, desde que as sumptuárias memoradas prosperidade mui saliente lograram. Ora, sendo tôdas de íntimas afinidades, é porque haveria de ficar em plana mesquinha a ourivesaria, a qual em Portugal fruiu esplendores régios?

Para justificar êste meu parecer, lembro o facto, mui de ponderar, de em 1632, os ourives de Lamego Manuel Teixeira e Manuel Guedes, seu genro, terem sido contratados para o fabrico do retábulo de prata da catedral portuense, que tanto pela execução como pela matéria constitue uma obra admirável. Porque viria buscar a Lamego êsses dois artistas a confraria do S. Sacramento da Sé do Pôrto, onde eram excelentes o labor e a tradição da arte? De-certo, por nêles reconhecer a bastante capacidade, que devia ser de tômo para realização de tal peça. Ora artistas dêste grau não se criavam em terra de escasso e contingente maneo aurífico. Não pretendo com isto incensar os bríos bairristas dos meus auditores lamecenses. Se em paramentos guardava preciosidades o tesouro da catedral, não menos as continha, segundo consta, em prata. O incêndio de há dois séculos lastimavelmente o prejudicou. Póde crer-se que não fôsem de trabalho alheio à terra tôdas as suas ourivesarias, das quais, em boa hora, perdura o valioso e belo cálice do final de quinhentos, hoje no Museu, cujo tipo artístico emparceira com o da Sé de Coimbra, de oiro, e com o da Sé de Évora, de oiro esmaltado, ambos do século XVI. É de prata doirada e de labor clássico, ainda que manifeste vislumbres góticos. Ornam-lhe a copa cabeças de serafins, medalhões com pedras finas e cariátides, de que pendem os tintinábulos. Seis dragões na função de quartélas dividem-lhe o nó. A base compõe-se de três partes: na primeira, de linhas verticais, vêem-se medalhões lavrados; outros medalhões, serafins e folhagens, guarnecem a segunda, convexa; na terceira, também convexa, surgem mais serafins e as figuras relevadas do Salvador, da Verónica e de S. Miguel.

Existe na capela de Souto Covo uma cruz processional de prata, do 1.º terço de seiscentos e de estilo barroco, com labores cinzelados na cruz e em relêvo no nó. Esta peça, através da convencional correcção e da elegância fria, é de trabalho e desenho

apurados. Será temerário havê-la como obra de Lamego?

Tem cabimento o citar mais as três salvas de prata doirada, quinhentistas, com baixos relevos da renascença, na posse da casa das Brôlhas, e os esbeltos jarros de prata do século XVII, um da Mitra, particular o outro.

Talvez não erre em julgar êstes objectos, que pompearam suas galas na Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, de 1882, como lavoura local.

Muito vai já feito, comquanto por poucos, no capítulo da reabilitação e da identificação da valia artística de Lamego. Todavia, como estipulou Virgílio Correia, a sua história artística, à face da documentação completa, do exame exaustivo dos monumentos e do estudo genealógico das oficinas dos obreiros da pedra, da madeira, do ferro e da sêda, está longe de ficar definida.

[...]

VIAGENS NA MINHA TERRA

Afrânio Peixoto

1938

[...]

LAMEGO

Não sou exagerado chamando a Lamego o âmago de Portugal. Já Estrabão fala de Gregos, Lacones, que entraram, através da Ibéria, até a Lusitânia, edificando Liconimurgi, que os Romanos chamaram Lameca, e nós, hoje, Lamego. Para Ptolomeu era essa a maior cidade das de Espanha, «opulentíssima». Pelo ano 100, Trajano envia contra Lamego, revoltada com as extorsões e rapinas dos pretores romanos, 16 legiões, que põem tudo a ferro e fogo, incêndio e destruição. A tradição diz que Lamego era, então, ao sopé de São Domingos da Queimada, no sítio hoje chamado Veiga de Naçarâis.

A reconstrução teria sido no sítio actual, onde Lamego floresceria sob a dominação Visigótica, que lhe daria a séde de um bispado no ano 510, senão antes, desde os Romanos, se se conta por primeiro bispo Severo, eleito em 203, ou Idácio, em 490. A história documentar faz, contudo, o bispado de Lamego começar por Sardinário, em 572. Lamego não resistiu inutilmente à invasão árabe, em 716, mas bispo e lamecenses de valor emigraram para as Astúrias, donde partiria a reacção de Pelágio. Conquistada e tornada a perder pelos Cristãos, só no século XI Lamego se torna definitivamente nossa, por feito de Fernando, o Grande, de Castela e Leão, ajudado pelo Cid, Rui Dias de Bivar. O reino mouro, tributário de Leão, persistiu até o Condado

de Dom Henrique: recusando-se Eycha Martim a reconhecer-lhe a suzerania, foi, na batalha de Arouce, vencido pelo pai de Afonso Henriques, e seu aio, Egas Moniz.

A tradição, que tanto enriquece Lamego, dá-lhe papel capital na fundação da monarquia. Na igrejinha de Nossa Senhora de Almacave, que dizem ter sido capela cristã, depois mesquita moura, finalmente templo católico, ter-se-iam realizado as Côrtes de Lamego, em que os barões lusitanos coroaram rei de Portugal a Afonso Henriques, em 1143. A autoridade de Alexandre Herculano opõe-se à autenticidade destas côrtes, mas têm elas por si a tradição e o direito consecutivo das outras Côrtes, que se fundam em antecedentes, que só lhes podiam vir de primeiras, estas ou outras ignoradas, que tais...

Não só essa importância política: Lamego foi centro de tráfico, feira peninsular famosa, a que de todos os pontos da Espanha e Portugal acorriam frêgueses, até os Mouros de Granada, ainda no século XV.

Disso tudo ficaram vestígios na Lamego de hoje. Seus belos panoramas, o vale do Varosa e do Balsemão, rico de perspectivas e de trabalho, que a cidade domina soberana, o seu castelo que está a pedir auxílio à restauração dos Monumentos Nacionais... seus paços vetustos; seus risinhos jardins; seu milagroso Santuário da Senhora dos Remédios, cujo escadório monumental emula o do Bom Jesus de Braga; seus templos e conventos; seu bispado servido por tradição de ciência e virtude; seu liceu moderno e confortável; suas instituições de assistência; sua gente, refinada na cortesia e na generosidade... tudo faz da venerável Lamego um lugar pio. Tradição, virtude, trabalho, cultura, intimidade... o âmago de Portugal.

O belo Museu de Lamego, dos mais belos regionais, ocupa um paço faustoso do século XVIII. Logo à entrada, um arcaico Cruzeiro gótico de granito. E a «Janela verde», retirada de uma casa de Lamego, onde, conta a tradição, residira Afonso Henriques! E as obras de talha, em castanho, patinado de negro pelo tempo! E as Capelas, do século XVIII, refulgentes de oiro e ornatos! Tapeçarias flamengas do século XVI são inestimáveis. Valiosas tapeçarias francesas do século XVII. Uma Senhora do Ó, ou Virgem da Expectação, do século XIV, em pedra de Ançã, é enternecedora: tem uma mão aberta sobre o ventre, e os cinco dedos se somam com os quatro mostrados pela outra mão erguida... simbolismo cronológico do artista. Uma tábua de Pedro Alexandrino, «A Visitação», tem uma Virgem tocante. Mas, o principal, é o tríptico do Grão Vasco, que pertenceu ao retábulo da venerável Sé de Lamego: a «Anunciação», a «Visitação», a «Circuncisão»...

Tem-se sempre viva, nesta última tábua, a delicada emoção da Virgem, que abaixa os olhos e levanta com a mão o véu, à pequena mágoa que vai sofrer o seu menino... O realismo do grande pintor é comovente. E que belo retrato, o do bispo Dom João Madureira, que preside à cena, junto do sacerdote judeu! O Museu de Lamego é uma rápida, mas impressionante lição de história de arte, de tradição, de poesia. Das belas

coisas, desta bela terra.

Não esqueço as Quintas de Lamego, honra da serra, com as suas vinhas de vinho do Pôrto, de vélha cêpa, próximas da primeira capital dêsse vinho ilustre, a Régua... com os seus pomares, seus olivais, suas hortas, seus armazens, suas moradas, com a Vista Alegre, onde mora a doce Amizade, que não distingue Portugal do Brasil, a Raposeira, onde uma indústria nova se impõe a Portugal e Brasil...

Não esqueço nada, cara Lamego...

SEM MÉTODO

João de Araújo Correia

1938 [edição de 1983]

[...]

LXVIII

Entre espaldas de granito, Lamego é uma cidade verde, feita de quietude e de silêncio. Tem milhares de almas. Esse formigueiro porém... nem se vê nem ouve trabalhar. Dentro de oficinas escusas, os sapateiros batem a sola com marteladas surdas. Dos rossios e das ruas largas, dos becos e calçadas medievais, não sobe um pregão. Sobem torres, ergue-se um castelo que diz: escutai. Então o silêncio desdobra-se na mudez religiosa dos bosques, no fresco mutismo das alminhas, na discrição dos seres animados. As senhoras passam e só se distinguem das estátuas pelos olhos doces. Os homens cruzam a sombra uns dos outros como se pisassem tapetes de veludo. Os rebanhos da Beira atravessam Lamego calados. Se um cavalo de cigano tropeia nos lajedos... acorda só ecos lendários. Se um automóvel grasna, é escárnio, é risada de gaio que risca o céu no tempo farto. À noite, Lamego tolera o gemido duma guitarra.

Lamego dilui, ioniza os ruídos, convida moradores e forasteiros ao labor recôndito do espírito. Um berro em Lamego é uma blasfêmia. O mocinho que vende as folhas não as apregoa. Oferece-as na palma da mão a quem as quiser ler. É distinto de todos os garotos do mundo.

A raça, em cidades, conhece-se pelo toque das figurinhas de barro que constituem o povo. Lamego tem moças de servir esbeltas. É uma cidade fina, tem requintes de porcelana lúcida.

Lamego! Este nome soa a remoto, sabe a pergaminho e a doce de convento. Cheira a pecado. Diz-se e fica a boca ruda e deliciosa.

Lamego é uma cidade verde. É o verde cerrado das matas, o verde buliçoso e translúcido dos álamos, o verde encandeado dos soitos, o verde fosco dos cálices das

rosas.

Lamego é a cidade em que a terra se casa com a pedra harmoniosamente. Um festão de pâmpanos abraça o cunhal numa morada. Um velho espreita da janela os víridos renovos... Lamego ergue edifícios e cultiva flores com mãos de anéis. Em Maio, os terços de rezar transforma-os em grinaldas. Cingem as árvores cordões mordidos de corolas. É uma cidade em que o Rústico se afidalgou sem repúdio do Primitivo. E como na terra tudo é lento, desde o laborar das leivas ao ascender das seivas, o medir da fita ao balcão lamecense é sossegado como o comer e o benzer do lavrador.

Lamego! Terra escura. A sua luminosidade é toda interior. As braseiras do lar nunca se apagam. Brilham os rases no Museu, cintilam os olhos das mulheres na fonte.

Dizem que Lamego é avara. Será. O beirão sopesa o valor do graeiro que semente. Embora. Lamego é gentil com os hóspedes, é carinhosa com os seus doentes. Trata-os num hospital airoso como um ninho, enternecedor como um berço embalado por uma avó. Onde há burgo liberal que faça o mesmo?

[...]

A CRIAÇÃO DO MUNDO

Miguel Torga

1937 [edição de 1970]

[...]

Minha Mãe, sempre na dela, de não me ver longe do seu bafo, quando a D. Guilhermina de Vessadios apareceu no dia de feira, pediu-lhe um empenho para monsenhor Barros, de quem era grande amiga. E lá fomos os três falar com ele à Vila.

Depois de nos fazer esperar duas horas numa sala abafadiça, de tantos reposteiros e veludos, recebeu-nos num escritório sombrio, forrado de livros. Quis saber tudo da família, quem éramos, quem não, perguntou a nota do exame, não tirava os olhos de mim, como se estivesse a ler-me por dentro, e prometeu mandar-me para um colégio de Espanha, onde já estava o Latoeiro, um ano mais velho do que eu na escola. Frades beneditinos.

De volta, meu Pai ouviu o nosso relatório, e deitou contas à vida. Ordenava-me e ficava no convento, sem nada de meu. Não era isso que convinha. Ser padre valia a pena, mas numa boa freguesia, com minha irmã a tratar da casa. Assim, muito obrigado.

E mudou de ideias.

- Está resolvido. Vais até ao Brasil.

Mas quando íamos a Paradela tratar do caso - tirar dinheiro a juros, e ver se um de lá me levava e arranjava emprego -, encontrámos o senhor prior que vinha dum enterro em Gouvinhas. Parou o cavalo, meteu conversa, quis saber o destino que levávamos, e meu Pai foi-lhe franco.

- Tolo! - disse, meio zangado. - Porque não me falaste há mais tempo? Empenhar-te, para quê? O Brasil é em Lamego, no seminário!

- E posses? - insinuou minha mãe.

- Entra de graça, ou a pagar uma ninharia. Deixai o caso por minha conta. Voltai para trás.

Voltámos, e meu Pai, pelo caminho, não conseguia calar o espanto.

- Ora aqui está como a vida é! Tantas voltas, tantos rebaixamentos, tantas arrelias, e a sorte à porta de casa! Quem me havia de dizer que, à hora menos pensada, sem a gente pedir nada a ninguém...

- Se ele arranjar...

Minha Mãe, depois do procedimento das suas «meninas», duvidava de toda a gente.

- Arranja! Para fazer figura de sendeiro, não se oferecia!

E, de facto, o senhor prior foi cavalheiro. Padre à moda antiga, liberal e convivente, dava grandes jantares - para o das confissões contribuía toda a freguesia - a que assistiam quantos graúdos havia nas redondezas. Até o Governador Civil vinha da Vila. Por isso tinha influência. Pouco tempo depois, mandou-me a guia de marcha.

Ia na frente, de fato preto, montado na jumenta, a segurar o baú de roupa que levava adiante de mim. Meu Pai e minha Mãe vinham atrás, a pé, ele com os ferros da cama às costas, e ela de colchão e cobertores à cabeça. Assim percorremos as seis léguas que vão de Agarez a Lamego, pelo caminho velho. Senhora da Guia, Senhor do Bom Caminho, Senhor da Boa Morte, Vila Seca, Poiães, Régua... De alma negra, olhava a paisagem grandiosa que nos acompanhava, e via nela apenas a minha sombra. Papa-hóstias, como dissera o senhor Botelho... Era tudo o que eu podia vir a ser na vida.

Recebeu-nos no pátio da casa do senhor cónego Faria, a quem íamos dirigidos, um sacerdote novo e magricela, que mais tarde vim a saber que se chamava padre Monteiro. Meus Pais cumprimentaram-no respeitosamente, mas, em vez de lhes seguir o exemplo, fiquei ostensivamente calado. O desespero que sentira toda a viagem transformara-se numa raiva cega, que me estrangulava a voz. Meu Pai reparou na má

criação, e repreendeu-me. Lá arranjei fala e gaguejei:

- O senhor passou bem?

O sujeito olhou-me de esguelha, disse que sim, e perguntou se eu era piedoso. Ao que meu Pai respondeu solícito que, quanto a isso... Além de ser bom rapaz e muito inteligente. Comprometido, pus-me a arranjar o cabresto à burra e a relancear as janelas da casa solarenga, a ver se via o bispo. Era uma das minhas aspirações em pequeno: ver um bispo.

Por fim, o homem deu-nos um bilhete para irmos entregar ao número quarenta e dois de uma rua assim, assim, quem subia, à esquerda.

Lá fomos, e lá fiqueii.

[...]

O nosso vigilante chamava-se senhor Ramos. Estava no fim do curso e namorava a filha do dono da casa, que tinha alfaiataria no rés-do-chão. A República tomara conta do edifício do seminário e transformara-o em quartel. Por isso, vivíamos em grupos de dez e doze, espalhados pela cidade, comandados por um mais velho, e íamos às aulas à residência dos professores.

No dormitório havia apenas um bacio para cada duas camas. O que me pertencia ficava debaixo da do Arménio, que, quando eu acordava, já o tinha cheio. O recurso, claro, era ir à varanda. A primeira vez que tal me aconteceu, fiquei aflito. Quem é que se atrevia a mijar lá para baixo, diante do palácio das Brolhas, de fachada imponente e braço coberto de luto, ali a ver-nos? Mas a natureza apertava e o frio também. E abri a torneira.

Rosa, rosae; tema em a.

Nominativo rosa

Genitivo rosae

Acusativo rasam

Dativo rosae

Ablativo rosa

Achava estúpido. Mas era preciso declinar, conjugar, tirar significados, ajudar à missa, confessar as mínimas culpas e comungar todos os dias na capela particular do senhor cónego Freitas.

O Ricardo fumava às escondidas, em vez de se agarrar aos livros, e viu-se o resultado. Um dia estava muito refastelado na cama, à hora do recreio, e grita um da varanda:

- Ó Ricardo, olha o teu pai!

Correu ao fundo das escadas, alvoroçado.

- Deite-me a sua bênção...

- Deus te abençoe!... - e caiu-lhe um marmeleiro pela cabeça abaixo.

Sem mais uma palavra, o senhor Olímpio deixou-o a escorrer sangue e foi-se embora. Veio de Vale-de-Mendiz só para aquilo. Nenhum mestre perguntou ao Ricardo o que lhe tinha acontecido.

[...]

SANGUE PLEBEU

Pina de Moraes

1942

[...]

A tôrre da igreja de Cambres domina todo o largo vale que se abre majestoso abrangendo o Baixo-Douro, e os seus sinos ouvem-se a mais de dez léguas em redor. O Belau, que dobrara os sinos grandes para o som alcançar longe e levar a todos o seu clamor, começa a badalar desesperadamente, como se rufasse uma carga num tambor de bronze. Nas outras freguesias acordam e já se ouvem os sinos de Fontelas, de Santa Marta, de Sande de Souto Côvo; mais para sul, Valdigem, e para longe, descendo para norte, todo Baixo-Corgo e Douro. Não há um sino mudo; tocam por tôda a parte como chamus que se acendessem, semeando a revolta popular angustiada e invencível. Tôda a terra estremece ao som arrepiador de desespêro e luta.

A rebate! A rebate! As aldeias acordam estremunhadas, e de repente enche-se tudo de figuras espectrais, que um sonambulismo colectivo pusesse a mexer. Espectrais são também as árvores; nas cristas dos montes enfileiram e escutam, assomando ao extremo da serra, debruçando a rama.

A rebate! O Pedro maluco, contente com aquêlo movimento, dá grunhidos e faz um sarilho sôbre a cabeça com o pau de faia. Os homens silenciosos vão-se agrupando e quási não haveria palavras se a Sigorelha da sua varanda, como duma tribuna, não exclamasse:

- Trazei pão ou enchei a bôca de terra! A vida é só para uma vez! Os pobres também comem. Êsses cães da cidade até roubam os santos!

- Chio! Hei-de ir, ainda a terra me coma. Vamos nós, os homens não têm coragem, só servem para trabalhar.

- Chio, mulher! Cala a môrca , repetiu o homem da Sigorelha.

Esta, porém, mais encorajada pelas outras mulheres, gritou com toda a fôrça dos seus pulmões:

- Ah! Queres que me cale? Quem pare os filhos não os pode ver com fome! Se o sangue desse pão, já não tinha lágrima dêle. E a Sigorelha arrancou do chale e veio para o magote.

Sôbre o céu, agora de todo claro, cruzam-se como fogos vivos os clamores dos sinos; a estrada que leva à cidade de Lamego está cheia de povo, uma onda de farrapos, uma onda de máscaras.

De vez em quando ouve-se dizer:

-Os do Eirô já vêm nos Maduros, estão aí estão cá.

Está tudo coalhado de gente. Há expressões destacando-se sôbre todo êste movimento; são aquelas em que a fome, depois de lhes cortar as feições, os feriu na alma. Gente desinteressada, já morta para tudo.

O Belau pôs-se em marcha.

O cortejo da fome rompeu.

A onda de povo e a onda de vozes dá a impressão duma coluna israelita que, segura e serena, abandona para sempre a terra que habitava.

Na retaguarda distante amontoam-se as mulheres como se fôsem para o trabalho, os pés enormes descalços, arremangadas, as cabeças livres ao alto e os lenços sôbre o ombro, desmadrigadas e sujas. O Pedro maluco vai na dianteira fazendo o sarilho com a faia.

Na cidade de Lamego, de população nobre e amiga, que nenhuma culpa tem da inferioridade das autoridades que tantas vezes a dirigem, vai um alvoroço. As autoridades exageram de tal maneira o acontecimento que tôda a gente espera uma invasão bárbara; os lares seriam destruídos e o sangue iria correr, dizia-se.

O chefe do bando de voluntários defensores respondeu aos seus sequazes, que iam chegando com as informações sôbre a aproximação da marcha dos esfomeados, batendo um murro na secretária e vociferando:

- Vêm atacar a República! Não podemos consentir. Temos de nos defender de tôdas as maneiras! E impertigando-se, para solenizar o momento e encorajar a sua guerrilha, o energúmeno exclamou de braços erguidos:

- Meus senhores: Viva a República! Dobraram-se as sentinelas nos postos,

destacaram-se patrulhas que informariam o comando da fôrça que guardava a casa da Câmara Municipal. Uma baioneta é um lindo cartão de visita para quem vai pedir.

Pelo meio-dia a onda humana tinha desaguado na vasta praça publica, em frente à Câmara, o resto do caudal extravasando para tôdas as ruas, enchendo a cidade de gente angustiada e humilde.

- Não queremos nada, queremos só que nos vejam, respondia o Belau a tôdas as espingardas aperradas que lhe iam aparecendo na frente.

Se os soldados eram da região, o Belau informava:

- Tu não vês, Joaquim, morre-se à míngua, a tua mãe está com uma dor que nem se mexe e o teu pai sem um dia de trabalho...

- Será o que Deus quiser, senhor António, a cana furada não trabalha nem que me matem, respondia o soldado batendo com a mão no cano da espingarda.

O comandante da fôrça, para isolar os soldados da vizinhança do povo, postou-os nas varandas da Câmara; estes de cima foram descobrindo as pessoas que conheciam, os que eram do mesmo lugar, os que eram do seu sangue.

- Olha, lá está o Rapito.

- Olha, a senhora Angélica também veio.

- Se eles quisessem arrasava-se isto!

O António da Pinta, mais zangado, informava os outros soldados:

- Se mandarem fogo, atiramos aos pássaros!

Quando o Belau tirou o chapeirão, sinal de respeito, e ficou com êle nas mãos, a multidão inteira descobriu-se. O sol iluminou do alto um mar de cabeças onde havia, de onde em onde, muita espuma branca de cãs. Milhares de olhos ansiosos cravaram-se na fachada do edificio, como se dali fôsse brotar milagrosamente o remédio a tôdas as mágoas. O Belau, de cabeça descoberta, aproximou-se da porta principal, fechada de cunhal a cunhal com uma fila de baionetas. Bateu-lhe no rosto o ar fresco do átrio largo, sóbrio e deserto. Queria que o ouvissem.

As autoridades supremas da Republica trabalhavam na Câmara na resolução acertada do problema. E coincidência trágica: já era lei a esta hora o que os durienses ambicionavam.

- Se o senhor António quere... diz-lhe um dos soldados.

- Se o senhor António quere... arrasa-se tudo, completou o soldado baixo ao ouvido do Belau.

Êste respondeu:

-Cala-te, fedelho; aí é o teu lugar e aqui o meu.

E como não vinha ninguém, o Belau disse alto para o vasto átrio vazio:

- Vimos pedir pão! Não somos cães!

A voz do Belau foi ouvida em tórno e ergueu-se do seio da multidão em milhares de bôcas escancaradas um clamor angustioso e trágico, eterno e profundo.

Duma das varandas um soldado arremessou sôbre a multidão a barretina onde luzia um 9 metálico. Os lídimos e brilhantes esteios da ordem, todos com larga fôlha de baixos serviços políticos, em tôdas as sedições, em tôdas as denúncias, em tôdas as vinganças, supuseram a República em perigo... iam cambalear as instituições políticas na terreola e lúgubrememente, com gesto carniceiro, despejaram bombas sôbre a multidão inerte e de cabeça descoberta. Os soldados ficaram petrificados. Ficaram petrificados pelo inesperado do crime. Quem estava ali para defender a ordem, se houvesse mester, eram só êles, e aos seus ouvidos não chegaram, como aos ouvidos de ninguém, os três toques vibrantes e lúgubres que a ordenança determina antes de fazer fogo.

Na multidão abriram-se grandes clareiras sangrentas e gritos agudos encheram os ares.

Civis, no mais aceso orgulho de cidadãos livres, arrancaram as espingardas aos soldados e visaram os fugitivos atingindo-os pelas costas. Ao fim de cinco minutos, a praça está deserta e, tràgicamente imóveis nas posturas claudescas em que o supremo sofrimento deixa as suas vítimas, ora de bôrco, ora enrodilhados, ou de linhas serenas como se estivessem dormindo, espalhados a esmo, quatorze vultos. O largo é uma oleografia a sangue.

Feita a ressaca, os bandidos recuaram. O Belau chamou os fugitivos e disse-lhes:

- Vamos buscá-los!

Buscá-los, era a êles, aos mortos.

Irrompeu de novo na praça a multidão. Gritos de loucura, pragas eternas, bôcas espumando e braços onde os farrapos caíam ameaçadores e impotentes. Queriam morrer ali todos, davam a vida como unico e possível protesto.

Ai, os mortos! Já estavam empilhados sem misericórdia numa velha carroça. Depois de assassinados, ultrajados. Estes tinham família, não precisando de estranhos para os levarem. O Pedro maluco, o pobre louco que era só no mundo, que não tinha ninguém, trouxeram-no os de Quintiã.

Na multidão sombria havia desde o soluçar que estremece, ao grito que rasga.

Talvez por isso os castanheiros gigantes do relógio do Sol se dobraram à sua passagem. Na última altura que dava para a cidade, o Belau parou. Corriam-lhe grossas lágrimas pela barba branca e disse:

-Fica para outra vez.

O cortejo da fome continuou, tãda a gente lívida como ciriais.

A fome recolhia com a morte.

CASTELOS DE ESPUMA

Jorge De Vil'Alva

1945

[...]

Perfilada, em frente à guarita, a sentinela bradou a tãda a fôrça de seus robustos pulmões:

-Às a-a-a-a-armas!

Dentro do quartel houve um momento de alvorôço, enquanto os poucos soldados da guarda corriam a pegar nas espingardas, precipitadamente, aos encontrões.

-Caramba! Tu não vês onde pões os pés?

-Tem paciência, Pá!

- Pscht, pscht! Êsse bacamarte pertence-me!

- Ora deixem-se de discussões e toca a marchar, sim?- gritou, apoplético, o sargento, engatando a espada no largo cinturão de couro velho.

Não levava um minuto aquela cena. E, a um gesto do chefe, a guarda transpôs a Porta de Armas, indo alinhar em formatura, ao lado da sentinela.

O corneteiro respirou fundo e, embocando os lábios grossos no clarim coruscante de brilho, tocou a sentido.

Na vasta parada do quartel, a soldadesca quedou-se, perfilada, na muda rigidez de verdadeiros autómatos, enquanto, solene na sua farda nova de largos galões doirados, o coronel do regimento avançava, a passos lentos, sorvendo, deliciado, as aparatosas honrarias do regulamento.

Por entre o silêncio que se fizera em volta, o povoléu trocava impressões, quási em segrêdo, ao tempo que o sargento da guarda dava as vozes de comando.

-Isto é o que se chama ter respeito!- murmurava, entusiasmado, um velhote, a quem a doença e o raquitismo do corpo meão impediram de tomar a mochila.

Muito presumido em sabenças, o outro filosofou:

- Isto é a amostra do pano, compadre! Não chega aos calcanhares do que se faz ao Presidente da República de Lisboa!

Ao lado, em grupo, cinco ou seis mulheres, de lenços trincafiados em nó e chailes amarrotados nos braços, acotovelavam-se, bichanando:

-Por o home vir a entrar no quartel, toca a fazer aquelas cerimónias! Nem que êle seja mais do que os oitros! Mal empregado, figurão!

- Deixa lá, mulher! Aquilo vale quanto pesa, por ser uma cousa bonita.

- Bonita? -protesto li uma velha, de cabelos brancos. - Sume-te dianho e mais as bonitezas! Eu achei-lhe pouca graça. Na minha palavra, que até julguei que êles iam matar o home!

- Aperta aqui o bacalhau, Zefa! – acudiu outra.- Eu pensei o mesmo. E a modos que 'inda tenho o coração aos pulos. Nem estou em mim, Caredo! Aquêlê ladrão a gritar às armas e os magarefes a aparecer logo de espingardas com chuços... Era de uma pessoa ter mêdo!

O coronel acabava de transpor a Porta de Armas, seguido pela guarda, a um de frente.

Daí a instantes, as vibrações metálicas do clarim davam ordem de «à vontade».

Imediatamente a soldadesca se agitou, ondeante, correndo para junto da família e conhecidos, em despedidas de lágrimas.

-Cá 'stá o nosso c'ronel par' à parada. Falta pouco par' à gente marchar-segredava o 125 da 1.ª Companhia a uma guapa rapariga, de olhos rasos de pranto, o seio em estremecimentos de soluços.

- 'Screve-me duas letras de vez em q'ando! suplicava ela, ensopando, de lágrimas, um lençito de riscado onde, a um canto, em letras gordas de linha escarlata, avultava a eterna legenda dos corações em febre: Amor!

- Descansa ! - respondeu êle, esfregando nervosamente os botões amarelos da farda nova.

E porque o espicaçasse uma suspeita:

-Vê lá se dás trela ao António do Miguel...

Mais com soluços, do que com palavras, ela tranquilizou-o:

-Onde isso vai! Tu bem sabes que só te quero a ti!

O 125 segurou-lhe a mão queimada do sol e do vento agreste da serra, jurando, sincero:

-Pois, se esperares por mim, eu também não quero oitra. O dito, dito! E há-de ser na Senhora dos Romédios!

Passavam soldados aos grupos, tristes, apreensivos, corações a estalar de dor nessa hora amarga da despedida.

Falavam pouco, meditando, talvez, nas páginas de luz e sombra (mais sombra que luz) da vida humana, a arrastar-se, desde o bêrço à campá, em tortuosa vereda de espinhos, onde, de longe a longe, desponta a graça de uma florita para logo mirrada e sêca.

Quedavam-se outros, de olhar perdido além, nos cerras enegrecidos do Março, em aflitivas e ansiosas interrogações que eram serpejantes curvas de lágrimas no fundo das almas rasgadas de angustiosa saúde.

Um sentimento geral de magoada tristeza algemava impensados júbilos naqueles mesmos que alardeavam chibanças e fanfarrices.

Crispavam-se, de dor cruciante, os lábios, onde os raros sorrisos tinham o efeito de riscos de vaga-lumes na cerração de noites de breu.

Alagada no sol doirado e quente dessa tarde de fins de Março, a cidade parecia dormir, silenciosa e triste, como a esfinge do deserto.

Nas amortecidas vibrações do seu carrilhão, a Catedral harpejava estranhas melodias, ao sabor da imaginação do sineiro que ali vivia, acastelado nos silhares enegrecidos da enorme tórre medieva.

Ouviam-se, de longe a longe, os raros pregões dos bufarinheiros, golpeando, de languentas baladas, o mutismo das ruas desertas:

-Compra a bela ra-a-a-aia!

- Olha belo pô-ô-ô-ôlvaro !

- Pentes, algodões e atacadores-res-res-res ! ...

Lá baixo, em frente ao jardinzito de arruamento simétricos, o velho museu era enorme paquiderme, ruminando fartas comezainas, devoradas em hora de crapulosa estúrdia.

A perder-se em perspectivas de esmeralda no Monte de S. Estevão, as longas verticais dos ciprestes que atalaíam o campo da morte, a poente da parada, eram balizas de sombra musgosa na luminosidade da tarde soalheira, o lado, no rebôco

alambreado de seus muros, o quartel do Regimento, decorrido mais de um século, clamava ainda maldições e anátemas contra a espada demolidora que varreu os monges de sua morada e transformou em caserna o místico recinto de claustros sombrios.

Lá para o fundo, contorcendo-se por entre barrancos e penedias. O Balsemão lamuriava queixas, a caminho do Douro, como porta-voz das lágrimas da serra.

A norte, esbatida de sol, a torre de menagem do castelo fazia lembrar o mutilado braço de legendários séculos, a erguer-se em apóstrofes de romântico patriotismo. Dir-se-ia que suas pedras velhinhas eram pesadas contas de um rosário de lenda que os heróis de antanho ali desfiassem, em perpétua velada de armas...

Não atentava nisso a soldadesca prestes a partir na Expedição que aos Açores ia afirmar a soberania do Pavilhão Português.

Da tribuna altaneira do castelo, bem podiam perorar heroísmos e valentias os génios da História.

Êsses militares humildes, moços enamorados ou filhos estremecidos, que o Dever enfaixara numa farda de campanha, escutavam outras vozes... A voz do sangue, a voz do coração!

-Tenho tantas saúdaes da minha terra, que me estala o coração!- confienciava o 57, levando aos olhos o lenço grande de linho branco.

O 95 que o ouvira, segredou também:

- E eu trago aqui uma coisa, a modos de navalha, que me corta o peito... Isto de uma pessoa ir para tão longe e estar lá tantos meses sem ver a família, é de morrer!...

Era da mesma opinião, o 207 que viera fazer grupo:

-Tenho o coração negro como a noite... Nem vós sabeis o que custa deixar a mulher e um filhinho pequenino que lá tenho... Casei-me há dois anos. Mas se eu adivinhasse que me mobilizavam, antes queria estar solteiro... Isto custa! Quando ontem ia a sair de casa, o meu Fernandinho abraçou-se a mim, a chorar tanto, que até fazia dó às pedras... Meu querido filhinho!... Mal êle sabe que me não torna a ver tão breve!...

A vasta parada do quartel era um mar de gente, a ondear em refluxos de corações angustiados e tristes, almas rasgadas pelo gume da saúde...

A cidade concentrara-se tôda alli, em afectuosa despedida ao Corpo Expedicionário.

O Comércio havia encerrado ao meio-dia. E nas repartições públicas fôra concedida tolerância de ponto.

O velho burgo beirão começara a movimentar-se, pesadamente, quase em silêncio, desde a madrugada, com as centenas de pessoas que atulhavam as avenidas e ruelas estreitas, coevas da dominação mourisca.

Utilizando os mais variados meios de condução, viera, das aldeias vizinhas, uma aluvião de gente que alastrou pelos parques e jardins, encheu a Praça e o Rossio.

A casa do Barbudo e a locanda do Zé das Chibas, tôdas as tabernas e chafaricas, regorgitavam de magotes de povo.

Num abrir e fechar de olhos, como se algum génio da sombra se houvesse entretido, em estranha operação matemática, a multiplicar por três, a turba-multa dos burgueses.

Com a família dos expedicionários, vieram os simples curiosos que trocaram, nesse dia, os duros trabalhos da gelba pela supreendente perspectiva de uma parada militar.

Roliças, outras esgaiotadas, as mulheres carregaram à cabeça as saquitas da merenda e trouxeram a filharada miúda, robustos pimpolhos de faces vermelhas, fatos domingueiros impregnados de fumo de giesta ou carqueja.

De cacete na mão, cigarro pendurado dos beiços, vieram, às turmas, os serranos, homens de pulsos grossos, como as carvalheiras das bouças.

Raparigas taciturnas, de blusas de pregas, largas saias de roda plissada com guarnições de renda, desceram também à cidade, a par dos casquilhas palreiras que madrigalizavam galanteios rudes, como os penhascos da serra.

A cidade recebera-os num ambiente pesado de mágoa, quase de luto, que os impregnou também de misteriosa tristeza.

E pela tardinha, a multidão encaminhou-se, dolente e sombria, para a vasta esplanada do quartel, a tomar lugares.

Já por ali andavam grupos de senhoras idosas, fartos bandós de neve a brotar, em tufos de alvura, dos escassos centímetros quadrados dos chapelinhos esquisitos.

Macilentas, escanifradas, no rigor da moda, não faltaram as fidalguinhas da cidade, a estadear a graça mimosa dos vestidos roçagantes e o lastimoso espectáculo das pernitãs magrinhas e sêcas, esburgadas de carne, verdadeiros palitos de osso a especar os bustos finos, espalmados como lâminas de cartão.

Ao vê-las, tinha-se a impressão singular de que seus corpos esqueléticos se desmaterializavam aos poucos, na redenção tardia do pecado de Eva...

A multidão ia engrossando.

Eram verdadeiros rios humanos as quatro ruas que desembocam na parada.

Arrastando-se, lentamente, em descuidosa formatura, a dois de fundo, os seminaristas, de farpelas negras, vinham lá de baixo, a alastrar, como risco ondeante de tinta preta.

Caminhavam, em seguida, os alunos dos colégios, mocidade chilreante a ensaiar os primeiros passos da carne, desperta ao contacto da vida fremente de paixões.

Uma deputação de bombeiros, capacetes cintilantes à luz ameigada do sol, marchou, garbosamente, ao longo da parada e foi postar-se no flanco esquerdo do quartel.

Chegavam também os convidados oficiais.

Secretariado por dois moços imberbes, de capa e batina, o representante do Prelado Diocesano aproximava-se, a passos lentos, imponente na sua figura máscula, de olhos lampejantes de brilho, cerrados os lábios finos que eram fonte de talentosa eloquência, da mais alta e da mais bela que, ao tempo, se curvava na amurada dos púlpitos portugueses.

Simpático e abalizado mestre de letras, temperamento requintado de artista, o cónego Paulino Pinheiro passou, modesto, por entre os respeitosos cumprimentos da multidão e foi tomar lugar na tribuna oficial, majestoso e simples como os olivais da sua aldeia, graciosamente pousada nas ribas do Paiva.

- As autoridades civis faziam-se representar largamente.

Pela Câmara Municipal, vinha o dr. Áldas Saldanha, de rosto ameninado, pastoso como talhada de melão muito maduro, a arrastar sua vaidade e o seu alvará de Presidente.

Seguiam-no os vereadores, muito empertigados, na plena consciência de suas funções, certificada pela altivez dos olhares inquiridores e pelo fumo aromático, de cigarros de luxo, desdenhosamente chupados com basofial importância.

Ao lado, o Administrador do Concelho, de ventre adiposo e longo nariz aquilino, completava êsse cortejo que era alvo da curiosidade do vulgacho.

- Aí vem a senhora Câmara! - disseram, respeitosa, a um tempo, muitas vozes.

- Aquilo é que são uns pimpões! A gente por lá a trabalhar como mourinhos, e êles aqui a comer as décimas, bem tratados e bem vestidos! - rosnavam um velhote, de mãos nodos-as e fortes, como vigas de castanho.

Alguém contraveio:

-Isto não é bem assim, sr. Diogo. Tenha lá paciência! Olhe que nos tempos de agora,

co' diabo das crises, êles ganham uma significância.

-“Tá feito! - disse, do lado, uma voz zombeteira.

-Antão bomecês não sabem que êles não chincam um pataco? Não que agora a barca tem remos...

Surpresos, os velhos olharam a interpelante que era, nem mais, nem menos, a sr.a Libânia, por ali a fervilhar no ingrato desempenho de sua paixão favorita.

Iam responder-lhe, talvez. Mas ela, pondo-se em bicos de pés, chamou-lhes a atenção:

-Olha! Lá vem o sr. dr. Armando!

Romântica figura de velho, de longa cabeleira nevada a cair-lhe, em meadas de sêda, na cachaceira gôrda, o dr. Armando de Menezes subia, nesse instante, as escadas da tribuna, em representação da União Nacional.

Aumentara mais ainda a multidão, contida a distância por soldados de carabina ao ombro, em missão de policiamento.

Um vago murmúrio de vozes abafadas e o lento ondear dêsse mar imenso de cabeças punham notas de funeral naquele quadro feito de amargura e nostalgia.

De janelas fechadas e panais corridos, a cidade era solitário êrmo, onde a vida se suspendesse em pontos negros de longas reticências.

Dos subúrbios da baixa, vinha ainda, de longe a longe, a toada melancólica das vendedeiras, perdida, em ecos tristes, no silêncio das ruas desertas.

- Merque lá engui-i-i-ias!

- Freisca da grande! 'Stá a acabar! 'Stá a acabar!

Com sorrisos de luz, branquejava mais o alvo casario citadino, a perder-se, em ondulações de espuma, na encosta da serra, onde os matagais bravios entravam de florir.

A tarde afogava-se em quenturas de calma.

Alheio ao drama de saüdade dos Expedicionários, o sol era brado apoteótico de luz amornecida, em aleluias triunfais.

Tem dêstes contrastes a Natureza. Muitas vezes chora; quando as almas andam em festa, mas muitas mais ela rejubila, quando as almas choram.

Raramente se compreendem a matéria e o espírito. Parece que êste foi insuflado, mau grado seu, naquele pedaço de argila que Deus pediu, por empréstimo, à terra, no dia miliário da criação.

Não conseguiu congregar-los o esquadrão ovante de tantos séculos decorridos. Convenhamos em que é tarde, agora, para tentar a reconciliação.

Deixemo-los viver assim.

Se, nos deleites da alegria, a alma se sente bem na concha de seu egoísmo, também prescindirá da matéria no amargor das tristezas. Melhor se curam estas de mãos erguidas ao Céu, do que de olhos volvidos à terra...

A larga Porta de Armas, onde a sentinela se perfilava com rigidez de granito, tornara-se vazante de militares.

De botins lustrosos a engulir os calções de mescla, saíam sargentos e furriéis, de recheada mochila aos ombros.

Rapazes novos, quasi todos êles, eram milicianos que o Serviço Militar recrutara nos bancos dos liceus, ou nos balcões das lojas de comércio, onde se haviam tornado delicioso atractivo de costureiritas pobres ou de trintonas desiludidas.

Serpenteavam, taciturnos, por entre as desordenadas falanges da turba, a misturar lágrimas e suspiros com suas amadas.

Quedavam-se algum tempo, junto delas, em brasados protestos de constância e fidelidade, e fugiam logo, a esconder, severos, a comoção, entre os soldados de seus pelotões.

- Isso é maneira de trazer a mochila, ó 45?

- Eh lá! Ó 102! Que choradeira é essa?

Enxugando, apressadamente, os olhos, o 102 perfilou-se:

-Nada, meu sargento! Tenho saüdades da minha gente!

- Pois se tens saüdades, guarda-as, que não é com elas que se defende a Pátria! - voltou êle, na voz austera das divisas douradas, enquanto o ardor das lágrimas, em seus olhos, lhe gritava saüdades também...

Avizinhava-se a hora da abalada.

Isolados, ou aos grupos, surgiam os primeiros oficiais expedicionários, milicianos também na sua maioria, jovens diplomados que, de bom grado trocariam os galões de suas fardas novas pela doçura dos lares já feitos, ou pela ditosa volúpia de seus noivados de sonho.

Sorriam estoicamente, a repesar, no peito lacerado de angústia, névoas de amargurada tristeza.

Voltava-se para êles a atenção dos serranos, a olhar, curiosamente, aquêles

senhores, a quem a soldadesca saüdava, respeitosa, com rígidas continências.

[....]

ARCAS ENCOIRADAS

Aquilino Ribeiro

1953 [edição de 1974]

[...]

Aí por volta de 1900, nos meus bons tempos de estudante, estudante do Colégio Roseira com o Pe. Alfredo na gerência, Lamego era uma cidade pacata e encantadora, fugida à iluminura dum Livro de Horas.

Muitas das vinhetas que na minha imaginação ilustram a velha cidade afonsina, uma era o castelo, e na Rua do Castelo uma huri estupenda, a Micas Correia, a Sé, e na Rua Detrás da Sé umas lindas padeirinhas, por causa de quem nós odiávamos os sapateiros, que elas preferiam, os sinos, muitos sinos maviosos, a tocar para a missa, as cornetas no Campo de Santa Cruz enrouquecidas: vai prà forma, vai prà forma, vai prà forma, meu palonso! e meias vermelhas de senhores cónegos a passar e repassar entre a Sé, o Paço e o Seminário. Outra imagem peregrina ficou dessa era remota na minha pinacoteca astral: a do pretinho que o bispo trouxera de África quando missionário e que, bem vestido e calçado, cartola e bengala, levava vida de costa direita. Era um rapaz novo, dos seus vinte anos, feições correctas, nada platirínico, muito curial e benquisto à sociedade lamecense. As damas faziam-lhe carícias despreconcebidas, como a um bicho exótico que tinha a seu favor a mansidão e o engraçadinho. Nós invejávamo-lo por isto e por tudo o mais, inclusive a bela cor de azeviche, sobretudo, julgo agora, porque à sombra da barba longa não tinha que queimar os miolos sobre os fastidiosos cartapácios. Mas a transplantação não foi por diante. Ainda antes de morrer o seu benfeitor, morria ele, ouvi contar que consumido pela héctica.

No Colégio superintendia, como dissemos, o Pe. Alfredo, homem austero, de poucas falas, respeitável desde logo pela sua nobre compostura e sóbrio donaire. Tinha aposentada, no Colégio, no piso de cima, sua mãe, uma alta, magra e angulosa velhota. Viamo-la às vezes passar no corredor em direcção à capela, hirta, o seu tanto hostil, sem sorrisos para ninguém. Não era popular. Honrávamo-la, mas tínhamos-lhe medo. É possível que toda a sua atitude de contenção ou reserva não fosse mais que timidez, o filho tendo-a desarraigado da patarrega, onde era a perfeita aldeã, para ali, junto de meninos, rebentos de famílias ricas, regalõezinhos de luvas, filhos de algo, todos pedaços de asno. Pois era para nós o seu tanto a velha da Floresta Negra que aparecia nas páginas ilustradas de Grimm aos rapazinhos extraviados.

[...]

NOVAS FARPAS: 3 CAMPANHAS

Augusto Dias

1953

Quando cheguei a Lamego, em Outubro de 1926, a Revolução do 28 de Maio era uma incógnita. Entendia-se que renovar o País era correr os democráticos, praticamente os senhores da República.

Os monárquicos, experimentados em falhanços repetidos, acautelavam-se, a espreitar a ocasião oportuna, a sonhar manhãs de nevoeiro e a viver antigos ódios.

O Dr. Alfredo de Sousa trabalhou bem e Lamego não o pode esquecer. Em 1926 era um chefe de prestígio e, apesar de muitos ódios, contava com grandes dedicações.

Para o substituir não havia entre os velhos quem lhe fizesse frente e foi preciso aproveitar um novo, saído dos bancos de Coimbra.

O Dr. Luís Osório apresentou-se vivo, dinâmico, um bocadinho espalhafatoso.

Começou a trabalhar. Era preciso ir além da abertura das Avenidas e da canalização do rio. Pelas obras é que a Revolução se devia impor. E começaram logo os conselheiros a assediar o jovem Presidente.

Impuseram-lhe a demolição do Convento das Chagas para construir o novo Liceu, mole gigantesca que ultrapassou as necessidades e as conveniências locais.

O saneamento, o parque de jogos, a electrificação, o depósito das águas e tantos problemas secundários, que sempre procurou resolver com Equidade e Justiça, não serviram para satisfazer os espíritos ambiciosos.

O caminho de ferro, velha aspiração da cidade, que vira sempre de maus olhos o crescer da Régua, devido, segundo cria, ao caminho de ferro, eis o problema básico. A crise dos vinhos que levou à triste jornada, reprimida pela Guarda Republicana, trazia toda a região apavorada e ressentida.

Levantar os ânimos, insuflar confiança, impunha-se a todo o transe.

Politicamente, ninguém vibrava. Na revolução de Fevereiro, de 27, saiu metade do Regimento perante a indiferença da outra parte, quase a despedirem-se como velhos amigos.

Lopes Mateus entrou na cidade por entre um encolher de ombros, o povolêu a mirar curiosamente as quatro peçazitas que trazia.

Galvanizar as multidões só agitando o facho de um ideal, preso à miragem de muito dinheiro.

Criou-se a psicose da mirífica solução de todos os problemas com a vinda do caminho de ferro.

Movimentou-se tudo e o Governo, desejoso de apaziguar os ânimos e conquistar as simpatias, cedeu por conveniência política.

Começou a erguer-se a Ponte sobre o Douro, limitada à via estreita e sem olhar, no conjunto, o problema das comunicações entre as duas margens.

Os serviços técnicos estavam na infância e, como as crianças, entusiasmavam-se com os bonitinhos, a fazer propaganda nos jornais.

Os povos reclamavam andamento e as expropriações fizeram-se a galope. Enormes brigadas de trabalhadores atiravam-se aos terrenos xistosos, a derruir com sanha as videiras e as oliveiras, a lamentar quase não poderem deitar abaixo as casas dos Senhores.

Quando chegaram a Lamego foi um delírio e, ainda antes de ser preciso, atiraram-se à cerca do Paço e derrubaram furiosamente tanta coisa que podia ser aproveitada ou ainda hoje estar de pé. Já tinham feito o mesmo em outros tempos. Lá está o Museu a atestar o vandalismo de tantas malfeitorias.

Pobre Lamego!... Quando te vejo tão empenhada em conservar tradições e a desprezar, ignaramente, tesouros da actualidade, dá-me vontade de chorar, porque muito te quero e em ti vivi os dias mais felizes da minha vida.

Ainda quiseram invadir a mata das Brolhas mas, por influências, pararam aí. Depois... acabaram-se as dotações.

O entusiasmo das primeiras horas arrefeceu, o povo ficou a sonhar a miragem e as forças vivas envolveram-se em nova campanha.

Anunciava-se a reforma do Código Administrativo, falava-se na restauração das velhas Províncias e Lamego, que atribuíra sempre ao Passado a causa dos males presentes, também quis ser capital de uma província, sacudir o jugo imaginário de Viseu.

Apareceu um sonhador, o Eng.º Pina Manique, e começou a fazer mapas e a architectar brasões.

Beira Douro seria a nova província, tendo por capital Lamego.

Moveu-se a cidade inteira. O Dr. Acácio Mendes, a figura de maior relevo da região, aderiu ao Estado Novo e apoiou as pretensões.

A alma do novo arranjo provincial fora o Doutor Amorim Girão e o Eng.º Pina Manique começou a ver nele o inimigo.

Ainda o levaram para Assistente mas não conseguiram convencê-lo. Envenenou os espíritos e quando saiu o Código Administrativo, em 1936, foi a derrocada.

O único vínculo aglutinador estava no campo eclesiástico, como sede de Diocese, mas, como sempre, só por acréscimo o trouxeram à baila. Era, porém, já tarde e foi posto em vigor o novo Código que relegava Lamego, pelos seus princípios genéricos, para um plano secundário.

Em vez de uma reacção positiva, as forças vivas retiraram vencidas, deixando os lugares de comando nas mãos dos que surgiram ocasionalmente.

No Porto, fundou-se a Casa Regional da Beira Douro, a navegar nas mesmas águas da futura Província.

Porque o Secretário tomava ares de jornalista e dava de comer e beber a alguns redactores, surgiu na grande e pequena Imprensa um enxame de notícias que, na maior parte dos casos, serviu apenas para irritar as altas esferas e trouxe para a região uma atmosfera de incompreensões, difíceis de explicar por outra forma.

Basta dizer que a estrada de Resende a Lamego, uma das mais belas do Turismo Nacional, está num estado lastimoso há mais de dez anos e os próprios engenheiros calam-se perante as reclamações continuadas.

A serra de Montemuro continua a ser a grande desconhecida e surgem sempre estorvos para qualquer iniciativa.

O povinho, sempre aferrado às velhas ideias, continua à espera do caminho de ferro. E a gente da «Casa Regional», porque gosta de navegar na maré cheia, toca bem alto o clarim do entusiasmo. Promete interessar-se nas instâncias superiores, e, com o visionário Pina Manique à frente, anda a correr os Ministérios, a entregar mensagens e a mendigar supostos subsídios.

Veio o escultor Macário Dinis e pôs-se a sonhar o caminho de ferro, por entre a fragrância dos sabugueiros em flor.

«Chegado à Régua, um empregado solícito indicou-me a linha onde permanecia o comboio da transversal Lamego-Castro Daire.

«As carruagens eram das mais modernas e confortáveis, extremamente asseadas, dotadas de todos os requisitos, dentro das boas características do turismo.

«O milagre daquele menage feliz que proliferou encantos de toda a espécie, foi tão longe que a obra humana e a obra divina até às vezes se absorvem uma na outra.»

Foi contra este delírio colectivo que me insurgi e, cautelosamente, encetei a campanha na Voz de Lamego, um jornal onde trabalhei nos verdes anos e onde colhi as primícias da glória que me havia de envenenar, para sempre, a existência.

Ai, de quantos tiveram a desdita de sonhar alto!... Mas foi lá que me impus e conquistei um lugar difícil de atingir.

Por circunstâncias que, ainda um dia, hei-de trazer a público, tive de entrar à força na redacção e foi por uma crítica a José Agostinho que vi abertas as portas de par em par.

[...]

SOLO DE CLARINETA

Erico Veríssimo

1959 [editado em 1973]

[...]

E o impávido B.M.W. seguiu seu caminho. Em breve reencontramos o Douro, uma de cujas pontes atravessamos para chegar a Lamego por volta do meio-dia. E aqui minhas lembranças se confundem; aparecem-me como uma aquarela apagada pelo tempo. Fecho os olhos e vejo-nos descendo à sombra duma alta e frondosa árvore, na frente dum restaurante campestre situado atrás duma... duma... igreja? Sim, creio que era uma igreja, pois me recordo de que havia um belo adro, com vários lances de escadas ladeados por estátuas de santos - o que me lembrou a igreja mineira de Congonhas do Campo, onde estão os Apóstolos do Aleijadinho. Da janela do restaurante (o almoço não foi dos mais saborosos) avistamos lá embaixo no vale luminoso o casario da cidade de Lamego. As vezes me pergunto se essa "igreja" que mal se esboça em minha memória não seria o santuário de N. S.^a dos Remédios, cuja imagem se encontra à beira dum castanheiro de proporções avantajadas. Para levar-lhe seus ex-votos os penitentes e suplicantes têm de subir quatrocentos e setenta degraus de granito - mas subir de joelhos ou de rastos. O pequeno mistério até hoje continua. Eu poderia tentar esclarecer tudo, mas prefiro guardar a desbotada impressão que me ficou do lugar: o adro, as escadas, as imagens, a evocação dos Apóstolos do Aleijadinho, e lá no fundo do vale, Lamego à luz daquele meio-dia.

[...]

POEMAS DURIENSES

António Cabral

1963

[...]

A SENHORA DOS REMÉDIOS

Em Setembro é a Senhora dos Remédios.
Mãe, deixe-me ir à Senhora dos Remédios.
Já tenho dezassete anos, já não uso tranças
e sei-me portar como uma senhora:
já posso ir à Senhora dos Remédios.
Aquilo é que é uma festa, mãe. Disse o João
que nem o Viso nem o S. Leonardo juntos
chegam aos calcanhares da Senhora dos Remédios.
Muita gente, muita gente, foguetes,
arcos, música e ruas largas, muito largas.
Fontes e Galafura são umas territas...
Lamego, não: Lamego é uma cidade,
disse o João. E o Santuário?
Ah o Santuário é que é importante!
Só o escadario tem mais pedra
que a nossa terra toda junta.
Muita gente de joelhos por ali acima;
uns com velas, outros sem velas...
Aquilo é que são promessas! Ó mãe,
também hei-de fazer uma promessa.
Já tenho as minhas coisitas:
já é tempo de fazer uma promessa.

Vai ser lindo, lindo, subir o escadario de joelhos.
Depois, hei-de entrar na igreja
e hei-de chorar ao pé do andor da Senhora.
E a procissão? Ah a procissão!
Os anjinhos são tantos como as estrelas.
Disse o João e ele não mentia.
Muita gente e andores muito altos.
Aquilo sim. E há respeito. Respeito, mãe!
É a Senhora dos Remédios e a Senhora dos Remédios
não é uma santa como outra qualquer.
Depois vem o arraial. O arraial é que é!
Nem o do Socorro, nem o da Assunção, nem nada.
Música por todos os lados, foguetes,
música, muitos foguetes,
e é dançar até de madrugada.
Mãe, deixe-me ir à Senhora dos Remédios.
Já tenho dezassete anos, já não uso tranças
e sei-me portar como uma senhora.
Mãe, deixe-me ir à Senhora dos Remédios.
O João, este ano, também vai...

ALTO DOURO IGNOTO

Sant'Anna Dionísio

1973 [edição de 1977]

XII

RAVINAS DO VAROSA

É um belo percurso, com admiráveis relances panorâmicos, esta subida breve, mas empolgante, da confluência do Varosa até à confluência do Balsemão. Os olhos não

se cansam de percorrer montes e vales, despenhadeiros e barrancos, verdadeiros trechos de pintura romântica a par de fugitivos quadros de penetrante intimidade.

Para os Sequiosos da Velocidade, o passeio apresenta os seus «quês» e os seus «mas». Queremos dizer: uns certos riscos. Bastará acentuar (a título de curiosidade de almanaque) que estes treze quilómetros de estrada macia mas não muito ampla, oferecem, a quem vai ao volante, a bonita cifra de cento e treze cotovelos, alguns deles suspensos sobre barrancos de respeito.

É um dado estatístico que os veteranos dos carros de praça costumam invocar para justificar a relativa moderação de andamento que tanto a descida como a subida, lhes impõem, mas particularmente a descida, pois é do lado direito que surgem maiores ravinas.

Por alturas de 1925, este mesmo percurso estava destinado a ser objecto do lançamento de uma linha de caminho-de-ferro, cuja construção dois anos depois estava prestes a ser concluída até Lamego.

Devido ao acentuado declive, esse primeiro escalão da via (prolongável até S. Pedro do Sul) exigiria quase o dobro do percurso da via de macadame (aproximadamente, quatro léguas).

A viagem seria um tanto demorada, mas interessantíssima, pelas extraordinárias perspectivas que ofereceria.

A via entroncaria na Régua, na linha do Vale do Corgo.

Para a passagem sobre o Douro estava então a lançar-se, uma nova ponte, de betão armado, de quatro arcos semicirculares, de boa envergadura e duas dezenas de arcos menores, intercalares, ponte relativamente estreita, mas muito firme e de linhas aprazíveis (construída sob a direcção do engenheiro portuense Maçãs Fernandes), adaptada ulteriormente (em consequência do estado de ruína da ponte velha, de arcaturas metálicas assentes em pegões de granito, da era do Fontismo), a ponte rodoviária.

A cerca de meia légua da foz do Varosa, no local onde a projectada linha-férrea teria de transpor um profundo barranco, lançou-se outra ponte, igualmente interessante, de um arco parabólico, relativamente amplo e quatro arcos menores invulgarmente graciosa e ainda hoje sem serventia, como uma espécie de bonus da Engenharia concedido à bela Paisagem envolvente.

Desde esse ponto, a linha sofreria uma sinuosa reversão, a fim de atingir a precisa altura no outeiro de Pinguéis, sobranceiro ao Vale de Jugueiros, e daí seguiria em rampa moderada, à vista da formosa e fértil concha de Cambres, rica de vinhedos e laranjais, até Quintiã.

Em nítida oposição com o espírito grimpante da velha estrada pombalina que, a partir dessa velha povoação vinhateira, sobe, ainda hoje, em rápidos lanços para o chamado Relógio do Sol, a planeada e quase concluída linha-férrea não mostraria pressa alguma em chegar ao cimo, demorando-se, a partir de Sande, em lúcidos rodeios, recortados nos declivosos pendores fronteiros a Valdigem e S. Domingos da Queimada.

O terminus seria no velho Largo do Rossio, em Lamego, a dois passos do antigo paço dos bispos.

Todas as plataformas, trincheiras, taludes e lacetes estavam prontos a receber os carris, então já adquiridos e amontoados no cais da Régua.

Simplemente, por «decisão superior», a linha que tão bela seria, foi considerada como antieconómica, pressupondo-se, como hoje se costuma dizer, que não daria a precisa rentabilidade...

Desde a ponte sobre o Douro até à estação terminal, a linha venceria um desnível de 370 metros.

Numa época, como a nossa, em que, no dizer dos melhores discípulos de Galeno, à febre de andar depressa cabe a culpa (se se pode dizer assim) de dois terços do desfecho súbito de tantas existências dignas de melhor destino, não seria acaso clinicamente interessante a existência de uma exemplar jornada de quatro léguas paulatinas, ao mesmo tempo repousantes para os olhos e para... as coronárias?

*

À vista da Régua – prosaico berço de dois poetas românticos: João de Lemos e Hamilton de Araújo - transpõe-se o rio Douro sobre a moderna ponte, de betão, de elegantes arcaturas (destinada ao tal caminho-de-ferro morto antes de nascer, não de uma pílula, mas de uma simples penada), que nos proporciona, em breves relances, interessantes perspectivas do rio para montante e para jusante: isto é, para os lados de Bagaúste ou de Godim.

Perde-se de vista o sobranceiro e arredondado cabeça da Mua que há três ou quatro mil anos seria decerto um dos muitos miradouros planetários da gente castreja que neste recanto galaico-duriense da Península Ibérica vivia da caça e da pesca, das frutas e raízes silvestres.

Cortando uma trincheira profunda, em breve estamos na encruzilhada de diversas vias.

Se seguíssemos a que inflecte na direcção de Valdigem, poderíamos ir contemplar a amplidão prodigiosa que esses longínquos e obscuros antepassados nossos familiarmente dominariam lá do alto da sua misteriosa e sábia bruteza originária.

Mas não é essa a via que nos propomos conhecer.

Vencendo a confluência do Varosa, sobre uma ponte de granito, de um arco, relativamente alto, subimos pela vertente ocidental do afluente, profundamente encaixado entre dois agigantados cerros.

Entra-se numa espécie de desfiladeiro secundário do grande desfiladeiro do rio Douro.

Principiam os vinhedos, em declivosos socalcos.

Do lado de lá, sobe a carreteira sinuosa que segue para Armamar.

Um pouco acima da chamada quinta da Bela Rosa, é de notar o patamar de reversão da frustrada linha-férrea.

Lá está, ao fundo, a elegante ponte sem serventia, lançada sobre as duas margens abruptas, precisamente no ponto onde se situa a central hidroeléctrica do Varosa.

É um quadro imprevisto e não destituído de beleza. Em frente descaem, em dois ressaltos aerodinâmicos, as duas condutas hidráulicas que fazem a descarga da água do depósito, situado no alto de um promontório, sobre as invisíveis turbinas.

Tirando-se dos velhos hábitos de ver só por fora e de passagem, poderá o viandante, numa descida breve, por uma estradita íngreme e tortuosa de três centenas de metros, visitar a profunda e discreta central (uma das primeiras do País, iniciada em 1907 e vinte anos depois convertida por Narciso de Riba d'Ave numa das principais alavancas da sua enorme fortuna industrial), que se situa, com precisão, sob o alto arco da ponte da irrealizada linha-férrea.

Dentro da casa das máquinas, alojam-se três turbinas que são verdadeiramente, na sua tácita e aparente modéstia, três perfeitas árvores das patacas.

Só pela perspectiva vertical que se colhe da ponte - vale a pena a descida.

Mas, ainda mais do que essa visão da bela e infortunada obra de engenharia (convertida em esquisita peça de Museu ao Ar Livre), a ida até ao fundo do rio impressiona pela singularidade dos rochedos que de um lado e outro se debruçam sobre o pedregoso talvegue.

Aqui e além, nos pontos altos, desenham-se estranhos perfis de enormes paredões.

Segundo a imaginação ingénua de muita gente das cercanias, seria num desses recantos que o Príncipe das Trevas daria, de longe a longe, altas horas da noite, audiência aos seus numerosos aliados e súbditos da Terra. Seria o chamado Tribunal ou Salão das Audiências do Diabo.

Deixando o alcantilado estrangulamento do industrializado e hofmânico riacho, voltemos à via asfaltada e sinuosa que íamos apontando.

A dada altura, o Varosa esconde-se por detrás do tal romontório das condutas, para seguir uma linha de água mais modesta.

Aparece uma aldeia velha rodeada de montículos avinhados. É Quintiã terra natal de Pina de Morais, combatente da primeira Grande Guerra e autor do impressionante e já apontado livro de memórias das trincheiras da Flandres, *Ao Parapeito*.

A casa onde o Escritor nasceu e passou a sua infância vê-se à esquerda de quem entra na povoação, dentro de um jardim muito abandonado, com meia dúzia de árvores, entre elas uma alta araucária que, melancólica e simbolicamente, está a secar.

Em uma página de estranho sabor franciscano, o Autor da *Ânfora Partida* e do *Sangue Plebeu* relembra as chilreadas do cair da noite e do amanhecer a que tantas vezes teria assistido, com embevecimento, com os olhos presos nessa meia dúzia de árvores procuradas pelas mais variadas e pequenas aves como seu familiar albergue.

À volta da velha aldeia sobrepõem-se os vinhedos tratados com esmero, de cepas atarracadas, podadas no fim do Inverno, quase rentes à terra e que, nos primeiros dias do Outono, se multiplicam em prodigiosas dádivas de mãos-cheias de hidromel.

Subindo um pouco, ampliam-se desmedidamente os horizontes. Descobre-se, no extremo de um cerro bronzeado, o santuário gótico de S. Domingos, miradouro de inesquecível amplitude panorâmica.

Ao longe, avista-se a antiga vila de Valdigem, ao centro de um enormíssimo anfiteatro de vinhedos; aqui, perto, noutra recôncavo, está a aldeia vitícola de Sande, uma verdadeira pinha de casario, metade encardido, metade garrido.

Estamos, enfim, no chamado alto de Santa Luzia.

A par da estrada, é bem visível, neste trecho, o traçado da frustrada linha-férrea.

Entre dois alcantilados montes vizinhos, distingue-se, nas funduras do vale, a confluência da ribeira de Balsemão com as águas do Varosa - mas a vetustíssima igreja daquele nome, essa, abafada pelos complicados relevos, não se deixa descobrir.

Ao aproximar-se da cota dos quatrocentos metros, a abundância das vinhas parece esmorecer. Surgem alguns trechos de bravio e de pinhal. A linha de cumeeada do S. Domingos parece converter-se numa pista mais sideral que terrena. Respira-se um ar de estranha leveza. É o ar saudável da meia altitude, bafejado pelos declives brandos e limpos das vinhas escavadas e vigiadas com incansável solicitude, como se fossem roseirais do Palácio de Xerxes.

[...]

VIAGEM A PORTUGAL

José Saramago

1985 [edição de 1996]

[...]

Lamego é uma cidade-vila, calma, sossegada, com gente suave, agradável no falar, solícita. Quer o viajante saber onde fica a Igreja de Almacave, e em vez de um informante aparecem-lhe três, felizmente coincidentes nas indicações que dão. Uma já o viajante recebeu, que o deixou tristíssimo: o museu não está aberto ao público, andam nele obras há mais de um ano. E neste desgosto em que cai, decide deixar a Sé para amanhã e desanuviar o espírito subindo à cidade alta, a Almacave, uma vez que lhe ficava no caminho. Boa ideia foi, não tanto por maravilhas de arte que não excederam a mediania, mas pela humana maravilha de se lhe dirigir um homem de meia-idade, obviamente toldado de vinho, ainda que de perna firme, a perguntar: «O senhor é de cá?» O viajante viu logo com quem falava, pelo menos assim julgou, e respondeu paciente: «Não senhor, estou de visita.» «A mim me quis parecer. Diga-me cá, o senhor já tem hotel? Vio-o vir de cara tão pendurada que pensei se andaria à procura de quarto.» Responde o viajante: «Já tenho hotel, já. Isto da cara pendurada são outras histórias.» «Então porque não vai dormir a minha casa? O quarto é limpo, a cama asseada, nestas coisas não já como a minha mulher.» «Muito obrigado pelo convite, mas como já lhe disse, já tenho quarto.» «Faz mal. Poupava dinheiro e ficava em casa de amigos.» O homem, neste ponto, faz uma pausa, olha o viajante e declara: «Eu sei que estou bêbado, é o vinho que me faz falar, mas olhe que a oferta é sincera.» «Não duvido», respondeu o viajante, «e estou-lhe muito grato. Vir a Lamego e encontrar quem me ofereça tecto sem me conhecer, nunca contei que tal acontecesse.» O homem segura-se a um poste de sinalização e diz simplesmente: «Eu acredito em Deus.» Considera o viajante a importância da declaração e responde: «Uns acreditam, outros não, e isso é o menos, desde que possam entender-se como pessoas. «Desde que possam», repetiu o homem. E tendo meditado um pouco sobre isto, acrescentou: «Deixe lá. Há alguns que não acreditam e são melhores do que outros que acreditam.» Estendeu a mão ao viajante, em Lamego foi que isto aconteceu, e seguiu rua abaixo, bêbado. Quanto ao viajante, continuou a subi-la, tão lúcido quanto possível.

O rei da Quinta

Choveu durante a noite, não a água peneirada da tarde, mas a boa chuva que não engana ninguém. A manhã veio descoberta, cheia de sol. Talvez por isso, o viajante demorou-se pouco na Sé. Gostou da fachada com o seu manuelino pouco exuberante, a disposição dos pórticos, o modo de ser grande sem assombro, mas lá dentro a arquitectura pareceu-lhe fria. Se foi o Nasoni quem esta obra projectou, como se diz,

estaria em hora de pouca inspiração. O que vale, essa é a opinião do viajante, é a sumptuosa decoração das abóbadas, em arquitecturas perspectivadas e rompimentos, de policromia realmente magnífica as cenas bíblicas representadas. O claustro é pequeno, recolhido, mais parece lugar para murmúrio de donzelas do que para dramáticas meditações religiosas.

O viajante foi depois ao Santuário da Senhora dos Remédios. O sítio lembra o Bom Jesus de Braga, ainda que muitas sejam as diferenças. Mas, como ele, tem uma longa e alta escadaria e, ao cabo, a promessa da salvação, ou a esperança. A igreja mostra uma boa fachada rocaille mas o interior, todo em estuques azuis e brancos, em dois minutos cansa quem não vá à procura dos remédios desta Nossa Senhora. O que o viajante muito estimou ver foi a cenográfica ordenação dos pórticos do patamar inferior, com grandes estátuas de fantasiosos reis no alto de pedestais, que, pelo recorte, lembram as figuras dos profetas do Aleijadinho, em Congonhas do Campo, no Brasil. Não que o viajante lá tivesse ido vê-las, disso não se pode gabar, mas correm mundo fotografias, só as não vê quem as não quer.

Leva a mágoa de não ter podido olhar, por um minuto que fosse, A Criação dos Animais de Vasco Fernandes, que no Museu de Lamego se guarda. Queria ver aquele maravilhoso cavalo branco a que só falta o chifre agudo e espiralado para ser unicórnio. É bem possível que o Padre Eterno, quando não estivermos a olhar para ele, conclua a obra.

[...]

VALE ABRAÃO

Agustina Bessa-Luís

1991

[...]

Um dia Carlos Paiva foi a Lamego por altura das festas dos Remédios e deu com um homem de bons modos, com a filha de quinze anos, a comer uma cambulhada de enguias num restaurante da praça. Reparou na menina, que estava vestida de luto e que tinha tranças. Dos torcidos de cabelo escapavam-se uns anéis lustrosos e na nuca enrolavam-se mais anéis, que pareciam azuis na luz fulgurante da tarde. Era tão formosa que Carlos deu em atarantar-se, oferecendo-lhe um prato de figos que lhe serviam à mesa.

[...]

Ema entrou na sala. Estava mais alta, a delgada cintura balançava dentro do grande pull-over de pescador. E os cabelos pretos caíam sobre a grossa lã como um rio de tinta entornada. Ela não deu mostras de o reconhecer.

- É o doutor Carlos. Lembras-te, em Lamego?

- Não me lembro - cortou Ema, com aquela dignidade infantil que cria distâncias e se previne contra os estranhos. Mas recordava-se; achara-o bonito, com dentes certos e brancos, uns dentes de caixeiro.

[...]

VOZES DO DOURO: ANTOLOGIA DE TEXTOS DURIENSES

GIGANTESCO NAVIO

Fernando Dacosta

2003

Para mim Lamego não é só uma cidade, é também (sobretudo) um universo, uma via láctea de recordações, infâncias, rostos, locais, sonhos, odores, dores.

A infância e adolescência ficaram-me na dimensão desse mundo, delimitado por Segões (povo de neves, de azuis, de granitos, de planaltos, de uivos de lobos e vento de pinheiros), pela Folgosa (meio caminho entre a Régua e o Pinhão, rente ao rio, as cheias, as vindimas, os quelhos empedrados, os socalcos das vinhas, os braseiros do estio, quarenta graus em Agosto, pior que Angola diziam os africanistas em férias), e por Lamego, o liceu, as procissões, a alameda, as verbenas, o teatro (Ribeiro Conceição), lindíssimo, como as igrejas e palácios, e castelos à volta.

Nele vi cinema pela primeira vez, vi actores, vi cantores, vi Amália.

Uma noite ela chegou, saiu de uma carrinha preta, vestido preto, entre guitarristas, flores, sorrisos, palmas - a lembrarem os paramentos do bispo e a capas das santas, Senhora dos Remédios, Senhora do Arcozelo, Senhora da Lapa, Senhora do Socorro.

É-me hoje deletiosa a recordação desses lugares, lugares atravessados de romarias, de biscoitos, de carrosséis, de missas, de zaragatas, de ranchos, de tendeiros, de saltimbancos, de tempos quentes e gordurosos, iniciáticos e sensuais.

Fui acompanhando, no "meu" Alto Douro, sempre com curiosidade, o suceder das gerações, o mudar dos costumes, das músicas, das comidas, dos divertimentos.

Casas e árvores desapareceram, vivendas e plantios multiplicaram-se, a paisagem

alterou-se, ressaibraram montes e mortórios, abriram autoestradas, plantações novas brotaram por todo o lado, e blocos de habitação, e supermercados, e discotecas, e gelatarias.

Em mais parte nenhuma do mundo existem socalcos assim, nem vinho, nem rio.

Poetas compliciaram-nos, imortalizaram-nos. São "a única evidência incomensurável com que podemos assombrar o mundo", escreve, depois de crescer entre eles, Miguel Torga; são "os Lusíadas sem Camões", exclama Jaime Cortesão; são "a mais vasta e importante obra humana realizada em território português", acrescenta Orlando Ribeiro.

Parabólicas fizeram íntimo o longínquo. Não mais eram precisos os relatos dos emigrantes, sobretudo os da França e os da Alemanha, antes eram os do Brasil e África, não mais eram precisos os relatos dos que partiram para e saber o que se passava distante, a tv mostrava-o, mostra-o sem nenhum sobressalto.

O rio mudou, por sua vez. As represas regulam-lhe agora os caudais e as fúrias. Em certas zonas não parece o mesmo: lembra, superfície de vidro, barros de recreio, excursões de festa, um lago. Os calhaus, os redemoinhos, as cachoeiras, a violência, desapareceram. O velho Douro, agreste e rebelde, pacificou-se, foi pacificado.

Aquietador continua o bosque dos Remédios ("a mata", na designação popular), seiva de fantásticos, de ocultos, de criatividade, de renascimentos.

A sua importância não vem da sua extensão, vem da sua tranquilidade; não vem da sua opulência, vem da sua resistência. Quando nos sentimos exaustos, é à natureza que o nosso imaginário vai buscar energias, dilatações.

Figuras míticas, centauros e sagitários, ligam-no para sempre aos que comungaram nos silêncios, nas penumbras, nas fantasmagorias.

A água é o seu elemento. Em quase todos os recantos ela corre, gelada e férrea, serena e borbulhante.

Ascende-se à sua colina por ondulações cruzadas, através de uma zona de protecção fluida, um Lethes indetectável (o fosso do esquecimento) que a separa, a purifica do mundo exterior.

Não é a claridade que predomina na zona, é a alva, a alva em que as árvores decompõem a luz e os sentimentos, e os anseios que as atravessam.

A musicalidade do entardecer tem ali ressonâncias de salmos de David, de sinfonias de Hyden.

"Andam faunos pelos bosques", escreveu Aquilino que neles, nos pinhais de Soutosa, Segões, Forles, manhã cedo, renascia, humílima, com a terra e os bichos, a

transcendência e a seiva deles.

O casco onde se acosta a zona Lamego lembra-me, frequentemente, um gigantesco navio à espera de marés que lhe dêem flutuação.

III PARTE

ICONOTOPOGRAFIA DE LAMEGO

«E fiquei a cismar, se a cidade era um ponto do planeta, ou
uma estampa dum livro de paleontologia».

AQUILINO RIBEIRO, VIA *SINUOSA*

Uma nota, apenas: por íconotopografia entende-se a representação da cidade através de imagens, não necessariamente fotográficas ou eminentemente descritivas. As imagens propostas para esta antologia são meras representações de aspectos da cidade e do seu termo.

Como esta não é uma obra de ficção, a semelhança com nomes, pessoas, factos ou situações da vida real não será mera coincidência e corresponde à intertextualidade e intermedialidade que desejamos alcançar.



Imagem I – “PORTUGAL – LAMEGO – Penedos de Monsanto” [bilhete-postal ilustrado]: [sem indicação de editor]. [Sem indicação de local de impressão], [sem data]. 1 postal: 9x14cm: p&b. Não circulado; no verso: «Union Postale universelle – Bilhete Postal», APIF | Nuno Resende ©.

Embora este apêndice iconotopográfico não tenha um fio condutor que não o da sensibilidade do antologista antes as imagens e os significados possíveis da ideia de Lamego nelas presentes, talvez a que melhor possa abrir a série, seja esta dos «Penedos de Monsanto»¹¹. A partir destas rochas, quase despercebidas no perfil urbano (e até há anos alguns distantes dele), traçou Rui Fernandes, no século XVI a circunferência por onde descreveu o pano de fina verdura que dizia ser o compasso de Lamego. Subir aqui para ver a terra é modernidade que o tratador de lonas e bordates d'El rei já entendia e fazê-lo neste Monte Santo e não em outro lugar (como a torre do Castelo ou a encosta de Santo Estêvão) é sinal de consciência geográfica e de abertura ao Douro, num tempo em que a cidade era (da) serra (como se vê pela imagem).



Imagem II – [Sem indicação de autoria] - «Lamego / Vista tirada do alto do Santuário dos Remédios» [indicação manuscrita no verso], [sem data]. 1 positivo fotográfico: 17x12,2 cm; p&b. APIF | Nuno Resende ©.

Esta é, provavelmente, uma das vistas mais reproduzidas da cidade^[2]. Não poderia ser de outra forma: do Santuário toma-se a cidade, e ele prolonga-a como de resto seria vontade de D. Manuel de Noronha ao reavivar, no século XVI, o culto e o poder episcopal na encosta frente ao seu Paço. Questão de poder, ou não, a devoção impôs-se e malgrado a hierática e ameaçadora pose das balaustradas, dos pináculos, dos coruchéus, das colunas e das esculturas – que, quer Erico Veríssimo^[3], quer José Saramago^[4] associaram às esculturas do brasileiro Aleijadinho –, é a horizontalidade do arvoredado das copas da mata que chama a atenção, avassaladora mancha a quem recorriam os romeiros no ainda cálido tempo da festa mariana como descreve Aquilino em 1908^[5] ou que acentua a ideia de «cidade verde» como lhe chama João de Araújo Correia^[6].



Fachada do Paço Episcopal

Reproduzida no opúsculo «O Paço Episcopal de Lamego», de José Júlio Rodrigues⁷¹, este cliché, possivelmente do autor do texto, é um curioso registo topográfico de um Rossio despido de qualquer ornamento – simples terreiro enlameado que contrasta com o volume horizontal do palácio dos bispos. À sua frente, dispostos como manequins, homens, rapazes, crianças e uma mulher transportando um fardo à cabeça, dispersam-se pelo cenário. Entre os homens destacam-se dois soldados, provavelmente de Infantaria 9 e das 4 crianças, duas aparecem ajoelhadas, aparentemente puxando algum veículo, posicionado atrás deles. Podemos pensar que esta imagem se reportasse a uma vulgar cena de rua, mas o posicionamento das figuras sugere que o fotógrafo quis fazer uso dos corpos como escala para aferir da extensão lugar e das dimensões do edifício. O autor da fotografia do Seminário, para o bilhete-postal ilustrado n.º 2 editado pela Loja Vermelha, fez o mesmo, posicionando frente à actual messe, homens crianças e mulheres que olham directamente para a câmara – entre os indivíduos alguns militares que, aliás, são elementos comuns nas primeiras fotografias tiradas em Lamego⁸¹.

Imagem III – [Rodrigues, José Júlio] - «Fachada do Paço Episcopal».
[anterior a 1918].
Fotoimpressão mecânica.
Publicada em: Rodrigues, José Júlio - *O Paço Episcopal de Lamego*.
Porto: [Typ. a vap. da Empresa Litteraria e Typographica], 1908
[separata do *Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official*], p. 8
[10,5x15cm].



Imagem IV – [sem indicação de autoria] - «Lamego» [indicação manuscrita no verso], [sem data]. 1 positivo fotográfico: 13,4x8,6 cm; p&b. APIF| Nuno Resende ©.

O tempo das excursões em carro ou autocarro (a «camioneta») – já o século XX ia avançado - abriu o país aos de cá, que passaram a poder deixar as suas terras sem ser por obrigações económicas ou morais – coisa impensável para o homem de há 100 ou 200 anos, nado e morto à sombra do seu campanário. Na fotografia um casal de excursionistas posa entre os canteiros floridos de um Rossio muito diferente do da fotografia de 1908 e muito distante do tempo de D. Manuel de Noronha, que ali pôs formoso tanque de mármore. Mas a tudo sobrevive o Castelo, recorte dentado no horizonte, como sentinela que vigia o tempo. E, depois de tirada a fotografia lá partiu com a gente o autocarro da Auto Viação Feirense, do mesmo sítio onde ainda hoje partem e chegam muitos autocarros de turismo.



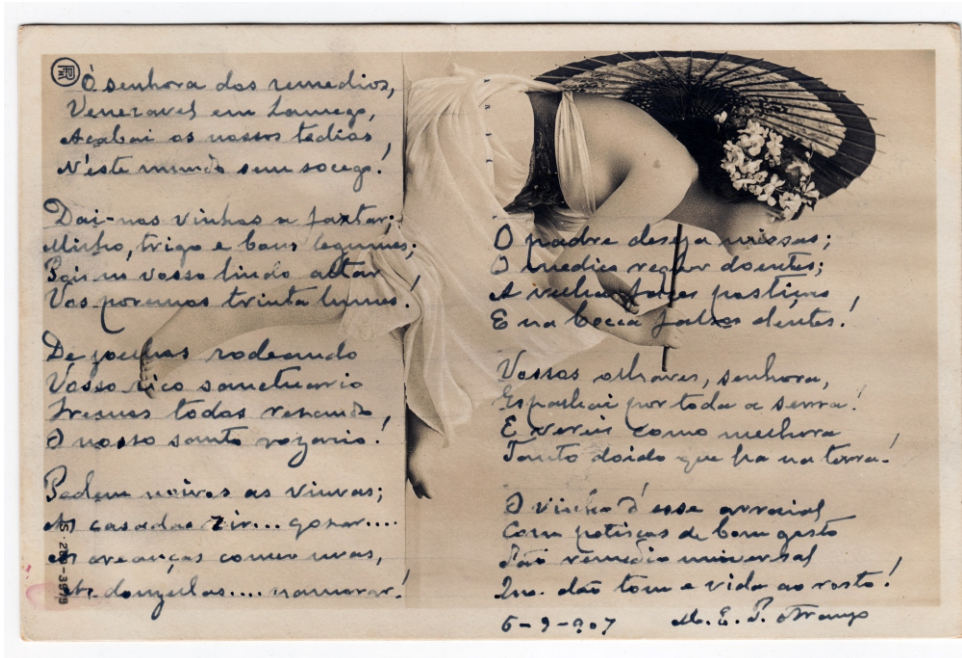
Esta curiosa vinheta ou etiqueta, provavelmente destinada a ser colada na mala de um hóspede, traz à ideia várias imagens de Lamego. A Estalagem de Lamego foi um dos primeiros projectos modernistas para o turismo da cidade, dos que antecederam a crescente oferta hoteleira, sobretudo durante as décadas de 1970 a 1990, de cujo período ressalta, entre outros, a fundação da empresa Turisserra¹⁹¹. Mas o que mais chama a atenção nesta etiqueta é a representação da carruagem ou diligência. Não pode – não deve – ser inocente a escolha do logótipo, porquanto uma das fotografias primeiras da cidade, incluídas na obra de Emílio Biel – «A Arte e a Natureza em Portugal»¹⁰¹ –, é a de uma diligência estacionada em Lamego. Conheceria o autor ou autores deste grafismo a dita fotografia? Ou será uma curiosa associação de ideias com o tempo de transportes como aquele que em meados do século XX, ainda estaria bem presente na memória das gentes de Lamego? Assim sendo, estaremos perante uma espécie de transmigração de imagens, como a que construímos ao reconstituir a genealogia da hospedagem em Lamego, pensada a partir referência às suas longas noites, dormidas ou mal-dormidas, por exemplo, num dos quartos da estalagem ou hospedaria do senhor Vitorino referida pelo Conde Atanazy Raczynski, em 1844¹¹¹.

Imagem V – [Sem indicação de autoria] - «A Estalagem de Lamego» [etiqueta]. [Sem indicação de local] [sem indicação de data]: cor; 9,7x7 cm, APIF | Nuno Resende ©.



Imagem VI – Photo Goldner (Paris) - «Une rue de Lamego» [indicação manuscrita no verso], [sem data]. 1 positivo fotográfico: 18,1x18,2 cm; p&b. APIF| Nuno Resende ©.

A rua da Corredoura (actual Rua de Cardoso Avelino), parte de um extenso e sinuoso corredor que liga o couto da Sé aos seus limites, é, ainda hoje, uma das principais entradas e saídas da cidade, caminho da Beira. Rua mista de elites e povo, hoje particularmente barulhenta de automóveis – atesta o antologista que lá viveu um ano em 2005 – abre-se nesta janela fotográfica como um recorte intemporal da cidade aquiliniana ou torguiana. Pelo menos Aquilino por ela entrou pela primeira vez na cidade, tomando consciência, logo à sua boca, da crua realidade da gente que sobrevivia na calçada ao bairro da Ponte – núcleo humano arredado das vistas e descrições mais frequentes de Lamego (imagem XVIII). Fotografia humanista de autor estrangeiro, podia incluir-se no portefólio desse retratista sentimental que foi o cónego Correia de Noronha¹²¹, o qual António Sena incluiu entre os nossos poucos e hábeis documentaristas da imagem¹³¹.



Embora a imagem do postal nos conduza ao oriente, até terras por onde passou e morreu Camilo Pessanha, que morou em Lamego na rua da Corredoura (imagem VI), são as quadras manuscritas sobre a face ilustrada do postal que chamam a atenção. Redigidas em 1907 por um M.E. P. Araujo e enviadas a uma D. Berta Ricca de Almeida da Quinta dos Belos Ares, trazem consigo a memória das cantigas de romaria que os romeiros levavam na boca pelos caminhos até ao santuário. Misto de sátira e lubricidade, religião e mundanismo, o tempo da festa à Senhora dos Remédios é evocado por vários escritores e memorialistas seduzidos, alguns em criança, pelo extraordinário brilho dos fogos, luzes e almas, ricas ou pobres, que ao santuário acorriam em tempo de estio.

Imagem VII – [Sem título] [bilhete-postal ilustrado]: [sem indicação de editor]. [Sem indicação de local de impressão], [sem data]. 1 postal: 9x14cm: p&b. Circulado; no verso: «Postkarte – Carte Postale [...]», manuscrito na frente e verso, APIF | Nuno Resende ©.



Imagem VIII – A. G. Mourão [carimbo] – [sem indicação de título ou designação], [circa 1903]. 1 positivo fotográfico: 23,4x17cm (sem cartão); 17,3x24,7 cm (com cartão); p&b. No verso nota manuscrita: «Aos seus queridos primos / Offerecem Alfredo e Alzira Vieira / Lamego 23 d'Outubro de 1903». APIF| Nuno Resende ©.

Esta fotografia, editada a sépia e recortada do seu cartão para uma melhor leitura pode ser tomada como um quase tratado social sobre uma (provável) família lamecense. A identificação do autor da fotografia conhecemo-la pelo carimbo apostado no canto inferior esquerdo do cartão: A.G. Mourão. Sobre a família fotografada pouco sabemos se não o que nos diz a dedicatória manuscrita no verso. O fotógrafo, contudo, chamado António Gomes Mourão aparece documentado, associado a Lamego, em alguns números da revista «Ilustração Portuguesa» entre 1917 e 1919^{14/}. Mas o que significa esta cena? Porque é de uma encenação que se trata: num inusitado «palco» - as traseiras de uma moradia – apresentam-se (e representam) mãe e pai, filhos, tias e tio, o arrieiro, a ama ou governanta, a criada e o moço (ambos negros), o cão e o cavalo, numa curiosa demonstração do que era, em Portugal desde o Antigo Regime, o lugar doméstico. Gente nobre? Burgueses com pretensões a fidalguia? Demonstração de estatuto ou exercício de diletância? O que quer que seja é impossível não o idealizarmos em tramas literárias românticas ditadas pela posição, semblantes e gestos dos indivíduos. E logo à cabeça de tais ideias, muito para além dos clichés que alguns dos memorialistas e viajantes teceram sobre a qualidade da gente nobre de Lamego, ressoa nesta fotografia o que dizem as entrelinhas do romance «Amor de Perdição»^{15/}, ecos da «Família Maldonado»^{16/}, de Vieira da Costa, ou certas considerações sobre a sociabilidade das elites lamecenses tomadas de Abel Botelho em «Sem Remedio»^{17/}.



Campo de Santa Cruz—Sanctuario dos Remedios e Cemiterio

São vários os memorialistas que, sendo de Lamego ou pela cidade passando em trânsito, deixaram descrições sobre o batalhão de Infantaria 9. Poucos se referem ao edifício do quartel, antigo convento de Santa Cruz, dos Lóios que para aqui vieram no século XVII, por gentil doação do Dr. Lourenço Mourão Homem. Mas dentre os que aludem à vida militar da cidade, quase todos são unânimes em referir-se à Infantaria 9 cuja história é indissociável da história da cidade.

Este bilhete-postal, que mostra movimentações no vasto terreiro ou Campo de Santa Cruz, com a capela do Cemitério ao fundo e, em plano mais afastado o santuário de Nossa Senhora dos Remédios, acaba por traduzir uma das ideias mais presentes da cidade ao longo da sua história recente: a sua principal instituição militar, hoje representada pelo CTOE - Centro de Tropas de Operações Especiais do Exército Português.

Imagem IX – «Campo de Santa Cruz – Sanctuario dos Remedios e Cemiterio» [bilhete-postal ilustrado]: [sem indicação de editor]. [Sem indicação de local de impressão], [sem data]. 1 postal: 9x14,2cm: p&b, com impressão de caracteres a vermelho. Não circulado; no verso: «Union Postale universelle / Portugal / Bilhete Postal – Carte Postale» e lugar para correspondência e direcção. Não circulado, APIF | Nuno Resende ©.



Imagem X – «LAMEGO
– AVENIDA MARIA PIA /
N.º 3 – LOJA VERMELHA
– JOSÉ DE MENEZES»
[bilhete-postal ilustrado:
verso]: [Loja Vermelha].
[Lamego], [sem data,
anterior a 1910]. 1
postal: 9x13,9cm: p&b.
Não circulado; no verso:
«Os Officiaes
d'Infanteria n.º 9», APIF |
Nuno Resende ©.

Talvez como complemento à imagem anterior (imagem IX) se deva mostrar o que habitualmente não interessa ou não se vê num bilhete-postal ilustrado: o verso. Neste caso trata-se do verso do BPI n.º 3 da coleção editada pela Loja vermelha de José de Menezes, apresentando a nova «Avenida Maria Pia» (hoje avenida 5 de Outubro). Este bilhete parece ter sido adaptado para receber, não os tradicionais campos de escrita e direcção, mas uma mensagem tipográfica de boas festas e de novo ano, emitida pelos oficiais de Infantaria 9. No topo do bilhete, as armas do reino de Portugal. Trata-se, portanto, de documento anterior a 5-10-1910 e clara afirmação do Batalhão de Infantaria 9 como instituição lamecense, dela integrante e dela representante pelo menos desde 1839, ano em que foi transferido de Viana do Castelo para esta cidade^{18/}.



Dentre os bilhetes-postais com as vistas menos frequentes de Lamego este, colhido por um fotógrafo da Foto Moderna e editado pela Papelaria Central, é um dos que mais nos seduz. Porque não se vê o Bairro Baixo ou o Couto, a partir do Castelo, - como frequentemente é mostrado -, dando a ilusão de uma cidade com duas áreas, uma dominante e outra dominada, que afinal não existem. Efectivamente Lamego foi sempre cidade de dois núcleos urbanos coexistentes com poderes diversos.

Se no século XVI Rui Fernandes (imagem I) fala das riquezas económicas e exalta as virtudes laborais e oficiais do burgo, é ao bispo que dedica a sua obra. Por isso se o burgo era o motor, o Couto foi sempre o coração palpitante da cidade, onde se cruzavam caminhos e onde se exibiam os edifícios de maior estatuto, como os que a fotografia mostra no plano central: o antigo paço episcopal e a casa das Brolhas. Sem vermos o castelo, diríamos que estamos perante outra cidade, uma cidade não amuralhada, estabelecida em vale de encostas suaves. Mas se observarmos bem esta fotografia pictorialista não é o Rossio que observávamos, atrás, na imagem III e que se destaca no urbanismo, mas um vasto terreiro aberto nas traseiras do antigo paço e hoje Museu (ainda sem o Tribunal, projecto de Januário Godinho).

Nesse terreiro há um barracão de madeira no exacto lugar onde hoje se regue o edifício da central de camionagem. Era a plataforma, término da projectada linha férrea de Lamego: uma estação que nunca se construiu para uma linha que nunca existiu.

Imagem XI – «LAMEGO- Vista parcial – No primeiro plano o Museu Regional e no extremo esquerdo a Igreja de Santa Cruz». [Bilhete-postal ilustrado]: Edição da Papelaria Central. [Lamego?], [sem data]. 1 postal: 8,8x14cm: p&b. Não circulado; no verso: «Ferrania», APIF | Nuno Resende ©.



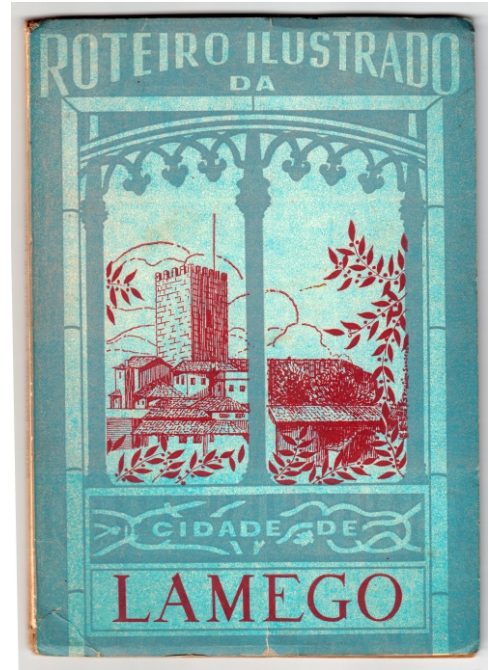
Imagem XII – Silva Regua [assinatura manuscrita no positivo] – [sem indicação de título ou designação], circa 1960 [indicação de data manuscrita no verso: 12.Abril.1960]. 1 positivo fotográfico: 23x17 cm; p&b. APIF | Nuno Resende ©.

A linha ferroviária da Régua a Lamego constituiu parte de um projecto de ligação que pretendia estabelecer uma via no sentido norte-sul, unindo o Douro à Beira Baixa. Nunca passou do papel, mas o que mais tarde viria a ser designado «ramal de Lamego», entre esta cidade e o importante núcleo ferroviário já formado desde o século XIX no Peso da Régua, foi praticamente concluído (entre 1927 e 1934), pelo menos nas suas principais e maiores infraestruturas, como a ponte sobre o Douro (hoje rodoviária) e esta bela ponte em curva, sobre o rio Varosa.

A fotografia poderia servir de ilustração ao texto de Sant'Ana Dionísio sobre as «Ravinas do Varosa»: «a cerca de meia légua da foz do Varosa, no local onde a projectada linha-férrea teria de transpor um profundo barranco, lançou-se outra ponte, igualmente interessante, de um arco parabólico, relativamente amplo e quatro arcos menores invulgarmente graciosa e ainda hoje sem serventia, como uma espécie de bonus da Engenharia concedido à bela Paisagem envolvente.»^{19/}

A paisagem envolvente ganhou também com o edifício da Central Hidroelétrica do Varosa, uma modernidade escondida, para roubar a expressão a um recente trabalho sobre as construções de barragens no vizinho Douro nas décadas de 1950/60^{20/} e que a fotografia pictorialista tão bem salienta.

O Varosa tem, aliás, a sorte de ter, na história da sua arqueologia industrial, a visita de Emílio Biel e uma das primeiras tentativas de implantação de uma central de produção eléctrica, a que se acrescenta a essa fotografia pioneira, outro nível na estratigrafia do moderno.



Moderna é, também, a capa deste roteiro, publicado em 1961^[21]. Desconhecemos o autor do seu grafismo, que embora encarne o espírito nacionalista (a obra foi «superiormente» autorizada pelo Secretariado de Informação, Cultura Popular e Turismo), cria uma topografia nova, imaginária, ao sobrepor a uma vista sobre Castelo o recorte de uma das janelas da casa do Poço, hoje voltadas para a ruela dos Loureiros, mas que no tempo em que foram abertas, no pujante século XVI, estariam abertas para o adro da Sé.

De resto, de janelas se faz parte da História de Lamego, a começar pela janela de assento do Castelo, motivo de crítica por D. João II^[22] ao seu alcaide, a janela salva por Vergílio Correia para o Museu de Lamego e estas duas belas janelas, hoje tão ocultas como misteriosas na sua gramática.

Imagem XIII – «Roteiro ilustrado da cidade de Lamego» - [capa de livro]: [João Amaral, texto; Viriato de Lemos, prefácio; sem indicação da autoria do grafismo]. Lamego: [Sem indicação de editor], 1961. 21.9x15,3cm: 91 pp.



Imagem XIV – Resende, Nuno - [Sem título] [fotografia digital]: 2006 (Fevereiro, 20). 1944x2592 pixéis: cor. APIF | Nuno Resende ©.

Esta fotografia, da nossa autoria, foi elaborada no decurso do 2.º programa de Inventário do Património Cultural Móvel Religioso da Diocese de Lamego, que decorreu entre 2005 e 2007^{/23/}. Em cerca de 2 anos percorremos os dois arceprebendados de Lamego e Tarouca e cada um dos edifícios religiosos das 24 freguesias que os compõem. Em Arneirós, antiga Vila Nova de Souto d'El Rei lográmos reconhecer esta bela cruz medieval, cujo Cristo gótico é um dos mais notáveis conhecidos em Portugal e na região - onde se incluem outros, menos afortunados no restauro, como o de São Gião, na Penajóia. Mas embora reconhecêssemos importância artística e até devocional nesta imagem, procurada pelos moradores de Lamego em tempo de seca^{/24/}, só o soubemos mais tarde tratar-se da escultura referida por Miguel Torga no seu diário a 1 de Abril de 1948: «Um Cristo rústico, gótico, quase em tamanho natural, de saiote e cabeleira postiça, tão humano que esteve para ser enterrado um dia destes. O povo, cansado de não encontrar sentido na presença passiva e física de uma divindade mal amanhada, resolveu liquidar o caso numa cova. Queimá-lo, era sacrílego; metê-lo debaixo da terra é que tinha todas as vantagens morais e materiais. Um homem morto, sepulta-se. Infelizmente, entrou a casuística em acção, e a escultura foi apodrecer para um canto discreto»^{/25/}.

Encontrámo-lo em 2005, ainda no seu canto discreto da sacristia, onde uma colorida e nova imagem da Virgem dos Remédios se preparava para um lugar primeiro.



A capa e contra-capa deste pequeno livro editado em 1960 pela Comissão de Festas da Cidade^{126/}, constitui um dos vários exemplares da *memorabilia* que foi sendo produzida no âmbito das festas de Nossa Senhora dos Remédios. No caso desta edição, a par com outras publicadas cada ano, o seu objectivo era o de apresentar «nótulas históricas da cidade», elencar as actividades programa das festas – entre o que pontuava sempre a Procissão do Triunfo, a Feira Franca e os Jogos Florais – e promover alguns produtos e empresas da cidade que eram, ao mesmo tempo o garante patrocínio da publicação.

Em destaque está, naturalmente o Espumante Raposeira, cujo nome e grafismo sempre incluiu o topónimo da cidade. Mas muito embora pareça, pela leitura dos textos históricos e laudatórios de José Guerreiro Murta (reitor do Liceu D. Manuel II em Lisboa), de Macário Diniz e do cônego Mendes de Castro e até pela republicação do texto das Cortes de Lamego, que a cidade tenha parado no tempo, um anúncio à Agência de Viagens de Turismo Santa Cruz, no verso da contra-capa, lembra-nos que Portugal, nessa altura, também era África...

Imagem XV – [AA.VV.] – «Festas de N. S.ª dos Remédios. Lamego: a Romaria de Portugal» [capa e contra-capa de livro]. Lamego: [Comissão de Festas da Cidade], [1960], 18,5x12,5cm: cor. APIF | Nuno Resende ©.



Imagem XVI –
«LAMEGO- Fonte de “O
Lamêgo”»). [Bilhete-postal
ilustrado]: Edição
Registada do Santuário
dos Remédios e Câmara
Municipal]. [Alemanha],
[sem data]. 1 postal:
9x14cm: p&b. Circulado
com data de 1939;
manuscrito no verso, APIF
| Nuno Resende ©.

Em tempo de República, o bairro alto de Lamego recebeu os maiores cuidados para impor-se como a parte laica da cidade. Ao antigo campo do Tablado, mesmo em frente ao edifício dos Paços do Concelho (onde outrora houvera feira e festa a São Sebastião) chamou-se praça da República depois de 1910, mas já antes a intervenção para contrapor elementos civis ou laicos ao edifícios e símbolos religiosos da cidade baixa, se viera fazendo, nomeadamente durante o consulado do Visconde Guedes Teixeira (1843-1890).

O “Lamego” é um símbolo dessa laicização em marcha - figura clássica de guerreiro que, desde a introdução do Liberalismo^[27] substituiu na veneração laica o Príncipe dos Mártires outrora ali cultuado^[28]. Esta representação masculina de uma cidade geralmente tratada no feminino constitui uma entre muitas afirmações de mudança que o bairro alto vai sofrendo a partir da segunda metade do século XIX, com a abertura da Alameda Municipal (1874), depois jardim Isidoro Guedes, com a edificação do Hospital (1882), do Liceu (à custa da cerca e parte do convento das Chagas) (1880) e o Parque Isidoro Guedes.

Um dos grandes obreiros da República em Lamego, foi Alfredo de Sousa, deputado às Constituintes que conduziu as nacionalizações dos bens da Igreja e tentou imprimir na cidade um novo feitio como o haviam tentado fazer os bispos ao longo de séculos.



Este conjunto de seis pequenas fotografias montadas num álbum particular, organizado por volta da década de 1930, representa um olhar de passagem sobre a cidade de Lamego. Efectivamente algumas das referências recolhidas e publicadas na antologia de textos dizem respeito a viajantes que, ora passaram em visita demorada ou celeremente correndo terras, uns estrangeiros, outros nacionais; uns em viagem verdadeira, outros encenando percursos.

Nesta última categoria podem incluir-se os trabalhos de Eduardo de Noronha, «Do Minho ao Algarve» (1909)^{29/} e o de José Agostinho, «À roda de Portugal» (1914)^{30/}, ambos romanceando excursões pelo país, com passagem por Lamego.

O primeiro caso, publicado em 1909, narra a viagem do menino Álvaro Castro, filho de rico industrial que disponibiliza um dos seus automóveis, destinado a realizar uma espécie de *grand tour* português para o seu filho e acompanhantes. Por Lamego – cidade documentada por um cliché sobre «O bairro Alto», os excursionistas visitam a Sé, a igreja de Almacave, o solar das Brolhas e o Santuário dos Remédios – quase o percurso documentado pelas fotografias acima.

A segunda obra é da autoria de um lamecense de seu nome completo José Agostinho de Oliveira (1866-1938), profícuo escritor com mais de uma centena de obras publicadas. Embora natural de Lamego, o seu texto é bastante crítico quanto à descrição que da cidade faz através dos olhos das

Imagem XVII – [Sem indicação de autoria] – [sem indicação de título ou designação], [circa 1938]. 6 positivos fotográficos montados sobre cartão: 6,3,4x6,3cm (cada positivo); 23,2x16,4 cm (cartão); p&b. APIF | Nuno Resende ©.

suas duas personagens, avô e neto, em excursão através de Portugal. Imagina-os entrando em Lamego pela estrada da Régua, por Sande e Souto Covo: - «É pitoresco isto», exclamou o avô; «Pitoresco e sadio – notou o bacharel. Que ar tam fino e sadio». Num passeio pela cidade visitaram primeiro os melhoramentos modernos, como o Passeio Público e a Alameda e, depois, a parte baixa da cidade, tecendo considerações sobre História e arte. No dia seguinte subiram aos Remédios, para o escritor colocar na boca do velho Álvaro as seguintes palavras: «[...] este aprazível local e tôda a cidade parecem mais melancólicos por falta da vida moderna. Não tem comboio, nem fábricas... Vê-se que é uma cidade decaída, embora arrebicada com alguns melhoramentos recentes, simplesmente vistosos. Tinha grande comércio, e hoje parece paralisada toda no movimento. Ruas êrmas, fisionomias cansadas.»^{31/}



Voltamos à Loja Vermelha^{/32/} (imagem X) e ao seu portefólio da História visual de Lamego, para recuperar mais uma vista sobre a cidade. Neste caso, trata-se no bilhete-postal n.º 14 editado por aquela tipografia, que versa a «Ponte de S. Lazaro». Embora a ponte seja, efectivamente, o tema central da composição, é impossível ignorar o casario e, sobretudo, as gentes que sobre aquela estrutura se posicionaram para aparecer na fotografia.

O Bairro da Ponte é, dentre todos os tópicos de Lamego – tópico no duplo sentido de tema e lugar – o menos referido na antologia de verso e prosa, não obstante encontrar-se numa das principais entradas da cidade.

O único a reparar no bairro e, mais concretamente, nas suas gentes, foi Aquilino Ribeiro que em «Via sinuosa» nos deixa a seguinte observação: «Toda a cidade me dava, melancolicamente, a sensação de ser conduzida pelo frenesi da morte! Logo à entrada de portas, para quem apeia de Moimenta, uma calçada arrastava pela ladeira acima cordões de casas em ripas, corcovadas, esguias, cheias de remendos e de cor. Nos caixilhos, rolhos de farrapos paravam há dezenas de anos o gume dos invernos. Rapazotes, de verga ao léu, chafurdavam em torno do pego que ali forma o Balsemão. Mulheres espiolhavam-se umas às outras na soleira das portas. E todo o bairro da Ponte me parecia uma judiaria antiga, onde cheirava ao pão ázimo dos sábados»^{/33/}.

Imagem XVIII –
«LAMEGO – PONTE DE S. LAZARO / N.º 14 – LOJA VERMELHA – JOSÉ DE MENEZES» [bilhete-postal ilustrado: verso]: [Loja Vermelha]. [Lamego], [sem data, anterior a 1910]. 1 postal: 9x13,9cm: p&b. Não circulado.



Imagem XIX – [Sem indicação de autoria] – «Lamego» [manuscrito a bolígrafo no verso], [sem data]. 1 positivo fotográfico 6,3,4x6,3cm (cada positivo); 9,9x7 cm; p&b. APIF | Nuno Resende ©.

Em «Arcas Encoiradas», depois de recordar as imagens mudadas na memória da sua cidade de Lamego Aquilino conclui: «Isto passou-se há coisa de meio século. Que digo eu, há um imenso ror de anos! Ao ritmo que leva o mundo, à mutação que se deu nas cidades e nos homens, nessa altura estava-se mais perto da Idade Média do que dos nossos dias»^{/34/}.

De facto o tempo é indómito e em Lamego parece conservar a terra numa longa e eterna noite que não é necessariamente escuridão. Quase todos os viajantes, escritores, filhos da terra, ilustres e menos ilustrados notam esse vagar sereno e poderoso que guarda a cidade para além dos seus relógios, como os que haveria na Relojoaria Garantida, a quem o poeta lamecense Joaquim Macário dedicou uma «piada»^{/35/} ou o que se exhibe na fotografia acima, parado nas dez pr'as seis.

Fim de tarde em Almacave, passava uma procissão, o calor forte abrasava as pessoas, e as sombras que vinham das Meadas duplicavam as gentes já ali muitas: crianças, novos e adultos, velhos e velhas, anjos, freiras. Ao fundo, muito ao fundo, as torres da igreja dos Remédios.

Hoje já não há aquele relógio, mas o tempo não deixa de passar.

- /1/ Publicado em Laranjo, F. J. Cordeiro - *Vultos e ruas de Lamego*. Viseu: Câmara Municipal de Lamego, 1993, p. 8.
- /2/ Dois bilhetes-postais que conhecemos tomam esta vista, um edição da Foto Moderna («13 Lamego – Santuário dos Remédios – escadório e Vista Parcial da cidade») e outro da Papelaria e Livraria Académica («3 – Lamego – Largo dos Reis. Ao fundo a cidade»).
- /3/ Cf. Veríssimo, Erico - *Solo de Clarineta*. Lisboa: Livros do Brasil, [1973].
- /4/ Cf. Saramago, José; Abreu, Maurício de, fot. - *Viagem a Portugal*. 12.ª edição. Lisboa: Caminho, 1990. ISBN: 972-21-0047-5.
- /5/ Cf. Ribeiro, Aquilino - Santuário dos Remédios (Lamego). Serões. n.º 31 (1908). p. 17-23.
- /6/ Cf. Correia, João de Araújo - *Sem método*. 2.ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.
- /7/ Rodrigues, José Júlio - *O Paço Episcopal de Lamego*. Porto: [Typ. a vap. da Empresa Litteraria e Typographica], 1908. José Júlio Bettencourt Rodrigues é filho do homónimo químico e um dos introdutores de novos processos e usos da fotografia em Portugal (1843-1893). José Júlio Rodrigues (filho) nasceu em 1876 e foi professor no liceu de Lamego depois de uma carreira académica que começou na Filosofia, passou pelas Belas-Artes e por Química, entre Portugal e a Bélgica.
- /8/ Entre os vários bilhetes-postais editados pela Loja Vermelha, onde aparecem militares, destacamos uma fotografia publicadas na obra «Lamego, Folhas Sôltas», por Maria Luísa Gomes. Em «A Torre da Sé» aparecem, junto à esquina da rua Direita com a rua dos Loureiros, alguns militares a olhar para a câmara, cf. Gomes, Maria Luísa; Cid, António – Lamego. *Folhas Sôltas*. Lisboa: Imprensa Lucas [1935] – embora neste fascículo se registre a data de 10-7-1935, julgamos anteriores algumas das fotografias publicada. De facto em dois dos clichés aparece a marca ou assinatura «P. Marinho». Deve tratar-se de de P. Marinho & C.º em finais do século XIX laborava em Lisboa com um Atelier Photo-Chimigraphico
- /9/ Sobre a Estalagem de Lamego ver o que a propósito se escreve no «Guia de Portugal», cf. [S.a.] - *Guia de Portugal: V - Trás-os-Montes e Alto-Douro*. I. Vila Real, Chaves e Barrosos. 3.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. ISBN: 972-31-0163-7, p. 704-705 (a 1.ª edição é de 1924).
- /10/ Cf. Biel, Emílio, ed.; Brut, F.; Morais, Cunha - *A arte e a natureza em Portugal: album de fotografias com descrições, clichés originaes, copias em phototypia inalteravel, monumentos, obras d'arte, costumes e paisagens*. Biel, Emílio, 1907. Neste volume foram publicadas 4 fototipias de Lamego: «Vista geral de Lamego», «Nossa Senhora dos Remédios», «Sé - Lamego» «Diligência - Lamego». Em 1989 F. Cordeiro Laranjo publica a imagem sem indicar a origem e autoria da mesma, cf. Laranjo, F. J. Cordeiro - *Lamego antiga*. [Viseu]: Câmara Municipal de Lamego, 1989, p. 6.
- /11/ Cf. Raczyński, Atanazy, conde - *Les arts en Portugal* [...]. Paris: Jules Renouard, 1846.
- /12/ O seu espólio, obra e vida foi recentemente lembrado na exposição «Faces», realizada no Museu de Lamego no âmbito da comemoração do seu centenário, de que resultou um catálogo, cf. Resende, Nuno, comis. cient. - *Faces: catálogo de exposição*. [Lamego]: Museu de Lamego, 2017. ISBN: 78-989-99516-4-8
- /13/ Cf. Sena, António - *Uma História de Fotografia*. Lisboa: INCM, 1991. ISBN: 972-27-0423-0
- /14/ O seu nome liga-se a um período particularmente conturbado da cidade - o da adesão à Monarquia do Norte, em Janeiro de 1919. Parece ter sido um dos fotógrafos que, do lado republicano, registou o brio dos vencedores, por exemplo na «Ilustração Portuguesa» n.º 681, de 10-3-1919, onde aparece como autor de um cliché intitulado «Grupo de officiaes de artilharia de campanha. que tomaram ativa parte no ataque às forças couceiristas que se haviam entrincheirado em Lamego [...]», p. 185.
- /15/ Castelo Branco, Camilo - *Amor de Perdição (Memórias d'uma Família)*. Porto: Livraria Moré, 1876.
- /16/ Costa, José Augusto Vieira da - *A Família Maldonado (pathologia social)*. Lisboa: Livraria Central de Gomes Carvalho, editor, 1908.
- /17/ Botelho, Abel - *Sem remedio... ethologia d'um fraco*. Porto: Livraria Chardron, 1900.
- /18/ Cf. Almeida, Manuel Luís da Silva, capitão - «Lamego: reminiscências do seu passado glorioso». In Fialho, Madalena da Câmara, *Evocação de Lamego* [separata do Boletim da Casa Regional da Beira-Douro], 1954.
- /19/ Dionísio, José Augusto Sant'Anna - *Alto Douro Ignoto*. 2.ª edição. Porto: Lello & Irmãos - Editores,

1977. Sant'Anna dionísio também se refere à ponte e à central do Varosa num artigo publicado na Seara Nova em 1941, cf. Dionísio, José Augusto Sant'Anna - «As ribas do corgo». *Seara Nova*, n. 724, 1941 (Jun., 28), p. 115-116 e também no Guia de Portugal, cf. [S.a.] - Guia de Portugal - Vol. V, tomo II: Trás-os-Montes e Alto-Douro. II. Lamego, Bragança e Miranda. 2.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, p. 747-748 onde, acrescenta: «Já aqueles dois tubos, escuros e esquipáticos, que deslizam pelo monte abaixo, como silenciosa amostra da mesma Engenharia, estão longe de se poderem dizer “uma espécie de bónus da Paisagem”, pois, no fundo, na sua discreta função, constituem uma perfeita metamorfose da decantada árvore-das-patacas. A Alma e a Aritmética do falecido arquimilionário Narciso de Riba d'Ave que o digam».

/20/ Fernandes, Fátima; Cannatà, Michele - *Moderno Escondido: Arquitectura das Centrais hidroeléctricas do Douro*. Porto: FAUP PUBLICAÇÕES, 1997. ISBN: 972-9483-28-0

/21/ Amaral, João; Lemos, Viriato de, pref. - *Roteiro ilustrado da cidade de Lamego*. Lamego: [s.e.], 1961.

/22/ História narrada por Rui Fernandes, cf. Fernandes, Rui; Dias, Augusto, transc., notas - *Lamego do século XVI*. Porto: Edições Beira Douro, 1947, p. 5. Da janela «do Museu» há fotografia no seu lugar original em Laranjo, F. J. Cordeiro - *Lamego antiga*. [Viseu]: Câmara Municipal de Lamego, 1989, p. 29.

/23/ Os resultados deste trabalho podem ser conferidos na obra «O Compasso da Terra», título também inspirado no feliz tratado quincentista de Rui Fernandes, cf. Resende, Nuno, coord. - *O Compasso da terra*. Lamego: Diocese, 2006, 2 vols.

/24/ Referida apud Dias, Augusto - *Lamego do século XVIII*. [s.l.]: Beira Douro, 1950: a imagem do Bom Jesus de Arneirós, «imagem muito milagrosa», p. 109.

/25/ Torga, Miguel - *Diário IV*. Coimbra: Edição do autor, 1995, p. 93.

/26/ [AA.VV.] - *Festas de N. S.ª dos Remédios*. Lamego: a Romaria de Portugal. Lamego: [Comissão de Festas da Cidade], [1960]. A comissão, composta por dez homens, tinha à cabeça o Tenente Manuel Luís da Silva Almeida, autor do trabalho - *Distrito Administrativo de Lamego: subsídios para a sua história*. Lamego: Tipografia Moderna, 1968

/27/ Almeida, Lourenço Chaves de; Mendes, José Amado, pref. e coord. - *Memórias de um ferreiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007. ISBN: 978-989-26-0358-2

/28/ São Sebastião venerou-se, também em Sangens, exactamente no cume do monte que o fotógrafo captou junto à base da escultura

/29/ Noronha, Eduardo de - *Do Minho ao Algarve: viagem pinturesca aventurosa através de Portugal*. Porto: Magalhães & Moniz Ld.ª, 1909, p. 74-79.

/30/ Utilizamos a 2.ª edição, de 1938: Agostinho, José - *À roda de Portugal*. Porto: Editora Educação Nacional, [1938].

/31/ Agostinho, José - *À roda de Portugal*. 2.ª edição. Porto: Editora Educação Nacional, [1938], p. 221-225. A título de apontamento sabemos que também um certo Manuel António de Almeida passa em digressão por Lamego, a caminho de Castro Daire, por volta de 1930, cf. Almeida, Manuel de Sousa - *As minhas digressões*. Porto: [edição do autor], [1935].

/32/ Várias vezes aludimos aqui ao trabalho imenso de produção literária e visual executada sob a chancela da Loja Vermelha. Esta loja e tipografia existiu na Rua de Almacave, 103-105, administrada pela família Menezes, como refere Cordeiro Laranjo, cf. Laranjo, F. J. Cordeiro - *Lamego antiga*. [Viseu]: Câmara Municipal de Lamego, 1989, p. 101.

/33/ Ribeiro, Aquilino - *A via sinuosa*. Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1922, p. 99.

/34/ Ribeiro, Aquilino - *Arcas encoiradas*. Amadora: Livraria Bertrand, 1974.

/35/ Macário, Joaquim Pinto de Sousa - *Piadas e picadas*. Lamego: Imprensa Moderna, 1900.

UM RICO PANO:
ANTOLOGIA DE VERSO, PROSA E IMAGEM DE LAMEGO
por **NUNO RESENDE**



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

α CULTURA
Δ NORTE ·



Museu
de Lamego